

UNESP  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP.

DAIANE PEREIRA FERNANDES DA SILVA

**A imagem do “bom texto” em discursos sobre a redação
em exames vestibulares: uma análise dialógica do
discurso**



ARARAQUARA – S.P.
2020

DAIANE PEREIRA FERNANDES DA SILVA

A imagem do “bom texto” em discursos sobre a redação em exames vestibulares: uma análise dialógica do discurso

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais

Orientadora: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça

Bolsa: Processo nº 2017/27267-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/CAPES

Silva, Daiane Pereira Fernandes da
A imagem do "bom texto" em discursos sobre a
redação em exames vestibulares: uma análise dialógica
do discurso / Daiane Pereira Fernandes da Silva – 2020
193 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Marina Célia Mendonça

1. Apresentação do corpus. 2. Metodologia de pesquisa
. 3. Análise dialógica do discurso – Bakhtin e o
Círculo. 4. Análise dos comentários e da grade de
correção. 5. Análise das videoaulas do YouTube. I.
Título.

DAIANE PEREIRA FERNANDES DA SILVA

A imagem do “bom texto” em discursos sobre a redação em exames vestibulares: uma análise dialógica do discurso

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais

Orientadora: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça

Bolsa: Processo nº 2017/27267-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/CAPES

Data da defesa: **28/05/2020**

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/UNESP.

Membro Titular: Profa. Dra. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/UNESP.

Membro Titular: Profa. Dra. Jauranice Rodrigues Cavalcanti. Universidade Federal do Triângulo Mineiro/ UFTM

Local: Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras UNESP – Campus de Araraquara

*Aos meus amados pais, **Maria Pereira e Antonio Fernandes**,
pelo incentivo e pelo amor incondicional.*

AGRADECIMENTOS

À Deus e à Nossa Senhora por toda força necessária para a execução deste trabalho.

Aos amores da minha vida, Maria e Antonio, pelo imensurável amor dedicado a mim.

À minha orientadora, Marina Célia Mendonça, pelo suporte e pela dedicação aos meus sonhos acadêmicos. Muito obrigada por tudo e por tanto.

Às minhas queridas amigas, em especial, à Débora, à Jéssica Ribeiro e à Larissa.

Ao Thiago pelo apoio e pelo amparo tão generoso na caminhada final deste estudo.

Aos professores e funcionários da FCLAr/UNESP.

Às docentes, Dra. Anise Gonçalves Ferreira, Dra. Jauranice Rodrigues Cavalcanti e Dra. Renata Coelho Marchezan, pela primorosa leitura deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e da FAPESP, Processo nº 2017/27267-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Declaração de amor

Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência é a de não ter subtilezas e de reagir às vezes com um verdadeiro pontapé contra os que temerariamente ousam transformá-la numa linguagem de sentimento e de alerteza. E de amor. A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.

Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta como imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la - como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes lentamente, às vezes a galope.

Eu queria que a língua portuguesa chegasse ao máximo nas minhas mãos. E este desejo todos os que escrevem têm. Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar para sempre uma herança de língua já feita. Todos nós que escrevemos estamos fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida. Essas dificuldades, nós as temos. Mas não falei do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada. O que recebi de herança não me chega. Se eu fosse muda, e também não pudesse escrever, e me perguntassem a que língua eu queria pertencer, eu diria: inglês, que é preciso e belo. Mas como não nasci muda e pude escrever, tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português. Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.

- CLARICE LISPECTOR

RESUMO

Embasado teórico-metodologicamente nos escritos de Bakhtin e seu Círculo, esta pesquisa investiga o que se configura como a imagem – representação – de um “bom texto” em exames vestibulares, utilizando como *corpus* as provas comentadas de redação e grade de correção (2015, 2016, e 2017), respectivamente, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em um segundo momento, a partir da metodologia do cotejo (BAKHTIN, 2000, foi analisado se as imagens (quanto à produção de um texto de qualidade) apresentadas nesses comentários e grade de correção aparecem no ambiente *on-line* e de que forma; para essa etapa da pesquisa, foram analisadas videoaulas de cursinho direcionadas à preparação para essas provas, presentes no *YouTube* (*Stoodi*, *Me Salva* e *Oficina Resolve*). A pesquisa investigou duas esferas de atividade: avaliativa, da qual tomam-se como objeto de estudo as provas comentadas e a grade de correção das referidas instituições, e didático-pedagógico, cujo objeto de análise foi um grupo de videoaulas, no ambiente *on-line*. Resultados mostram que, alguns aspectos textuais e linguísticos apontados nos comentários e na grade de correção condicionam o “olhar” do avaliador para a escrita desenvolvida no exame vestibular. Tais como: proposta temática, leitura dos textos-fonte, adequação à norma culta da língua, gênero do discurso, autoria e progressão temática, constituindo, assim, parâmetros recorrentes de avaliação nas instituições analisadas. Nas videoaulas, esses aspectos são atualizados, à medida e entendimento das professoras, dando novos *temas* e efeitos de sentido para a produção de um texto com qualidade. As análises, ainda, revelam que os discursos dessas esferas ecoam, ressignificando, os documentos oficiais e buscando desenvolver práticas de leitura e escrita mais efetivas no ensino/aprendizagem de texto. Este trabalho utiliza, para as análises qualitativas e interpretativas, os conceitos bakhtinianos de diálogo, enunciado concreto, gênero do discurso, esfera de atividade, ideologia e tema e significação para a compreensão responsiva ativa dos discursos apreendidos no *corpus*.

Palavras-chave: Produção de texto. Prova de redação. Diálogo. Comissões avaliadoras. Videoaulas.

ABSTRACT

Theoretically and methodologically based on the writings of Bakhtin and his Circle, this research investigates what is configured as the image - representation - of a “good text” in entrance exams, using the commented tests of writing and correction grid as the corpus (2015, 2016, and 2017), respectively, of the State University of Campinas (UNICAMP), the State University of Londrina (UEL) and the Federal University of Paraná (UFPR). In a second step, from the collation methodology (BAKHTIN, 2000), it was analyzed whether the images (regarding the production of a quality text) presented in these comments and correction grid appear in the on-line environment and in what way; for this stage of the research, video classes from schools aimed at preparing for these tests, present on YouTube (Stoodi, Me Salva and Oficina Resolve) were analyzed. The research investigated two spheres of activity: evaluative, of which the commented tests and the correction grid of the referred institutions are taken as object of study, and didactic-pedagogical, whose object of analysis was a group of video classes, in the on-line environment. Results show that, some linguistic and textual aspects pointed out in the comments and in the correction grid, condition the evaluator's “look” for the writing developed in the entrance exam, such as: thematic proposal, reading of the source texts, suitability for the cultured rules of language, discourse genre, authorship and thematic progression, thus constituting recurrent parameters of evaluation in the analyzed institutions. In the video classes, these aspects are updated, at the standard and understanding of the teachers, giving new themes and meaning effects for the production of a quality text. The analyzes also reveal that the discourses of these spheres echo, reframing, the official documents and seeking to develop more effective reading and writing practices in the teaching / learning of text. This work uses, for the qualitative and interpretative analysis, the Bakhtinian concepts of dialogue, concrete statement, discourse genre, sphere of activity, ideology and theme and meaning for the active responsive understanding of the discourses learned in the corpus.

Keywords: Text production. Essay test. Dialogue. Evaluation commissions. Video classes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Considerações iniciais	18
Figura 2 – Proposta de produção textual	23
Figura 3 – Comentários sobre os textos satisfatórios	24
Figura 4 – Videoaula de redação no canal <i>Stoodi</i>	26
Figura 5 – Layout inicial do canal <i>Stoodi</i>	28
Figura 6 – Planos de estudos do <i>Me Salva</i>	29
Figura 7 – Videoaula de produção textual	30
Figura 8 – <i>Layout</i> do canal <i>Me Salva</i>	30
Figura 9 – Videoaula de redação no canal <i>Oficina Resolve</i>	32
Figura 10 – <i>Layout</i> do canal <i>Oficina Resolve</i>	32
Figura 11 – Normas do NURC	36
Figura 12 – Avaliação dos textos	66
Figura 13 – Proposta UNICAMP	69
Figura 14 – Produção textual e comentário da banca	70
Figura 15 – Critérios avaliativos	71
Figura 16 – Proposta de produção de texto da UEL	72
Figura 17 – Exemplo de produção textual e comentário da UEL	73
Figura 18 – Proposta de produção textual da UFPR	75
Figura 19 – Perguntas dos candidatos	77
Figura 20 – Perguntas dos candidatos para a UEL	78
Figura 21 – Proposta UNICAMP 2017	78
Figura 22 – Exemplo de redação "acima da média" comentada	79
Figura 23 – Critérios específicos da banca da UFPR	81
Figura 24 – Proposta de texto – UEL	82
Figura 25 – Exemplo de texto e comentário – UEL	83
Figura 26 – Proposta de Redação – UNICAMP	85
Figura 27 – Exemplo do gênero de divulgação científica	86
Figura 28 – Texto-base e proposta de redação	87
Figura 29 – Exemplo de texto comentado da UEL	88
Figura 30 – Questão da UFPR	89
Figura 31 – Critérios de uma das questões de 2015	90
Figura 32 – Proposta de notícia – UFPR	91

Figura 33 – Critérios avaliativos da UFPR	92
Figura 34 – Proposta, redação e comentário	93
Figura 35 – Segunda proposta de redação da UEL – 2015	95
Figura 36 – Exemplo e comentário de redação – UEL	95
Figura 37 – Edital da UNICAMP	98
Figura 38 – Monitoria UNICAMP	99
Figura 39 – Monitoria UFPR	101
Figura 40 – Análise de propostas – UEL	102
Figura 41 – Gênero notícia - UNICAMP	103
Figura 42 – Videoaula UNICAMP	104
Figura 43 – Continuação UNICAMP	104
Figura 44 – Critérios Unicamp	107
Figura 45 – Videoaula	108
Figura 46 – Propósito	110
Figura 47 – Estratégias UFPR	110
Figura 48 – Monitoria do <i>Stoodi</i> – UNICAMP	112
Figura 49 – Manual UNICAMP	116
Figura 50 – Gênero carta	117
Figura 51 – Tirinha	120
Figura 52 – Exemplo de texto satisfatório e comentário	120
Figura 53 – Explicação da noção de texto	123
Figura 54 – Forma composicional do gênero	124
Figura 55 – Gênero textual e tipo textual	125
Figura 56 – Monitoria – Professora Sestito	126
Figura 57 – Manual UEL	131
Figura 58 – Texto opinativo	132
Figura 59 – Redação UEL	133
Figura 60 – Manual de redação	135
Figura 61 – Critérios gerais de avaliação	140
Figura 62 – Proposta, redação satisfatória e comentário	143
Figura 63 – Texto “acima da média”	145

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação dos exemplos comentados	18
Quadro 2 – Produções solicitadas pela UNICAMP	20
Quadro 3 – Exemplos de textos	22
Quadro 4 – Exemplos de textos modificados	22
Quadro 5 – Textos solicitados pela UEL	22
Quadro 6 – Transcrição de áudio	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COMVEST	Comissão Permanente para os Vestibulares
COPS	Coordenaria de Processos Seletivos
EaD	Ensino a distância
FUVEST	Fundação Universitária para o Vestibular
NC	Núcleo de Concursos
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
VUNESP	Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. APRESENTAÇÃO DO CORPUS	17
1.1. Comissão Permanente para os Vestibulares (COMVEST) – UNICAMP	17
1.2. Coordenadoria de Processos Seletivos (COPS) – UEL	21
1.3. Núcleo de Concursos (NC) – UFPR	23
1.4. Videoaulas nos canais <i>Stoodi</i> , <i>Me Salva</i> e <i>Oficina Resolve</i>	24
1.4.1. <i>Stoodi</i>	25
1.4.2. <i>Me Salva</i>	28
1.4.3. <i>Oficina Resolve</i>	31
2. METODOLOGIA DE PESQUISA	33
3. ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO – BAKHTIN E O CÍRCULO	37
3.1. Diálogo	38
3.2. Enunciado concreto e sua dimensão verbo-visual	43
3.3. Gênero do discurso e esfera de atividade humana	50
3.4. Ideologia	57
3.5 Tema e significação	62
4. ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS E DA GRADE DE CORREÇÃO	65
4.1. Proposta Temática	68
4.2. Adequação ao gênero	75
4.3. Leitura dos textos-fonte	84
4.4. Adequação à norma escrita culta e progressão temática	90
5. ANÁLISE DAS VIDEOAULAS DO YOUTUBE	97
5.1. Enunciado concreto	97
5.2. Gênero do discurso	114
5.3. Modalidade escrita	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150
ANEXO A	155

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a concepção de “bom texto” no âmbito de três instituições de Ensino Superior, a saber: UNICAMP, UEL e UFPR. Para tal análise, fazemos uso dos comentários das produções textuais avaliadas como “acima da média” (UNICAMP e UEL) e da grade de correção (UFPR), divulgadas pelas bancas avaliadoras de vestibulares, com o propósito de observarmos os aspectos textuais, gramaticais e discursivos para que o candidato atinja uma nota esperada por essas bancas. O trabalho desenvolvido por esses órgãos representa uma tentativa de diálogo dessas instituições com a comunidade (professores, cursinhos, escolas etc) e a busca de uma réplica quando da produção de texto. Essa, conseqüentemente, tem como efeito ideal a nota “acima da média” no exame vestibular por parte dos candidatos.

Para compreendermos essa resposta, a pesquisa também analisa como ocorre o diálogo de enunciados concretos produzidos por professores de redação no *YouTube* e a atualização de conteúdos presentes no discurso dos vestibulares. O aumento das videoaulas na rede revela uma flexibilização e uma praticidade no ensino/aprendizagem de produção de texto que excede a padronização da sala de aula e acompanha as transformações advindas das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O público de alunos dessas plataformas, cada vez mais conectado à *internet*, aspira a um cenário de ensino mais dinâmico e objetivo, capaz de promover um ensino semelhante ao meio virtual no qual estão inseridos, divergindo da aparente passividade da sala de aula.

A pesquisa, apoiada na Análise Dialógica do Discurso, analisa discursos em contexto de vestibular, que dialogam com a esfera de avaliação por meio de comentários de textos e da grade de correção da redação (materiais esses que são divulgados com o propósito explícito de tornar mais transparente o processo de correção realizado pelos pares de corretores), bem como se debruça sobre a esfera didático-pedagógica, especificamente sobre os discursos de videoaulas do *YouTube*.

Essas esferas/campos de atividade humana são organizadas e condicionadas de acordo com os gêneros do discurso, como postula Bakhtin (2000), dado que estamos diante de gêneros que circulam de modos diferentes e apresentam características únicas e particulares de significar seus enunciados. Os comentários divulgados pelas bancas avaliadoras (UNICAMP e UEL) são baseados em produções textuais, e a grade de correção (UFPR) compreende os critérios empregados na avaliação dos textos, refratando os parâmetros avaliativos para os potenciais interlocutores de maneiras distintas. Essas três instituições cobram produções de textos variadas e, nesse sentido, têm em comum a diretriz de requerer do candidato a seus vestibulares a

habilidade específica de manejar inúmeras linguagens.

A visão dialógica da linguagem que sustenta, teórica e metodologicamente, a pesquisa engloba a interação de enunciados que estão situados sócio-historicamente em esferas de circulação e condicionam reações-respostas na trama enunciativa. O objetivo da pesquisa em cotejar o discurso das bancas de avaliação e as videoaulas do *YouTube* faz jus à proposta bakhtiniana, pois a significação dos enunciados concretos só apresenta sentido na relação discursiva. Assim, a imagem do “bom texto” nessas esferas de atividade humana (comentários das bancas, grade de correção e as videoaulas do *YouTube*) são discursos em diálogo, de modo que a imagem observada é uma ressignificação, que reconstrói a noção de texto, na interlocução uma com a outra e com o discurso científico sobre textualidade. Nesse sentido, aqui “imagem” é uma “representação”, no sentido cartesiano do termo. Trata-se de uma construção imaginária produzida a partir do diálogo e da resposta de um discurso a outro discurso, interação que necessariamente está afetada pelos aspectos axiológicos que envolvem o contexto interativo.

A relevância desta dissertação se fundamenta no fato de tratarmos de um tema em voga nas pesquisas sobre o ensino/aprendizagem da textualidade no Brasil. Também ressaltamos que o cotejamento de enunciados consiste em uma etapa importante da pesquisa, pois verificaremos como ocorre o processo de ensino/aprendizagem no ambiente virtual. Desse modo, a proposta é de analisarmos, nesse cenário de aulas *on-line*, como acontece o ensino das produções textuais por meio do que é divulgado pelas esferas avaliativas.

A temática de pesquisas acerca do texto atravessa séculos de estudos e ganha novas investigações, como essa, na medida em que a sociedade se transforma e se redefine; sendo assim, compreendemos que o trabalho pode contribuir para o ensino da produção textual na Educação brasileira. O trabalho de análise dessas duas esferas de atividade humana justifica-se, portanto, socialmente e cientificamente, visto que averiguaremos a produção, a recepção e a circulação, como reitera a proposta bakhtiniana, dos enunciados concretos, enquanto diálogo na trama discursiva.

O objetivo da pesquisa, como já mencionamos anteriormente, é analisarmos de modo qualitativo e interpretativo os comentários e a grade de correção de três instituições brasileiras, mais especificamente, entre os anos de 2015 e 2017, a fim de compreendermos a imagem de um “bom texto” para essas comissões. Em um segundo momento, o propósito é investigarmos como o texto esperado pela banca desses vestibulares é ressignificado nas videoaulas dos canais *Stoodi*, *Me Salva* e *Oficina Resolve* no *YouTube*.

Como objetivos específicos, buscamos: 1) Verificar que aspectos linguísticos/textuais são mais enfocados nos comentários das bancas examinadoras quando da produção de uma

imagem de “bom texto”. Os comentários fazem menção às características textuais? Ao propósito da interlocução? À adequação à norma escrita culta? À autoria? Ao diálogo com os textos fornecidos para leitura? Que outros aspectos são valorizados nos textos bem avaliados? 2) Verificar, no âmbito pedagógico, como os professores ensinam aos vestibulandos nas videoaulas as características dos textos desenvolvidas nessas instituições. Como eles atualizam a imagem do que seja um “bom texto” apontada nos comentários e na grade correção? 3) A imagem do “bom texto” que se constitui no *corpus* atualiza qual discurso sobre a textualidade: o presente no discurso das Ciências da Linguagem? o presente na tradição escolar? o presente em documentos oficiais?

Entre os conceitos operados para a análise, com base na proposta de Bakhtin e o Círculo, constam diálogo, enunciado concreto (e sua dimensão verbo-visual), gênero do discurso, esfera de atividade, ideologia, tema e significação. Trata-se de noções essenciais para o estudo realizado nesse trabalho, em que o cotejar dos textos em contexto sócio-histórico possibilita uma compreensão responsiva ativa dos diálogos que são percebidos no *corpus*. Isso porque nada é novo e único, mas reformulado no diálogo, baseado em uma memória discursiva – o já dito na cadeia enunciativa – que se instaura nos enunciados das bancas avaliadoras e dos professores *on-line*. Nesta etapa preliminar da dissertação, visando dar conta dos objetivos propostos, o texto se encontra organizado em cinco seções, que respeitam a estrutura detalhada a seguir.

Na primeira seção, voltamo-nos para a apresentação do *corpus*, em que descrevemos as características das instituições selecionadas e o trabalho desenvolvido na prova de redação em cada uma delas. Debruçamo-nos, pois, nos principais aspectos e mudanças ocorridas nos vestibulares ao longo dos anos de publicação desses materiais. Em um segundo momento, também descrevemos os canais do *YouTube*, apresentando os motivos e os anseios explícitos dos criadores da *startup*, o funcionamento das videoaulas e as particularidades que singularizam os canais. Mussio (2016), pesquisadora cujo trabalho serve de referencial teórico para a pesquisa, fornece uma categorização, que utilizaremos, para a descrição e disposição das videoaulas e do público de espectadores do *YouTube*.

No que concerne à segunda seção, nela discorreremos sobre a metodologia do cotejo de textos desenvolvida nos estudos bakhtinianos, esclarecendo como se deu a coleta de dados e qual foi o critério de definição da metodologia escolhida para interpretá-los, visto que a compreensão do homem é, nessa teoria, realizada por meio das interações e relações dialógicas. Também pontuamos como foram feitas as transcrições das videoaulas e as normas utilizadas.

A proposta da terceira seção consiste em apresentarmos os pressupostos teóricos que norteiam nosso trabalho. Além dos estudos elaborados pelo Círculo de Bakhtin, destacamos as

discussões dos pesquisadores e dos comentadores da área, a fim de examinarmos ainda mais a proposta de linguagem adotada na pesquisa. Nosso intento não foi esgotar ou concluir qualquer discussão a respeito das noções utilizadas, mas expormos um panorama dos aspectos fundamentais da teoria.

Na quarta seção, realizamos uma análise dialógica dos comentários (UNICAMP e UEL) e da grade de correção (UFPR), com o intento de analisarmos, dialogicamente, os aspectos textuais e discursivos avaliados no vestibular por essas instituições. Foram explorados os tópicos de proposta temática, progressão temática, adequação ao gênero, leitura dos textos-fonte, adequação à norma culta escrita da língua etc, visto que são critérios avaliados nas provas de produção de texto. A partir dos enunciados concretos das bancas, entendemos como acontece a avaliação das provas de produção de texto e os possíveis diálogos presentes nas três instituições.

A quinta seção, por sua vez, é parte importante da pesquisa, dado que é o momento em que cotejamos os enunciados das bancas corretoras com os das videoaulas. Os aspectos textuais e linguísticos avaliados nos comentários e na grade de correção das comissões avaliadoras foram comparados com os enunciados no *YouTube*. A proposta foi a de analisarmos a concepção de “bom texto” ensinada pelos professores do *YouTube*.

Por fim, na última seção, concluímos nossa pesquisa e reiteramos, como postula Bakhtin (2000), que é na interação que construímos e reconstruímos visões e ideologias sobre determinados objetos. Nesse sentido, podemos reconhecer que esta pesquisa faz parte da cadeia discursiva que marca sua compreensão responsiva ativa em relação ao ensino do texto, sendo um reação-reposta aos discursos depreendidos na sociedade acerca da textualidade.

1. APRESENTAÇÃO DO CORPUS

O *corpus* do nosso trabalho é composto de dois objetos: o primeiro tem como objeto de investigação os comentários e a grade de correção de provas de redação (2015, 2016 e 2017) disponibilizados pelas equipes responsáveis pela correção – Comissão Permanente para os Vestibulares (COMVEST), Coordenadoria de Processos Seletivos (COPS) e Núcleo de Concursos (NC) – que se responsabilizam, respectivamente, pelas provas dos vestibulares da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A escolha dessas instituições e seus respectivos órgãos é pautada em duas semelhanças em seus processos de avaliação. Em primeiro lugar, os três órgãos divulgam uma matriz de correção da proposta estabelecida para a redação. Em segundo lugar, todos requerem do aluno um conhecimento acerca de diferentes gêneros discursivos nos exames de produção textual, enquanto grande parte das outras instituições brasileiras de Ensino Superior (como UNESP/VUNESP, UERJ e USP/FUVEST) apenas exige uma dissertação argumentativa.

O segundo objeto, por sua vez, é didático-pedagógico. Os materiais de análise são as videoaulas de redação sobre as referidas provas de redação presentes nos canais *Me Salva*, *Stoodi* e *Oficina Resolve*. A escolha de analisarmos esses cursinhos *on-line* é justificada pelo número de visualizações de videoaulas e de inscritos no canal do *YouTube*, configurando-se como os mais populares entre o público de candidatos ao vestibular, além de estarem em constante ampliação devido às novas gravações mensais. Diante desse esclarecimento, apresentamos brevemente o nosso material de estudo e a metodologia adotada em nossa pesquisa.

1.1. Comissão Permanente para os Vestibulares (COMVEST) – UNICAMP

A COMVEST é uma comissão que desenvolve há mais de vinte anos o trabalho de divulgar os comentários do exame vestibular da UNICAMP. No ano de 1987, esse órgão disponibilizou para a comunidade externa – professores e alunos – as provas da primeira fase (1986) e segunda fase (1987) da referida instituição. Contudo, foi somente em 1998 que a comissão divulgou as expectativas, os exemplos e os comentários das questões e produções textuais cobradas pela universidade em seu processo seletivo. Nesses anos iniciais de divulgação (1998 a 2000), os comentários das produções escritas eram extensos e detalhados,

perpassando cada parte do texto do candidato e extraindo as qualidades ou dificuldades encontradas em cada exemplo de texto. Ao comentar os textos, os avaliadores utilizavam a estratégia discursiva de dirigir-se diretamente aos interlocutores, instigando a leitura e o envolvimento do público em geral com os exemplos e comentários disponibilizados. Em 2001, as análises se tornaram mais curtas e mais diretas e os exemplos de textos comentados foram classificados da maior para a menor nota, sendo que para cada categoria são analisados dois textos.

Quadro 1 – Classificação dos exemplos comentados

Exemplo de texto acima da média.
Exemplo de texto abaixo da média.
Exemplo de texto anulado.

Fonte: COMVEST/VESTIBULAR UNICAMP, 2001.

Esses comentários, divulgados desde 1998, dão visibilidade aos critérios aplicados e propiciam ao vestibulando, ao professor e à comunidade o entendimento dos critérios avaliativos e o trabalho desenvolvido pelos avaliadores na correção dos textos.

Como exemplo, observemos as considerações iniciais da instituição sobre o primeiro caderno de provas comentadas da Redação do Vestibular Unicamp de 1998, retirado do *site*¹ da COMVEST/UNICAMP:

Figura 1 – Considerações iniciais

Gomo é possível - as pessoas se perguntam - avaliar uma prova de redação que procura medir a capacidade de "organizar idéias, estabelecer relações, interpretar dados e fatos e elaborar hipóteses explicativas?". Mais do que isso, como seria possível decidir se uma pessoa consegue "pensar por escrito sobre um determinado assunto"? Que meios tem uma universidade de, a partir de um texto escrito, avaliar a capacidade de uma pessoa e qualificá-la ou não a um curso superior?

Para responder a essas questões, vamos analisar em conjunto com você a prova de Redação do Vestibular Unicamp 98.

Como já é característico dessa prova de redação, houve a possibilidade, para o candidato, de fazer a escolha entre três tipos de texto: o texto dissertativo deveria ser uma discussão - a partir da leitura de nove pequenos textos de natureza variada - da questão "Supervalorizar a imagem é desvalorizar o homem?"; o texto narrativo deveria ser uma história em que o narrador expusesse acontecimentos que trariam nova luz e novo significado a um determinado texto; e finalmente, o texto persuasivo deveria se opor a um artigo de jornal procurando "desmontá-lo" nos seus fundamentos.

REDAÇÃO

Fonte: COMVEST/VESTIBULAR UNICAMP, 1998.

¹ Disponível em: <http://www.comvest.unicamp.br/vestibulares-antiores/1a-fase-2a-fase-comentadas/>. Acesso em: 2 jun. 2018.

No excerto acima, a instituição ressaltava as três diferentes escolhas de redação (dissertação, narração e carta) que um candidato poderia fazer no vestibular. Os vestibulandos tinham a tarefa de escolher um dos três modelos e redigir um texto de acordo com a proposta estabelecida para cada uma das produções. No entanto, no ano de 2011, a instituição modificou sua prova, incluindo outros gêneros discursivos. Segundo a UNICAMP, essa alteração foi pautada na aderência às diretrizes impostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo que previa o ensino de outros gêneros sociais a partir do Ensino Fundamental.

A reestruturação é baseada no estudo dos gêneros, tendo como perspectivas os seguintes arcabouços teóricos:

a) perspectiva sócio-histórica e dialógica (Bakhtin); b) perspectiva comunicativa (Steger, Gulich, Bergmann, Berkenkoother); c) perspectiva sistêmico-funcional (Halliday – Escola Australiana de Sydney); d) perspectiva sociorretórica de caráter etnográfico voltado para o ensino de segunda língua (Swales, Bhatia); e) perspectiva interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenta à didática da língua materna (Bronckart – interacionismo sociodiscursivo); f) Dolz, Schneuwly – (socioconstrutivismo vygotskyano); g) perspectiva da análise crítica (Kress, Fairlough) e h) perspectiva sociorretórica/sócio-histórica e cultural (C. Miller, Bazerman, Freedman) (OFICINA DE REDAÇÃO UNICAMP, 2018)².

Essas perspectivas apresentam um fio condutor como cerne nos estudos da linguagem, ou seja, as teorias partem do princípio de que a construção do discurso por meio dos gêneros discursivos se dá a partir das práticas e interações sociais. Em síntese, eis a explicação e motivação da UNICAMP em mudar a sua forma de avaliação:

A longa tradição dos exames vestibulares, voltada, de maneira geral, **para a avaliação da dissertação, tem sido responsável por um engessamento do ensino de redação nas escolas de ensino médio, interrompendo o trabalho com gêneros sob a alegação de que é preciso preparar os alunos para os vestibulares.** A nova proposta, portanto, visa a desestabilizar esses modelos e, conseqüentemente, desautomatizar a relação com a escrita que os alunos e as escolas preparatórias para o vestibular acabam por produzir. **A prova de redação da Unicamp, ao apresentar três propostas obrigatórias de gêneros diversos, sem que os candidatos saibam previamente quais gêneros serão solicitados, oferece a possibilidade de uma relação real e autêntica com a leitura e escrita de textos.** O que esperamos, com essa proposta, é incentivar a escola a trabalhar com gêneros diversos, com ganhos positivos para os candidatos. **Pela natureza da prova, terá melhor desempenho o**

² Conteúdo extraído da Oficina – A Redação no Vestibular Unicamp, realizada no Centro de Convenções da Unicamp, câmpus de Campinas, em 16 jun. 2018.

candidato que tiver uma história de leitura e escrita consistente, desenvolvida ao longo dos anos. Cada proposta é acompanhada por um texto a ser lido, de gênero diverso daquele que deverá ser elaborado. Essa diferença, do ponto de vista do vestibular, exige que o candidato seja sensível às características e aos efeitos de cada gênero. Além disso, as instruções e o enunciado que antecede cada uma das propostas permitem ao candidato um trabalho de leitura específico sobre o texto que a acompanha (COMVEST/VESTIBULAR UNICAMP, 2011, grifo nosso).

A dissertação argumentativa é o gênero imposto por uma grande maioria de vestibulares brasileiros, vindo acompanhada de uma forma composicional específica que é ensinada em salas de aula. A esmagadora presença da dissertação argumentativa e, conseqüentemente, a omissão de outros gêneros discursivos impede, na opinião dos responsáveis pela COMVEST, uma formação mais completa e plural dos futuros acadêmicos, que primaria por um trabalho consistente de leitura e atividade escrita ao longo dos anos nos ensinos fundamental e médio.

Nos últimos anos, a instituição vem modificando a prova de redação em seu processo de admissão ao Ensino Superior e adequando a quantidade de textos cobrados no exame, sendo que os três gêneros solicitados em 2011 permaneceram somente até o ano de 2012. Já em 2013, a comissão incluiu somente a redação de dois gêneros discursivos na primeira fase do vestibular. A partir de 2015, a universidade passou a pedir os gêneros discursivos na segunda fase, de maneira que apenas os candidatos aprovados para essa etapa estariam autorizados a realizar a prova de produção textual. No nosso estudo, analisamos os comentários de exemplos de textos de candidatos considerados “acima da média” entre os anos de 2015 e 2017. São textos que aderem ao novo formato do exame de segunda fase do vestibular, ou seja, textos de caráter obrigatório e distintos quanto ao propósito, ao gênero e à interlocução.

Listamos os tipos textuais e/ou gêneros discursivos cobrados no vestibular da UNICAMP desde 1987, com o objetivo de demonstrarmos as modificações feitas na prova de texto.

Quadro 2 – Produções solicitadas pela UNICAMP

Textos	Ano	Fase	Comentários
Dissertação, narração e carta	1987 - 1997	1ª	Não
Dissertação, narração e carta	1998 - 2010	1ª	Sim
3 Gêneros discursivos	2011 - 2012	1ª	Sim
2 Gêneros discursivos	2013 - 2014	1ª	Sim
2 Gêneros discursivos	2015 - 2018	2ª	Sim

Fonte: Elaboração própria, 2018.

A cobrança dos gêneros discursivos exige ao vestibulando um melhor conhecimento da linguagem, do contexto de uso e produção de textos nas diferentes esferas de circulação quando comparados, por exemplo, à dissertação argumentativa e à narrativa presentes em propostas anteriores.

1.2. Coordenadoria de Processos Seletivos (COPS) – UEL

Com o mesmo intuito de desenvolver um diálogo com a comunidade, a UEL disponibilizou os comentários da prova de produção textual por intermédio da Coordenadoria de Processos Seletivos (COPS). Os comentários foram publicados pela primeira vez em julho de 2009 na revista *Diálogos Pedagógicos*³, produzida pela COPS. Na parte destinada às boas-vindas, a instituição revela o motivo de criar *Diálogos Pedagógicos* para comentar suas provas:

Caro (a) Leitor (a)

É com satisfação que apresentamos o primeiro volume de *Diálogos Pedagógicos*, uma iniciativa da Coordenadoria de Processos Seletivos da UEL voltada ao fortalecimento das relações com as escolas do Ensino Médio e com a sociedade em geral.

Diálogos busca **promover uma reflexão acerca das práticas de ensino-aprendizagem, por meio da análise das provas produzidas para o Processo Seletivo Vestibular. Este material se organiza de modo a oferecer indicadores quantitativos e qualitativos que nos permitam aprimorar não somente os mecanismos de avaliação para o ingresso ao Ensino Superior, mas igualmente os processos pedagógicos ao longo do Ensino Médio (...)** (COPS/UEL 2009, grifo nosso).

A UEL utiliza a revista *Diálogos Pedagógicos* como um espaço de reflexão acerca das práticas pedagógicas inerentes ao processo de ensino/aprendizagem de escrita textual dentro e fora da escola, de modo a criar uma discussão entre as esferas de atividade ao pensar a funcionalidade social do texto e a maneira como a prática de escrita deve focalizar a heterogeneidade da linguagem e não a memorização de estruturas e conteúdos.

Em síntese, a revista apresenta os critérios de correção, as notas atribuídas para cada gênero cobrado e os comentários das produções textuais e das demais disciplinas do vestibular. No primeiro volume, a instituição solicitou aos candidatos produções de temas, semelhante ao modelo da UNICAMP, no qual o candidato deveria produzir uma dissertação argumentativa ou uma narração. Os textos elaborados pelos vestibulandos e comentados pelos avaliadores foram identificados mediante a nomenclatura abaixo:

³ Disponível em: <http://www.cops.uel.br/v2/>. Acesso em: 17 jun. 2018.

Quadro 3 – Exemplos de textos

Exemplo de texto acima da média.
Exemplo de texto mediano.
Exemplo de texto abaixo da média.

Fonte: COPS/ VESTIBULAR UEL, 2009.

Em 2012, a instituição reformulou sua prova e passou a solicitar outros gêneros. Entretanto, a micro dissertação argumentativa ainda é solicitada em seu vestibular, diferentemente da UNICAMP, que excluiu a dissertação-argumentativa do seu processo seletivo. Além disso, os exemplos de produções comentadas ganharam novas nomenclaturas:

Quadro 4 – Exemplos de textos modificados

Exemplo de texto satisfatório.
Exemplo de texto parcialmente satisfatório.
Exemplo de texto insatisfatório.
Exemplo de texto que foge à proposta.

Fonte: COPS/VESTIBULAR UEL, 2009.

A UEL pode solicitar ao candidato dois ou três gêneros, oscilando em relação à quantidade de produções textuais propostas. Vejamos, abaixo, com base nos anos em que foram divulgadas e comentadas as provas, como funcionou a dinâmica dos textos cobrados pela comissão.

Quadro 5 – Textos solicitados pela UEL

Textos	Ano
1 texto dissertativo e 1 texto narrativo	2009
1 texto dissertativo e 1 texto narrativo	2010
1 texto dissertativo e 1 texto narrativo	2011
2 gêneros	2012
3 gêneros	2013
2 gêneros	2014
3 gêneros	2015
2 gêneros	2016

3 gêneros	2017
-----------	------

Fonte: Elaboração própria, 2018.

1.3. Núcleo de Concursos (NC) – UFPR

A terceira instituição que compõe o nosso *corpus* é a UFPR. Organizada pela Núcleo de Concursos (NC), a prova de *Compreensão e Produção de Textos* busca trabalhar os variados gêneros, cobrando dos candidatos cinco propostas textuais “relativamente curtas”. Reiteramos que essa quantidade de propostas, inicialmente, era de sete textos, tendo sofrido uma diminuição a partir do vestibular de 2009.

Figura 2 – Proposta de produção textual

Considere a seguinte charge:



Segundo a mitologia grega, Narciso era um belo rapaz, filho do deus do rio Céfiso e da ninfa Liríope. Quando nasceu, o adivinho Tírsias profetizou que ele teria uma vida longa se não visse a própria face. Depois de adulto, após uma caçada, ele se debruçou numa fonte para beber água. Nessa posição, viu seu rosto refletido na água e se apaixonou pela própria imagem. Ali ficou, imóvel na contemplação de seu rosto refletido, e assim morreu.

(Fonte: KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.)

A charge de Benett apropria-se do mito de Narciso para questionar um comportamento atual. Em um texto de 8 a 10 linhas:

- explicita qual é o comportamento criticado na charge e a relação que o autor estabelece entre essa tendência atual e o mito grego;
- posicione-se em relação à crítica de Benett e justifique o ponto de vista defendido por você.

Fonte: NC/VESTIBULAR UFPR, 2018.

O Núcleo de Concursos (NC) da UFPR fornece ao público externo as informações a respeito dos procedimentos realizados na correção, incluindo como se dá a atribuição de notas aos textos dos vestibulandos.

As respostas elaboradas pelos candidatos foram submetidas a pelo menos duas avaliações independentes, em que o segundo avaliador não teve acesso à nota atribuída pelo primeiro. Foi utilizada uma escala de zero a seis e, em caso de divergência superior a dois pontos, realizada uma terceira avaliação. A equipe de avaliadores

responsável por cada questão definiu previamente os critérios para a atribuição de notas, após exame de uma amostra das provas realizadas. Cada avaliador atribuiu à questão uma nota global, resultante da aplicação conjunta dos critérios estabelecidos [...] (NÚCLEO DE CONCURSOS/UFPR, 2015-2016).

Outro aspecto destacado pela universidade é o de que a realização da atividade de escrita proposta seria a condição básica para o candidato não zerar sua produção textual. Assim, a nota atribuída dependerá da qualidade dos argumentos utilizados e a maneira como são organizados no texto. A instituição também apresenta os critérios empregados para a avaliação de todas as questões e produções textuais do vestibular, sendo pontuados itens de leitura, organização, coerência, sintaxe, ortografia e domínio da norma culta contemporânea.

Retrata, ainda, os critérios gerais da prova de produção de texto e sua correlação com as notas, que podem variar de zero a seis pontos. Por fim, explica os critérios específicos designados pelos avaliadores sobre a prova de produção textual, explicando como cada gênero deveria ser desenvolvido na prova de *Compreensão e Produção de Textos*. Os comentários são curtos e diretos, reiterando pontos a respeito da construção e da elaboração do gênero solicitado.

Figura 3 – Comentários sobre os textos satisfatórios

QUESTÃO 01	
Critérios específicos: definição da nota inicial	
No texto produzido, o candidato/a candidata:	
6 ↑ 5	<ul style="list-style-type: none"> ▪ estabelece a origem do texto focalizado, ou seja, faz referência explícita à charge, ao seu autor e ao veículo de publicação; ▪ faz relação explícita entre a atitude retratada na charge e o comportamento atual; ▪ estabelece relação entre o mito grego tomado como referência para a elaboração da charge e o comportamento contemporâneo; ▪ posiciona-se claramente a respeito da crítica apresentada pelo chargista, apresentando-a através de argumentos explícitos e justificativas bem desenvolvidas, com exemplos, etc;

Fonte: NC/VESTIBULAR UFPR, 2018.

A instituição cobra dos vestibulandos a fluência na interpretação de linguagem verbal (transposição de discurso, continuação de texto, resumo, texto argumentativo e carta do leitor) e linguagem não-verbal (charge, tirinha, cartuns, infográficos), buscando promover a prática social de leitura e de escrita.

1.4. Videoaulas nos canais *Stoodi, Me Salva e Oficina Resolve*

O acesso a aulas *on-line* é uma tendência mundial advinda do desenvolvimento de forças

produtivas, técnicas etc., sendo operacionalizada por uma plataforma digital com um rol de professores das mais diversas áreas de conhecimento (entre elas, a produção textual). Dentro desse panorama, o acesso a videoaulas abrange um número cada vez maior de alunos que buscam a aprovação em exames de admissão ao Ensino Superior, sejam eles da rede pública ou particular, advindos das mais diferentes regiões do Brasil, ou até mesmo de outras nações de língua portuguesa. A proliferação de videoaulas nessas plataformas está ligada às crescentes atualizações no âmbito das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) e a aprovação do sistema de linguagens simultâneas (ambiente multimídico) por parte do público de alunos. A formação educacional com recurso audiovisual nos estimula a analisar as novas maneiras de não apenas armazenar informação, mas de, ao fazê-lo de forma interativa, multissensorial e integrada, evidenciar um novo sistema de conceber e representar o mundo (i.e. a partir do acervo de imagens, vídeos, *hiperlinks*, bibliotecas digitais etc.).

Nesse sentido, para a compreensão do nosso *corpus*, em especial o gênero de discurso videoaula no *YouTube*, propomos definir, com base nos estudos de Mussio (2016), as videoaulas que tomam por tema a produção de texto das três instituições selecionadas (UNICAMP, UEL e UFPR), presentes nos canais *Stoodi*, *Me Salva* e *Oficina Resolve*. As modificações do gênero *aula* na contemporaneidade, em decorrência do avanço tecnológico e cultural, são destacadas e discutidas pela pesquisadora Mussio (2016) com o objetivo de observar as práticas educativas, interativas e mercadológicas presentes nesse espaço virtual.

As videoaulas estudadas em nossa pesquisa correspondem ao que a pesquisadora classifica como uma *videoaula digital informal*, sendo “aquela cuja aula é inserida em sites de compartilhamento de vídeos gratuitos, sem a necessidade de o “aluno” estar regularmente matriculado em um curso de Ensino a Distância” (*Ibidem*, p. 131). Essas videoaulas apresentam uma organicidade, estruturação e composição diferentes da metodologia de ensino desenvolvida em uma sala de aula presencial e com funções divergentes das aulas de Ensino à Distância (EaD), mas que, mesmo com suas disparidades, são formadas a partir delas. Tendo feito essas constatações iniciais, partimos para a categorização dos canais.

1.4.1. *Stoodi*

No formato de ensino *on-line* durante todo o ano letivo, merece destaque o *site Stoodi*, uma plataforma de educação à distância criada pelo professor Daniel Liebert, na qual pacotes de conteúdo voltados para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibulares de todo o Brasil são disponibilizados desde 2013.

Daniel Liebert, fundador do *Stoodi*, ministrava aulas particulares de matemática e física quando resolveu criar a *Intelecti Aulas Particulares*. Com o número de alunos crescendo e a dificuldade de recrutar mais professores particulares, constatou que seria interessante um modelo *on-line*. Desse modo, entrou em contato com amigos que foram proporcionando novos contatos e ajudando na ideia de gravar aulas em vídeo⁴. Em um desses contatos recebe o convite de Vinícius Neves, seu amigo produtor, para se tornarem sócios da *startup*. Com o objetivo de desenvolver um ensino de qualidade e com acesso a todos, o *site* de educação possibilita que o cadastro no *Stoodi* seja gratuito e o interessado possa acessar a primeira aula de cada módulo, ao conjunto de exercícios, monitorias ao vivo e um resumo teórico.

Em decorrência do reconhecimento e almejando ainda mais espaço no mercado, os conteúdos foram expandidos por canal homônimo do *Stoodi* no *YouTube*, possibilitando a visualização de videoaulas por uma vasta quantidade de inscritos no canal, que somam mais de 900 mil. A *Startup* apresenta a mesma especificidade do canal *Me Salva* no que se refere ao público, ao formato de videoaula e à transmissão de conteúdo, diferenciando-se apenas na metodologia de ensino empregada. No caso do *Stoodi*, a professora recupera a estrutura de uma sala de aula tradicional, utilizando giz, quadro negro e/ou *notebook*.

Figura 4 – Videoaula de redação no canal Stoodi



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=gl-peUr-j0E>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Em formato de monitoria das provas de produção textual da UNICAMP, UEL e UFPR, essas videoaulas estão disponíveis, em partes, no canal *Stoodi* e são transmitidas via *streaming* em tempo real para o *YouTube*. As monitorias têm como principal função tirar as eventuais dúvidas dos assinantes da *startup*. Sendo assim, quanto aos *usuários* do *YouTube*, as videoaulas

⁴ Informações retiradas do *site*: <https://www.stoodi.com.br>.

são assistidas e acompanhadas sem que o usuário seja identificado. Essas videoaulas são compostas, primeiramente, de esclarecimentos quanto ao gênero e as propostas de textos exigidas no processo seletivo das instituições analisadas. Em um segundo momento, voltam-se ao esclarecimento e às resoluções de questões feitas pelos assinantes do *Stoodi*.

Mussio (2016) em seu trabalho intitulado *Videoaulas de escrita/redação científica na internet: um estudo bakhtiniano* discute a dinâmica da construção e do público em relação às videoaulas disponibilizadas no *YouTube*.

[...] os participantes da situação social são, além dos que participam da produção da aula, os destinatários oficialmente inscritos e matriculados em um curso a distância (no caso do EaD) ou “alunos-usuários” que voluntariamente optaram por acessar tal conteúdo (no que concerne às videoaulas disponibilizadas em sites como o YouTube, por exemplo). Com relação aos primeiros, esses destinatários são, em geral, hipoteticamente conhecidos, porque precisam ter sua participação legitimada pela matrícula em tal curso; **já os segundos são desconhecidos, pois podem referir-se a qualquer usuário da internet** (MUSSIO, 2016, p. 132, grifo nosso).

Outro ponto a ser destacado é o de que essas videoaulas apresentam uma nomenclatura e papéis específicos. De acordo com as definições dadas pela pesquisadora, entendemos que as videoaulas estudadas e veiculadas pelo cursinho *Stoodi*, na plataforma do *YouTube*, são videoaulas “Não ligadas explicitamente a entidades institucionais”, ou seja, criadas por pessoas que não apresentam vínculos a instituições e que produzem por conta própria os conteúdos, sejam eles de nível médio ou superior. Em síntese, as videoaulas estudadas apresentam dois objetivos específicos: o de ensinar e o de divulgar conteúdo (MUSSIO, 2016). Vale ressaltarmos a arrecadação de fundos como um dos efeitos das videoaulas, uma vez que as visualizações e o número de inscritos na plataforma geram retorno financeiro aos envolvidos em sua produção.

Esse canal, assim como o *Me Salva*, está em destaque nas pesquisas de maiores e mais influentes *Startups* no ramo educativo, com mais de um milhão de inscritos no *YouTube*.

Figura 5 – Layout inicial do canal Stoodi



Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCUDJR8h5P28xaN7UBEPo0VQ>. Acesso em: 20 jun. 2018.

1.4.2. Me Salva

Nesta mesma tendência, destaca-se o cursinho *on-line Me Salva*, criado em 2012, como intuito de “salvar” os estudantes das reprovações por meio de uma metodologia de ensino pautada no conceito “de estudante para estudante”, aproximando, de acordo com o seu idealizador, o conteúdo do sujeito. Miguel Andorffly, cocriador do cursinho juntamente com Guilherme Piccoli, começou a empreitada durante o curso de Engenharia de Produção na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quando teve a ideia de produzir vídeos com a solução de exercícios de cálculo – disciplina considerada uma das mais difíceis no curso –, e publicá-los no *YouTube*. Devido ao sucesso e aos elogios, o estudante começou a desenvolver mais conteúdos e a disponibilizá-los na rede⁵. Em 2012, em decorrência da expansão e da notoriedade, Andorffly ganhou uma bolsa de estudos da Fundação Estudar, na categoria Jovens Inspiradores, para cursar empreendedorismo na Universidade de Stanford (EUA). Ao voltar para o Brasil, criou um dos *sites* mais conhecidos no ramo educativo (mais de 20 milhões de alunos assinantes) e divulgados na imprensa brasileira (*Jornal do Brasil*, *Estadão*, *Guia do Estudante*, *Revista Galileu*, entre outros): o *Me Salva*.

A plataforma conta com planos de reforço voltados para o público do Ensino Médio, Ensino Superior – nas áreas de Engenharia, Negócios e Saúde –, Enem e Vestibulares. Além de proporcionar ao aluno um plano personalizado, a plataforma conta com correção de redação, simulados, revisão, monitorias, fórum de dúvidas, apoio emocional, banco de provas etc. O

⁵ Informações retiradas do *blog*: <https://blog.mesalva.com>.

cadastro no *site* do *Me Salva* é gratuito, e o interessado pode acessar as duas primeiras aulas de cada módulo para conhecer a metodologia e os educadores. Para que o conteúdo seja visto em sua totalidade, é necessário que o aluno assine um plano específico, cujo investimento é atualmente cerca de trinta e dois reais (R\$32,00) mensais para o plano do Ensino Médio, por exemplo.

Figura 6 – Planos de estudos do *Me Salva*



Fonte: <https://www.mesalva.com/>. Acesso em 21 jun. de 2018.

O *site Me Salva* consolida a tendência de vídeos educativos ao transmitir via *streaming* seus conteúdos para assinantes (como boletins personalizados de desempenho, bancos de provas e “muito ombro amigo”) e usuários de seus canais no *YouTube*, *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*, além do aplicativo que pode ser instalado no celular, *iPads* e *tablets*. Diferente da maioria dos canais (como o *Stoodi* e o *Oficina Resolve*), o *Me Salva* utiliza uma metodologia de ensino que põe em evidência a mão dos professores escrevendo em folhas de sulfite, um sistema pensado para melhorar a concentração e o aproveitamento do conteúdo pelo aluno.

Figura 7 – Videoaula de produção textual



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=vtFriWTctI4>. Acesso em: 21 jun. 2018.

No topo da imagem que se abre quando se acessa o canal, aparecem alguns professores das disciplinas ministradas na plataforma, com sorrisos e expressões faciais amigáveis. Na aba “vídeos”, o usuário tem acesso às videoaulas das disciplinas do Ensino Médio, Enem e vestibulares, Engenharia, Negócios e Saúde, elencados aleatoriamente. Já na aba “playlists”, o conteúdo do canal é dividido e organizado por material. Por sua vez, na aba “comunidade” estão distribuídas as informações em relação aos cursos e formas de pagamento oferecidos pelo *site Me Salva*. Na aba “sobre”, conhecemos a história, o método de ensino e os professores que ministram as videoaulas para os estudantes do cursinho.

A seguinte figura é um *printscreen* do canal *Me Salva* na plataforma do *YouTube*.

Figura 8 – Layout do canal *Me Salva*



Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCWv7JMNjrWIVtkiBmygefHQ>. Acesso em: 17 jun. 2018.

O vídeo, em destaque, é referente aos “vilões” da prova do Enem e possui uma duração de aproximadamente seis minutos. Com um título marcante, o canal instiga o estudante a clicar e a conhecer quais os problemas que podem prejudicar o seu bom desempenho na prova em questão. Ao lado do vídeo, existe um *link* para que o internauta faça um teste e descubra o seu próprio vilão. Esse tipo de vídeo inicial com dicas, testes e planos de estudo é recorrente e alternado periodicamente no canal como meio de trazer para o usuário outros conteúdos e inspirá-lo na preparação para o vestibular. O *Me Salva* tem dois milhões de inscritos no *YouTube* e esse número cresce consideravelmente a cada mês, atingindo uma gama cada vez maior de alunos conectados.

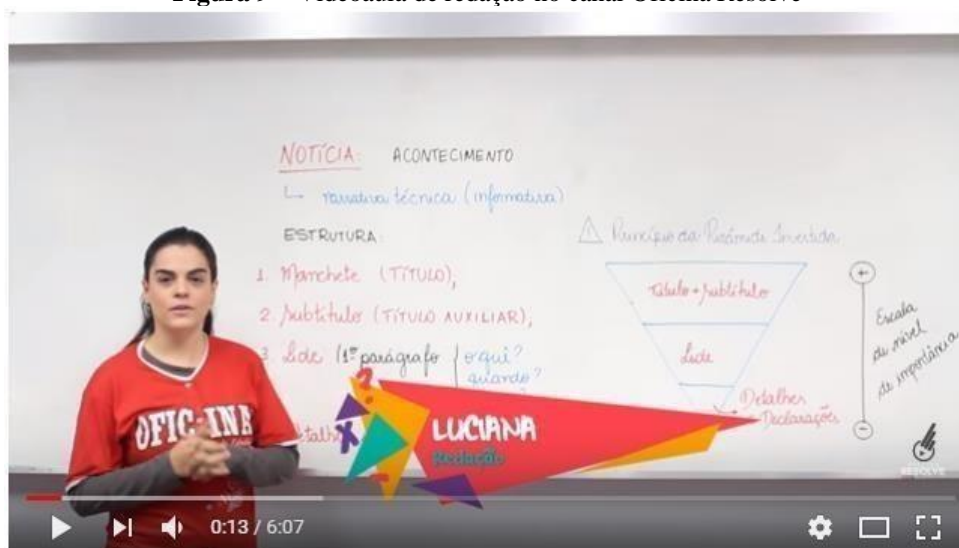
1.4.3. *Oficina Resolve*

Outra tendência são os canais educativos desenvolvidos por instituições de ensino. A *Oficina do Estudante*, colégio e cursinho-pré-vestibular da cidade de Campinas-SP, oferece cursos para o Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Pré-vestibular. Sua proposta pedagógica, conforme informação que consta no site da empresa, é desenvolver um ensino que englobe os aspectos cognitivos, sociais, afetivos, éticos etc, primando por um ensino que seja capaz de proporcionar habilidades e competências para que os alunos enfrentem os desafios acadêmicos, profissionais, tecnológicos, entre outros. Nesse sentido, o colégio criou um canal educativo no *YouTube*, chamado *Oficina Resolve*, no qual disponibiliza videoaulas das disciplinas obrigatórias da educação básica e cobradas nos exames vestibulares⁶. Esse canal, portanto, diferente do *Me Salva* e *Stoodi*, apresenta videoaulas vinculadas a uma instituição de ensino (Oficina do Estudante).

Segundo Mussio (2016), as videoaulas youtubianas normalmente são ministradas por pessoas legitimadas e autorizadas, no caso professores e pesquisadores de uma determinada área do conhecimento. O foco é promover a notoriedade da instituição no ambiente virtual, podendo ser visualizadas por qualquer usuário com acesso à rede. As filmagens são feitas no próprio estabelecimento de ensino, validando o lugar onde são conhecidos socialmente.

⁶ Informações retiradas do *site* da instituição: <http://oficinadoestudante.com.br>.

Figura 9 – Videoaula de redação no canal Oficina Resolve



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=_t29-2tV5Lw. Acesso em: 21 jun. 2018.

O colégio *Oficina do Estudante* coordena o site da instituição, *Google +*, *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*. Essas redes sociais, junto com o *YouTube*, configuram um espaço de saber com mais de 200 mil inscritos. O canal, diferente das outras redes sociais, prioriza um *layout* colorido com formas geométricas e cores quentes e frias – vermelho, laranja, roxo e verde. Vale pontuarmos que as cores difundidas em outras redes e na sede física – caracterizando a marca da instituição – são o vermelho, o preto e o branco. No *YouTube*, com exceção do vermelho, as cores fogem do tradicional preto e branco, dando uma aparência mais moderna e estilizada para o canal.

Figura 10 – Layout do canal Oficina Resolve



Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCBP5wakIuIXr3kBaLEHvHCw>. Acesso em 21 de Jun. de 2018

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia desenvolvida por Bakhtin e pelos outros membros do Círculo é a base das análises qualitativas e interpretativas estudadas nesta pesquisa. Segundo Geraldi (2012), ao tratarmos da linguagem, é viável a criação de uma metodologia (e não de um método), sendo esta capaz de orientar o pesquisador no embaraçado e complexo sistema simbólico que é a linguagem.

A diferença básica entre os dois procedimentos, esclarece o autor, é que um método consiste em um conjunto de princípios de descoberta que, seguido precisamente, possibilita revelações sobre o objeto investigado. No entanto, se outro pesquisador fizer o uso do mesmo método de pesquisa, não encontrará nada de novo e sim o que já foi evidenciado anteriormente. Desse modo, para que novas descobertas sejam feitas é necessário infringir o método e usufruir de uma metodologia (GERALDI, 2012).

Dispor de uma metodologia é dispor de princípios que precisam ser aliados à intrepidez, à astúcia, à argúcia e à perspicácia. Dispor de um método é ter corrimãos definindo a caminhada para se descobrir o que previamente se conhecia, sem expor-se ao desconhecido (*Ibidem*, 2012, p. 24).

Conforme Bakhtin, o objetivo maior dentro do estudo das Ciências Humanas é o de compreender o homem, constituído a partir das relações e interações dialógicas, por meio de textos e no cotejo com outros textos (BAKHTIN, 1997). O texto, representação imediata da realidade, é o meio admitido pelo autor para estudarmos o sujeito social, suas produções, seu pensamento e suas emoções. Nesse sentido, ao estudarmos o homem fora do texto, não podemos considerá-lo como objeto das Ciências Humanas. Nas palavras do teórico (BAKHTIN, 2000, p. 312):

As ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial).

Para Bakhtin, os textos são interpretados em suas formas e condições concretas de circulação e produção em uma dada sociedade. Miotello (2012) ressalta que a criação de textos ocorre concomitantemente com a atividade humana, nas interações sociais, de modo que os textos são providos de posições, pontos de vistas, memórias e ideologias. Assim, o texto

enquanto enunciado – concreto e único – deve ser caracterizado como fundamentalmente dialógico, pois é resultante das relações dialógicas de enunciados anteriores, já proferidos, repetidos, refutados, polemizados, concordados etc.

Para Geraldi (2012), desvendar os sentidos é cotejar os textos, viabilizando novos e diferentes efeitos de sentido, ou seja, conjecturando o seu todo no contexto de circulação e produção. É a partir do contexto que recuperamos a cadeia infinita de enunciados, vozes, tempo e espaço de um momento sócio-histórico. O enunciado somente existe em contato com outro enunciado (contexto), e é no jogo dialógico que ele reflete e refrata sua realidade extraverbal e os sentidos apreendidos da relação com os outros enunciados responsivos. Sendo assim, ao estudarmos os enunciados queremos compreendê-los em sua completude e singularidade, no seu todo de sentido, propiciando novas e diferentes vozes que repetem, ressoam e ressignificam o discurso instaurado na memória discursiva do passado e do futuro. Essa é uma metodologia voltada para a expansão do contexto promovendo, por meio do cotejo, o aprofundamento da interpretação e a compreensão dos enunciados posto em diálogo.

Nessa perspectiva dialógica, vale destacarmos os enunciados multimodais que também compõem o nosso *corpus*. Os conteúdos ensinados nas videoaulas do *YouTube* são formados por meio de textos verbais orais e escritos, gestos, imagens, sons etc. – são materiais híbridos.

Grillo (2009), pesquisadora brasileira, também tece considerações sobre os fundamentos de uma abordagem bakhtiniana voltada para os enunciados verbo-visuais. Ela o faz primeiramente pensando a dimensão verbo-visual em enunciados de *Scientific American Brasil* (*Ibidem*, 2009) e, em seguida, pontuando aspectos da epistemologia dialógica, estética, noção de autoria e a delimitação do objeto de estudo para a análise de tais discursos (GRILLO, 2012). É por portar essa materialidade, integrada, que os enunciados manifestam o seu todo de sentido. Eles instauram o discurso de maneira a constituírem unidades e elos para a compreensão do processo vivo da comunicação humana, das cadeias discursivas. Tendo em vista que essa pesquisa se caracteriza principalmente pela análise dos discursos em sua forma híbrida, veiculados na esfera didático-pedagógica e em relação com a esfera avaliativa, compreendermos o seu todo de sentido só foi possível analisando os enunciados em sua confluência.

Quanto ao *corpus*, primeiramente, houve uma seleção dos comentários das bancas avaliadoras. Os comentários das provas de redação da UNICAMP foram extraídos na página da COMVEST, no item vestibulares anteriores (www.comvest.unicamp.br), selecionando os anos de 2015, 2016 e 2017. Foram analisados comentários de seis provas de redação que tiveram a denominação “acima da média”, sendo duas de cada ano. Em relação à UEL, os comentários

das provas de redação são publicados na revista *Diálogos Pedagógicos*, disponibilizada no site da COPS (www.cops.uel.com.br). A revista, como os organizadores mesmo ressaltam, traz apontamentos e reflexões sobre a elaboração, o formato, o gabarito e os resultados das provas de todas as disciplinas cobradas no exame da referida universidade, que propõe, geralmente, três gêneros discursivos para redação. Foram analisados, de cada ano (2015, 2016, 2017), comentários acerca de dois textos, que segundo a organização, são denominados como “Exemplos de texto satisfatório”, totalizando seis comentários. Já na página Núcleo de Concursos (<http://www.nc.ufpr.br>), da UFPR, os comentários foram extraídos em “critérios de correção”. Para cada produção textual, a universidade propõe a redação de cinco gêneros diferentes que podem ser escolhidos pelo candidato. Nesse caso, foram analisados os comentários dos textos produzidos pelos candidatos nos anos de 2015, 2016, e 2017.

Também compõem o *corpus* videoaulas encontradas no *YouTube*. Escolhemos três videoaulas referentes à UNICAMP (presentes no *Stoodi*, *Me Salva* e *Oficina Resolve*), duas videoaulas sobre a UEL (*Stoodi*) e duas videoaulas sobre a UFPR (*Me Salva* e *Stoodi*), totalizando sete videoaulas. Dos canais *Stoodi*, *Me Salva* e *Oficina Resolve*, apenas o *Stoodi* traz videoaulas das três universidades, desse modo, faremos uma análise mais detalhada dele em nosso trabalho, enquanto os outros dois canais são analisados como forma de validar ou não o discurso das produções textuais existentes no *Stoodi*.

Quadro 6 – Transcrição de áudio

Redação Unicamp – Me Salva	<i>Me Salva</i>	53
Redação Unicamp – 2ª fase	<i>Stoodi</i>	92
Como escrever notícia – Unicamp	<i>Oficina Resolve</i>	6
UEL – Análise do tema	<i>Stoodi</i>	13
UEL – Estrutura	<i>Stoodi</i>	13
Redação UFPR – Me Salva	<i>Me Salva</i>	62
UFPR – Compreensão e Produção de textos	<i>Stoodi</i>	47

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Para tal análise, transcrevemos todos os vídeos de acordo com as normas e regras do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (NURC), em virtude de ser um projeto cujos resultados estão inseridos em gramáticas do português oral culto e ser, portanto, reconhecido largamente nos estudos da língua oral. A transcrição, segundo Koch (1992), é de especial relevância para uma melhor organização dos dados.

Figura 11 – Normas do NURC

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

<i>OCORRÊNCIAS</i>	<i>SINAIS</i>	<i>EXEMPLIFICAÇÃO</i>
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Trancamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/e reinicia
Entoação enfática	maiúsculas	porque as pessoas reTÊM moeda
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	: : podendo aumentar para: : : : ou mais	Ao emprestarem os... éh: : : ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo de tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [linhas	na casa da sua irmã [sexta-feira? fizeram lá... [cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais, reproduções de <i>discurso direto</i> ou leituras de textos, durante a gravação	„ „	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos e frases.
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está: tá? Você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh: : : ... (*alongamento e pausa*)
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

Fonte: KOCH, 1992.

Expostos os materiais de análise, como se deu a coleta dos dados e a metodologia bakhtiniana do cotejo (GERALDI, 2012), passamos para os estudos dos conceitos utilizados para sustentar a pesquisa.

3. ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO – BAKHTIN E O CÍRCULO

Esta seção aborda as reflexões teóricas sobre os estudos bakhtinianos e os principais conceitos que fundamentam nossa pesquisa. Esse grupo de intelectuais (Bakhtin, Volóchinov e Medvedev) difundiu em suas obras um pensamento a respeito da linguagem (das linguagens), da sua circulação, da sua produção e da sua recepção, alicerçado nas relações discursivas existentes entre os sujeitos em um contexto sócio-histórico específico (BRAIT, 2006). Em tal pensamento que trata as *relações dialógicas* como fundamentais para a compreensão da linguagem e suas interferências na vida real e social é que inserimos nosso trabalho. Dos conceitos bakhtinianos que sustentam nosso estudo, destacamos: diálogo, enunciado concreto, esfera de atividade, gênero do discurso, ideologia e tema e significação.

Ainda, são considerados estudos desenvolvidos sobre as teorias de Bakhtin e o Círculo por autores como Brait *et al.* (2005), Brait (2017), Paula (2008, 2009), Fiorin (2006), Faraco (2006), Ponzio (2009, 2010, 2012), Souza (2002), dentre outros estudiosos. Outros temas e respectivos autores importantes para esta pesquisa são, entre outros: a prática das aulas e o uso da internet como ambiente de estudo (GIRÃO, 2005; PRIMO, 2006; KENSKI, 2007; MORAN, 2008, MOTA, 2010); ensino/aprendizagem e produção textual (LE MOS, 1977; PÉCORA, 1983; GERALDI 1991, 2010a, 2010b; GERALDI *et al.*, 1997; SORAES, 1998; RIBEIRO, 2007; KLEIMAN, 1995, 2005, 2013; MENDONÇA, 2013). Além do mais, ampliando o escopo dos enunciados para uma dimensão verbo-visual, partimos de pesquisas, embasadas em estudos de Bakhtin e o Círculo, realizadas por Brait (2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013) e Grillo (2009) sobre o caráter verbo-visual da linguagem, tendo em vista que um dos nossos materiais de análise é composto de videoaulas de produção textual no *YouTube*.

O objetivo não é fazermos uma mera didatização e divisão em blocos de cada conceito, pois todas as noções são imbricadas e significativas para o entendimento da proposta bakhtiniana acerca do estudo da linguagem. Para entendermos a dinâmica dessa linguagem, desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, é relevante pontuarmos que a sua essência é social e o mote de sua realização é dialógico, ou seja, acontece entre os pares na trama enunciativa. A linguagem é constituída no contexto social, histórico e cultural a partir da interação discursiva dos sujeitos falantes. Diferentemente, por sua vez, das noções subjetivistas e objetivistas que reiteram a importância do monologismo para a construção do enunciado.

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofísico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários

enunciados (VOLÓCHINOV, 2017).

Nesse sentido, buscamos contribuir, pelo viés bakhtiniano, para uma compreensão das transformações sociais, históricas e culturais da linguagem em sociedade em relação ao ensino/aprendizagem de produções de textos escolares, em novos contextos de interação.

3.1. Diálogo

Para iniciarmos a seção, é essencial começarmos pela peça-chave dos estudos do Círculo de Bakhtin: o conceito de diálogo. Segundo Beth Brait (1994, p. 11), estudiosa da obra de Bakhtin, a *natureza dialógica* da linguagem é um elemento medular dos escritos do Círculo, “um conceito que desempenha papel fundamental no conjunto das obras de Mikhail Bakhtin, funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantêm vivo o pensamento desse produtivo teórico”. O filósofo utiliza a noção de diálogo para refletir sobre a atividade de comunicação realizada pelos interlocutores no processo vivo de interação discursiva em um contexto específico de produção, de circulação e de recepção dos discursos. Sendo assim, a relação dialógica constitui-se da interação que ocorre entre aquele que enuncia (eu) e aquele que responde à enunciação (tu), estabelecendo uma relação de sentido (FARACO, 2006).

Nessa perspectiva, o diálogo está ligado a outrem, à palavra do outro, ao interlocutor em potencial ou não, de modo que temos, na trama enunciativa, sempre um eu que enuncia para o outro e que dele se espera uma interação discursiva, mediata ou imediata. É na relação dialógica entre os parceiros da comunicação que a linguagem e os enunciados acontecem e perpetuam no tempo, no espaço e na vida em sociedade. Segundo Bakhtin (2000), é uma relação que parte do sentido apreendido das interações discursivas dos interlocutores, visto que o sentido de um enunciado deve estar em convergência com um determinado ponto de vista, assunto, situação social, posição e que, sobretudo, por trás desses enunciados são necessários sujeitos que participam da comunicação verbal. Em suas próprias palavras:

Estamos perante uma relação específica de sentido cujos elementos constitutivos só podem ser enunciados completos (ou considerados completos, ou ainda potencialmente completos) por trás dos quais está (e pelos quais se expressa) um sujeito real ou potencial, o autor do determinado enunciado (BAKHTIN, 2000, p. 353).

Os enunciados concretos são construídos por meio de uma relação discursiva, materializando-se em um gênero do discurso e situando-se dentro de uma dada esfera da comunicação. Desse modo, os sentidos dos enunciados são dados pela réplica do diálogo, tendo em vista que a ausência de um vínculo espacial e temporal entre os falantes na trama discursiva inviabiliza a comunicação e o funcionamento da cadeia enunciativa (BAKHTIN, 2000).

Bakhtin (2000) pontua que as relações efetivas entre as réplicas de um diálogo, que são relações de pergunta-resposta, asserção-objeção, afirmação-consentimento etc, não acontecem entre as palavras e orações, já que essas relações só são executáveis em enunciados procedentes de diferentes sujeitos. Sendo assim, a oração e a frase, portanto, não necessitam do interlocutor para o seu funcionamento, nem da realidade discursiva (contexto), inclusive, não desencadeiam a atitude responsiva do seu interlocutor, como verificamos nos enunciados oriundos da interação discursiva. Desse modo, o *outro* é fator essencial para que se configure a máxima da relação dialógica e para que se desenvolva a dinâmica de pergunta e resposta – o jogo enunciativo –, pois, de acordo com o teórico russo, as indagações e refutações pressupõem uma *exotopia recíproca*.

Perguntas e respostas não pertencem a uma mesma relação (categoria) lógica; não podem ser contidas numa única e mesma consciência (única e fechada em si mesma); toda resposta gera uma nova pergunta [...]. Se a resposta não dá origem a uma nova pergunta, separa-se do diálogo e junta-se a um sistema cognitivo, impessoal em sua essência (BAKHTIN, 2000, p. 411).

O enunciado para Bakhtin (2000), por sua vez, tem como base o outro, o interlocutor, o destinatário. Assim, ele requer mais de uma consciência e não é impessoal – como as palavras e as orações –, carecendo de um auditório, de correspondência, de resposta ou compreensão ativa responsiva. Nessa acepção, o estilo, a composição e o gênero discursivo também compõem a estrutura do enunciado e condicionam o seu sentido. A estruturação de enunciados entre locutores e interlocutores depende da interação entre esses sujeitos e da forma com que eles organizam o discurso. Nesse sentido, as formas do enunciado estão ligadas aos gêneros discursivos, às esferas de atividade e à identificação de destinatários.

Este destinatário pode ser o parceiro e interlocutor direto do diálogo na vida cotidiana, pode ser o conjunto diferenciado de especialistas em alguma área especializada da comunicação cultural, pode ser o auditório diferenciado dos contemporâneos, dos partidários, dos adversários e inimigos, dos subalternos, dos chefes, dos inferiores, dos superiores, dos próximos, dos estranhos, etc.; pode até ser, de modo absolutamente indeterminado, o outro não concretizado (é o caso de todas as espécies de enunciados monológicos de tipo emocional). Essas formas e concepções do destinatário se determinam pela área da atividade humana e da vida cotidiana a que se reporta um dado

enunciado (BAKHTIN, 2000, p. 321-322).

De acordo com Bakhtin (2000), o locutor precisa modular o seu discurso em relação ao destinatário, enunciando-o conforme as características do ouvinte e as especificidades do contexto de produção. Ou seja, deve considerar o grau de conhecimento do destinatário sobre o assunto, o tom discursivo, os anseios, as concepções e a profundidade da relação discursiva, de modo a possibilitar uma compreensão responsiva ativa por parte do interlocutor. Nessa premissa, o teórico assegura que “Esses fatores determinarão a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos linguísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado” (*Ibidem*, 2000, p. 321).

O enunciado, para Bakhtin (2000), não pode ser despreendido da cadeia de comunicação verbal, uma vez que ele reflete e refrata os enunciados anteriores e futuros, um entre vários elos. Assim, há uma relação dialógica entre os interlocutores e os objetos do discurso, vide que os enunciados são proferidos com ressonâncias e ecos do passado, do já dito e do já refutado (*Ibidem*, 2000). O objeto de discussão do enunciado, conseqüentemente, não é inédito quando expressado pelo locutor em um dado contexto de produção – ele já sofreu interferências e já foi polemizado em diversos lugares e por diferentes locutores na trama enunciativa. No seu lugar, o que temos são *elos* de um discurso que reverbera na história e na vida. A concepção dialógica postulada por Bakhtin e o Círculo revela que “não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico” (BAKHTIN, 2000, p. 413), pois os enunciados e os sentidos denotados em uma relação dialógica não são estabilizados, nem no tempo e nem no espaço.

Nessa acepção, os enunciados são ressignificados e surgem em um novo contexto social, conforme os falantes constroem e materializam seus dizeres e desenvolvem seus discursos na esfera de comunicação, posto que o acabamento do enunciado é sempre provisório, de modo a suscitar novos e diferentes sentidos para o mesmo objeto de discussão. Em vista disso, “não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento” (BAKHTIN, 2000, p. 414). A relação dialógica proposta e discutida por Bakhtin não pode ser reduzida à réplica, oposição e divergência, mas deve ser ampliada para o âmbito da concordância e da conformidade, caracterizando-se esses elementos também como uma condição para o acontecimento das relações dialógicas, já que “a concordância é rica em diversidade e em matizes” (*Ibidem*, 2000, p. 354).

Segundo Bakhtin (2000), podemos compreender o discurso como um acontecimento de caráter dialógico em que duas pessoas/enunciados desenvolvem relações bilaterais, recíprocas, de concordância e de complementariedade.

Dois enunciados idênticos em todos os aspectos (“O tempo está lindo!” — “O tempo está lindo!”), quando se trata realmente de dois enunciados (e não de um só) pertencentes a duas vozes distintas, estão unidos por uma relação dialógica de concordância (*Ibidem*, 2000, p. 354).

O diálogo não deve ser compreendido como somente como uma interação imediata em que locutor e interlocutor estão frente a frente e dialogam sobre um certo assunto, “mas [como] toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN, 2000, p. 125). Além disso, não é só a comunicação verbal em si que interessa aos estudiosos desta perspectiva, mas também interessam aquelas comunicações que utilizam outros signos/linguagens (como os sons, os gestos e as imagens). Para tanto, é fundamental inferirmos que o enunciado é interdependente do diálogo e é entendido em sua gênese por ser dotado de sentido, isto é, “um sentido total relacionado com um valor: a verdade, a beleza, etc.; que implica uma compreensão responsiva, comporta um juízo de valor” (*Ibidem*, 2000, p. 111).

O teórico russo pontua que os sentidos e a compreensão efetiva do discurso, dos valores, das ideologias e do contexto de produção e recepção que são substancializados no enunciado concreto são essencialmente dialógicos, uma vez que a relação com o outro e sua compreensão responsiva é o cerne da comunicação em sua proposta de linguagem. Para Bakhtin, as fronteiras que determinam um enunciado propriamente dito é “alternância dos sujeitos falantes, aptidão para presumir uma resposta, [pois] todo ato de compreensão implica uma resposta” (BAKHTIN, 2000, p. 113).

Nesse sentido, a noção desenvolvida pelos estudiosos é de que todo discurso – até mesmo o mais monológico possível, aquele que não pressupõe em hipótese alguma o outro para o sentido global de sua existência –, é dotado de resposta, “ainda que esse caráter de resposta não receba uma expressão externa bem perceptível” (*Ibidem*, 2000, p. 317). É o *outro*, somente a alteridade, que imputa as verdades do sujeito, suas convicções e seus anseios sobre o mundo e a vida em plena construção, “Pois nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento” (*Ibidem*, 2000, p. 317).

Todo enunciado, independentemente de ser uma réplica ou não, como aponta Bakhtin (2000), apresenta um começo e um fim absoluto, sendo uma unidade real da língua e não uma unidade de caráter convencional, pois antes de sua realização concreta no contexto discursivo “há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros”

(*Ibidem*, 2000, p. 295). O diálogo é sempre interativo, partindo da vivência exterior do falante, de dentro para fora. Em outras palavras, ele parte do social para o individual, dos outros e do mundo para a sua construção total a partir das inter-relações.

Com isso, “não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas nosso mundo interior que se adapta às possibilidades da nossa expressão e aos seus possíveis caminhos e direções” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 130) que são condicionadas por meio do outro e dos outros, orientando o *fluxo discursivo* e o acontecimento dialógico.

Diante dessas constatações, é possível entendermos que os enunciados concretos proferidos por meio do diálogo entre os sujeitos em uma dada esfera humana são inacabados e requerem uma reação resposta, visto que “o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro” (BAKHTIN, 2000, p. 111). É nessa correlação e no jogo dialógico que os enunciados se estabelecem, sendo arquitetados em um tempo e espaço provisório e nunca acabado, sobretudo, a partir de uma dinâmica social, histórica e cultural que é ampla e dinâmica, de modo a recuperar uma memória do passado e delinear um futuro ressignificado e revivido.

Diálogo e enunciado são, assim, dois conceitos interdependentes. O enunciado de um sujeito apresenta-se de maneira acabada permitindo/provocando, como resposta, o enunciado do outro; a réplica, no entanto, é apenas relativamente acabada, parte que é de uma temporalidade mais extensa, de um diálogo social mais amplo e dinâmico. (MARCHEZAN, 2006, p. 117).

O acontecimento da enunciação instaura um sujeito constituído por valores sociais e históricos, produzindo um enunciado único e irrepetível, dado que o discurso é construído em um novo contexto, em uma nova situação discursiva e apresenta um novo interlocutor, de forma que os atos e ações possuem outros valores. O diálogo, peça central da proposta bakhtiniana, é o conceito que constitui as relações dos sujeitos e a vida em sociedade, pois “viver significa participar de um diálogo” (BAKHTIN, 2000, p. 348). Sendo assim, é no diálogo ininterrupto que a linguagem é criada e materializada nos diversos gêneros discursivos, caracterizando a dinâmica dos sujeitos falantes, das vozes sociais e dos sentidos que ancoram a vida e a sociedade. É evidente que a heterogeneidade das relações, dos espaços e das situações sociais e discursivas entre os sujeitos intersubjetivos proporciona elos e reações-respostas infinitas.

De acordo com Volóchinov (2017), tais elos apresentam formas e condições diferentes de significar no mundo e nas situações discursivas, o que nos faz compreender que é na interação comunicativa, na maneira como os sujeitos condicionam e estão imbricados no

contexto de fala ou escrita, no embate dialógico, que os enunciados se configuram e se tornam unidade da comunicação. Com isso, a noção de diálogo é fundamental para a nossa pesquisa, visto que analisaremos, primeiramente, os elos entre as comissões avaliadoras acerca da concepção de “bom texto”.

Isto é, quais aspectos de um texto considerado “bom” são ecoados pelas bancas quando solicitam do vestibulando uma produção textual pautada em determinado gênero do discurso? É possível afirmar que os comentários em relação à produção textual esperada pelos avaliadores condicionam as especificidades das comissões nessa esfera avaliativa? Quais são os elos, as formas e as condições de significar dos comentários e da grade de correção na trama enunciativa? Quais são as divergências?

Com o suporte teórico de Bakhtin e o Círculo, analisaremos de que maneira a imagem de texto esperado pelas comissões avaliadoras dialoga com as videoaulas de redação (especificamente, dos canais *Stoodi*, *Me Salva* e *Oficina Resolve*). Há ressonâncias dos enunciados dessas bancas? Como são essas reações-respostas? Tais questionamentos são essenciais para a compreensão do objeto dessa pesquisa, uma vez que é no jogo dialógico que podemos nos aproximar da imagem do “bom texto” e identificar suas convergências (ou não) no processo vivo de comunicação da trama enunciativa.

3.2. Enunciado concreto e sua dimensão verbo-visual

Neste momento, discutimos com mais profundidade a noção de enunciado já, brevemente, explanada na seção anterior. Algumas obras do Círculo e Bakhtin como, por exemplo, *Discurso na vida e discurso na arte*, *Estética da Criação Verbal* e *Marxismo e filosofia da linguagem* postulam considerações sobre o conceito de enunciado concreto e revelam a máxima de que tal noção “nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação” (VOLÓCHINOV, 1976, p. 9).

Ao longo da exposição, apresentamos as particularidades, os fatores e as condições reais e vivas que definem o enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva e o torna irrepetível na trama social e dialógica. Desse modo, partimos da proposição de que o enunciado é constituído da interação dos indivíduos falantes e isso é subsídio para que entendamos os contextos, as condições de produção do enunciado em sua atmosfera real de comunicação.

Assim, uma discussão pertinente que ecoa nas discussões do Círculo de Bakhtin e que foi proposta em *Discurso na vida e discurso na arte*, ensaio de Volóchinov, abarca o *contexto*

extraverbal do enunciado concreto, sendo este parte relevante de um discurso, uma vez que os sujeitos falantes devem compartilhar da situação espacial para que haja sentido e significado na comunicação. Ou seja, mais do que usar os recursos linguísticos da língua, é preciso compreendermos que os aspectos pragmáticos da vida são fundamentais para a constituição do enunciado em seu *todo* de sentido.

Em sua gênese, o discurso verbal “nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação” (VOLÓCHINOV, 1976, p. 4). Em suma, trata-se de conhecer e de considerar o espaço, os componentes desse meio discursivo, o tempo, o envolvimento dos interlocutores, o olhar, os gestos e a entonação em torno do objeto discutido. Ambos interlocutores estão circunscritos em um ambiente compartilhado, que permite a compreensão do enunciado dito pelo locutor e que chega ao interlocutor pleno de significação e valoração, independente de ser uma simples locução, uma breve expressão ou uma possível indagação sobre determinado objeto de discussão. A situação extraverbal, por sua vez, “se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação” (VOLÓCHINOV, 1976, p. 6).

Volóchinov traz em seus escritos uma discussão e situação objetiva para elucidar aos potenciais leitores/interlocutores o quanto um contexto extraverbal é necessário para que o enunciado seja compreensível na cadeia comunicativa. Ele descreve uma conversa cotidiana de dois interlocutores em um espaço, tempo e cultura compartilhados: “Duas pessoas estão sentadas numa sala. Estão ambas em silêncio. Então, uma delas diz “Bem.” A outra não responde” (VOLÓCHINOV, 1976, p. 5). É uma situação que vista fora do contexto de produção, de circulação e de recepção é incongruente e sem sentido, dado que nada sabemos do contexto de criação e muito menos qual é o objeto de discussão desses sujeitos na comunicação.

Todavia, ao sabermos que a locução proferida revela a insatisfação de duas pessoas ao verem a neve cair pela janela e que o fim do inverno era um desejo recíproco, em decorrência dos fatores situacionais da comunicação, a locução faz seu papel de significar o enunciado em sua instância de unidade da comunicação. Os sujeitos partilhavam o espaço, a temporalidade e a sensação de insatisfação. Assim, a *totalidade* do enunciado só pode ser recuperada ao englobarmos a atmosfera viva de sua realização, já que o conjunto de fatores extralinguísticos/exteriores à língua é condição *sine qua non* do entendimento global do objeto da comunicação (VOLÓCHINOV, 1976).

Vemos, pois, que o enunciado concreto não se estabelece na vida e entre os parceiros do diálogo sem contexto, sem eco no passado, no presente, no futuro e sem objeto compartilhado, mas como ato do homem *no mundo e sobre o mundo*, sendo esses atos responsáveis, éticos e

ideológicos. Sendo assim, é no diálogo, na situação comunicativa, nas vivências sociais e culturais que o enunciado é criado e desempenha seu papel comunicativo, de modo a possibilitar que os participantes partilhem de uma mesma situação e ambiente real e configurem a essência dialógica da linguagem.

Nesse âmbito, na obra *Estética da Criação Verbal* podemos reiterar não somente a importância do contexto extraverbal de produção, de circulação e de recepção do enunciado para o Círculo de Bakhtin, mas ampliar nossos olhares para as particularidades que distinguem o enunciado (unidade da comunicação verbal) da oração e da frase (unidade da língua). Com isso, contribuímos para um entendimento dos contextos, das condições e das produções do enunciado em sua realidade de vida e interação social, não cometendo o erro de atrelarmos a noção de enunciado aos conceitos de oração e de palavra.

Para Bakhtin (2000), o enunciado apresenta algumas particularidades que condicionam e determinam sua realização. A primeira delas trata da alternância dos sujeitos falantes “que compõe o contexto do enunciado, transformando-o numa massa compacta rigorosamente circunscrita em relação aos outros enunciados vinculados a ele [...]” (BAKHTIN, 2000, p. 299). A particularidade de alternar as vozes dos indivíduos na trama enunciativa e propiciar um elo no discurso, ou seja, uma dialogização ininterrupta e múltipla que caracteriza a comunicação real e possibilita, na concepção bakhtiniana, a funcionalidade do enunciado, não é propriedade da oração/frase. Isso porque a máxima da relação dialógica, ato de suscitar e responder ao diálogo dos parceiros, é desprezada pelos estudiosos da unidade da língua.

A segunda particularidade que, de acordo com Bakhtin (2000), é interna ao processo de alternância dos indivíduos refere-se ao *acabamento do enunciado*, específico e composto de critérios singulares, que definem a sua aplicabilidade. Um dos critérios dessa particularidade é a condição/possibilidade dada ao interlocutor de responder ao enunciado do locutor que, ao final de seu enunciado, sinaliza para o destinatário o acabamento provisório de seu discurso, suscitando uma atitude responsiva desse integrante da comunicação. O autor russo destaca que “É necessário o acabamento para tornar possível uma reação ao enunciado. Não basta que o enunciado seja inteligível no nível da língua” (BAKHTIN, 2000, p. 299). Para que seja possível condicionar uma resposta dos interlocutores ao enunciado do locutor três pontos são exigidos: o tratamento/discussão do objeto em questão, o intuito/querer-dizer do locutor e as escolhas dos gêneros do discurso.

O tratamento minucioso do objeto, primeiro fator, apresenta uma variação em relação aos campos/esferas da atividade humana, dado que gêneros como ofício, mais estabilizados, revelam um acabamento mais absoluto do enunciado. Em oposição, os gêneros discursivos mais

criativos, menos estáveis, possuem um tratamento/acabamento do enunciado que aponta para um estilo individual. O segundo fator, o querer-dizer do locutor, independente da sua complexidade, é compreendido pelo interlocutor que, além de inteligível no âmbito do sentido, depreende o tom final do enunciado (o “*dixi*” do locutor).

O último fator refere-se aos gêneros do discurso, ou seja, a seleção da forma discursiva por parte do locutor para a produção do seu enunciado, sendo tal escolha pautada na particularidade de uma esfera da atividade humana, da tônica do assunto, das relações dos sujeitos falantes, do contexto, entre outros aspectos.

A terceira particularidade que compõe o enunciado e potencializa a sua diferença no que se refere à oração/palavra, segundo Bakhtin (2000), é a relação do enunciado com o próprio locutor e os outros falantes do discurso. Para a possível execução do objeto do sentido, o locutor, em sua instância de produtor do enunciado, deve escolher os recursos linguísticos, o gênero do discurso e a esfera da atividade apropriados para que o projeto de dizer se realize. Ao mesmo tempo, o estilo e a forma composicional também são partes determinantes para a construção e completude do enunciado, sendo uma fase primária dessa unidade da comunicação. Já a segunda fase é caracterizada pela *expressividade* daquele que enuncia, ou seja, a qualidade ou a maneira como o objeto é arquitetado/valorado no discurso do locutor.

Tais elementos caracterizam o enunciado e possibilitam o seu *todo* na cadeia comunicativa. Para Bakhtin (2000), portanto, a língua opera com enunciados orais e escritos, de modo que retrata as condições e as intenções de cada uma das esferas/campos da atividade humana (política, jornalística, educacional etc.), que desenvolve seus tipos *relativamente estáveis de enunciados*, sendo designados de gêneros do discurso e definidos pelas relações dialógica entre locutor e interlocutor.

O enunciado é um fenômeno complexo, polimorfo, desde que o analisemos não mais isoladamente, mas em sua relação com o autor (o locutor) e enquanto elo na cadeia da comunicação verbal, em sua relação com os outros enunciados (uma relação que não se costuma procurar no plano verbal, estilístico-composicional, mas no plano do objeto do sentido) (BAKHTIN, 2000, p. 318-319).

Recorremos ao livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* para discorrermos sobre o fato de que o enunciado é essencialmente social e ideológico. Nessa obra, há um embate realizado por Volóchinov acerca de duas tendências teóricas que estavam vigentes no contexto científico-filosófico do começo do século XX, o *subjetivismo idealista* e o *objetivismo abstrato*. Para o teórico, a concepção individualista e imaterial mostra-se equivocada, pois “o enunciado humano

mais primitivo, pronunciado por um organismo, é organizado fora dele do ponto de vista do seu conteúdo, sentido e significação: nas condições extraorgânicas do meio social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216).

A coletividade social é condição *sine qua non* para a criação e o desenvolvimento do enunciado nas esferas/campos de atividade humana. Dessa maneira, dar credibilidade ao individualismo e aos aspectos psicológicos do homem não condiz com a proposta de Volóchinov, pois são nas/pelas interações e no *fluxo social* da vida que os enunciados acontecem. É uma construção de fora (do social) para dentro (individual) e não o contrário, dado que são as ações do outro, da sociedade, do que rodeia e dos limites e expansão do entorno que permitem a construção do enunciado e do posicionamento ideológico do homem como um sujeito coletivo e pertencente ao movimento contínuo da vida e das suas transformações sociais e culturais.

O enunciado exterior atualizado é uma ilha que se ergue do oceano infinito do discurso interior; o tamanho e as formas dessa ilha são determinados pela *situação* do enunciado e pelo seu *auditório*. A situação e o auditório forçam o discurso interior atualizar-se em uma expressão exterior determinada e diretamente inserida no contexto cotidiano não enunciado, que é completado pela ação, ato ou resposta verbal dos outros participantes do enunciado (VOLÓCHINOV, 2017, p. 221, grifo do autor).

A concepção de interiorização e do psiquismo por parte dos *subjetivistas* e *objetivistas*—que prezam, respectivamente, pela subjetividade e pela consciência dos sujeitos, renegando o papel social e ideológico do enunciado concreto de forma a priorizar o caráter monológico—foi constantemente rebatida pelo Círculo de Bakhtin. Para seus membros, a essência e funcionalidade do enunciado são intrínsecas ao meio social, aos parceiros e aos valores éticos e morais da vida. O homem constrói seus enunciados ancorado na sua vivência, no outro e no que o meio fornece para sua formação como ser racional, pensante e capaz de processar o seu entorno, constituindo-se dele e para ele.

Nesse âmbito, e tendo discutido a gênese do enunciado, ampliamos a discussão para a sua *dimensão verbo-visual* (BRAIT, 2013), fundamentada na epistemologia bakhtiniana, a fim de legitimarmos a importância dada pelo Círculo de entender/estudar a linguagem e seu funcionamento social e real além do linguístico. Em nossa pesquisa são utilizados como *corpus*, como já exposto, os comentários das comissões examinadoras dos vestibulares da UNICAMP e da UEL, a grade de correção da UFPR e videoaulas de produção de texto no *YouTube*. Portanto, trata-se de um estudo da *dimensão não somente verbal dos enunciados*.

No caso das videoaulas, toda a significação dos enunciados é caracterizada pela

confluência da fala, dos gestos, dos sons, dos textos e das imagens fornecidas pelas professoras no momento da explicação do conteúdo. A linguagem e a ideologia do educador são ancoradas não apenas no âmbito verbal, mas na vestimenta, na forma como as professoras se portam frente à câmera, no tom de voz, no registro da língua, no tempo e espaço da aula, no conteúdo abordado, na relação construída com os alunos etc. Todas essas manifestações de linguagem permitem a compreensão dos discursos e compõem o cenário educativo proposto pelos educadores para o ensino/aprendizagem de redação.

Diante disso, constatamos a importância do estudo do Círculo de Bakhtin para além do linguístico e a sua preocupação em desenvolver o entendimento da linguagem como uma relação dialógica entre os sujeitos falantes. Podemos observar em obras como o *Marxismo e filosofia da linguagem* e a *Estética da Criação Verbal* discussões sobre a visualidade e a verbovisualidade, ambas pertinentes a esta pesquisa. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, o debate a respeito do signo ideológico ratifica a importância da linguagem não-verbal no estudo da interação discursiva. O signo, segundo Volóchinov (2017, p. 94), “é um fenômeno do mundo externo”, sendo, por sua vez, concebido e compreendido em sua relação com os outros signos, com outras imagens, sons e formas, em uma cadeia ininterrupta de criações ideológicas.

Desse modo, “todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados, nem separados dele por completo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 101). Segundo o autor, isso não quer dizer que a palavra, por si só, apresenta propriedade para significar sozinha e adequadamente os signos ideológicos em sua totalidade. Pelo contrário, a representatividade de alguns elementos no e do mundo não é compreendida verbalmente, atenuando a natureza visual, verbal e sonora dos signos. Na voz de Volóchinov:

Por princípio, uma palavra não pode transmitir adequadamente uma obra musical ou uma imagem da pintura. Um rito religioso não pode ser totalmente substituído pela palavra, tampouco há uma substituição verbal adequada para o mais simples dos gestos do cotidiano (*Ibidem*, 2017, p. 101).

Nesse mesmo sentido, outras obras do Círculo discutiram o caráter visual de determinados enunciados na trama enunciativa. É o caso de *Estética da criação verbal* e de *Para uma filosofia do ato responsável*, destacando estudos acerca das artes plásticas, da musicalidade, dos gestos etc. Além disso, o visual, o verbal e o verbo-visual ganharam destaques em pesquisas brasileiras, dado que estudiosas como Brait (2009), (2010), (2011), (2012), (2013) e Grillo (2012) difundiram tais concepções em seus estudos para legitimar a significação dos textos,

enunciados e discursos em diálogo. Brait (2013) expande e discute o verbo-visual para uma interpretação e leitura de enunciados em tensão, ou seja, em embates/forças ideológicos. A autora reitera que tal dimensão pode ser vista além das artes e em graus diferentes de expressão. Em outras palavras, os enunciados podem demonstrar mais do visual do que o verbal e vice-versa, as diferentes linguagens produzindo sentido num todo significativo.

Brait (2013) refere-se à confluência da imagem e do linguístico para a inteligibilidade do enunciado posto em diálogo. Para isso, faz menção à conhecida obra de René Magritte em que se representa um cachimbo com a inscrição em francês: “Isto não é um cachimbo”. Segundo ela, o efeito de sentido só é atingido porque tanto o linguístico quanto o visual estão interligados, sendo ambos imprescindíveis para que se atinja o ápice da ironia e da polêmica reverberada no quadro. Do mesmo modo, são as videoaulas do nosso *corpus*; é somente com o enlace do visual, do verbal e, o nosso caso, do sonoro que se dá a totalidade do sentido e a configuração da exegese do enunciado. Brait (2013) traz uma discussão sobre o âmbito verbal e visual dos enunciados pelo viés bakhtiniano, atestando sua importância para o estudo de gêneros do discurso. De acordo com ela:

[...] não se pode ater à ideia simples e redutora de que o gênero comporta forma de composição, estilo e tema, mas implica, necessariamente em diferenças textuais e discursivas, a hipótese sobre a importância da verbovisualidade. Nessa percepção, o elemento visual articula-se com o verbal de várias formas de acordo com cada enunciado, interferindo na forma de composição, no estilo e, conseqüentemente, nos temas textuais que são produzidos (BRAIT, 2013, p. 63).

Mais adiante, Brait pontua a diferença entre o gênero artigo de divulgação e o gênero artigo científico, destacando como o público, o assunto, a esfera de atividade e a materialidade influenciam na dimensão verbo-visual dos enunciados. No nosso *corpus*, dispomos de dois gêneros discursivos distintos: o gênero comentário e o gênero videoaula youtubiana (Mussio, 2016). O primeiro, os comentários dos avaliadores e a grade de correção, situa-se na confluência entre a esfera de avaliação e a didático-pedagógica, em contexto avaliativo de prova de vestibular. O segundo, videoaula youtubiana, pertence à esfera didático-pedagógica. Os enunciados desses gêneros do discurso, tendo em vista o suporte no qual estão materializados e inseridos e sua forma de produção e circulação, produzem sentido de formas diferentes.

Nos comentários das provas, temos enunciados verbo-visuais. O linguístico (verbal) aparece na análise dos elementos que tornaram a produção textual “acima da média” – a coerência, a coesão, as expressões utilizadas, a interlocução marcada ou não, entre outros. O aspecto visual do enunciado pode, por sua vez, ser observado na imagem do texto produzido

pelo vestibulando e publicado na página da instituição, seguido do comentário dos avaliadores.

Em relação ao gênero videoaula youtubiana, compreendemos que os internautas/alunos estão diante de enunciados que integram o verbal, o sonoro e o visual. A produção de sentido se dá pelo conteúdo verbal das aulas, mas também tom de voz, pela imagem da educadora, seus gestos e modo de se mover, pelos recursos visuais e estratégias de explicação utilizados por ela.

Nesse gênero, o ler, o olhar e o ouvir se fundem e constituem o todo de sentido e os efeitos de sentido do enunciado no jogo dialógico. Diante disso, constatamos a importância do estudo do Círculo para além do linguístico, afinal, outras linguagens, concomitantemente, influenciam na alteridade, na subjetividade, ou seja, no agir e no pensar dos homens, instaurando uma compreensão responsiva ativa do mundo social e interacional.

3.3. Gênero do discurso e esfera de atividade humana

Os estudos realizados a respeito da noção de gênero do discurso proposto por Mikhail Bakhtin (2000) ganharam cada vez mais ressonâncias na esfera avaliativa e escolar, sobretudo, quando foram implementadas, no Brasil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio pelo Governo Federal. Nessa seção, dedicamos o espaço para abordarmos a sua atualização em documentos oficiais, como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997; 2000). Tal conceito, presente na obra do círculo (destacamos aqui o conhecido ensaio *Os gêneros do Discurso*), revela que a estruturação dos enunciados concretos realizados pelos sujeitos falantes acontece exclusivamente na forma de gêneros do discurso.

Para Bakhtin, no ensaio citado, como explanado nas últimas páginas, a utilização da língua se dá por meio de enunciados orais e escritos, retratando as condições e as intenções de cada uma das esferas de atividade humana. Nessa perspectiva, os enunciados não são conceituados somente por seu conteúdo temático e estilo verbal, mas também pela construção composicional. Esses três componentes, imbricados, condicionam a efetivação (o todo) do enunciado e sua natureza no contexto de circulação social, dado que cada um desses elementos se desenvolve de acordo com a intenção/relação do locutor e interlocutor, o lugar e a especificidade dos discursos.

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado (BAKHTIN, 2000, p. 301).

Em relação ao caráter heterogêneo do discurso, o filósofo russo afirma que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 280). Tais gêneros discursivos detêm um formato específico e parcialmente estável, pois a dinâmica dos enunciados não permite a afirmação de um imutável padrão para os enunciados, principalmente, porque estão em contínua atualização. Há uma certa estabilidade, uma padronização na forma, embora não uma completa fixidez, uma vez que os discursos são ajustáveis conforme as necessidades dos interlocutores nas relações sociais e dialógicas.

Outra característica dos gêneros do discurso pontuada por Bakhtin (2000) é o seu caráter heterogêneo, ou seja, a sua infinidade e a sua complexidade na trama enunciativa. Eles podem ser de natureza científica, literária, oficial etc., dispondo de uma gama e funcionalidade ilimitadas na dinâmica da sociedade. O teórico sinaliza que:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Essa riqueza e variedade dos gêneros, por sua vez, possibilita um grande conjunto de gêneros do discurso, mas, segundo Machado (2005), o filósofo russo não pretendeu fazer uma *classificação das espécies* ou, na nossa concepção, delimitar os tipos de gêneros existentes no campo da linguagem. Antes disso, a intenção foi pensar o diálogo no processo de comunicação. Isso significa que o enunciado dialógico é determinado pela esfera de circulação da língua, e que a sua estrutura deriva dessa relação interativa dos sujeitos por meio da palavra. Os gêneros do discurso, portanto, se fundem e nascem sempre na dinâmica da troca e da interação, nessa heterogeneidade, infinita e plural condicionada pela esfera de atividade humana.

Machado (2005) enfatiza o caráter inovador dos estudos de Bakhtin e o Círculo, visto que os pensadores discutiam especificamente os gêneros poéticos e os gêneros retóricos, os ditos mais cultos e estabilizados. Nesse sentido, Bakhtin (2000) inovou e expandiu as discussões ao pensar nos gêneros prosaicos, de modo a estudar uma dimensão plural da linguagem, considerada menos elevada e mais vulgar na prática social. Segundo Machado (2005, p. 153), “os gêneros da prosa são, sobretudo, contaminações de formas pluriestilísticas: paródia, estilização, linguagem carnalizada, heteroglossia”.

Essas características revelam o intento do filósofo de discutir a variedade linguística, o seu processo de constituição interacional e cultural por meio do trabalho com os gêneros prosaicos.

Para Mikhail Bakhtin a prosificação da cultura letrada pode ser considerada um processo altamente transgressor, de desestabilização de uma ordem cultural que parecia inabalável. Trata-se da instauração de um campo de luta, da arena discursiva onde é possível se discutir ideias e construir pontos de vista sobre o mundo, inclusive com códigos culturais emergentes. Bakhtin alcançou essa outra dimensão da cultura letrada, não analisando o seu impacto sobre a cultura oral, nem polarizando tradições, mas examinando a insurreição de uma forma dentro da outra, no mais autêntico processo dialógico. Nela os discursos e processos de transmissão das mensagens se deixam contaminar, permitindo o surgimento dos híbridos (MACHADO, 2005, p. 155).

Nesse sentido, os gêneros discursivos são desenvolvidos no processo dialógico, de modo a serem afetados e se articularem uns com os outros no âmbito cultural e social. Em decorrência da diversidade dos gêneros discursivos, Bakhtin (2000) os divide em duas categorias: primários e secundários.

Os gêneros primários – simples – são aqueles de cunho cotidiano e usual, utilizados nos discursos verbais e nas relações sociais mais comuns: uma conversa no parque, no almoço de família, no restaurante, na fila do banco, no transporte público etc. Isto é, a comunicação diária dos falantes inseridos em uma determinada esfera de atividade humana e que se utilizam dos gêneros discursivos para construir seus enunciados. Ambos os gêneros (primário e secundário) são constituídos na interação verbal, mas o primário traz traços mais informais e simples.

Nessa acepção, os gêneros secundários são determinados como os mais complexos (documentos oficiais, obras literárias, discussões científicas etc); de acordo com Bakhtin (2000, p. 281), são as formas enunciativas que “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica”. Ainda quanto à estruturação dos gêneros do discurso, destacamos a absorção e modificação ocorrida quando da incorporação e imbricamentos do gênero secundário em relação ao gênero primário, visto que tal integração gera uma alteração no que se refere à realidade discursiva, pois os gêneros primários “perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios” (BAKHTIN, 2000, p. 281).

A interdependência dos gêneros primários e dos gêneros secundários possibilita, na concepção bakhtiniana, uma melhor compreensão da natureza dos enunciados, de modo que é por meio dessa dinâmica e definição que a essência do enunciado pode ser validada

(BAKHTIN, 2000). Nesse contexto, vale destacarmos a discussão contida em um artigo de Grillo (2008), no qual a autora apresenta quatro dimensões consideradas fundamentais para a noção de gênero primário e secundário.

[...] as alternativas metodológicas do círculo à abordagem dos formalistas, o enriquecimento que a análise integrada das esferas ideológicas e cotidianas pode trazer para a teoria dos gêneros, a ampliação dos resultados das pesquisas de Bakhtin sobre o romance e, por fim, a natureza dialógica de todos os gêneros. As duas primeiras dimensões decorrem do diálogo do círculo de Bakhtin com correntes de pensamento importantes na Rússia da época: o formalismo, o marxismo e a filosofia da vida. As duas últimas são engendradas pelo desenvolvimento da teoria dialógica do círculo (GRILLO, 2008, p. 57-58).

No que se refere à primeira dimensão, Grillo (2008) pontua que para Bakhtin e o Círculo a repulsa dos formalistas, no âmbito da poética, acerca da estética da arte e do afastamento em relação as produções culturais promove uma superficialidade no estudo da literatura. A autora ainda ressalta que, segundo o teórico, o conhecimento da obra de arte deveria ser condicionado por intermédio de outras criações e esferas ideológicas, não restringindo a uma dimensão prática da linguagem. O filósofo propõe para o estudo das obras uma dimensão cultural, social e plural, levando “por um lado, a consideração dos diversos domínios artísticos (literatura, música, artes plásticas etc.) no âmbito de uma estética geral e, por outro, a comparação da arte com as demais esferas da cultura, como meio de encontrar seus traços característicos” (GRILLO, 2008, p. 59).

A pesquisadora fundamenta sua discussão na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*. Nessa obra, Grillo (2008) discute a diferenciação dos gêneros primários e secundários apoiada na psicologia social e nos sistemas ideológicos, mais especialmente, retratando a teoria de Plekhânov citada pelo autor, de modo a pensar na relação entre a base e a superestrutura. Podemos observar como o Círculo, alicerçado na vertente marxista, já pensava nas relações sociais e tinha uma consciência social por tratar da forma do enunciado, sobretudo, perscrutado por concepções de mundo, organização social e interação do homem em sociedade. Evidenciamos as influências recebidas pelo Círculo a respeito da divisão dos gêneros, ao pensar a psicologia social, a partir do revolucionário e teórico Plekhânov:

O teórico marxista compreende a psicologia social enquanto a visão ou concepção de mundo dos diferentes grupos sociais em luta. Ela está localizada logo acima do regime sociopolítico, o qual, por sua vez, está edificado sobre uma “base” econômica dada. Essa proximidade é responsável pela suscetibilidade da concepção de mundo dos diferentes grupos sociais à infra-estrutura e ao primeiro nível ideológico (a organização sociopolítica) (GRILLO, 2008, p. 61).

Grillo (2008, p. 63) reitera:

A importância da relação entre os gêneros primários e os gêneros secundários, enfatizada por Bakhtin no texto dos anos 50, deve-se, pois, ao fato de que um dos projetos do círculo foi o de reler a teoria da superestrutura marxista, no que diz respeito à mobilidade das ideologias constituídas, operadas pela influência da ideologia do cotidiano ou psicologia social. Bakhtin/Volochinov propõe que as esferas ideológicas (arte, ciência, religião etc.) se formam a partir da ideologia do cotidiano, que, por sua vez, é influenciada pelas ideologias em sentido estrito.

A pesquisadora também assinala que foi possível encontrar indícios em relação à teoria de Bukharin no que se refere à concepção de psicologia social. O autor faz uma segmentação da superestrutura em uma vertente da psicologia social e a outra da ideologia do cotidiano, constando a sua distinção na aplicabilidade dos sistemas ideológicos constituídos (GRILLO, 2008). Observamos que a distinção dos gêneros primários e dos gêneros secundários apontada nas pesquisas da linguagem indica uma base marxista, com diferenças em relação ao pensamento dos marxistas, como aponta Grillo (2008). Para o Círculo, portanto, a manutenção e a incorporação dos produtos culturais são de relevância para o estudo dos sistemas ideológicos constituídos, dado que para os marxistas a importância reincidiu apenas no nascimento desses produtos.

Em tal caso, podemos notar a preocupação e a visão abrangente do Círculo ao discutir, diferentemente do que estava em voga na época, como esses produtos culturais devem significar e permanecer ideologicamente na dinâmica social, visto que “as produções culturais da arte, da ciência, da filosofia, etc., só se realizam plenamente e ganham vida se forem incorporadas pelo conjunto da cultura presentificada na ideologia do cotidiano” (GRILLO, 2008, p. 64).

A terceira dimensão retrata por Grillo (2008) recai sobre a profunda pesquisa em relação ao romance realizada pelo Círculo, tendo em vista que foi a partir da forma literária e da sua heterogeneidade que os estudiosos dividiram os gêneros em duas vertentes. A autora destaca, ainda, que os estudiosos ao pesquisar as características do romance o fizeram por meio de sua historicidade e variedade temático-composicional, utilizando para isso a noção de cronotopo na análise da obra de Rabelais. Com tal análise, portanto, puderam denotar uma interligação entre as esferas literárias e as esferas populares, de modo que já apontavam para a ideia de duas formas discursivas presentes na sociedade, ou seja, os gêneros populares e os gêneros literários (GRILLO, 2008).

A quarta dimensão, já pontuada anteriormente, trata da concepção de dialogismo desenvolvida por Bakhtin e o Círculo, de modo que com o imbricamento das duas formas em que uma delas, em tal caso o gênero primário, se configura, sobretudo, pela réplica do diálogo,

quando incorporada pelo gênero secundário leva a marca dialógica (GRILLO, 2008). Da mesma maneira, para os filósofos russos, o enunciado/discurso é constituído da interação e da dialogização dos parceiros numa dada esfera de comunicação “seja num diálogo cotidiano, seja num gênero secundário” (MACHADO, 2005, p.157).

Ao longo da seção discutimos a concepção de gênero do discurso vinculada à noção de esfera/campo de atividade. Tais formas e estruturas dos gêneros do discurso são influenciadas pelas esferas de atividade, constituindo elementos basilares da construção reflexiva bakhtiniana para a formação dos enunciados na dinâmica viva da comunicação. Diante disso, propomos trazer também tal conceituação a partir das pesquisas de Pierre Bourdieu sobre campo. Os estudos de Grillo (2006) em relação ao conceito de esfera/campo são igualmente consultados, sobretudo pela sua análise referente à comunicação social. Em seus escritos, constatamos que o conceito de esfera/campo tem origens sociais e ideológicas, de modo a contribuir para a funcionalidade do enunciado na relação dialógica.

Para Grillo (2008), o fio comum entre Bakhtin e Bourdieu consiste na busca por compreender as produções ideológicas (social, política, econômica), tendo em vista que suas diretrizes não são condicionadas, exclusivamente, pelo interior do campo, mas, também, pelo seu exterior. Além disso, ambos os pensadores postularam que o campo, sendo um espaço, possui a potencialidade de mudar e de moldar, de acordo com sua função específica, o exterior. Fazem isso na tentativa de “escapar à visão de que os produtos ideológicos refletem diretamente as transformações políticas, sociais e econômicas, tirando-lhes a autonomia social e também, na visão bakhtiniana, semiótica” (GRILLO, 2006, p. 148). Nas palavras de Volóchinov:

No interior do próprio campo dos signos, isto é, no interior da esfera ideológica, há profundas diferenças, pois fazem parte dela a imagem artística, o símbolo religioso, a fórmula científica, a norma jurídica e assim por diante. Cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e refrata a seu modo (*Ibidem*, 2017, p. 94).

Os signos ideológicos são formados da interação discursiva e “ao realizar-se no processo da comunicação social, todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é determinado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110), uma vez que o reflexo e a realidade material das esferas de atividade determinam sua singularidade no espaço. O conceito de campo/esfera, por sua vez, é compreendido como “um espaço de refração que condiciona a relação enunciado objeto do sentido, enunciado/enunciado, enunciado/co-enunciadores” (GRILLO, 2006, p. 147). Outro aspecto relevante é a relação do objeto com o

âmbito socioeconômico do grupo social do qual ele é engendrado, conferindo-lhe um caráter ideológico.

Para que um objeto, independentemente do tipo da sua realidade, entre no horizonte social de um grupo e provoque uma relação ideológica sígnica, é necessário que ele esteja relacionado com as premissas socioeconômicas essenciais da existência desse grupo; é necessário que, de algum modo, ele toque, mesmo que parcialmente, as bases da existência material desse grupo (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110-111).

Além disso, cada esfera apresenta traços de outras esferas e dialoga com os enunciados proferidos, polemizados e refutados nesse espaço, de modo que os discursos materializados em uma dada esfera são incorporados e ressignificados, constituindo a gênese dialógica e social do estudo da linguagem para o Círculo. Nesta pesquisa, podemos dizer que a esfera de avaliação que materializa o gênero comentário e a grade de correção das bancas avaliadoras traz ecos dos discursos realizados na esfera didático-pedagógica por meio do gênero videoaulas youtubianas em relação à concepção de “bom texto”.

Bakhtin (2000) argumenta, nesse sentido, sobre a posição da réplica, que deve ser cotejada com outros posicionamentos, ou seja, as concepções sociais e históricas dos sujeitos são formadas na relação com outras. Em suas palavras, “não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições. É por esta razão que o enunciado é repleto de reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal” (*Ibidem*, 2000, p. 316). Essa ideia também pode ser evidenciada na definição de campo de Pierre Bourdieu, que o compreende como posições sistematicamente organizadas, sendo gerado em um espaço de embate, em que os agentes dispõem de relações de coerção:

[...] a relação com o *habitus*, ou seja, as disposições incorporadas sob a forma de modos de agir, preferências, gostos, capacidade de compreensão das regras do jogo, etc.; o capital simbólico, decorrente da posição ocupada no campo e do conseqüente reconhecimento pelos pares; o capital econômico, proveniente sobretudo da herança e da renda; e as possibilidades e as impossibilidades oferecidas por um campo aos seus agentes, segundo as disposições por eles incorporadas (GRILLO, 2008, p. 149).

Compreendemos, nesse sentido, que Bourdieu postula a concepção de que os indivíduos absorvem do exterior e do contexto extraverbal as suas condições e formas para significar e se caracterizar como sujeitos de um dado campo social. Desse modo, são as especificações do campo, isto é, a herança, a relação dos pares e as conjunturas sociais e econômicas que ditam a constituição e a incorporação do indivíduo como pertencente a determinado campo. Com isso, o conceito de esfera/campo, desenvolvidos por Bakhtin e Bourdieu, apresenta denominador

comum, tendo em vista que ambos partem da ideia de que é no espaço social e interacional que os enunciados/agentes estruturam e condicionam suas formas de significação.

Por esse viés, podemos pensar no nosso *corpus*, composto de gêneros distintos e que são formados em esferas de atividade divergentes. Partimos da premissa de que os gêneros discursivos são condicionados por fatores específicos da esfera/campo na qual/no qual estão inseridos, de modo a significarem ou ressignificarem o discurso, no caso da pesquisa em voga, sobre o ensino/aprendizagem de produção textual no Ensino Médio. A pertinência do conceito incide nesse interesse de analisarmos como tais gêneros – comentários, grade e videoaulas youtubianas –, inscritos em esferas diferentes, dialogam acerca do discurso da “boa” textualidade.

3.4. Ideologia

Um outro conceito relevante para nossa pesquisa é a noção de ideologia. Para entendermos a concepção de ideologia proposta por Bakhtin e o seu Círculo, vale destacarmos que o estopim para o desenvolvimento desse estudo, segundo Miotello (2005), é o de que os marxistas tratavam o conceito de forma mecanicista e não tinham encontrado um lugar efetivo para o problema da ideologia. Para mais, o Círculo queria digladiar a ideia minimalista de que os enigmas da ideologia eram em um momento fruto da consciência ou em outro momento que já estavam prontos na natureza (*Ibidem*, 2005).

Para o Círculo, a ideia de interação entre os indivíduos é essencial para compreendermos o postulado e o desenvolvimento da concepção de ideologia, pois, segundo Volóchinov (2017), a consciência é formada por meio da comunicação social entre indivíduos coletivamente organizados. Com essa noção, o autor rebate as análises feitas pelos idealistas e positivistas que reduziram a ideologia aos planos da consciência, sem levar em consideração a interação. Volóchinov (2017) pontua que “um signo só pode surgir em um *território interindividual*, que não remete à “natureza” no sentido literal dessa palavra” (p. 96). Para o teórico, tudo o que é de caráter ideológico apresenta um sentido, ou seja, tem significado/valor/apreço, de modo a simbolizar e substituir algo fora dele - sendo definido como signo. Desta forma, é na relação e interação com o *outro*, ou melhor, com a consciência do outro, que o signo adquire propriedade para significar. Segundo Volóchinov,

[...] o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais. E a própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social (VOLÓCHINOV, 2017, p.

95).

Nesse sentido, os produtos de consumo, os instrumentos de produção e os objetos sociais são transformados em signos ideológicos, refratando e refletindo as inúmeras realidades existentes. Um exemplo muito ecoado para ilustrarmos esse fenômeno é a simbologia dada ao pão e ao vinho, isto é, ambos simbolizam, no sacramento cristão, o corpo e o sangue de Jesus Cristo. Tais produtos isolados podem não possuir essa simbologia específica no mundo externo; sua conversão em determinados signos ideológicos está condicionada à representação religiosa da doutrina cristã. O signo transcende sua significação e existência particular, ressignificando, distorcendo e significando a sua realidade (VOLÓCHINOV, 2017).

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação sógnica, determinadas diretamente por todo o conjunto de leis socioeconômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura colocada diretamente sobre a base econômica. A consciência individual não é a arquitetura da superestrutura ideológica, mas apenas sua inquilina alojada no edifício social dos signos ideológicos (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98).

Tendo isso em vista, Volóchinov (2017) ressalta que é somente na palavra, na imagem ou no gesto significante, por exemplo, que a consciência pode alojar-se. Ou seja, o signo é parte material da realidade, sendo corporificado em diversos objetos. Com isso, destacamos a palavra, signo por excelência, como primordial para a comunicação entre os pares, dado que é na relação dos sujeitos por meio do enunciado materializado nos gêneros do discurso, em uma dada esfera de atividade, que os signos ideológicos são constituídos. A palavra, em sua gênese, é o meio ou material pelo qual a comunicação social torna-se inteligível e dotada de significação absoluta, tendo como atribuição a representação da realidade por meio dos signos ideológicos. Assim, “a significação, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a clareza excepcional da sua estrutura sógnica já seriam suficientes para colocá-la no primeiro plano da ciência das ideologias” (VOLOCHINÓV, 2017, p. 99).

Além disso, expandindo a dimensão da palavra para além de sua função representativa podemos discorrer sobre o seu caráter de neutralidade, representando, por assim dizer, um *signo neutro*. De acordo com Volóchinov (2017), a palavra, diferente de outros materiais de ordem sógnica, não é especializada em campos específicos da criação ideológica. Para ele, os campos dispõem de materiais ideológicos particulares e também criam signos e símbolos característicos de dado campo, podendo ser difundido para os demais campos. Isso propicia a compreensão da neutralidade da palavra, tendo em vista que os demais materiais sógnicos são formados por uma função ideológica específica, ou seja, função que não compete à palavra, pois ela pode assumir

inúmeras funções ideológicas, sem restrição, desde a científica até a religiosa.

Segundo Volóchinov (2017), a palavra é o material/meio mais usado na comunicação cotidiana, pois é um diálogo mais informal, coloquial e presente nas conversas diárias entre os indivíduos em uma dada esfera social. O estudo dessa comunicação cotidiana pelos teóricos russos desencadeou uma análise mais profunda do que vinha sendo discutido pelos marxistas sobre a ideia de ideologia, visto que eles difundiam, segundo Miotello (2005), uma concepção de que a ideologia era uma “falsa consciência”. Essa ideologia oficial criada pelas forças dominantes renegava a realidade concreta e a presença de uma estratificação social, de modo a ditarem as regras e postularem como superiores convicções políticas, econômicas e sociais, sem perder o domínio e a ordem.

Miotello (2005) destaca que esse postulado não foi aceito integralmente pelos teóricos russos que desenvolveram um estudo acerca da ideologia do cotidiano. Em seus escritos, discorreram sobre ambas ideologias, de modo que, concomitantemente, para eles, formariam o contexto ideológico de produção e reprodução social. Segundo Miotello (2005):

De um lado, a ideologia oficial, como estrutura ou conteúdo, relativamente estável; de outro, a ideologia do cotidiano, como acontecimento, relativamente instável; e ambas formando o contexto ideológico completo e único, em relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção e reprodução social. De um lado é possível, por exemplo, ouvir alguém dizer em um ponto de ônibus: “Cara, estou desempregado há seis meses”; de outro, os meios de comunicação afirmando: “Aprovação do presidente cai mais dez pontos” ou “ Todos os indicadores econômicos apresentam melhora no semestre”; e compreender essas afirmações em relação dialética, não em relação causal (*Ibidem*, 2005, p. 169).

No exemplo citado por Miotello, estamos diante de duas ideologias com movimentos lógicos díspares; uma parcialmente estável e a outra parcialmente instável. Ambas funcionam de maneira a convergir e divergir no mundo dos signos em uma relação especificamente dialética. Esse processo dialético ocorre por meio da palavra, signo verbal, dado que o movimento acontece da base para a superestrutura. Segundo Miotello (2005), é na ideologia do cotidiano (base) que se origina os sistemas de referência. Vale destacarmos que, mesmo com essa dinâmica, a ideologia oficial num movimento contrário – de embate – procura reverter esse movimento e implantar suas regras e sistemas de modo dominante.

É a partir do imbricamento dessas duas ideologias no jogo dialético que se dinamizam as relações sociais em uma dada esfera de atividade humana, sendo essas ideologias compostas por fins e meios específicos para funcionarem. Nesse sentido, fica claro, por conseguinte, que “a superestrutura não existe a não ser em jogo e relação constante com a infraestrutura [...], e

essa relação é estabelecida e intermediada pelos signos e por sua capacidade de estar presente necessariamente em todas as relações sociais” (MIOTELLO, 2005, p. 171). As relações sociais, por sua vez, são construídas por meio da palavra e qualquer transição ou manutenção social é aferida, primeiramente, pela palavra. Desse modo, a palavra, como signo ideológico, é detentora da comunicação entre os sujeitos e o caminho pelo qual ocorrem os fios ideológicos e as mudanças sociais mais nítidas entre os grupos e as esferas.

As palavras, nesse sentido, funcionam como agente e memória social, pois uma mesma palavra figura em contextos diversamente orientados. E, já que, por sua ubiquidade, se banham de fios ideológicos, contraditórios entre si, pois frequentaram e se constituíram em todos os campos das relações e dos conflitos sociais. Dentre as palavras, em uma sociedade de classes, se dá discursivamente a luta de classes (MIOTELLO, 2005, p. 172).

Esse processo de atualização entre os enunciados em um campo social é pertinente para a nossa pesquisa, sobretudo, porque estudamos no discurso a noção do “bom texto” perpetuada no campo científico com as provas comentadas, a grade de correção e a ressignificação dessa concepção de texto na esfera didático-pedagógica em videoaulas na *internet*. Estamos diante de esferas de circulação que apresentam ideologias próprias e são formadas em gêneros discursivos com dimensões/produções de enunciados reais, únicos e com valores diferentes.

As palavras e os enunciados são os agentes que funcionam como mediadores das trocas – interações – e construções ideológicas na vida, marcando as posições, os valores e as relações de poder em contextos estruturados e organizados socialmente. Para discutir a proposta de interação verbal, os teóricos russos fazem uso da chamada psicologia social. De acordo com Plekhánov, “é um elo transitório entre regime sociopolítico e a ideologia em sentido estrito (ciência, arte etc.), materializa-se na realidade como uma *interação verbal*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106).

No nível mais inferior da ideologia do cotidiano tem importância o fator biográfico e biológico, e as reações do indivíduo ainda não são marcadas ideologicamente, pois as interações são extremamente superficiais e casuais. Mas, à medida que as interações vão se aprofundando e repetindo padrões, as enunciações se relacionam e se integram no sistema ideológico que vem se constituindo permanentemente naquele grupo; e nos estratos superiores da ideologia do cotidiano vão se apresentando os conteúdos sógnicos já passaram pela prova da expressão externa, e as representações, as palavras, as entonações e as enunciações vão revelando estar completamente integradas no sistema ideológico, realizadas pelo sistema social. O meio social envolve, então, por completo o indivíduo (MIOTELLO, 2005, p. 175).

Nesse meio social, o *outro* é fator determinante, pois é na interação que o signo verbal,

os gestos, as expressões corporais e outros meios de comunicação revelam o sistema ideológico que caracterizam os grupos sociais. Com isso, a comunicação (verbal ou não-verbal) desempenha o seu papel no contexto social e interacional, de modo a configurar a autêntica e verdadeira gênese da realidade. Sendo assim, entendemos que para a compreensão da concepção de ideologia alguns pontos foram destacados pelo teórico: “1) Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo; 2) Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social; 3) Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110).

Em vista disso, é evidente, pois, o caráter fundamental que o aspecto social possui na teoria bakhtiniana para a construção de uma dada esfera. Para os filósofos, o signo ideológico constrói sua forma e caracteriza-se nessa interação verbal com sujeitos falantes no âmbito e extrato social. O diálogo, o outro e o ambiente social são resolutivos para o processo de refração da realidade material condicionado pelo signo ideológico. Nessa premissa, também é relevante tratarmos do conteúdo do signo e o seu caráter valorativo, visto a necessidade de discorrermos não somente acerca da forma, mas em relação ao objeto em si e a avaliação dada pelos sujeitos na trama dialógica a determinada temática.

Na sociedade, de acordo com Volóchinov (2017), nem todos os objetos são valorados e recebem a mesma consideração; com isso, alguns objetos ganham atenção maior da sociedade, sendo exclusivos e de caráter limitado em comparação com outros. Essa parcela de objeto adquire uma forma sónica, conforme explica o teórico russo, sendo objeto da comunicação. O motivo incide no fato de que os objetos que não estão associados à condição socioeconômica de um grupo, por sua vez, não são valorados pela sociedade, visto a necessidade do objeto ao entrar em um grupo condicionar uma reação ideológica sónica (VOLÓCHINOV, 2017).

À vista disso, os objetos que entram em contato com a base material desse grupo são valorados e recebem uma atenção da sociedade; além disso, “é necessário que o objeto também obtenha uma significação interindividual, pois apenas assim ele poderá adquirir uma forma sónica” (VOLÓCHINOV, 2017, p.111). Portanto, para que um objeto conquise atenção de um grupo social e se configure ideologicamente, ele, necessariamente, precisa estar associado ao campo socioeconômico do grupo e os indivíduos devem estar em interação.

[...] todas as ênfases ideológicas, embora feitas por uma voz individual (por exemplo, na palavra) ou por qualquer organismo individual, são ênfases sociais, que pretendem o *reconhecimento social*, e apenas em prol desse reconhecimento são realizadas no exterior, no material ideológico (VOLÓCHINOV, 2017, p. 111).

A importância desse reconhecimento é dada pelo fato de que Volóchinov (2017) chamou tal reconhecimento de tema do signo; assim, constatamos que todo signo verbal comporta uma forma e um tema. Esse tema, conteúdo ideológico, é criado e recebe uma ênfase social, visto que é no seio da sociedade e na interação entre os pares que a ideologia se constitui em uma determinada esfera e grupo social. Vale pontuarmos ainda que “todas essas ênfases sociais dos temas ideológicos penetram também na consciência individual que, como sabemos, é totalmente ideológica” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 111). A forma e o tema do signo ideológico são inseparáveis e constituídos pelos mesmos materiais, de modo que são imprescindíveis para a criação da comunicação ideológica no contexto social e interacional.

Os enunciados dos comentários, das grades de correção e das videoaulas da nossa pesquisa são prechos de ideologias e são criados em contextos distintos e valorados no diálogo entre eles na trama discursiva, visto que os meios de produção e recepção são heterogêneos e essenciais para criação ideológica.

3.5 Tema e significação

As noções discutidas anteriormente são indispensáveis para a compreensão da enunciação e o seu funcionamento na trama discursiva. A interligação entre ideologia, signo e tema é, pois, imprescindível para a plenitude do enunciado. Assim, o tema é definido, por Volóchinov (2017), como “o sentido da totalidade do enunciado”, isto é, o conteúdo do enunciado. Nesse conteúdo está explícita a situação histórica concreta da qual foi criado o enunciado, como aponta o autor. Tal conceito dispõe de uma essência unitária e irreproduzível, uma vez que a situação de produção de um determinado enunciado condiciona o seu tema e, conseqüentemente, o sentido específico do discurso em dada situação.

Esse elemento do enunciado não possui uma definição pautada “apenas pelas formas linguísticas que o constituem – palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação –, mas também pelos aspectos extraverbais da situação” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228). Em síntese, o âmbito pragmático, o contexto de produção e a linguagem são partes fundamentais para a compreensão do enunciado na trama discursiva. Afinal, um enunciado que não é ancorado em seu aspecto extraverbal, por assim dizer, não se torna inteligível, pois não é somente a forma e a estrutura do enunciado um fator determinante. O discurso faz-se concreto com os gestos, os movimentos, o ambiente físico etc.

Em contrapartida, a significação é um elemento repetível e igual em todos os momentos de sua funcionalidade. Além disso, a significação “se decompõe em uma série de significações

em conformidade com os elementos linguísticos do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229) enquanto o tema é um elemento inseparável e único. A concepção de significação, conforme Volóchinov (2017), apresenta uma caracterização dicionarizada e estável do enunciado. Um exemplo é o enunciado “Que horas são?”. No que se refere à significação, esse enunciado não sofre mudanças: ela é sempre a mesma em qualquer situação de produção. Em oposição, o tema apresenta relação com a situação histórica e não figura o mesmo sentido, visto que é único e indivisível. Em síntese, “o tema é um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. [...], já a significação é um artefato técnico de realização do tema” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229).

Sendo assim, ambos os conceitos são relevantes para a nossa pesquisa, visto que queremos verificar, primeiramente, como a concepção de “bom texto” aparece nos comentários e na grade de correção das comissões avaliadoras; num segundo momento, analisarmos como esse tema, indivisível, é compreendido nas videoaulas de produção de texto. Uma vez que o sentido do tema (“bom texto”) não é o mesmo (por pressuposto teórico), somente a significação apresenta estabilidade.

Para exemplificar os conceitos, recorreremos ao exemplo de palavra usado por Cereja (2005): *companheiro*. Por meio dessa palavra, o autor elucida como os sentidos mudam ou são ressignificados a partir da situação histórica concreta de utilização de um termo. Essa é a nossa proposta para a ideia de “bom texto” difundida na esfera de avaliação e na esfera didático-pedagógica do nosso *corpus*. Para o autor, o uso da palavra *companheiro* foi bastante ecoado no discurso político-ideológico e seu sentido ganhou diversas atualizações⁷. Assim, para pontuar o tema e a significação da palavra *companheiro*, o primeiro passo do pesquisador é procurar os sentidos atribuídos à palavra em contexto em que há estabilidade de significação (dicionários, documentos, discurso científico etc). Já em relação ao tema, o autor ressalta que é preciso uma situação concreta de enunciação para que o sentido da palavra seja inteligível. Um exemplo de como uma dada palavra pode ser atualizada e ressignificada mediante contexto histórico é o termo “*companheiro*” em discursos de políticos de esquerda no Brasil.

Assim, há uma distinção do limite de superioridade e inferioridade de ambos os conceitos. Para Volóchinov (2017), o tema se enquadra no limite superior e a significação no limite inferior, pois é o tema que qualifica determinado termo e a significação é um elemento apenas potencial desse termo. O primeiro, o tema, significa mediante o contexto e o segundo, a

⁷ O texto de Cereja (2005) foi escrito na época do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, nesse sentido, há quatro décadas, como aponta o autor, a palavra foi muito utilizada nos enunciados políticos; sobretudo, na nossa visão, porque era a marca do presidente e os adeptos de seu governo.

significação, apresenta seu sentido no sistema da língua. Daí decorre a diferenciação dos limites de funcionalidade e de significação dos conceitos. Para o nosso estudo, o significar e o atualizar da ideia de “bom texto” mostra-se imprescindível para a compreensão da esfera, do interlocutor e da situação histórica de produção e recepção dessa imagem de texto almejado pelas bancas de correção e ensinada no atual cenário de ensino/aprendizagem em ambiente virtual.

Para o Círculo, o enunciado verbal ou não verbal na interação discursiva dispõe de um tema e uma significação que configuram o discurso escrito e oral dos sujeitos na vida social. É de significativa relevância para os nossos estudos, pois, a metodologia desenvolvida pelo Círculo, uma vez que aponta caminhos possíveis e pertinentes para a compreensão dos enunciados na contemporaneidade. Nesse sentido, nossa proposta é, entre outros procedimentos, analisar os múltiplos sentidos em cada situação de enunciação do sintagma “bom texto” e suas variações (“texto bom”, “texto adequado”, “texto de qualidade” etc) no contexto didático-pedagógico específico (ou seja, nosso interesse é investigar o *tema* que o sintagma e suas variantes possuem no contexto das aulas youtubianas).

O aspecto valorativo da palavra também é imprescindível para análise, uma vez que os signos são dotados de tema, significação e valoração social. A essa valoração social é acoplada a entonação expressiva que, segundo Volóchinov (2017), auxilia a palavra no seu grau de valoração. Desse modo, um mesmo signo pode ser dito com diversas entonações pelos sujeitos falantes que revelam suas avaliações e impressões quando na interação social, pois “todo enunciado é antes de tudo uma orientação *avaliativa*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 236, grifo do autor). Nesse caso, integram a palavra o seu tema, a sua significação e o seu caráter avaliativo, visto a necessidade de compreendermos o momento histórico e a função do enunciado nas relações dialógicas.

Discorreremos, nesta seção, acerca dos conceitos que sustentam a pesquisa e são base para as análises dos comentários, da grade de correção e das videoaulas. A partir disso, analisamos a seguir comentários das bancas avaliadoras a fim de observarmos o diálogo (ou não) entre as comissões.

4. ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS E DA GRADE DE CORREÇÃO

Para a análise que ora se propõe, abordamos o ato de enunciar dos exames vestibulares, no âmbito da esfera de avaliação, por meio do gênero comentário e da grade de correção. Os enunciados concretos, materialidades dos discursos, são publicizados com finalidades correspondentes, a saber, a de possibilitar uma transparência para os potenciais interlocutores no processo de correção das provas de redação. Para o Círculo de Bakhtin, cada enunciado emitido pressupõe o *outro* na trama discursiva. Assim sendo, os enunciados de tais comissões refletem e refratam especificidades e características discursivas que propiciam uma compreensão responsiva ativa dos interlocutores. Com o intuito de analisar essas características, fizemos um levantamento e análise dos discursos das universidades estudadas em nossa pesquisa em relação à imagem do “bom texto” esperado pelas comissões avaliadoras.

Nesta seção, focamos em apresentar, com base na perspectiva bakhtiniana, o ponto de encontro – diálogo – entre as bancas da UNICAMP, UEL e UFPR no que tange ao sentido do tema (“bom texto”) para essas bancas. Analisamos, assim, os comentários das bancas e a grade de correção, a fim de entendermos os sentidos produzidos, os valores e as ideologias presentes nos enunciados concretos, na cadeia discursiva, como reitera a proposta bakhtiniana. A esfera de avaliação composta pelos enunciados das comissões – repleta de ideologias – dialoga e até mesmo se atualiza entre as comissões, pois em uma mesma esfera de atividade as concepções ganham dimensões outras a depender do enfoque dado ao objeto de discussão.

Ressaltamos que a publicação dos comentários e da grade de correção pelas bancas, por sua vez, não podem ser entendidas e definidas levando em consideração a divulgação de um único texto em particular e uma grade fixa com os critérios de avaliação. Cada prova de produção textual requer da comissão avaliadora um estudo prévio de um conjunto de textos produzidos pelos candidatos no processo seletivo, com a finalidade de fixar ou flexibilizar os critérios estabelecidos pela banca.

O processo de correção parte do universo das produções textuais dos candidatos – o montante de textos previamente lidos e avaliados –, a fim de balizar os critérios e as atribuições de notas em cada aspecto cobrado no exame vestibular. A correção das comissões depende da resposta dos vestibulandos aos enunciados das propostas de redação, dado que são nessas relações dialógicas que os valores axiológicos, sociais e culturais são empregados.

O texto considerado “bom” e publicado, portanto, é aquele que conseguiu se destacar dentre as produções, aproximando-se dos parâmetros estabelecidos e ajustados no processo de correção, no contexto do total de produções textuais em determinado ano. A qualidade ou deficiência de tais textos, como ressalta a UEL/COPS, varia de ano para ano, de modo que a proposta, o público e os acordos das comissões são flexíveis e não estanques. Isso sem perdermos de vista, por exemplo, a base dos critérios de correção e as diretrizes impostas por essas bancas sobre a concepção de “bom texto”. Essa questão, no caso da UEL/COPS, é pontuada como um importante aspecto no material de redação, tornando mais visível e compreensível a dinâmica da banca corretora.

Figura 12 – Avaliação dos textos

É importante salientar que os textos produzidos pelos candidatos ao Vestibular da UEL apresentam uma variação de qualidade de um processo seletivo para o outro. Os textos que aqui serão analisados referem-se ao Vestibular 2017. A avaliação foi feita, assim, dentro do parâmetro apresentado pelos candidatos em tal processo seletivo.

De posse dos textos produzidos pelos candidatos, o grupo, composto de professores da Universidade, faz uma análise de aproximadamente 30 textos (ou redações) previamente selecionados pela Equipe Coordenadora a fim de definir, ano a ano, os parâmetros para a atribuição da pontuação. Periodicamente, durante cada dia de trabalho, a equipe passa por nova “calibração”.

Assim como ocorre com as questões discursivas, as redações são escaneadas e, posteriormente, agrupadas em envelopes. Esse procedimento serve também ao acompanhamento estatístico diário do desempenho da equipe corretora, feito pela Coordenação do processo. Antes de serem separadas, as provas têm o nome do candidato retirado e passam a ser identificadas por códigos de barras. Isso garante a lisura do processo, uma vez que os membros da equipe de correção não têm quaisquer mecanismos para identificar os seus autores.

As redações são corrigidas por, no mínimo, 2 membros da equipe. Os pontos inicialmente atribuídos variam entre 0 (zero) e 6,0 (seis). Quando a diferença entre eles for igual ou menor do que 1 (um) ponto, o sistema apresenta automaticamente as médias. Quando a diferença entre eles for maior do que 1 (um) ponto, o sistema indica discrepância, e os textos são lidos por um terceiro corretor, sem que este saiba quais notas foram atribuídas anteriormente. Neste caso, as médias seguem dois critérios:

1. Se a pontuação atribuída pelo terceiro corretor for igual à média das pontuações 1 e 2, mantém-se a média;
2. Em qualquer outra situação, será considerada pontuação final a média das duas pontuações que apresentarem menor diferença entre si.

Fonte: COPS/ VESTIBULAR UEL, 2017.

Como vemos na figura acima, o trabalho das comissões de balizar as notas dos candidatos e de publicar os comentários e a grade revela um caráter didático-pedagógico por parte dessas instituições, visto a aplicação de um método prático de correção para cada ano e o seu universo de candidatos. Com isso, podemos observar um diálogo – elo – dessas bancas ao desenvolver esse percurso de correção. No contexto da banca avaliadora, estamos diante da esfera de avaliação em confluência com a esfera didático-pedagógica. Nesse processo, enunciados são refratados e refletidos, sempre em consideração com a amostra de textos, o

perfil do vestibulando em cada ano e o desenvolvimento do processo como um todo. O resultado almejado é a publicação de uma pequena amostra dos textos considerados satisfatórios, insatisfatórios e anulados, além da grade de correção utilizada.

Nessa dinâmica de afinar os critérios, o trabalho de cotejar um conjunto de textos lidos e avaliados propicia uma significação e sentidos novos aos parâmetros avaliativos e aos textos produzidos em sua completude; dessa forma, se constroem elos e uma didatização mais aguçada na trama discursiva. Sendo assim, o que os avaliadores encontram e almejam nos textos são revertidos, pela comissão, em notas e na priorização dos aspectos avaliados. Para essas bancas, há uma atualização dos próprios critérios estabelecidos, visto a relevância dada para a resposta que é recebida dos vestibulandos.

A proposta das bancas avaliadoras é que o candidato traga uma bagagem de leitura, de conhecimento de mundo e práticas de escrita e consiga compreender tarefas, apesar do ambiente *artificial* de prova. Além disso, é esperado que o candidato demonstre habilidade em desempenhar mais do que regras e estruturas textuais, ou seja, que seja capaz de ir além do trivial, mostrando estratégias de escrita, experiência de leitura e uma expressiva capacidade de interpretação. Nessa perspectiva, o ensino/aprendizagem de escrita durante os anos de ensino fundamental e ensino médio não deve priorizar um processo de memorização e simples reprodução de conteúdo, mas incentivar e promover uma produção funcional dos textos.

A análise dos enunciados e dos materiais disponíveis nos permitiu identificar que há uma explicação dos critérios de avaliação, funcionamento das correções pelos pares de corretores e a concepção de produção textual adotada pelas universidades que pretende situar o leitor e promover, idealmente, a transparência no processo seletivo. Em geral, as comissões avaliadoras revelam que a proposta de trabalho com os gêneros visa avaliar no candidato a capacidade de entender o sentido global dos textos disponibilizados para leitura e apresentar conhecimento de distintas linguagens.

O objetivo dessas instituições é propor um trabalho de interpretação, percepção e criticidade sobre o processo de escrita diante dos comandos das provas de redação. Para tanto, alguns aspectos condicionam o “olhar” do avaliador para a escrita desenvolvida no vestibular. Tais comissões almejam textos com qualidade e criticidade, dado que aspectos como proposta temática, adequação ao gênero, progressão temática, leitura dos textos-fonte, adequação à norma escrita culta etc. constituem parâmetros recorrentes de avaliação nas três instituições analisadas. Observamos, pois, a relação discursiva existente entre os enunciados dos interlocutores – bancas avaliadoras – na cobrança da produção escrita no exame vestibular, revelando uma compreensão responsiva ativa dessas comissões à resposta dos candidatos,

podendo se alterar, por conseguinte, a concepção de “bom texto”.

De acordo com Volóchinov (2017), elos discursivos (no nosso caso, nos comentários e na grade das bancas) apresentam formas e condições diferentes de significar (no nosso caso, no exame vestibular), o que nos faz compreender que é na interação com os outros discursos – na maneira como os enunciados estão imbricados no contexto de produção, no diálogo – que os enunciados se configuram e se tornam unidade de significação. Com isso em mente, analisamos o *tema* e a *significação* do sintagma “bom texto” nos enunciados das comissões avaliadoras que, inclusive, apresenta variação (como “acima da média” no caso da UNICAMP e “texto satisfatório” no caso da UEL), de forma a constatar os *tema* e o ato de significar por meio do gênero comentário e da grade de correção. Para cada aspecto (proposta temática, adequação ao gênero, progressão temática, leitura dos textos-fonte, adequação à norma escrita culta), descrevemos as instituições a fim de averiguar como sucedem os pareceres das comissões sobre a produção de texto do candidato.

4.1. Proposta Temática

O “bom texto” a que as bancas avaliadoras aspiram pode ser verificado, de imediato, nos enunciados concretos das propostas temáticas. O texto considerado “adequado” é aquele que consegue realizar todos os comandos requeridos pela comissão. Desse modo, o texto que omite alguma tarefa ou não executa nenhuma das exigências da banca naturalmente não pode ser classificado como “acima da média”. Porém, não é suficiente que o vestibulando apenas cumpra o solicitado imediato; os avaliadores também analisam a forma como essas tarefas vão sendo realizadas ao longo do texto. Isto é, se os vestibulandos tiveram maturidade de leitura ao selecionarem as informações, se interpretaram os textos de leitura e a proposta.

Nesse sentido, estamos diante de exames vestibulares que focalizam sua prova no tema e na leitura, posto que a primeira etapa da prova é de compreensão das tarefas a partir de uma leitura atenta dos enunciados. Ou seja, é necessário compreender o tema e entender as instruções da prova para que seja possível realizar a produção textual. Antes de ser uma prova de redação de gêneros, ela é uma prova temática, pois, com base nos comandos, o candidato deve ler e compreender a prova – qual sua finalidade discursiva – para que enfim chegue ao gênero solicitado.

Assim, se se quiser preparar candidatos para se saírem bem nessas provas, é preciso entender o tema por meio de uma leitura aplicada antes de se debruçar sobre aspectos relativos

especificamente à escrita. Os valores sobre a produção textual por parte dessas comissões avaliadoras colocam em evidência as múltiplas linguagens e a importância da leitura.

A seguir, vemos uma das propostas de redação da UNICAMP, do ano de 2015, solicitando ao vestibulando uma síntese de trechos de um artigo científico e um ensaio. A proposta em questão objetiva avaliar a capacidade do candidato de ler os textos e a partir deles executar tarefas pautadas em uma leitura criteriosa e atenta. Afinal, sintetizar um texto é apresentar, para o leitor, o ponto de vista de outro autor, com base na sua experiência de leitura e entendimento do texto.

Figura 13 – Proposta UNICAMP

2. A PROVA DE REDAÇÃO 2015

TEXTO 1

Você integra um **grupo de estudos** formado por estudantes universitários. Periodicamente, cada membro apresenta resultados de leituras realizadas sobre temas diversos. Você ficou responsável por elaborar uma **síntese** sobre o tema **humanização no atendimento à saúde**, que deverá ser escrita em **registro formal**. As fontes para escrever a síntese são um trecho de um artigo científico (excerto A) e um trecho de um ensaio (excerto B). Seu texto deverá contemplar:

- o conceito de humanização no atendimento à saúde;
- o ponto de vista de cada texto sobre o conceito, assim como as principais informações que sustentam esses pontos de vista;
- as relações possíveis entre os dois pontos de vista.

Fonte: COMVEST/VESTIBULAR UNICAMP, 2015.

Para que o candidato atinja o esperado pela banca, os itens (conceituação, ponto de vista e interpretação) devem ser bem executados, conforme a perspectiva da banca de correção. O vestibulando que, de acordo com a banca, não conseguir fazer uma boa articulação dos trechos, não conceituar o termo corretamente e criar textos com características de outros gêneros discursivos tem seu texto penalizado e classificado como exemplo de produção “abaixo da média” ou “anulada”, dependendo da extensão do problema apresentado.

Abaixo, vemos nos comentários da banca como essa leitura do enunciado se manifesta.

Figura 14 – Produção textual e comentário da banca

Humanização no atendimento à saúde

O ato de somar os avanços tecnológicos ao bom relacionamento, a fim de proporcionar um atendimento de qualidade, é o que entende-se por humanização.

No trecho do artigo científico “Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar” de Sueley Deslandes, a humanização no atendimento à saúde é importante pois, se houver tecnologia sem bom relacionamento, segundo o artigo, “desumaniza a assistência”, e, se houver atendimento sem tecnologia, quando esta necessária, acaba “desumanizando o cuidado”. Entretanto, apesar de tecnologia e relacionamento serem importantes, o “fator humano” tem maior relevância, de acordo com o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNAHA).

O trecho do ensaio de Jerome Bruner, “Fabricando histórias: direito, literatura, vida”, trata da importância do médico escutar o que o paciente tem a dizer, antes de tratá-lo. Para isso, toma como base um Programa de Medicina Narrativa desenvolvido na Faculdade para Médicos e Cirurgiões da Escola de Medicina da Columbia University, cujo objetivo é atentar-se para o que o paciente tem a dizer, antes de intervir em seu caso clínico. Segundo os organizadores do programa, o número de mortes por incompetências narrativas já começou a diminuir na Faculdade da Columbia University.

Ambos os trechos, artigo científico e ensaio, ressaltam a importância do bom relacionamento entre profissionais e usuários e a necessidade de se atentar ao papel do profissional, seja para controlar os equipamentos tecnológicos, seja para bem atender pessoalmente.

Nessa redação, o candidato foi capaz de sintetizar as principais informações dos dois excertos. Iniciou seu texto pela definição do termo em questão – uma das exigências explicitadas no comando da prova – e destinou a cada um dos excertos um dos dois parágrafos seguintes. O texto apresenta marcas linguísticas que deixam claro de onde foram retiradas as informações, tais como: “No trecho do artigo científico ‘Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar’ de Sueley Deslandes (...)” e “O trecho do ensaio de Jerome Bruner (...)”. Demonstra, portanto, domínio do manejo das vozes dos textos, por parte do candidato, importante em uma síntese, gênero que resulta da integração de informações de outros textos e no qual é preciso marcar de onde vieram os dados utilizados.

O candidato teve êxito ainda ao correlacionar os dois excertos, no último parágrafo, no que havia de convergente entre eles.

Fonte: COMVEST/VESTIBULAR UNICAMP 2015.

Para facilitar o entendimento do vestibulando, a comissão avaliadora destaca em negrito pontos essenciais das propostas temáticas. No caso em questão, precisa ser claro que ele é integrante de um grupo de estudos formado por estudantes universitários. Isso não significa que ele precise necessariamente pontuar em seu texto essa referência, mas deve ter a ciência de que o cenário de produção, circulação e recepção do seu discurso/enunciado está em um nível mais elevado do sistema educacional. Além disso, o gênero discursivo é a síntese, o que revela a necessidade de apresentar informações indispensáveis de outro texto, marcar a autoria do texto com expressões claras e definidas, comprovando sua habilidade em manejar vozes, como consta no comentário dos avaliadores. Podemos observar que o candidato foi inserido em uma situação de interlocução, isto é, em um contexto de interação discursiva, suscitando uma produção que se aproxima de uma situação real de uso linguístico, situada socialmente. Para Bakhtin (2000), os enunciados concretos estão condicionados a uma dada esfera de circulação, que apresenta fins e meios específicos, de modo a significar por meio do gênero do discurso.

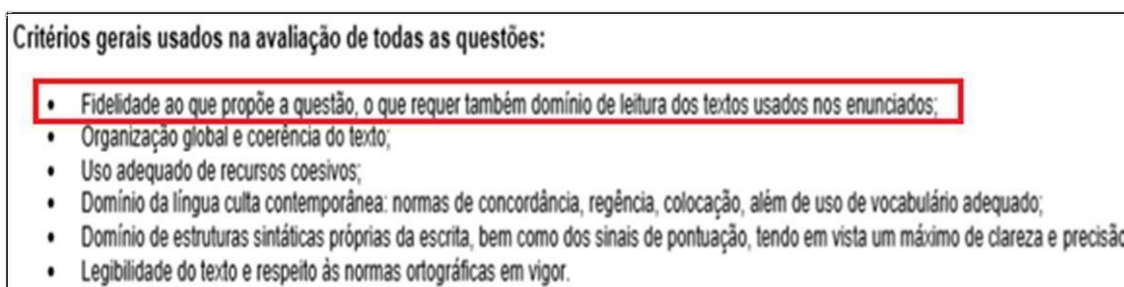
A proposta temática, por sua vez, contempla a discussão nos textos disponibilizados em

torno da humanização no atendimento à saúde. Nesse momento, o candidato se depara com diferentes gêneros discursivos, sendo necessário que ele leia e compreenda gêneros com funcionalidades e valores axiológicos diversos na sociedade, posteriormente redigindo sua síntese no registro formal da língua portuguesa.

Diante do exposto, o enunciado da prova indica as características esperadas para o texto a ser escrito pelo candidato e os pontos a serem avaliados, relativos à habilidade de interpretação do vestibulando. A seleção do texto “acima da média” já começa na capacidade de o candidato de compreender a proposta temática, sendo qualidade indispensável para o ingresso no Ensino Superior. Para essas bancas, nesta esfera, o valor de “bom texto” parte da leitura, de modo a projetar nessas provas um perfil de candidato que precisa ser capaz de entender e perceber a importância da interpretação do tema da prova. Com isso, textos “bons” são aqueles que desenvolvem um projeto de dizer por meio de uma leitura estratégica, com base nos comandos das provas, mostrando que o candidato arquiteta e organiza suas ideias.

No caso da UFPR, o candidato deve cumprir os comandos solicitados, o que revela um diálogo em uníssono entre as duas bancas supracitadas. Na descrição que a banca faz dos critérios avaliados pelos corretores, conseguimos observar a preocupação com a leitura e a compreensão do enunciado da prova, sendo, portanto, peça-chave nos exames vestibulares da nossa pesquisa para uma boa execução dos comandos.

Figura 15 – Critérios avaliativos



Fonte: NC/ VESTIBULAR UFPR, 2016.

O valor de um “bom texto” para a UFPR parte, primeiramente, da fidelidade ao cumprimento das instruções impostas para os candidatos. Aspectos de organização, coerência, domínio da língua etc são categorias que se somam à leitura para determinar o êxito do candidato.

Com relação à UEL, observamos a mesma dinâmica – diálogo – das comissões citadas acima sobre a importância da leitura e da compreensão dos enunciados da prova para o “bom

desempenho” do candidato, apresentando uma posição comum entre elas. Na proposta da UEL referente ao ano de 2016, o gênero solicitado foi um resumo. A proposta da prova deixava evidente que o vestibulando não poderia copiar ou explicitar qualquer juízo de valor sobre o conteúdo dos textos disponibilizados. A explicitação dos comandos revela a necessidade de o candidato mostrar, por meio da produção de texto, a sua capacidade de leitura dos dados apresentados.

O gênero resumo não pressupõe ideias novas ou opiniões do escritor, o objetivo é trazer informações sintetizadas sobre um determinado texto, visto que a leitura e a seleção dos principais argumentos do autor criador são pertinentes e devem ser feitas com criticidade pelo vestibulando. Por isso, não é admitida a cópia de trechos do texto original, os avaliadores solicitam uma reelaboração do texto-base e não uma reprodução dos enunciados. O vestibulando que consegue trazer a voz do autor criador e sua voz autoral por meio de marcas textuais não só cumpre o solicitado, mas se mostra como sujeito escritor ao construir um projeto de dizer, como postula Bakhtin, marcando sua autoria e arquitetando as diferentes vozes sociais no enunciado.

Figura 16 – Proposta de produção de texto da UEL

3.2 Análise de provas de redação – Proposta 1

Leia o texto a seguir.

Seu filho está apenas distraído com tantas ofertas eletrônicas, anda nervoso por causa de uma prova ou ansioso com algum problema que não sabe como enfrentar? Muitas vezes é apenas isso mesmo, e as preocupações paternas se dissipam com o tempo. Em alguns casos, contudo, há um problema médico real. Cresce em todo o mundo o número de diagnósticos de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Ele atinge uma em cada vinte crianças. O portador da doença sofre com picos de desatenção, impulsividade, inquietação e dificuldade de aprendizado, sintomas claramente descritos em mais de 30000 artigos científicos publicados ao longo dos últimos quarenta anos. A novidade: a doença, tão colada à infância e à adolescência, pode surgir na idade adulta. Segundo o consenso científico em vigor, o TDAH é uma afecção do desenvolvimento cerebral originada na infância e, na maior parte dos casos, plenamente superada com a maturidade. Dois novos estudos recém-publicados na revista científica *Jama Psychiatry*, um dos periódicos mais prestigiosos do mundo, sugerem, no entanto, que a doença é também de gente grande. Diz Guilherme Polanczyk, professor de psiquiatria da infância da Universidade de São Paulo (USP) e autor de um dos estudos: “O achado pode representar uma mudança radical na maneira como a ciência lida com o TDAH”. Na régua dos atuais protocolos, a prevalência de TDAH na fase adulta é de 1,5%. Com as novas conclusões, poderá chegar a 12%.

(Adaptado de: CUMINALE, N. Um problema de gente grande. *Veja*. 15 jun. 2016. p.96.)

Resuma o texto, entre 8 e 10 linhas.

Em apenas um parágrafo, você deverá apresentar as ideias ou os fatos essenciais contidos na matéria, mantendo sua estrutura e seus pontos principais. Seu texto deverá ser construído sem copiar enunciados do texto original e sem emitir comentários ou juízos de valor.

Fonte: COPS/ VESTIBULAR UEL, 2016.

A Figura 16 apresenta comandos gerais para a realização da proposta da UEL. Tais

exigências da banca avaliadora deveriam ser seguidas, ao passo que o não entendimento dos comandos resultaria em penalizações na forma de redução de nota.

Podemos notar que essa é uma proposta que, apesar de dialogar com as anteriores em uníssono no quesito “importância da leitura do comando e dos textos apresentados”, não dialoga da mesma forma com a proposta textual da UNICAMP, uma vez que o candidato não é inserido em uma situação de interlocução. Pede-se que se produza um resumo sem que se apresente um contexto em que se deveria inserir essa escrita, imaginariamente. Dessa forma, a UEL ainda apresenta o tema de redação de forma “escolarizada”, sem explorar o exercício imaginário da construção de interlocução na escrita.

A seguir, vemos um exemplo de texto que cumpriu rigorosamente os comandos dessa prova e, portanto, atingiu uma boa nota no exame, na concepção dessa banca:

Figura 17 – Exemplo de produção textual e comentário da UEL

3.2.1 Exemplo de texto satisfatório

REDAÇÃO 1

1 Em “Um problema de gente grande” (Veja - 15/06/2016. p. 96), Ciminale trata do transtorno de déficit de
 2 atenção e hiperatividade, bem como do aumento de sua incidência na população mundial, sobretudo, da re-
 3 cente descoberta de que o TDAH pode surgir na idade adulta. Segundo o autor, a condição - que envolve sin-
 4 tomas facilmente confundidas com situações cotidianas, como desatenção, ansiedade e dificuldade de apren-
 5 dizado - atinge uma em cada vinte crianças. No entanto, ressalta, estudos recentes publicados na revis-
 6 ta científica *Journal of Psychiatry* atestam que o TDAH apresenta expressão quando se trata de adultos, ao contrá-
 7 rio do que afirmavam os antigos parâmetros - de que o problema surge na infância e na tipicamente
 8 associado a esta fase e à adolescência. Por fim, o articulista cita Guilherme Polanczyk, professor de psi-
 9 quiatria da USP, que ratifica a veracidade das novas conclusões ao afirmar um possível aumento no diag-
 10 nóstico da doença em adultos, de 1,5% para até 12%.

Comentário

Este ano, para a produção da redação, o vestibular da UEL selecionou como gênero o Resumo. Neste caso, esperava-se que o candidato elaborasse o seu texto com base no trecho adaptado da matéria “Um problema de gente grande”, de M. Cuminale, publicado na revista *Veja*, em 15 de junho de 2016.

A produção escrita teria de ser realizada em apenas um parágrafo, apresentando as ideias ou fatos essenciais do texto, mantendo sua estrutura e pontos principais, sem que se copiasse os enunciados do original e, principalmente, sem emitir comentários ou juízo de valor.

Dentre as redações produzidas neste concurso, a que segue destacou-se por atender a todas essas solicitações e também por apresentar um conteúdo em que se manifestaram as marcas da distinção entre a voz que resume o texto e o texto resumido, como, por exemplo, a expressão “segundo o autor” (linha 3), e as referências explícitas da autoria, ora introduzidas pelo nome do autor (Cuminale, linha 1), ora retomadas por sinonímia, por meio de sintagmas nominais, como “o autor” (linha 3) e “o articulista” (linha 8) e até mesmo por meio de elipse, como o caso do emprego da forma verbal “ressalta” (linha 5), cujo sujeito elíptico é N. Cuminale.

O candidato também apresentou, em seu resumo, a compreensão do texto-base por meio da apresentação de suas ideias principais, com objetividade, na ordem do texto, sem enumeração, demonstrando, assim, a sua competência na produção de um texto deste natureza.

Fonte: COPS/VESTIBULAR UEL, 2016.

Pelo fato de o candidato ter atendido todas as instruções para a construção do gênero esse texto conseguiu uma nota “satisfatória”. O candidato respondeu/reagiu ao enunciado da proposta temática em uma compreensão responsiva ativa totalmente “cooperativa”, realizando todas as instruções pedidas; dentro do conjunto de textos lidos e avaliados essa produção destacou-se pela completude das tarefas realizadas.

Observamos que para esse exame vestibular, assim como para os outros desta pesquisa – ponto de convergência valorativa entre eles –, a completude de cada tarefa é essencial para a avaliação da prova. Para isso, o vestibulando, antes de desenvolver qualquer habilidade de escrita, deve ser um bom leitor e interpretar com acuidade o enunciado das provas de produção de texto.

Diante dos comentários e da grade de correção, foi possível averiguarmos a importância dada para a proposta temática no exame vestibular. Nesse sentido, percebemos também o diálogo em uníssono em relação às propostas, no que se refere ao destaque em negrito do comando de prova, reforçando os elos discursivos entre as comissões acerca desse aspecto. No caso da UNICAMP, notamos uma ausência do destaque somente no vestibular de 2017; desse modo, as três bancas apontam caminhos aos candidatos e demonstram um posicionamento didático-pedagógico quando desses destaques. Em relação à proposta da UEL e da UFPR, o negrito é evidenciado ao longo da proposta para enfatizar que todos os pontos devem ser cumpridos, como evidenciado nos enunciados das bancas.

Outro diálogo relevante nas propostas das provas, no caso da UNICAMP e da UFPR, abrange o aspecto composicional dos comandos, pois as instituições utilizam marcadores (letras

alfabéticas – UNICAMP, ou bolinhas – UFPR) para propiciar uma melhor clareza, organização e didatização das etapas da proposta. Para confirmar o diálogo com a UNICAMP, nesse âmbito, trouxemos um exemplo da proposta da UFPR, do ano de 2016, que pedia para que o candidato elaborasse um pequeno resumo do texto “Um inadiável acerto de contas com a Mãe Terra”, de Leonardo Boff, considerando as especificidades do gênero resumo.

Figura 18 – Proposta de produção textual da UFPR

- **Elabore um resumo desse texto, de 09 a 12 linhas, respeitando as características do gênero textual.**
- **Apresente a tese do autor e os argumentos que ele utiliza para justificá-la.**
- **Escreva com suas próprias palavras, sem copiar trechos do texto.**

Fonte: NC/VESTIBULAR UFPR, 2016.

Os comandos presentes na Figura 18 revelam que essa esfera reflete e refrata a esfera pedagógica, pois essa didatização das propostas temáticas evidencia um olhar para a tarefa que o candidato deverá realizar que revela o projeto de dizer que facilitar a organização e realização dessa tarefa. Atividade de escrita em que, o “bom texto”, dentre outros aspectos, é aquele que revela que o candidato realizou uma leitura atenta do enunciado da prova e compreendeu o seu tema.

4.2. Adequação ao gênero

Além da obrigatoriedade de uma leitura atenta do enunciado da prova, outro aspecto referente à noção de “bom texto” partilhada pelas comissões das universidades estudadas é a adequação quanto ao gênero e as habilidades dos candidatos na escrita desses gêneros. Com as análises dos comentários e da grade de correção, notamos um diálogo contratual dessas bancas em relação à cobrança do desenvolvimento das características composicionais e estilísticas do texto. Contudo, há divergência quanto ao trabalho com as produções escritas dos candidatos em seus processos seletivos.

No caso da UNICAMP, pretende-se verificar a capacidade de o candidato escrever textos do cotidiano e que fazem parte da dinâmica social e prática na qual está inserido. Para isso, o vestibulando é instigado a escrever produções textuais simulando-se situações “reais”, com a necessidade de convencer o interlocutor, defender seus pontos de vista e posicionar-se mediante questões de ordem prática.

O intento dessa instituição, ao nosso ver, recai no trabalho situado com os gêneros do discurso, talvez na tentativa de desenvolver no ensino básico que está sob o escopo dessa prova (região de Campinas e estado de São Paulo) um estudo mais sólido e funcional na produção de textos escritos, levando em conta não somente os aspectos estilísticos e composicionais, mas também os situacionais para desenvolvimento dos gêneros do discurso. Como vimos na seção anterior, nessa prova, a banca considera a situação de produção dos enunciados, priorizando os interlocutores na esfera de comunicação. Segundo os estudos de Rojo (2005, p. 199), podemos observar a importância dada para as discussões bakhtinianas:

[...] aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos –, e, a partir desta análise, buscarão as marcas linguísticas (formas do texto/enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação.

Consequentemente, o candidato que se expressa em outro gênero que não o solicitado compromete-se quanto à funcionalidade do discurso. O resultado corresponde a uma inadequação na forma, no estilo e no conteúdo, considerando que, como ressalta Bakhtin (2000), o tema, o estilo e a forma composicional são essenciais para a produção dos enunciados em diferentes esferas da atividade humana, ou seja, os gêneros do discurso. O autor ainda compreende os gêneros como relacionados diretamente à situação de interlocução, sendo essa relação que os define.

De fato, é na própria interação que se constituem os gêneros, e ela será explorada na prova da UNICAMP. Para isso, o candidato deve fazer uso de uma máscara discursiva, colocando-se imerso em uma esfera de circulação, produção e recepção que problematiza uma situação social, real e funcional de interlocução, como destaca Bakhtin (2000). O posicionamento do candidato e o seu papel como enunciador ocorre a partir de um contexto de comunicação, evidenciando uma motivação de escrita. Para Bakhtin (2000), os efeitos de sentido do enunciado só podem acontecer pressupondo as condições do discurso, ou seja, o interlocutor, o grau de intimidade, o contexto de produção, o propósito da discussão etc – observarmos esses elos na comissão da UNICAMP.

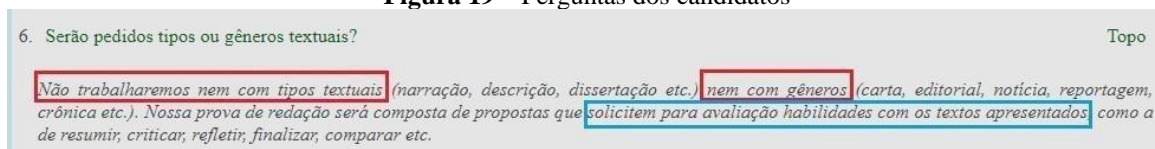
Por sua vez, o candidato da UEL e da UFPR não está inserido em um contexto situacional de produção que transcenda a situação de prova. A prova de redação dessas instituições não revela uma preocupação com o destinatário do discurso que ultrapasse o

corretor da prova. Isso porque, diferentemente do que ocorre com a prova da UNICAMP, a esfera social de enunciação não é aspecto pontuado para essas duas bancas. Como podemos observar, é na materialidade textual que são concentrados os esforços avaliativos de ambas instituições. Esse é um ponto de divergência com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – documentos nacionais que eram vigentes à época de elaboração dessas provas – uma vez que esses indicam as condições de produção de texto como sendo essenciais:

Compreendida como um complexo processo comunicativo e cognitivo, como atividade discursiva, a prática de produção de textos precisa realizar-se num espaço em que sejam consideradas as funções e o funcionamento da escrita, bem como as condições nas quais é produzida: para que, para quem, onde e como se escreve. Formar escritores competentes, supõe, portanto, uma prática continuada de produção de textos na sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos de fato e uma aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos. Diferentes objetivos exigem diferentes gêneros e estes, por sua vez, têm suas formas características que precisam ser aprendidas (BRASIL, 1997, p 49).

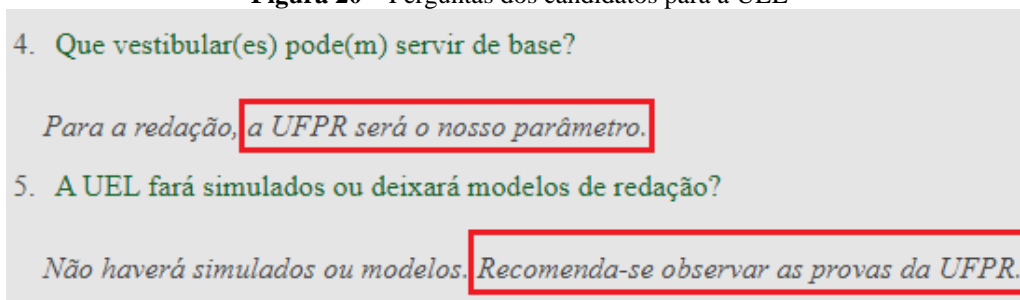
A prova de texto da UEL, por sua vez, não desenvolve um trabalho com os gêneros do discurso, gêneros textuais ou tipologias textuais, pois, segundo a instituição, o exame vestibular solicita uma habilidade dos candidatos com os textos e com o funcionamento da língua. A UEL não tipologiza sua prova, e a correção da banca incide na capacidade de o candidato de resumir, refletir, criticar, comparar etc. No ano de 2012, a instituição promoveu uma mudança na prova de texto, publicando em seu *site* as perguntas frequentes realizadas pelos possíveis candidatos sobre essa mudança. No texto, a instituição destaca que o seu processo seletivo não preconiza um trabalho com os gêneros e/ou os tipos textuais:

Figura 19 – Perguntas dos candidatos



Fonte: COPS/ VESTIBULAR UEL, 2012.

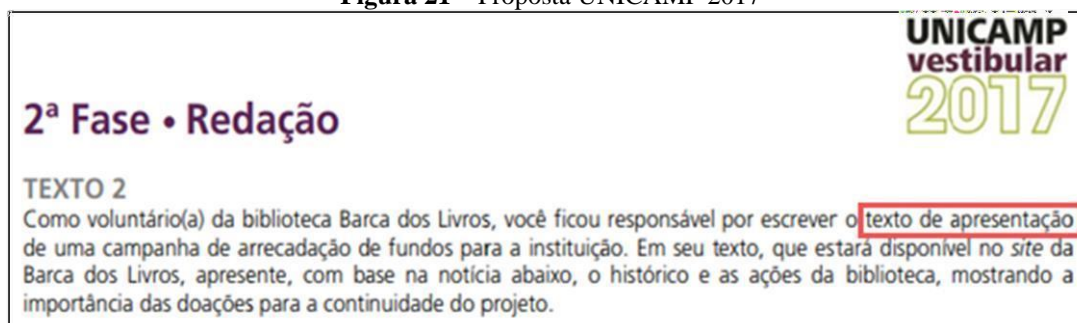
Talvez por não se propor apresentar gêneros textuais/discursivos, a UEL não se comprometa a relacionar habilidade de escrita a condições de produção. Em relação à UFPR, podemos notar um diálogo mais estreito, nesse sentido, dado que a instituição revelou para o público quando da mudança do vestibular, como já ressaltamos, que a prova de texto da UFPR poderia servir de base para que os candidatos estudassem os modelos de redação.

Figura 20 – Perguntas dos candidatos para a UEL

Fonte: COPS/ VESTIBULAR UEL, 2012.

Essas informações publicadas com a reformulação do exame e o diálogo entre ambas as bancas, por exemplo, são válidos até hoje. Os exames vestibulares dessas duas instituições não dialogam com o modelo da UNICAMP, pois são provas que pautam sobretudo na materialidade do texto. Com mais detalhes, apresentamos como a redação e suas vertentes sobre o gênero são cobradas nessas provas.

No exame vestibular de 2017 da UNICAMP, o segundo gênero solicitado foi um texto de apresentação:

Figura 21 – Proposta UNICAMP 2017

Fonte: COMVEST/VESTIBULAR UNICAMP, 2017.

No enunciado da proposta, que pressupõe uma compreensão responsiva, o candidato foi instruído a escrever um texto de apresentação para uma campanha de arrecadação de fundos, a saber, da biblioteca comunitária “Barca dos Livros”. Em sua apresentação, o vestibulando tinha que, com base numa notícia disponibilizada pela banca, descrever o histórico e as ações da biblioteca, mas não somente, e sobretudo, convencer o interlocutor de que tais doações são importantes para a manutenção e continuidade do projeto. Para a comissão, no entanto, não bastava que o candidato divulgasse a biblioteca e seus feitos. Ele também deveria solicitar o auxílio do leitor. Segundo os comentadores dessa prova, trata-se de um texto que dispõe de uma funcionalidade apelativa.

Selecionamos um dos textos considerados “acima da média” e o posterior comentário da banca avaliadora a fim de averiguarmos o desenvolvimento do gênero pelo vestibulando.

Figura 22 – Exemplo de redação "acima da média" comentada

Nossos leitores correm perigo! Precisamos da sua ajuda!

Livros são portas de entrada para os mais variados universos. Abrir um livro é se preparar para uma inesperada viagem pelo conhecimento. Livros ensinam sobre as contradições do mundo, as mais novas descobertas, contam histórias que despertam no leitor diversas emoções e, principalmente, têm um papel importantíssimo na formação de cada indivíduo.

Em vista disso, é com enorme esperança que lançamos uma campanha de arrecadação de fundos para a nossa biblioteca Barca dos Livros, que tem passado por sérias dificuldades financeiras e corre o risco de fechar, o que seria uma grave perda para a promoção da cultura em Florianópolis.

Sendo eleita a melhor biblioteca comunitária do país pelo Ministério da Cultura, a Barca dos Livros vem desde 2007 alimentando leitores na região. Criada e sustentada pela ONG Sociedade Amantes da Leitura, a biblioteca é tocada pelos voluntários e promove várias atividades semanais, como palestras, saraus para adultos, lançamentos de livros, leituras coletivas, entre outras. Além disso, conta com um amplo acervo de livros, sendo a maioria deles de literatura infantil e infanto-juvenil.

Porém, precisamos de um impulso material para que continuemos existindo. Parcerias que tínhamos e que nos ajudavam com algumas das despesas não foram renovadas e, como todas as nossas atividades são gratuitas, o dinheiro que utilizamos para continuar existindo é essencialmente devido às doações.

Para nós, abrir ao público todos os dias é um sonho e desejamos continuar e aumentar o atendimento. Sua ajuda é fundamental para possibilitar essa tarefa! Ajude-nos a permanecer formando leitores e promovendo cultura aqui em Florianópolis. Dependemos de vocês!

Comentário

Como a anterior, esta redação também atende muito bem às exigências da proposta explicitadas no enunciado. A natureza apelativa do texto já pode ser percebida a partir do título e ganha força no primeiro parágrafo, todo ele dedicado a valorizar os livros e seu papel na formação dos indivíduos antes mesmo de trazer à tona a campanha. Ao longo do texto, mas principalmente no seu final, o apelo é forte, com palavras e frases endereçadas diretamente ao leitor, tais como “Sua ajuda é fundamental”, “Ajude-nos a permanecer formando leitores” ou ainda “Dependemos de vocês”. O texto, claro e coerente, seleciona, sumariza, reorganiza e retextualiza informações importantes relativas ao histórico e às ações da biblioteca para cumprir o propósito de apresentar a campanha de arrecadação de fundos, e, ao mesmo tempo, de convencer o leitor de que ele deveria oferecer suas contribuições. A interlocução é muito bem construída da perspectiva de um voluntário que também se manifesta de maneira institucional, o que é compatível com o gênero solicitado.

Fonte: COMVEST/VESTIBULAR UNICAMP, 2017.

A leitura da redação e do comentário da comissão avaliadora deixam evidente que o gênero *texto de apresentação de uma campanha* e sua necessidade apelativa foi cumprida pelo candidato. No decorrer do texto, o autor trouxe marcas apelativas desde o título, contribuindo de forma satisfatória para a construção do texto. Para tanto, conforme a banca no excerto acima, o candidato fez uso de expressões que reforçaram a necessidade e a importância de a Biblioteca receber a ajuda do leitor, destacando-se: “Sua ajuda é fundamental”, “dependemos de vocês”, entre outros.

O cumprimento adequado do gênero discursivo é um dos requisitos esperados pela comissão, como vimos. Vinculado a ele está o correto desenvolvimento do propósito da interlocução, da situação de produção, da construção composicional/progressão e da “tipologia

textual”⁷.

A cobrança dos gêneros do discurso, para a banca da UNICAMP, está pautada na finalidade da interlocução (qual a intenção de quem fala e para quem se fala), na situação de produção (contexto discursivo), na construção composicional/progressão (a estrutura do texto e seu desenvolvimentos) e na tipologia textual (se o texto é descritivo, argumentativo, injuntivo etc). Todos esses aspectos são medulares, conforme a banca, para a construção do gênero por parte do candidato. Isso significa que qualquer dificuldade do vestibulando de atender a esses itens pode acarretar em penalizações de nota.

Geraldi (1997), há pelo menos uma década atrás, já defendia que a produção textual dispõe de ações inerentes à prática de escrita:

Cinco ações [são] indissociadas da prática de produção textual, a saber a) ter o que dizer; b) ter motivos para dizer o que se tem a dizer; c) ter um interlocutor; d) construir-se como locutor enquanto sujeito que diz, o que diz, para quem diz; e e) escolher as estratégias para realizar o que dizer, os motivos, o interlocutor e o próprio posicionamento como locutor (GERALDI, 1997, p. 32).

Vê-se que o discurso da ciência da linguagem, no contexto avaliativo da UNICAMP, ganha um novo *tema*, tal como entende Volóchinov (2017). O autor defendia o uso do *texto* em sala de aula em contexto em que a escrita escolar estava profundamente desvinculada de práticas de linguagem. A UNICAMP atualiza esse discurso trazendo-o para o contexto da produção de gêneros.

Aplicando a fala de Geraldi à proposta da UNICAMP, observamos que a situação de produção é a de um vestibulando que precisa escrever para o *site* de uma biblioteca, colocando-se como voluntário e atingindo o público que acessa tal página. Tal interlocução deve ser construída de modo fluido, para que fique explícita a posição institucional, e não pessoal, do vestibulando. Considerando que ele é um enunciador que se coloca na situação hipotética de angariar fundos para a permanência de um dado projeto, é preciso que ele escreva de maneira a persuadir o interlocutor. Para tal propósito, o uso de um discurso coerente e fidedigno é fundamental, uma vez que ele carrega o sucesso ou o fracasso do projeto de salvar financeiramente uma biblioteca comunitária.

Os gêneros do discurso precisam estar de acordo com uma determinada esfera de atividade (BAKHTIN, 2000) e interlocução adequada. Isso garante funcionalidade ao texto, o

⁷ Conteúdo extraído da Oficina – A Redação no Vestibular Unicamp, realizada no Centro de Convenções da Unicamp, câmpus de Campinas, em 8 jun. 2019.

que é indispensável no momento da escrita. Um candidato incumbido de escrever uma carta pode acertadamente, colocar o cabeçalho – data, local e ano –, mas escrever uma dissertação, sem endereçamento e interlocução propriamente marcada e definida ao longo da textualidade. Nesse caso, há uma descaracterização do gênero, pois numa carta esses aspectos são determinantes para a execução adequada do texto. Desse modo, não é só o cabeçalho e a assinatura (que remetem à forma composicional do gênero) que ditam o “bom texto”, e sim, sobretudo, toda a atmosfera de argumentação, situação e interlocução.

Também constatamos a importância dada pela comissão avaliadora da UFPR quanto à adequação ao gênero, conferindo um diálogo com a banca da UNICAMP. Os elos dialógicos e reações-respostas nos enunciados das bancas, nesse quesito, revelam uma avaliação preocupada com as características dos gêneros, mas não na mesma medida, pois pudemos observar disparidades em relação aos gêneros entre as bancas avaliadoras. Em vista disso, as propostas da UFPR mostram que os avaliadores consideram pertinente para a qualidade textual, sobretudo, a materialidade do texto para a garantia de uma nota entre os níveis mais altos e não o propósito da interlocução e da situação de produção, como na UNICAMP.

A seguir, a grade de correção da UFPR sobre os critérios específicos avaliados no gênero “resumo”:

Figura 23 – Critérios específicos da banca da UFPR

QUESTÃO 05	
Critérios específicos: definição da nota inicial	
No texto produzido, o candidato/a candidata:	
6 ↑ 5	<ul style="list-style-type: none"> ▪ atende às características do gênero “resumo”; ▪ faz referência ao texto-base, com indicação correta do título do artigo e do seu autor, podendo opcionalmente indicar também o site onde o texto foi publicado; ▪ distingue as vozes presentes no texto e atribui adequadamente as afirmações ao autor (Leonardo Boff), ao Papa Francisco ou a Lynn White Jr.; ▪ cita corretamente o autor (Boff) e o papa (Papa Francisco ou Sua Santidade); ▪ apresenta com fidelidade as afirmações contidas no texto, demonstrando ter feito uma leitura adequada; ▪ hierarquiza as informações do texto-base selecionadas para compor o resumo, dando ênfase às mais relevantes e recuperando a estrutura argumentativa do texto.

Fonte: NC/ VESTIBULAR UFPR, 2016.

Na grade acima, a comissão aponta o que deveria constar no texto dos candidatos para que a produção textual atingisse a escala de notas mais altas. Entre outros, espera-se que haja o manejo de vozes, as referências explícitas ao texto-base, as citações corretas e a estruturação

adequada das informações. Isso mostra que o gênero nessa prova é tema, forma composicional e estilo, mas não interlocução e situação de produção. Sendo assim, uma cobrança da adequação ao gênero é recorrente, de modo a constatarmos o diálogo e os ecos entre as bancas; no caso da UNICAMP, a interlocução e a situação de produção tocam também a arquitetura do gênero.

Para compreendermos o trabalho da UEL, selecionamos a proposta do vestibular de 2015. O candidato – a partir da leitura da entrevista intitulada “Um Mergulho Lúdico na Gramática”, adaptado de Moser, S. e publicado na Gazeta do Povo, em 29 de Junho de 2014 – deveria passar o texto (perguntas e respostas) para o discurso indireto.

Figura 24 – Proposta de texto – UEL

Comentário
 Como a anterior, esta redação também atende muito bem às exigências da proposta explicitadas no enunciado. A natureza apelativa do texto já pode ser percebida a partir do título e ganha força no primeiro parágrafo, todo ele dedicado a valorizar os livros e seu papel na formação dos indivíduos antes mesmo de trazer à tona a campanha. Ao longo do texto, mas principalmente no seu final, o apelo é forte, com palavras e frases endereçadas diretamente ao leitor, tais como “Sua ajuda é fundamental”, “Ajude-nos a permanecer formando leitores” ou ainda “Dependemos de vocês”. O texto, claro e coerente, seleciona, sumariza, reorganiza e retextualiza informações importantes relativas ao histórico e às ações da biblioteca para cumprir o propósito de apresentar a campanha de arrecadação de fundos, e, ao mesmo tempo, de convencer o leitor de que ele deveria oferecer suas contribuições. A interlocução é muito bem construída da perspectiva de um voluntário que também se manifesta de maneira institucional, o que é compatível com o gênero solicitado.

Fonte: COPS/VESTIBULAR UEL, 2015.

Conforme análise da proposta acima, o texto pedido na UEL apresenta ecos com o modelo de produção solicitado na UFPR, na medida em que ambas comissões focalizam sua escrita na materialidade do texto, inclusive citando o número de linhas exigidas. São produções curtas, demandando uma bagagem de letramento que possibilite o manejo de vozes e discursos. Para a produção, o candidato deveria interpretar, analisar e refletir sobre o conteúdo disponível, construindo um texto com sentido e com clareza a partir das informações retiradas da entrevista. Essa proposta revela a tentativa da instituição em elaborar uma prova em que o vestibulando demonstre habilidades com os textos, uma vez que a transposição do discurso requer uma competência linguística para a mudança das pessoas do discurso. Observamos, com isso, que a posição da banca de redação da UEL e não categorizar a prova de escrita em gêneros ou tipotextuais demonstra um distanciamento da instituição em relação aos valores sociais e políticos implementados no Brasil sobre o ensino/aprendizagem da produção textual.

Figura 25 – Exemplo de texto e comentário – UEL

3.2.1 Exemplo de texto satisfatório

REDAÇÃO 1

1 Em entrevista ao Caderno G. da Gazeta do Povo, o músico e escritor Vitor Romil fe
 2 tou sobre o processo de criação de sua mais recente publicação, o livro A Primarona da Pen-
 3 sivação, lançado em 2014. O autor disse que gosta de entender a origem das palavras e não acha que
 4 o vocabulário possa ser usado como material didático, mas sim como alternativa à vividez de
 5 uma aula conversacional. Quando perguntado sobre a origem do livro pelo jornalista Sandro Mo-
 6 ner, o artista revelou que a frase surgiu naturalmente em sua cabeça através de uma vi-
 7 da involuntária com a família e não teve como evitar o tom de humor. O entrevistador perguntou se
 8 a relação do emblema do livro com as manifestações ocorridas no país em junho de 2013 foi proposital
 9 e Vitor declarou que essa ligação foi uma feliz coincidência, que atribuiu mais verdade à obra. Al-
 10 gumas adaptações foram feitas na edição após os acontecimentos, mas o autor contou que na
 11 da mudou a temática principal da história, que é o diálogo poético que a língua e a
 12 nomenclatura da gramática fazem com o leitor.

Comentário

Ao elaborar o seu texto, o candidato demonstra a competência linguística necessária para a produção de uma redação cuja estrutura é a do discurso indireto, isto é, o candidato produz a passagem da escrita da entrevista para a escrita do relato, garantindo, em primeiro lugar, que o texto seja mais ágil para quem o lê. Um outro recurso utilizado pelo

63

DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS

UEL – VESTIBULAR 2015

candidato é o emprego de expressões e estruturas que marcam as especificidades de um relato, como a redação em terceira pessoa do singular, com linguagem objetiva, sem que se expresse a opinião particular do candidato. Vale ressaltar que o vestibulando emprega verbos, cuja categoria explicita os modos do dizer (verbos "dicendi") característicos do discurso indireto, como o que aparece na linha 3, em "O autor disse que..."; ou, na linha 9, em "... e Vitor declarou que..."; ou, ainda, na linha 10, em "... mas o autor contou que...". A transformação da entrevista foi transcrita com muita competência e habilidade pelo candidato, o que permitiu que a transcrição fosse compreensível por si mesma, dispensando a consulta ao texto original; isso demonstrou a grande competência discursiva deste candidato, fazendo com que seu texto se configurasse como uma redação exemplar para a proposta 1, do Vestibular 2015.

Fonte: COPS/ VESTIBULAR UEL, 2015.

A comissão da UEL prima, como consta em seu material, por avaliar a estrutura, a discursividade e a normatividade da língua por meio de textos. Esses elementos podem ser observados ao longo do comentário da banca e comprovam a preocupação da instituição em desenvolver uma prova que almeja um perfil de vestibulando que seja habilidoso e competente na escrita e na forma composicional. Para a adequação ao texto pedido, como diálogo entre as

comissões avaliadoras, foram fundamentais, nessa prova, o conhecimento linguístico do candidato acerca dos tempos verbais e a necessidade de se colocar como narrador do texto.

Compreendemos que o diálogo das instituições na esfera de avaliação, em aproximação com a didático-pedagógica, ocorre quando do cumprimento do “gênero”, mas a noção de gênero apresenta um diálogo opositivo. Com isso, podemos notar que há um trabalho com o texto diversificado nesses exames vestibulares e a busca por candidatos que conseguem desenvolver mais do que receitas e modelos de textos.

4.3. Leitura dos textos-fonte

A leitura crítica dos textos-fonte é aspecto relevante para as comissões, evidenciando mais um diálogo em concordância dessas bancas. Esse aspecto é pertinente, pois não observamos valoração de uso dos textos-fonte em provas de redação como a do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Os avaliadores desta prova penalizam candidatos que utilizam apenas as informações dos textos da coletânea, diferente das instituições da pesquisa, que primam por uma boa leitura e um bom uso dos textos- base na produção textual. Para essas comissões (UNICAMP, UEL e UFPR) é valorizado também o candidato que traz uma leitura exterior aos textos para complementar sua argumentação, porém aquele que apenas faz uso dos textos-fonte e consegue utilizá-los de modo inferencial recebe o mesmo olhar do corretor. O objetivo dessas bancas é avaliar a capacidade de leitura e interpretação, e não medir a quantidade de argumentos que o vestibulando traz para a prova.

Desse modo, se se fiar nessas provas e se elas tiverem o poder de influenciar o ensino médio do entorno dessas universidades, não é somente o processo de escrita que deveria ser trabalhado nas escolas, mas também deveria ser feito um exercício constante de leitura, sendo essas leituras variadas e abrangentes, aprimorando e desenvolvendo o senso crítico do educando em meio aos textos lidos. Todavia, vale pontuarmos que esse pensamento está distante da realidade das escolas brasileiras e do aluno médio, sendo um desafio da educação nacional.

Lajolo (1982ab) *apud* Geraldi (2011) apresenta uma noção de leitor maduro/experiente que diz muito sobre o que observamos sendo requerido pelas bancas avaliadoras: “Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida” (p. 92). A avaliação da leitura dos textos-fonte e a capacidade de interpretação dos candidatos mostra um posicionamento dessas comissões avaliadoras frente a um processo de ensino/aprendizagem de

interpretação de textos dentro e fora da sala de aula, sobretudo, a consciência dos professores em propor atividades que impulsionem o gosto pela leitura e pelo conhecimento.

Um exemplo da importância da leitura dos textos-fonte para o desenvolvimento da redação é constatado no exame vestibular da UNICAMP, do ano de 2016. O candidato fez um trabalho consistente na sua produção textual a partir dos textos disponibilizados pela banca. No enunciado da proposta, os avaliadores já pedem que o candidato faça uma leitura mais analítica do texto-base, objetivando avaliar a capacidade de interpretação e de articulação desses autores.

Figura 26 – Proposta de Redação – UNICAMP

TEXTO 2

Você está participando de um curso sobre o livro *O sentimento de si: corpo, emoção e consciência*, de autoria do neurocientista António Damásio. Uma das avaliações do curso consiste na produção de um texto de divulgação científica a ser publicado em um blog do curso. O objetivo do seu texto será o de divulgar as ideias do autor para um público mais amplo, especialmente para alunos do ensino médio. Você deverá escrever o seu texto **sobre o tema da indução das emoções, baseado no excerto abaixo**, incluindo:

- a) uma explicação sobre indutores de emoção com exemplos do próprio texto;
- b) uma breve narrativa que exemplifique processos de indução de emoções;
- c) uma finalização baseada no fechamento do texto original.

Lembre-se de que o **texto de divulgação científica** deverá ter **um título** adequado aos conteúdos tratados.

Fonte: COMVEST/ VESTIBULAR UNICAMP, 2016.

Nesse texto de divulgação científica, a leitura dos textos-fonte é fundamental para a execução das tarefas, uma vez que o intento desse gênero é expor pesquisas que estão sendo desenvolvidas como, por exemplo, a do neurocientista António Damásio, de maneira acessível ao leitor geral. Estamos diante de uma proposta de gênero discursivo que requer um trabalho e uma leitura criteriosa do candidato.

Vejamos na Figura abaixo uma produção textual “acima da média”, que materializa em seus enunciados as estratégias de leitura do vestibulando a partir dos textos-fonte, e o subsequente comentário da banca:

Figura 27 – Exemplo do gênero de divulgação científica

“Indutores de emoção”: os gatilhos das sensações

Constantemente em nossas vidas, lugares, pessoas, objetos ou situações são responsáveis por nos causar emoções diversas, às vezes positivas, às vezes não. Segundo António Damásio, as emoções são meios de responder a determinados estímulos, tais estímulos são tratados em seu livro “O sentimento de si: corpo, emoção e consciência” como “indutores de emoção”.

Imaginamos a seguinte situação: ao longo de sua infância você viveu em uma casa onde foi muito feliz. Anos mais tarde, você se depara com uma casa extremamente parecida com aquela em que passou a infância. Nesse instante, seu cérebro passa a associar a casa nova com a ideia da felicidade que você presenciou ao longo da infância, mesmo que nada de bom já tenha acontecido na nova residência. No nosso exemplo, a casa seria o indutor de emoção, pois sua lembrança gera em você sensações de felicidade.

Suponhamos agora que você foi atropelado por uma moça ruiva ao sair da escola. Tempos depois, em uma festa com os amigos, você vê uma jovem muito parecida com a motorista que o atropelou. Assim, mesmo sem conhecer a jovem da festa, você começa a se sentir desconfortável ou irritado só de vê-la. Nesse caso, o indutor de emoção é a aparência da mulher ruiva, que lhe remete a uma situação terrível, causando-lhe irritação.

Naturalmente, existe uma gama de indutores, mas o hábito de conceder um valor afetivo a seres inanimados, como objetos, aumenta infinitamente o número de estimulantes. Felizmente, a resposta a tais estímulos é, quase sempre, fraca, embora as emoções estejam sempre presentes. Portanto, como há, toda vez, uma ligação entre o indutor e a emoção subsequente, um certo grau de sensação está intimamente associado ao que pensamos sobre nós ou sobre o mundo ao nosso redor.

Esta redação cumpre de modo eficiente a função exigida no enunciado, a de se constituir como um texto de divulgação científica. Para tanto, atende aos requisitos da prova, a começar pelo título, que não apenas se mostra adequado ao conteúdo do texto-fonte, mas também possui um caráter explicativo, já que propõe uma espécie de “tradução” do conceito central do texto, o de “indutores de emoção”. No primeiro parágrafo, de forma objetiva e concisa, o candidato explica o que entende por indutores de emoções e também por emoções. Para tanto, não deixa de citar a fonte de tais explicações, o livro de António Damásio. No segundo parágrafo da redação, ele dá conta de desenvolver a explicação do conceito a partir de uma paráfrase do exemplo da “casa” contido no terceiro parágrafo do texto-fonte. No terceiro parágrafo da redação, o candidato aproveita também o exemplo do “rosto de uma belíssima desconhecida” e o toma como uma espécie de mote para a criação de uma situação narrativa de um “acontecimento terrível”, no caso, a situação hipotética do atropelamento praticado pela motorista ruiva. No quarto parágrafo, o candidato realiza o fechamento do texto com base na conclusão de Damásio, preservando a ideia básica de que a maior parte dos objetos e das situações conduz a alguma reação emocional em maior ou menor escala e isso fundamenta o pensamento do homem sobre si e sobre o mundo que o cerca.

Fonte: COMVEST/VESTIBULAR UNICAMP, 2016.

Nesse exemplo em específico, o vestibulando não só compreende o sentido dos textos, como realiza paráfrases e traz explicações para uma exposição mais acurada do conteúdo do texto para os possíveis interlocutores. Percebemos um cuidado em atingir o público e mostrar uma argumentação clara e coerente desse material. A produção de texto feita pelo vestibulando é “boa” por realizar com qualidade uma leitura dos textos-fonte e trazer uma interpretação aguçada.

O enunciado concreto da banca avaliadora revela a importância de um olhar crítico e seletivo do texto. A tarefa proposta é justamente a de avaliar candidatos leitores, dado que não é necessário só informar os conteúdos dos textos-base, mas explicar por meio de sua compreensão individual a ideia contida nesse estudo – construindo um traço autoral no texto.

É um processo de entendimento e de resignificação do enunciado por parte do candidato, sendo que para isso o conhecimento de outras leituras faz-se necessário. Essa prova

de produção de texto, em diálogo com as outras instituições da pesquisa, requisita um autor/escritor que traz sua subjetividade e mostra sua capacidade de argumentar e criar textos. No exemplo da UEL, vestibular de 2017, podemos observar, por meio da perspectiva bakhtiniana, um diálogo com a banca da UNICAMP acerca da importância da leitura do texto-fonte. O candidato foi instruído na primeira proposta para escrever um resumo, apresentando as ideias ou os fatos contidos no texto-base. O vestibulando deveria resumir o texto “Um problema de gente grande”, de Cuminale, N. adaptado da Revista *Veja*, 15 de jun.2016.

Figura 28 – Texto-base e proposta de redação

Seu filho está apenas distraído com tantas ofertas eletrônicas, anda nervoso por causa de uma prova ou ansioso com algum problema que não sabe como enfrentar? Muitas vezes é apenas isso mesmo, e as preocupações paternas se dissipam com o tempo. Em alguns casos, contudo, há um problema médico real. Cresce em todo o mundo o número de diagnósticos de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Ele atinge uma em cada vinte crianças. O portador da doença sofre com picos de desatenção, impulsividade, inquietação e dificuldade de aprendizado, sintomas claramente descritos em mais de 30000 artigos científicos publicados ao longo dos últimos quarenta anos. A novidade: a doença, tão colada à infância e à adolescência, pode surgir na idade adulta. Segundo o consenso científico em vigor, o TDAH é uma afecção do desenvolvimento cerebral originada na infância e, na maior parte dos casos, plenamente superada com a maturidade. Dois novos estudos recém-publicados na revista científica *Jama Psychiatry*, um dos periódicos mais prestigiosos do mundo, sugerem, no entanto, que a doença é também de gente grande. Diz Guilherme Polanczyk, professor de psiquiatria da infância da Universidade de São Paulo (USP) e autor de um dos estudos: “O achado pode representar uma mudança radical na maneira como a ciência lida com o TDAH”. Na régua dos atuais protocolos, a prevalência de TDAH na fase adulta é de 1,5%. Com as novas conclusões, poderá chegar a 12%.

(Adaptado de: CUMINALE, N. Um problema de gente grande. *Veja*. 15 jun. 2016. p.96.)

Resuma o texto, entre 8 e 10 linhas.

Em apenas um parágrafo, você deverá apresentar as ideias ou os fatos essenciais contidos na matéria, mantendo sua estrutura e seus pontos principais. Seu texto deverá ser construído sem copiar enunciados do texto original e sem emitir comentários ou juízos de valor.

Fonte: COPS/VESTIBULAR UEL, 2017.

A ideia com a proposta acima é a de avaliar a capacidade e habilidade do candidato de selecionar e compreender um ponto de vista sobre um tema polêmico e de caráter social. Para tanto, é preciso que o candidato extraia as principais ideias e fatos. Em seguida, apresentamos o texto considerado “bom” para a banca da UEL/COPS e que foi capaz de revelar propriedade de leitura do autor, segundo a banca de avaliação.

Figura 29 – Exemplo de texto comentado da UEL

3.2.1 Exemplo de texto satisfatório

REDAÇÃO 1

1 Em "Um problema de gente grande" (Veja - 15/06/2016, p. 96), Cuminale trata do transtorno de déficit de
 2 atenção e hiperatividade, bem como do aumento de sua incidência na população mundial e, sobretudo, da re-
 3 cta drabohista de que o TDAH pode surgir na idade adulta. Segundo o autor, a condição - que envolve in-
 4 temas facilmente confundidos com situações cotidianas, como distração, ansiedade e dificuldade de aten-
 5 ção - atinge uma em cada vinte crianças. No entanto, ressalta, estudos recentes publicados na revis-
 6 ta científica *Jama Psychiatry* atestam que o TDAH apresenta sintomas quando se trata de adultos, ao contrá-
 7 rio do que afirmavam os artigos parâmetros - de que o problema surge na infância e na tipicamente
 8 associado a esta fase e à adolescência. Por fim, o articulista cita Guilherme Polanczyk, professor de psi-
 9 quiatria da USP, que ratifica a veracidade das novas conclusões ao afirmar um possível aumento no diag-
 10 nóstico da doença em adultos, de 1,5% para até 12%.

Comentário

Este ano, para a produção da redação, o vestibular da UEL selecionou como gênero o Resumo. Neste caso, esperava-se que o candidato elaborasse o seu texto com base no trecho adaptado da matéria "Um problema de gente grande", de M. Cuminale, publicado na revista *Veja*, em 15 de junho de 2016.

A produção escrita teria de ser realizada em apenas um parágrafo, apresentando as ideias ou fatos essenciais do texto, mantendo sua estrutura e pontos principais, sem que se copiasse os enunciados do original e, principalmente, sem emitir comentários ou juízo de valor.

Dentre as redações produzidas neste concurso, a que segue destacou-se por atender a todas essas solicitações e também por apresentar um conteúdo em que se manifestaram as marcas da distinção entre a voz que resume o texto e o texto resumido, como, por exemplo, a expressão "segundo o autor" (linha 3), e as referências explícitas da autoria, ora introduzidas pelo nome do autor (Cuminale, linha 1), ora retomadas por sinonímia, por meio de sintagmas nominais, como "o autor" (linha 3) e "o articulista" (linha 8) e até mesmo por meio de elipse, como o caso do emprego da forma verbal "ressalta" (linha 5), cujo sujeito elíptico é N. Cuminale.

O candidato também apresentou, em seu resumo, a compreensão do texto-base por meio da apresentação de suas ideias principais, com objetividade, na ordem do texto, sem enumeração, demonstrando, assim, a sua competência na produção de um texto deste natureza.

Fonte: COPS/VESTIBULAR UEL, 2017.

O exemplo de produção textual acima aproveita o texto-base, demonstrando habilidade de leitura, de seleção e de sumarização do conteúdo feito pelo candidato. Essa compreensão pode ser vista também na maneira como o vestibulando desenvolve o seu texto e articula suas ideias com propriedade e autoria. Podemos notar uma variação de nomenclatura entre a UNICAMP e UEL – texto-fonte ou texto-base – mas o discurso que ecoa entre as bancas revela a mesma valoração: espera-se uma boa leitura dos textos de apoio.

A UFPR também dialoga com a UNICAMP e com a UEL, ressignificando posições como a da banca do ENEM que valoriza, acima de tudo, a leitura de fora do contexto de prova. Além disso, para as comissões cujo discurso é *corpus* desta pesquisa, a leitura do texto-fonte excede o universo de enunciados verbais, de modo a propor leituras de enunciados verbo-

visuais. Um exemplo aparece na quinta questão do vestibular de 2015, da UFPR, vide figura abaixo.

Figura 30 – Questão da UFPR



Adaptado de: <http://ongcea.eco.br/wp-content/uploads/2014/09/>. Acesso em 02 nov.2014.

O relatório da FAO (Fundo das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura-ONU), divulgado em 16/09/2014, mostra a distribuição da fome no mundo. O mapa acima mostra a distribuição geográfica de áreas com diferentes graus de concentração de pessoas que passam fome. Segundo a organização, no período de 1990-1992, 14,8% dos brasileiros passavam fome. Para o período de 2012-2014, o índice brasileiro caiu para 1,7%.

Escreva um texto informativo/opinativo, de 10 a 12 linhas, a respeito da fome no mundo, destacando a presença/ausência do problema nos diferentes continentes. Seu texto deve:

- apresentar um panorama geral do problema no mundo;
- levantar hipóteses que expliquem essa distribuição;
- comentar a situação do Brasil no presente quadro.

Fonte: NC/VESTIBULAR UFPR, 2015.

O enunciado da proposta evidencia a demanda de leitura por parte do candidato na prova de compreensão e produção textual da UFPR, sendo indispensável para uma pontuação alta. Isso significa que o candidato somente seria capaz de executar os comandos de comentar a situação do Brasil em relação à fome se fizesse uma leitura crítica e cuidadosa. O candidato que conseguiu a nota mais alta na grade de correção foi aquele que, dentre outras exigências, fez uma leitura correta do mapa, como pontua a banca. A leitura, como elemento essencial para essas comissões, no contexto de prova, procura mobilizar uma compreensão responsiva e ativa

de enunciados, cobrando leitores que refletem e se posicionem.

A seguir, os critérios da UFPR sobre a leitura e a articulação das informações.

Figura 31 – Critérios de uma das questões de 2015

QUESTÃO 05							
NOTAS	Critérios específicos: definição da nota inicial	Critérios gerais: confirmação ou ajuste da nota inicial (até 1 ponto acima ou abaixo)					
		Clareza, organização global e coerência	Vocabulário	Recursos coesivos	Sintaxe	Concordância e regência	Pontuação e ortografia
6	Segue precisamente as orientações da proposta. Apresenta leitura correta das informações no mapa. Levanta hipóteses consistentes. Articula adequadamente as informações selecionadas.	Excelente	Variado, preciso, adequado.	Variados, adequados	Estruturas simples e complexas	Máximo 1 erro	Pontuação correta, máximo 1 erro ortográfico.

Fonte: NC/VESTIBULAR UFPR, 2015.

Portanto, nessa esfera, a leitura dos textos de apoio ecoa entre as bancas e refuta exames, como o ENEM, que embora seja uma prova de grande relevância apresenta diretrizes outras para a produção textual. Desse modo, constatamos uma ressignificação dessas instituições sobre a produção de texto no Brasil, marcando um lugar político e histórico ao cobrarem variados gêneros e habilidades de leitura.

4.4. Adequação à norma escrita culta e progressão temática

Ainda em nossa busca pelo diálogo, ou seja, os ecos do que as comissões avaliadoras almejam em um “bom texto”, notamos que a adequação à norma escrita culta é outro aspecto presente na avaliação das instituições. Os enunciados concretos das bancas ecoam, entre si, os conteúdos a respeito da escrita culta cobrados nesse cenário de avaliação, visto que as palavras, os sentidos e as concepções sobre as normas linguísticas são reverberados na trama enunciativa, transcendendo o tempo e o espaço, como pontuado em Bakhtin (2000).

Com isso, independente da proposta ou do gênero pedido, o candidato deve escrever um texto de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa, isto é, uma escrita que demonstre uma competência gramatical. É a norma empregada e valorizada nas escolas brasileiras – tradição escolar –, visto a necessidade de padronizar a escrita entre os candidatos. Embora os vestibulandos necessitem escrever de acordo com a norma culta, é importante observar que as instituições, em diálogo mútuo, não esperam produções textuais “perfeitas”, ou seja, os textos podem apresentar pequenos desvios gramaticais como, por exemplo, falta de pontuação ou acento, porém a ideia não é focalizar em inadequações isoladas no texto, os avaliadores pensam na produção textual como um todo e na flexibilização do gênero quanto à escrita.

A UFPR mostra em seus comentários como os textos são avaliados pelas comissões nas categorias de concordância, regência, pontuação e ortografia. Vale pontuarmos que, quanto à UFPR, a maneira como a banca entende o gênero – destacam a necessidade do jargão do gênero – revela o seu foco no estilo. Nesse caso, não é a escrita formal típica propriamente esperada, porque tem o jargão do gênero incluído, como veremos abaixo, potencializando a esfera de circulação do gênero.

A UNICAMP, em diálogo uníssono, discute a proposta de uma máscara discursiva na elaboração dos textos, trazendo as marcas linguísticas dessa discursividade, sobretudo, à esfera discursiva e à flexibilização do gênero⁹. Nesse sentido, podemos observar nos comentários da UFPR a ideia do jargão linguístico no gênero notícia (questão 1), cobrado no exame vestibular de 2015 – o candidato deveria redigir uma notícia de jornal sobre a música “Saudosa Maloca”, de Adoniran Barbosa.

Figura 32 – Proposta de notícia – UFPR

A partir da leitura dessa música, redija uma notícia de jornal que informe ao leitor os fatos narrados. Seu texto deve:

- ser introduzido por um título (manchete);
- apresentar a narrativa do ponto de vista do veículo de comunicação;
- ser fiel aos fatos apresentados na letra da música, podendo haver acréscimo de detalhes, inventados por você, que atualizem a narrativa e permitam adequá-la ao gênero “notícia de jornal”;
- apresentar a linguagem e a estrutura próprias do gênero;
- ter de 7 a 10 linhas.

Fonte: NC/ VESTIBULAR UFPR, 2016.

Além dos requisitos citados acima, a banca salienta que para atingir a nota máxima na prova, o candidato pode cometer, no máximo, um erro em ambas categorias de avaliação, visto que mais de um erro a produção textual não entra mais na nota máxima – atente-se para o fato de que esta prova numera os erros e não os considera em sua complexidade/simplicidade. As três primeiras notas do quadro de critérios avaliativos das comissões vão de textos excelentes (nota máxima) até textos medianos (notas razoáveis), como vemos na Figura 33.

Figura 33 – Critérios avaliativos da UFPR

QUESTÃO 01							
NOTAS	Critérios específicos: definição da nota inicial	Critérios gerais: confirmação ou ajuste da nota inicial (até 1 ponto acima ou abaixo)					
		Clareza, organização global e coerência	Vocabulário	Recursos coesivos	Sintaxe	Concordância e regência	Pontuação e ortografia
6	Texto que atende a todos os comandos da questão. Apresenta-se como o gênero <i>notícia</i> completo: data, lugar, jargão linguístico do gênero. Relata o episódio da canção e amplia para a atualidade. Estabelece correlação entre as informações selecionadas.	Excelente	Variado, preciso, adequado.	Variados, adequados	Estruturas simples e complexas	Máximo 1 erro	Pontuação correta, máximo 1 erro ortográfico.
5	Texto que atende às exigências do gênero, apresenta uma boa leitura e interpretação do fato específico focalizado na letra da música e domínio do jargão jornalístico. Apresenta correlação entre as informações selecionadas.	Muito Boa.	Variado, preciso, adequado.	Variados, adequados.	Estruturas simples e complexas.	Máximo 2 erros.	Pontuação correta, máximo 2 erros ortográficos.
4	Texto que atende às exigências do gênero <i>notícia</i> e faz menção à questão central da letra da música de Adoniran Barbosa e busca uma atualização do evento.	Boa.	Simple, adequado.	Adequados.	Estruturas simples.	Ocorrência moderada de erros.	Poucos erros de ortografia e pontuação.

Fonte: NC/ VESTIBULAR UFPR, 2015.

O texto pontuado com nota máxima na UFPR não é um texto “perfeito”, sem desvios de concordância e/ou regência, mas um texto que não foge daquilo que é esperado pela comissão da UFPR. O desvio não compromete o texto em sua gênese global e nem impede de o candidato conseguir uma nota máxima. Isso porque a banca não busca perfeição, mas qualidade e boa escrita analisando o todo do texto, de modo que o vestibulando escreva com eficácia e com legitimação sem demasiados erros gramaticais. Na mesma linha, a ortografia, a escolha lexical e o vocabulário são avaliados pela banca, sendo características que precisam ser desenvolvidas pelo candidato a fim de gerar fluidez à sua argumentação.

Destacamos um trecho da introdução dada pela UNICAMP, no material de redação de 2017, em que a instituição comenta como esses quesitos são avaliados em sua grade de correção para que, dessa forma, atestemos a importância dos aspectos citados nessa banca, em diálogo com a banca anterior.

[...] Cada uma das propostas é composta de um enunciado que apresenta as condições para a produção textual situando o candidato em relação ao propósito de sua leitura e de sua escrita, ao gênero do texto que deverá ser produzido e à interlocução (enunciador e interlocutor) a ser construída. Os elementos acima mencionados – propósito, interlocução e gênero – definem também os elementos balizadores da correção. Esses elementos são avaliados tanto na grade específica (para cada um dos textos), como na grade holística (comum para todos os textos), que também avalia a modalidade escrita, a coesão e a **adequação lexical**. A grade específica avalia o cumprimento das condições de produção de cada texto, apresentadas no enunciado, no que se refere ao propósito, à interlocução e ao gênero. A grade holística avalia a qualidade do texto, que tem como parâmetros os mesmos elementos, sustentados por uma boa modalidade escrita e coesão, **além de um conjunto lexical adequado** [...] (COMVEST/ VESTIBULAR UNICAMP, 2017, grifo nosso).

A mencionada grade holística da UNICAMP é a avaliação geral do texto do candidato,

especialmente no que concerne à adequada escolha lexical do estudante, à modalidade escrita e à coesão. Uma coerente seleção lexical também está atrelada à boa semântica do texto, frases e enunciados colocados em contextos que contribuem para a construção de um texto com qualidade. Além disso, vocábulos inadequados prejudicam a fluidez e impossibilitam uma progressão temática do texto, desqualificando e revelando falta de habilidade escrita, sendo penalizado na nota. Tal posicionamento da comissão da UNICAMP pode ser identificado no enunciado da comissão referente ao exame vestibular de 2017, como vemos na Figura abaixo.

Figura 34 – Proposta, redação e comentário

2. A PROVA DE REDAÇÃO 2017

TEXTO 1

Como um(a) aluno(a) do Ensino Médio interessado(a) em questões da atualidade, você leu o artigo “A volta de um Rio que faz sonhar”. Sentindo-se desafiado(a) pelos questionamentos levantados no texto, você decidiu escrever uma carta para a Seção do Leitor da revista *Rio Pesquisa*. Em sua carta, discuta a relação estabelecida pela autora entre o conceito de Brasil cordial e a presença de estrangeiros no Brasil, apresentando argumentos em defesa de um ponto de vista sobre a questão.

À Revista Rio Pesquisa,

O artigo “A volta de um Rio que faz sonhar” de Lená Medeiros de Menezes traz, em minha opinião, uma discussão importantíssima para o Brasil atual. Em meio a um contexto global de crises econômicas, conflitos civis e embates socioculturais, analisar o papel e o comportamento do brasileiro frente aos imigrantes que se instalaram e se instalarão no país torna-se uma discussão delicada, porém necessária.

Concordo plenamente com a autora sobre a falsidade do conceito de Brasil cordial. A ideia de um Brasil acolhedor de estrangeiros se desfaz ao observarmos a existência clara de discriminação do imigrante, seja ela direta, como o preconceito quanto ao trabalho dos médicos cubanos, ou indireta, como no ciclo de desigualdade enfrentado por bolivianos e haitianos que acabam por exercer subempregos e são privados de seus direitos básicos em condições de vida precárias.

Então, arrisco a dizer que a ideia de um Brasil cordial é ilusória e se junta a demais mitos – como o da democracia racial – que esculpem um Brasil liberal pacífico e acolhedor, procurando esconder do cenário internacional o quão conservador e preconceituoso nosso país é.

A desmistificação é necessidade urgente para que possamos refletir e responder às perguntas do final do artigo de maneira correta e humana, afastando discriminações negativas e xenofobia. E o primeiro passo, com certeza, foi dado com a publicação de “A volta de um Rio que faz sonhar”, portanto, deixo meus parabéns a todos os envolvidos.

Com admiração,

A.L

Comentário

A redação deixa claro que o candidato teve uma excelente compreensão da proposta e do texto que serviu de insumo para a produção. Essa compreensão lhe permitiu o cumprimento do propósito e a construção de uma boa interlocução no gênero carta. A menção, logo no primeiro parágrafo, ao motivo pelo qual resolveu escrever à revista *Rio Pesquisa* contextualiza e justifica sua carta, chamando a atenção para a importância do assunto no momento atual.

As exigências em relação ao enunciador e ao interlocutor foram adequadamente cumpridas. Embora o texto seja endereçado à própria revista, também podem ser interlocutores os outros leitores, visto tratar-se de uma carta para a seção do leitor. Além disso, o texto é escrito da perspectiva de um leitor que se sente desafiado pelos questionamentos levantados no artigo lido. Embora a proposta apresente o enunciador como um aluno do Ensino Médio, não era obrigatória a menção a essa característica no texto do candidato, já que havia sido

7

2ª Fase • Redação



inserida no enunciado apenas para dar maior autenticidade à proposta. Importante, sim, era caracterizar o enunciador como um leitor do artigo.

O propósito foi adequadamente cumprido. A concordância com o ponto de vista da autora, assim como a justificativa desse ponto de vista são apresentadas de maneira concisa, clara e coerente no segundo e terceiro parágrafos, que também discutem a relação entre o conceito de Brasil cordial e a presença de estrangeiros em nosso país. O texto apresenta um conjunto lexical amplo e uma boa modalidade escrita.

Fonte: COMVEST/VESTIBULAR UNICAMP, 2017.

O enunciado da banca deixa claro que à configuração do gênero importa não somente a modalidade escrita *per se*, mas toda a execução das tarefas, de modo a estar adequado à esfera de circulação e recepção do discurso. Nesse ínterim, a progressão temática é igualmente avaliada pela banca. Em resumo, a articulação, a organização, a estruturação e a relação das sentenças precisam ser coerentes e coesas.

Abaixo, a proposta, o texto e o comentário da UEL para averiguarmos os aspectos pontuados.

Figura 35 – Segunda proposta de redação da UEL – 2015

O escritor gaúcho Vitor Ramil promove, em seu último livro *A Primavera da Pontuação*, uma alegoria divertida entre os elementos da gramática e a realidade social do Brasil. A história acontece no reino de Ponto Alegre onde vivem os elementos gramaticais da língua portuguesa. O lugar vive uma grande revolta quando uma palavra-caminhão atropela um ponto e foge do local sem ser identificada. Os personagens do romance são todos termos gramaticais, padrões ortográficos e símbolos de pontuação que funcionam como um espelho da sociedade humana. Fazem parte da trama, entre outros elementos, acentos inescrupulosos, vírgulas desonestas, um “ph” ancião e jovens tremas que reclamavam de dor na coluna, pois em virtude da reforma ortográfica, tentavam trabalhar como dois pontos.

Utilizando a mesma estratégia do autor, dê sequência à narrativa a seguir, criando um desfecho para a história.

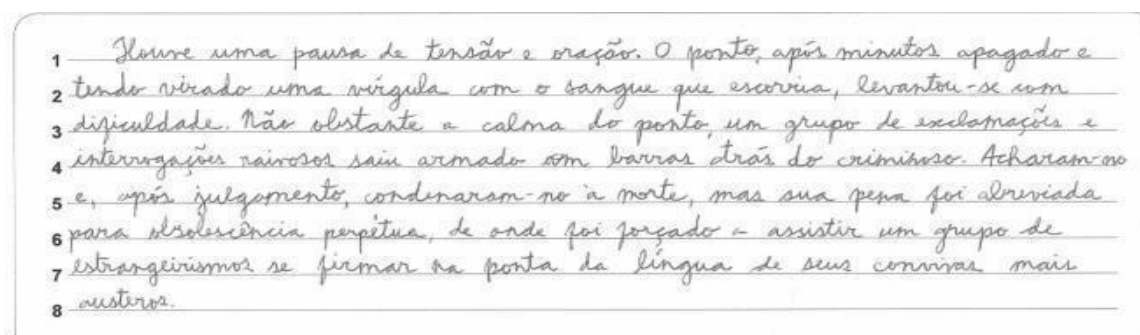
Certa manhã, pintou-se um quadro negro: uma palavra-caminhão, dessas que trafegam ameaçadoramente inclinadas, carregadas de letras garrafais, atropelou um ponto em uma esquina de frases e fugiu. Revoltada, a pontuação, que a tudo assistira, aglomerou-se no local do acidente.

(Adaptado de: MOSER, S. Uma Fábula Gramatical. *Gazeta do Povo*. Curitiba. 29 jun. 2014. Caderno G. p.3.)

Para a elaboração de seu texto, utilize de 5 a 8 linhas.

Fonte: COPS/VESTIBULAR UEL, 2015.

Figura 36 – Exemplo e comentário de redação – UEL



Comentário

O candidato inicia seu texto com uma frase que resume o sentimento da população quanto ao ocorrido, deixando o leitor em suspense para o que vai ocorrer e jogando com as duplas chaves do texto, denotativo e conotativo: "houve uma pausa de tensão e oração". Em seguida, reintroduz a personagem vítima do atropelamento, descrevendo a cena com elementos que remetem tanto ao cotidiano humano, quanto ao universo da língua portuguesa: "apagado", "vírgula" e "sangue que escorre". Dando sequência à trama, recorre às "interrogações" e "exclamações", personificadas, pois formam um grupo raivoso que "sai armado com barras". Para finalizar, submete o "criminoso" a um "julgamento", que resulta em uma pena de morte transformada em tortura eterna, assistir aos "estrangeirismo" se firmando na língua portuguesa. O texto é construído sempre observando o tom de fábula, dando vida a personagens extraídas da gramática, com progressão temática e fechando com o inesperado. Quanto à forma, o texto é limpo, sem desvios da gramática normativa.

Fonte: COPS/VESTIBULAR UEL, 2015.

O exemplo demonstra uma compreensão global do candidato em relação à proposta e uma capacidade de fazer progredir a narrativa. O vestibulando, sem perder a coerência e coesão textual, revela maturidade na escolha de mecanismos coerentes para desenvolver a proposta solicitada. Sendo assim, o estudante mostrou ter habilidade de encadear, de sequenciar, de

reconstruir e de estruturar os enunciados, construindo sentido e possibilitando relações entre as partes do texto, sem confundir ou trazer frases desconexas e inviáveis. O candidato também mostrou ter capacidade para escrever um texto sem desvios de pontuação, de regência, de concordância etc, contribuindo para uma progressão textual. Para as três comissões avaliadoras (COMVEST, COPS, NC-UFPR), em diálogo, a progressão temática figura como um recurso indispensável para uma construção argumentativa ideal, garantia de uma nota “boa”.

Ao longo dessa seção, descrevemos a posição das comissões e analisamos como o tema (“bom texto”), na perspectiva do Círculo de Bakhtin, é atualizado, mostrando como cada uma das instituições apresenta um sentido para a concepção de texto.

Analisaremos, no desenvolvimento da dissertação, como os aspectos (progressão temática, proposta temática, leitura aguçada dos textos-fonte, modalidade de escrita e gênero discursivo) são ensinados por professores de cursinhos no *YouTube*. Dentre outras indagações, buscaremos saber como eles atualizam a imagem do que é considerado um “bom texto”, presente nos comentários; quais aspectos valorizam na textualidade; e qual discurso é atualizado na imagem do “bom texto”.

5. ANÁLISE DAS VIDEOAULAS DO YOUTUBE

Nesta seção, desenvolvemos uma análise de discursos de professores na esfera didático-pedagógica. O objetivo, portanto, é depreendermos como o tema “bom texto” é atualizado pelos educadores na plataforma do *YouTube* e quais valores são observados sobre a textualidade no ambiente virtual. O canal *Stoodi*, como já abordado na metodologia, é o *corpus* central, do qual são desenvolvidas análises interpretativas e qualitativas, pois o cursinho aborda os três vestibulares selecionados no trabalho (UNICAMP, UEL e UFPR). Os canais *Me Salva* e *Oficina Resolve* são utilizados para cotejo, no desenvolvimento das análises.

Para organização das análises, dividimos este capítulo em três subtítulos principais: enunciado concreto, gêneros discursivos e modalidade de escrita.

5.1. Enunciado concreto

Os produtores do *Stoodi* publicaram no *YouTube* monitorias de redação sobre os exames da UNICAMP, UEL e UFPR. A professora Marina Sestito, coordenadora de redação do *Stoodi*, conduz as monitorias com o apoio de um ajudante técnico para auxiliá-la nas videoaulas. Com o suporte técnico, a professora exhibe na tela o edital, as redações enviadas pelos estudantes da plataforma e a proposta de produção de texto pedida pelas instituições para que os vestibulandos possam acompanhar a leitura.

Notamos que, como consta no enunciado da educadora, para que ela explique o modelo de prova, suas videoaulas serão baseadas nos editais disponibilizados pelas bancas avaliadoras – COMVEST, COPS e NC. Isso reitera, ao nosso ver, a relevância das publicações dessas instituições para a comunidade, pois é a partir delas que os professores e vestibulandos conhecem o vestibular e se preparam para ele. No entanto, percebemos que Sestito não explora ou amplia a discussão com outros materiais oferecidos pelas instituições como, a título de exemplo, os comentários das provas e os exemplos de textos acima da média, abaixo da média ou anulados.

Sestito, desse modo, não explora o suficiente todos os materiais ofertados e ainda não apresenta para os estudantes a distinção das produções textuais – os níveis de textos. Em nossa concepção, a análise desses conteúdos é relevante para que o estudante saiba qual a “imagem” do texto esperado por essas bancas e a maneira como são avaliados pelos corretores.

A COMVEST e a COPS, inclusive, discutem como os critérios observados no edital estão presentes nas produções textuais dos candidatos, reiterando a necessidade de trabalhar

com essa imagem. Desse modo, em nossa perspectiva, esse é um recurso relevante para ser explorado também em sala de aula e ampliar o olhar do vestibulando para o contexto de produção textual. Observamos, por sua vez, que em todas as monitorias (UNICAMP, UEL e UFPR) a docente faz a leitura dos editais e discute por meio deles os aspectos cobrados pelas comissões. Como podemos notar na fala de Sestito, é no edital que as informações das provas serão dadas, desse modo, sendo relevante a sua leitura.

03:16 Então no edital da Unicamp a gente tem os direcionamentos do que vai ser COBRADO de vocês na prova ... então aqui a gente vai descobrir o que vai acontecer na prova ... e vai descobrir também a partir de QUAIS ASPECTOS o nosso texto vai ser avaliado ... essa eu considero que seja a parte MAIS IMPORTANTE dessa monitoria (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL *STOODI*, 2018).

A seguir, na Figura 37, temos o *print* do edital utilizado na videoaula de redação da UNICAMP, enfocando os aspectos que a docente utilizará como base para ministrar sua monitoria.

Figura 37 – Edital da UNICAMP

Edital

A prova de Redação: composta de duas tarefas obrigatórias, busca avaliar a habilidade do candidato no emprego de recursos que são necessários à produção de textos pertencentes a diferentes gêneros discursivos. Cada tarefa é acompanhada de um ou mais textos que irão subsidiar o seu desenvolvimento, além de instruções que indicarão os interlocutores envolvidos, bem como o gênero e o propósito do texto a ser elaborado pelo candidato.

A prova procura, desta forma, reproduzir o funcionamento do discurso no mundo real. Para que um texto seja bem-sucedido em seus propósitos, o autor deve ter experiência de leitura e delinear um projeto em função de um ou mais objetivos específicos, que deverão ser atingidos por meio da formulação escrita. A avaliação dos textos produzidos levará em conta as condições propostas na atividade: as propriedades do gênero, os participantes da interlocução, o propósito (tendo em vista o tema, a situação de interação proposta e as instruções), a leitura e a articulação entre as partes do texto.

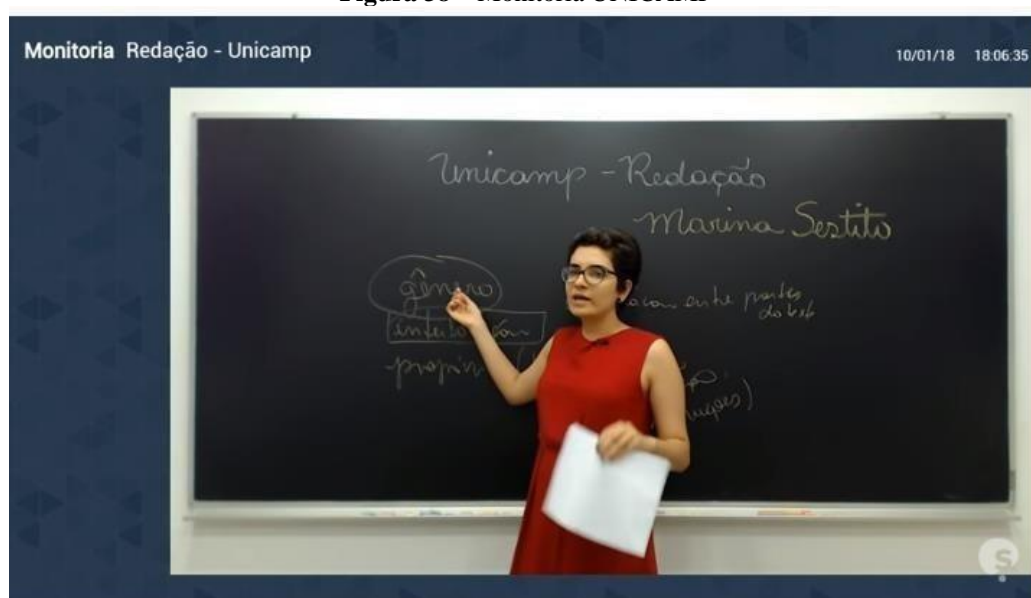
Assim, o candidato deve, no desenvolvimento das duas tarefas, atender a requerimentos relacionados:

- 1) ao gênero: o texto elaborado pelo candidato em cada uma das tarefas deve ser representativo do gênero solicitado e considerar os interlocutores nele implicados.
- 2) ao propósito: o candidato deve cumprir o propósito da tarefa que está sendo solicitada, observando o tema, a situação de interação proposta e as instruções de elaboração do texto.
- 3) à leitura: é esperado que o candidato estabeleça pontos de contato com o(s) texto(s) fornecido(s) em cada tarefa. Ele deve mostrar a relevância desses pontos para o seu projeto de escrita e não simplesmente reproduzir o(s) texto(s) ou partes do(s) mesmo(s) em forma de colagem.
- 4) à articulação escrita: os textos produzidos pelo candidato devem propiciar uma leitura fluida e envolvente, mostrando uma articulação sintático-semântica ancorada no emprego adequado de elementos coesivos e de outros recursos necessários à organização dos enunciados. O candidato também deve demonstrar ter habilidade na seleção de itens lexicais apropriados ao estilo dos gêneros solicitados e no emprego de regras gramaticais e ortográficas que atendem à modalidade culta da língua.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=OImiu2p4ceY>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Outro ponto analisado, na monitoria, é o formato de aula desenvolvido pela docente para explicar por meio de seus enunciados o conteúdo das provas de produção de texto. O formato de exposição das videoaulas é por meio do giz e do quadro negro, e não por acessórios digitais ou ferramentas modernas como lousa digital. Assim, Sestito em suas videoaulas ainda utiliza os padrões tradicionais de ensino/aprendizagem e apresenta uma postura “séria” diante dos telespectadores. Esse cursinho, por sua vez, não trabalha com uma metodologia de *aulas-show* que são mais descontraídas, dinâmicas, interativas e musicais. Sestito ainda utiliza nas monitorias da UNICAMP e UEL fichas na mão para ler sobre o conteúdo e no caso da UFPR faz uso de *notebook*. Na Figura 38, abaixo, vê-se o ambiente tradicional do cursinho.

Figura 38 – Monitoria UNICAMP



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Olmui2p4ceY>. Acesso em: 20 jan. 2020.

A educadora, apesar de utilizar somente lousa e giz, toma o cuidado de escolher uma cor que seja visível e de escrever com uma letra mais legível para os alunos, priorizando a compreensão do texto pelo estudante. Abaixo, seguem dois momentos em que a docente expressa preocupação em relação à sua escrita e a compreensão dos alunos:

7:00 Cês vão chegar na hora da prova ... vai ter uma coletânea que vai ajudar vocês ... evai ter TODAS AS INSTRUÇÕES que vocês precisam ... Que instruções vão ser essas? ... é as instruções do texto ... elas vão falar pra vocês -- deixa eu pegar uma cor que apareça – ((escolhendo giz, próxima à lousa)) ... amarelo fica bom? ((dirigindo-se ao ajudante técnico)) (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL STOODI, 2018).

12:11 Dentro do propósito ... a gente tem o quê? ... a gente tem o tema ((escrevendo na lousa)) ... a gente tem a situação de interação ((escrevendo na lousa)) ... desculpa ... isso é

na interlocução ... enfim ... de qualquer forma ... situação de interação ((falando pausadamente enquanto escreve)) ... cês podem ver ... gente ... que eu comecei caprichando na letra ... não é mesmo? ... eu comecei...eu me esforcei pra que a letra ficasse decente ... aí o que que aconteceu? ... aconteceu isso ((mostrando letra na lousa)) ... cês me perdoem ... por favor ... aqui tá escrito "situação de interação"... tá? por favor ... anota aí ... porque eu tenho problema com a minha letra ... e também as instruções que vão ser apresentadas pra vocês...vou...vou tentar... ins ... instruções ((escrevendo na lousa)) ... tá ruim ... mas dá pra entender ... né? (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL STOODI, 2018).

Mesmo com essa preocupação, a docente desenvolve sua explicação lendo o edital e escrevendo cada aspecto na lousa; desse modo, não inova nos métodos e recursos didáticos, apresentando sua aula em contexto digital de forma muito parecida com uma “típica sala de aula” presencial, visto que sua ação didática restringe-se a circular na lousa os critérios avaliativos como uma forma de enfatizar aos estudantes determinados conteúdos. Esses recursos não chamam, em nossa visão, a atenção do público, pois reproduzem uma atividade em sala de aula “monótona” e menos eficiente para a compreensão desses alunos, em contexto digital.

A partir da Figura 38 e da transcrição a seguir, podemos observar a dinâmica da videoaula.

7:00 Que instruções vão ser essas? é as instruções do texto ... elas vão falar pra vocês -- deixa eu pegar uma cor que apareça -- ((escolhendo giz, próxima à lousa)) ... amarelo fica bom? ... ((dirigindo-se a alguém)) e essas instruções vão falar pra vocês o que que vocês têm que fazer nesses TRÊS ASPECTOS aqui ((virando-se em direção à lousa)) ... a gente vai precisar ... então pensar no GÊNERO ((escrevendo na lousa)) ... então qual que é o gênero em que você tem que escrever? se é uma dissertação ... se é uma narração ... se é uma carta ... um editorial ... um resumo ... que gênero que você tem que escrever? ... você vai ter direcionamentos sobre a INTERLOCUÇÃO ((escrevendo na lousa)) ... como que a gente entende interlocução? ... e quem é você ... e com quem você fala então você fala de que lugar? ... quem é você na fila do pão? ... e também com quem você vai falar a quem você vai se dirigir quando você for escrever esse texto então essas coisinhas vão ser apresentadas pra vocês nas instruções ... tá? você não tem que adivinharISSO vai tá EXPLICADO pra vocês nas instruções ... qual que é o gênero..... qual que é a interlocução ... e também qual que é o PROPÓSITO ((escrevendo na lousa))..... a gente ouve muito falar de propósito em livro de autoajuda ... né? ... em coisa de empreendedorismo. essas coisas aí que falam pra gente que a gente tem que buscar que a gente tem que ter motivos na vida ... e...na redação também..... a gente só vai escrever um texto se a gente tiver um MOTIVO pra escrever um texto qual que é o propósito da gente escrever esse texto? o que eu quero alcançar com ele? ... qual que é a minha MOTIVAÇÃO pra parar o que eu tô fazendo sentar aqui pra escrever um texto? (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL STOODI, 2018).

Com uma linguagem multimodal e fazendo analogias para exemplificar três aspectos cobrados pela banca avaliadora – gênero, interlocução e propósito – a professora enfatiza tanto no enunciado visual (escrevendo na lousa) quanto na entoação enfática da voz (enunciado

verbal, como vemos na transcrição em letra maiúscula), a importância desses aspectos para a prova. Podemos observar, portanto, que estamos diante de um cenário de ensino/aprendizagem que não acompanha o desenvolvimento tecnológico, pois a docente dispensa recursos digitais – efeitos, filtros, animações – que podem ser usados para uma melhor didatização e dinamismo das videoaulas e faz uso de recursos tipicamente de presentes em aulas presenciais.

A dinâmica da videoaula também é monótona, tendo em vista que Sestito lê, na maioria do tempo, o edital das instituições. Esse recurso pedagógico, em nossa visão, deixa a aula cansativa e menos empolgante, visto que nesse ambiente os efeitos e uma outra postura mais contagiante nas videoaulas podem ser mais atrativos para esses telespectadores. Nesse ambiente, os alunos procuram conteúdos e *sites* que possam ser enunciados de forma mais criativa e bem humorada, aguçando o interesse para o acompanhamento. Sestito não apresenta nenhum recurso de animação, de aparatos musicais ou de recursos visuais/digitais que não fujam do tradicionalismo da sala de aula, inclusive, a lousa e o giz são muito utilizados nas aulas. No caso da videoaula de preparação para a UFPR, um adendo que deixa sua metodologia ainda mais cansativa e monótona é o fato de ela ministrar a aula sentada e sem a utilização do quadro negro, fazendo uma leitura em frente ao computador.

Na Figura 39, podemos comprovar essa postura de Sestito.

Figura 39 – Monitoria UFPR



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Olmui2p4ceY>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Além disso, outro ponto a se destacar sobre o cenário das videoaulas são as cores neutras da parede e da mesa onde está o *notebook*. O ambiente, ao nosso ver, não é atrativo, colorido

ou que busca transmitir um ar mais alegre, pelo contrário, representa um cenário sério e frio. Nas outras aulas (para as provas da UNICAMP e da UEL), com o uso da lousa, também predominam essas cores e o ambiente menos atraente.

Figura 40 – Análise de propostas – UEL



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=-1P_AesNV20. Acesso em: 20 jan.2020.

Observamos, ao fundo e centralizado, um quadro-negro que inclusive já sofreu mudanças ao longo da história em relação à sua cor (preto, verde e branco) e à configuração (lousa digital), sendo até o momento utilizado como um recurso didático pelo cursinho. Os estudos de Bastos (2005) partem das reflexões de Viñao Fraga e Escolano Benito (1998) sobre a influência da centralidade e da estruturação dos recursos de sala para o desenvolvimento do ensino. Assim, segundo ela:

Pode-se afirmar que a centralidade pedagógica do e no quadro-negro resulta da ausência de manuais escolares e de outros recursos visuais para a aprendizagem. Também a centralidade do processo pedagógico na figura do professor e o seu distanciamento, localizado sob um estrado, exige o quadro-negro, os quadros murais, as lousas dos alunos (BASTOS, 2005, p. 135-136).

Figura 41 – Gênero notícia - UNICAMP



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=_t29-2tV5Lw. Acesso em: 20 jan. 2020.

Além disso, a cor da roupa de Sestito nos chamou atenção. Ela usa roupas em tons mais escuros e frios, corroborando para o cenário “sério” e sóbrio/frio das aulas; inclusive, não usa adereços, batons e possui um cabelo curto e preto, que transmite a praticidade e a seriedade da docente. Já a professora do canal *Oficina Resolve* utiliza o uniforme da escola, usando camiseta colorida (vermelha) e os cabelos presos, o que produz para a aula, na figura de sua personagem principal, um tom descontraído e jovem, apesar de mostrar uma imagem padronizada da instituição. Essa docente, apesar do aspecto de jovialidade e descontração, revela um grau de responsabilidade, pois leva o nome da escola e os valores instituídos no seu vestuário, de forma que sua postura frente à sociedade e ao aluno é respaldada em um grupo educacional.

Em relação às videoaulas do canal *Me Salva*, notamos que as aulas protagonizadas pela docente Vica apresentam uma dinamização típica da esfera escolar, visto que a videoaula é pautada na utilização de *post-it*, uma folha de sulfite representando uma lousa e canetas das cores vermelha, preta e azul para explicação do conteúdo.

As Figuras 42 e 43, a seguir, mostram que a docente não utiliza recursos digitais.

Figura 42 – Videoaula UNICAMP



Figura 43 – Continuação UNICAMP



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=vtFriWTctI4>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Os *post-it*, bloco de notas, são muito utilizados pelos estudantes para organizar e pontuar os principais aspectos dos conteúdos ministrados em sala de aula. A ideia do cursinho *Me Salva* com essa dinâmica, em nossa análise, é o de aproximar as videoaulas do público de jovens, visto que é uma “febre” o uso de *post-it* entre os vestibulandos e pode ser colado em qualquer lugar, ficando ao alcance das mãos e dos olhos.

Esses *prints* foram tirados da monitoria sobre a prova de redação da UNICAMP e o discurso inicial da educadora também nos chamou atenção, pois ela traz em seu enunciado verbal, recuperando a cadeia discursiva, o bordão transmitido nas chamadas do programa *Globo Repórter* da rede *Globo* – onde vive? Do que se alimenta? – enunciadas por Sérgio Chapelin apresentador do programa. Os enunciados em questão promovem, mais uma vez, uma tentativa de aproximação do cursinho com os estudantes, tendo em vista que o bordão é conhecido pelos jovens e viraliza nas redes até hoje. Ao nosso ver, uma alternativa de ensino de letramentos mais moderna e atual, permitindo uma atualização da esfera e promovendo uma didatização menos técnica. Além disso, a docente não pauta sua monitoria na leitura do edital das provas de

redação como Sestito, mas, na mesma dinâmica, faz a leitura das propostas com os alunos e grifa os pontos principais. Podemos notar que alguns aspectos estruturais das videoaulas são diferentes, como o fato de não termos a imagem da professora, mas somente suas mãos e a sua voz.

Apesar da estrutura da videoaula do *Stoodi* ser muito próxima do que evidenciamos em uma sala tradicional, o suporte multimodal difere dos livros presentes nas escolas. A interação entre os indivíduos também é diferente em comparação com o ambiente escolar, pois, no caso das videoaulas, os espectadores podem pausar e assistir de onde e como quiser. Nesse sentido, Komesu e Galli (2016) apontam para o fato de que o usuário das tecnologias “teria/tem algum tipo de poder no contexto da Web 3.0, seja para criar/produzir, seja para compartilhar, distribuir, consumir, compreender e selecionar informação [...]” (p.176). Nesse âmbito, estamos diante de um letramento digital⁸, tendo em vista que o manuseio dos conteúdos pelos estudantes requer habilidades, conhecimentos e escolhas que podem variar, aumentando o leque de técnicas e leituras.

Além disso, o discente consegue explorar outros conteúdos e criar uma autonomia diante das videoaulas. Mussio (2016, p. 335) aponta:

Com a autonomia para criar o próprio caminho de leitura, o “aluno-usuário” não necessita ficar restrito ao conteúdo presente em tais videoaulas, pois o modo de ler e escolher tais aulas é feito pelo próprio sujeito que as assiste. Dentro da lógica da comunicação digital, a economia da atenção ganha aspectos novos em razão da condição proativa que tais tecnologias propiciam aos seus usuários. Viabilizadas pela não linearidade das redes, há, hoje, interfaces que estimulam e facilitam a participação, assim como a projeção de leituras outras, possibilitando ao sujeito um novo tipo de interação através do novo meio que o introduz.

O conteúdo desenvolvido por esses canais pode ser usufruído de acordo com o interesse do estudante. Além disso, a linguagem utilizada pelas professoras possibilita a ampliação da interação nesse ambiente de ensino, visto que Sestito utiliza em seu discurso traços marcantes da oralidade e uma linguagem mais informal como o pronome de tratamento *cês*, adequando o seu discurso à esfera de circulação, produção e recepção em que está inserida. Podemos notar esse novo tipo de interação (informal e virtual) quando a docente, em sua videoaula, direcionada para os possíveis vestibulandos da UNICAMP, ressalta a importância de se compreender, por meio da leitura atenta do enunciado da questão, os comandos básicos da prova de redação.

⁸ Letramento digital, segundo Buzato (2003), é “o conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem nas práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos no mundo contemporâneo”.

8:00 É MUITO importante ... pra prova da Unicamp ... a gente fazer um exercício de LEITURA ... é...a gente vai ... daqui a pouquinho ... tentar entender com vocês COMO extrair da coletânea o que é pra fazer ... porque esse é um dos pontos principais ... é...se eu não sei nem o que é pra fazer ... eu não consigo entender nem o que que eu tenho que fazer ... eu não vou conseguir fazer um bom texto ... cê pode ter uma linguagem LINDA ... (mas) se você não entender o que que é pra fazer ... você vai ter uma nota MUITO RUIM ... tá? ... é...então ... primeiro ponto importante ... você vai chegar ali na prova ... e vai ter DUAS tarefas obrigatórias... vai ter DOIS textos pra você escrever ... e não vai ser dissertação ... você vai descobrir NA HORA o que que é pra fazer ... tá? (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL STOODI, 2018).

O propósito enunciativo desse gênero aula youtubiana, como ressalta Mussio (2016), é o de ensino e divulgação. Esse propósito, ao nosso ver, acontece a partir da aproximação da docente em relação ao público das videoaulas que são, em sua maioria, adolescentes que fazem uso de uma linguagem mais solta, na maior parte das suas atividades de interação social.

A atualização do discurso informal na esfera didático-pedagógica pela professora revela o seu posicionamento quanto à normatividade da língua empregada na sala de aula, quebrando o estereótipo de “perfeição” da língua. Sestito reitera que não é uma “linguagem linda”, ou seja, a escrita culta da língua, sem desvios, que possibilita a nota alta no exame vestibular, mas o entendimento da proposta como aspecto principal. De acordo com a educadora, a proposta é observar se o candidato consegue compreender “direcionamentos” na proposta.

9:00 É... e aí o que que a gente vai avaliar nisso? por que que a Unicamp faz isso? porque ela não quer avaliar quem decorou ali o modelinho ... quem decorou a receitinha de bolo ... e vai chegar lá ... e colocar um modelo pronto no texto ... ela quer avaliar quem consegue entender um direcionamento ... e executar um direcionamento ... é quem ... REALMENTE ... consegue entender o que é solicitado ... e consegue fazer aquilo que é solicitado ... tá? ... num é pra chegar com modelo pronto ... é... aqui a gente avalia a capacidade do candidato de compreensão... de um contexto discursivo aqui ... tá? ... então...é...vocês vão ter que entender o que é pra fazer ... e vão ter que fazer essas duas tarefas baseadas em diferentes gêneros discursivos ... não vai ser dissertação ... provavelmente ... pode ser que seja ... mas provavelmente não vai ser ... tá? (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL STOODI, 2018).

Em nossa análise, cotejando com os enunciados da esfera avaliativa, percebemos que a professora explica que um “bom texto”, por sua vez, é aquele que não segue um *modelinho* ou *receitinha de bolo*. A professora entende que o texto almejado pela banca avaliadora é aquele que segue as instruções rigorosamente; em nossa visão, a concepção de “bom texto” para ela não remete à ideia de um texto escrito com coerência, coesão, domínio da língua etc. A comissão avaliadora da Unicamp destaca, nos comentários das redações, que a compreensão da proposta é avaliada, como Sestito pontua, mas também destaca o modo como as tarefas foram realizadas ao longo da produção textual; isto é, a seleção dos recursos lexicais, sintáticos, discursivos etc.,

que compõem a escrita do texto, são avaliados conjuntamente para a correta execução da proposta.

Isso é comprovado quando a instituição divulga as grades de correção (a grade holística e a grade específica) e a forma como os critérios são avaliados pelos pares de corretores.

Figura 44 – Critérios Unicamp

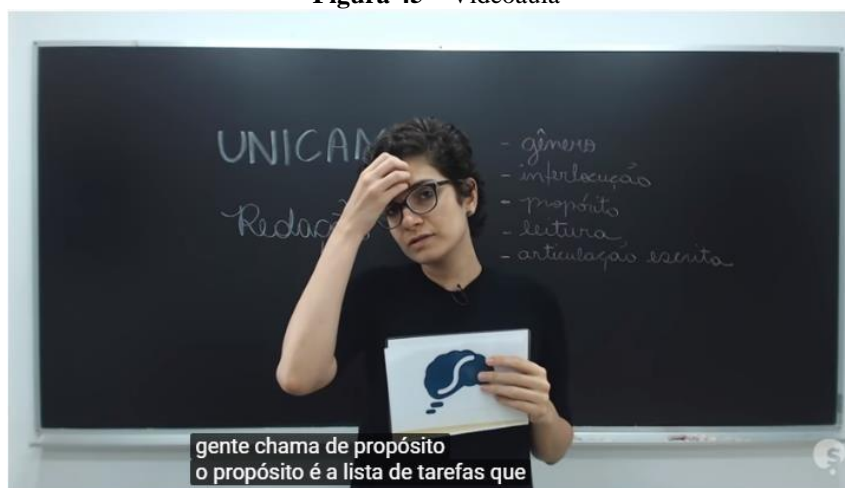
Os elementos acima mencionados – propósito, interlocução e gênero – definem também os elementos balizadores da correção. Esses elementos são avaliados tanto na grade específica (para cada um dos textos), como na grade holística (comum para todos os textos), que também avalia a modalidade escrita, a coesão e a adequação lexical. A grade específica avalia o cumprimento das condições de produção de cada texto, apresentadas no enunciado, no que se refere ao propósito, à interlocução e ao gênero. A grade holística avalia a qualidade do texto, que tem como parâmetros os mesmos elementos, sustentados por uma boa modalidade escrita e coesão, além de um conjunto lexical adequado.

Fonte: COMVEST/VESTIBULAR UNICAMP, 2017.

Podemos observar que a grade específica avalia o cumprimento das tarefas para a realização escrita de determinado gênero, como aponta a professora; no entanto, a grade holística avalia a qualidade do texto no que se refere à boa modalidade escrita e à coesão, por exemplo, o que não é atualizado pela docente. Ou seja: nos comentários, na esfera avaliativa, constatamos também a preocupação com a qualidade do texto em sua “textualidade escrita” e não somente com o cumprimento das tarefas relativas a um determinado gênero. Para Sestito, em seus enunciados, fica evidente que o candidato deve seguir as tarefas exclusivamente, situação que nos revela em seu enunciado o cumprimento de uma receita de bolo – rebatida por ela –, pois os vestibulandos precisam desenvolver tarefas (passo a passo) para conseguir desenvolver a produção textual.

O discurso de Sestito, assim, não atualiza a questão da coesão, da coerência e do domínio da língua para a boa execução desse aspecto na prova da UNICAMP e nem em relação às outras instituições da pesquisa (UEL e UFPR). A docente pauta sua explanação no comando das provas e não na maneira como o vestibulando deve mobilizar os elementos da língua para construir essas tarefas. A avaliação da boa leitura dos comandos da prova é feita em relação ao cumprimento completo das tarefas e a qualidade desse cumprimento.

Figura 45 – Videoaula



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Olmui2p4ceY>. Acesso em: 20 jan.2020.

O novo *tema* dado ao termo “propósito” pela professora é pautado na ideia de ser uma lista, ou seja, uma relação de coisas que o candidato deve cumprir e que serão dadas na prova. A escolha da expressão “lista de tarefas” apresenta efeitos de sentido diferentes e desencadeia, em nossa hipótese, o entendimento equivocado da docente. Ela ressignifica para o vestibulando a ideia da expressão por meio de uma explicação que não considera a organização e o domínio da escrita para o projeto de texto.

Observamos também na videoaula da UEL, por exemplo, que a docente discute apenas o comando da prova e não o tema da prova em si, ou seja, como o vestibulando poderia construir o seu ponto de vista, os recursos discursivos e linguísticos para a elaboração do texto, como consta nos comentários da banca avaliadora. Para a banca da UEL, o candidato que conseguiu atingir uma nota satisfatória, por sua vez, foi o que soube fazer a distinção das vozes dos textos – a voz que resume e a voz do texto resumido –, utilizando sintagmas nominais para explicitar a autoria, e o que organizou o texto, mostrando uma progressão.

Sendo assim, ao analisar o discurso da professora e sua videoaula podemos notar que não foram trabalhadas as estratégias linguísticas e discursivas com os alunos da plataforma. Ela extrai a partir da leitura superficial, como ela mesma diz, as informações principais do texto e em seguida lê o comando da prova.

10:00 Vamo vê ... então ((dirigindo-se a alguém)) ... cê pode voltar ... por favor ... o enunciado? ... agora a gente vai ver o que que precisaria ter sido feito em relação a esse texto ... é ... não poderia ser uma dissertação argumentativa ... não poderia ser uma carta ... não poderia ser uma receita de bolo ... precisaria ... necessariamente ... ser um resumo ... então você precisava escrever um resumo ... esse resumo precisava ... necessariamente ... ter de oito a dez linhas ... ser escrito em um único parágrafo ...

então ... não era pra escrever dois parágrafos ... era pra fazer um parágrafo só ... apresentar as ideias e os fatos essenciais da matéria ... então ... essas ideias e fatos essenciais que a gente levantou aqui ... nessa leitura do texto ... manter a estrutura do texto ... né? ... a estrutura do resumo ... e a estrutura desse texto aqui que a gente viu ... e também manter os pontos principais ... quais que são os elementos principais desse texto? ... a gente precisaria manter esses elementos principais...é...no resumo também (MONITORIA DE REDAÇÃO UEL NO CANAL *STOODI*, 2018).

O enunciado central da educadora é o de que o aluno precisa selecionar as informações principais e de que ele não pode copiar os textos da coletânea. Todavia, não há uma explicação de como elaborar o texto e nem quais habilidades de escrita precisam ser usadas para o bom desenvolvimento desse resumo. Esse mesmo discurso de tarefas é visto na videoaula da UFPR, de modo que podemos constatar que a expressão “lista de tarefas” é o cerne das discussões da professora nessas provas.

Outro dado analisado quando a docente discursa sobre a lista de tarefas é a maneira, no caso da UNICAMP, de ela reiterar a importância desse aspecto na prova, usando expressões no diminutivo.

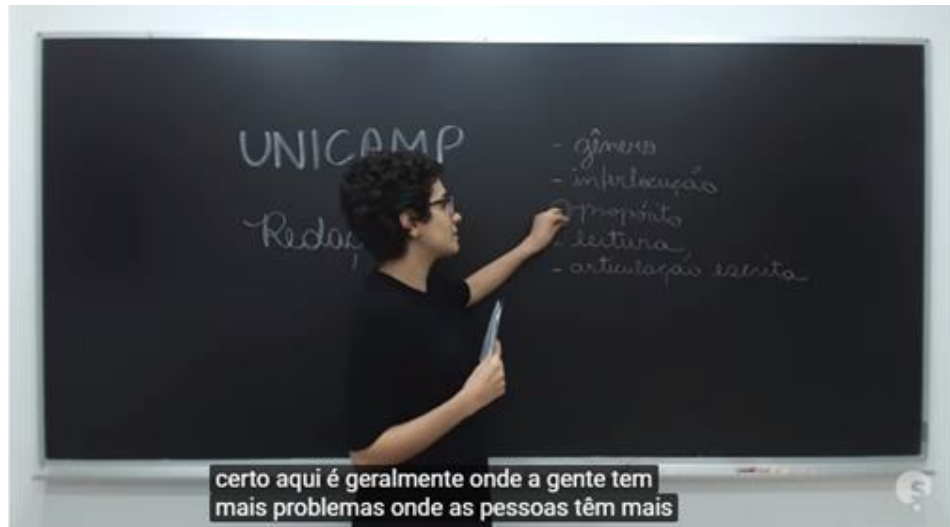
23:00 Então ... se eu tenho ali uma listinha de coisas que eu preciso fazer ... eu vou ... é cumprir todas essas tarefas ... eu vou realizar tudo aquilo que a prova me pediu ... se a prova pediu pra eu assinar com pseudônimo ... eu não posso assinar com meu próprio nome ... eu preciso assinar com pseudônimo ... se a prova me pediu pra assinar...é...pra ... enfim...pra ... pra que esse texto seja assinado por um grupo ... eu não posso assinar individualmente ... se a prova me pediu pra mencionar o autor de um texto ... do texto com o qual eu tô trabalhando ... e eu não menciono ... eu saí também do propósito ... então a gente precisa ficar MUITO atento à LISTA de tarefinhas que são apresentadas pra gente ... pra gente conseguir cumprir o propósito da Unicamp ... certo? (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL *STOODI*, 2018).

O tom enunciativo e os usos de diminutivo como “listinha” e “tarefinhas” da docente, mais uma vez, destacam a forma como ela atualiza o discurso dos vestibulares, dando-lhe um novo *tema*. Ela tenta, ao nosso ver, mitigar o grau de dificuldade das tarefas e incentivar o aluno a desenvolver o que é solicitado pela instituição, reiterando a importância do cumprimento da proposta.

Os exemplos de textos com notas abaixo da média, divulgados pela banca avaliadora no *site* da COMVEST, mostram que alguns candidatos não entenderam efetivamente as tarefas e que a execução não foi realizada como o esperado. Esse critério para Sestito, em geral, é um dos que os candidatos têm mais dúvidas e em que também é mais fácil perder pontos; nos outros aspectos, segundo ela, os vestibulandos conseguem “se virar” um pouco melhor.

Na imagem abaixo, Figura 46, para enfatizar a atenção que o aluno da plataforma precisa ter, a professora destaca a palavra “propósito”.

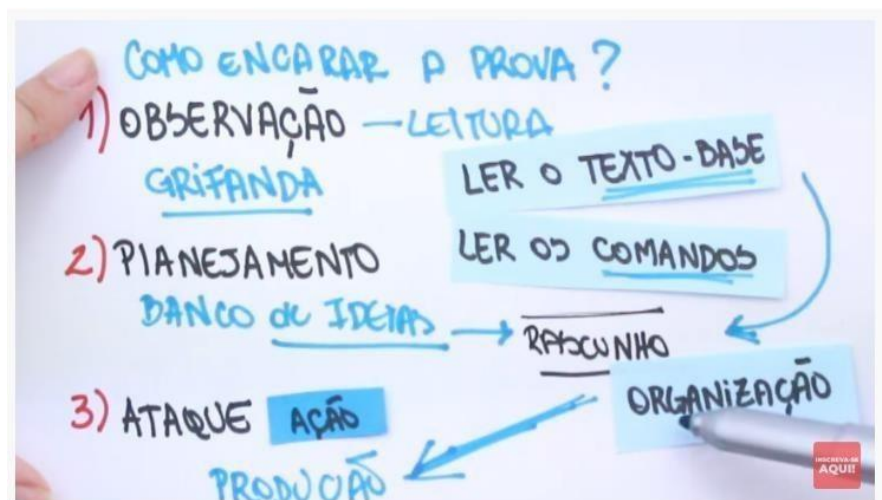
Figura 46 – Propósito



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Olmui2p4ceY>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Em relação à videoaula do *Me Salva*, a professora Vica exemplifica que, para a prova da UFPR, que é de compreensão e produção de texto, o candidato não faz simplesmente uma leitura e em seguida produz o texto. Existem outras etapas, segundo ela, importantes que devem ser desenvolvidas pelos candidatos – uma tática de guerra: 1) observar, 2) planejar e 3) atacar. Diferente de Sestito, atualizando a sua didática, a docente ressalta que para o vestibulando compreender os comandos da prova de redação, portanto, ele deve fazer uma leitura (dos comandos e dos texto-base), grifar os pontos relevantes desses textos (observação), planejar as ideias, ou seja, criar um banco de dados (rascunho do texto) e organizar essas ideias para, somente então, produzir o texto (ação).

Figura 47 – Estratégias UFPR



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Ld9-gg4-_1g. Acesso em: 20 jan. 2020.

Nesse cursinho, observamos também o cuidado da professora Vica em discutir sobre o contexto de produção dos textos, a fonte dos textos-base e dar exemplos (como veremos abaixo) de como os vestibulandos podem iniciar o gênero resumo. Ela também atualiza o discurso sobre o gênero resumo, diferente de Sestito, ressaltando em suas videoaulas a relevância de apresentar a fonte do texto resumido e o fato de o candidato não poder apresentar opiniões novas sobre o texto.

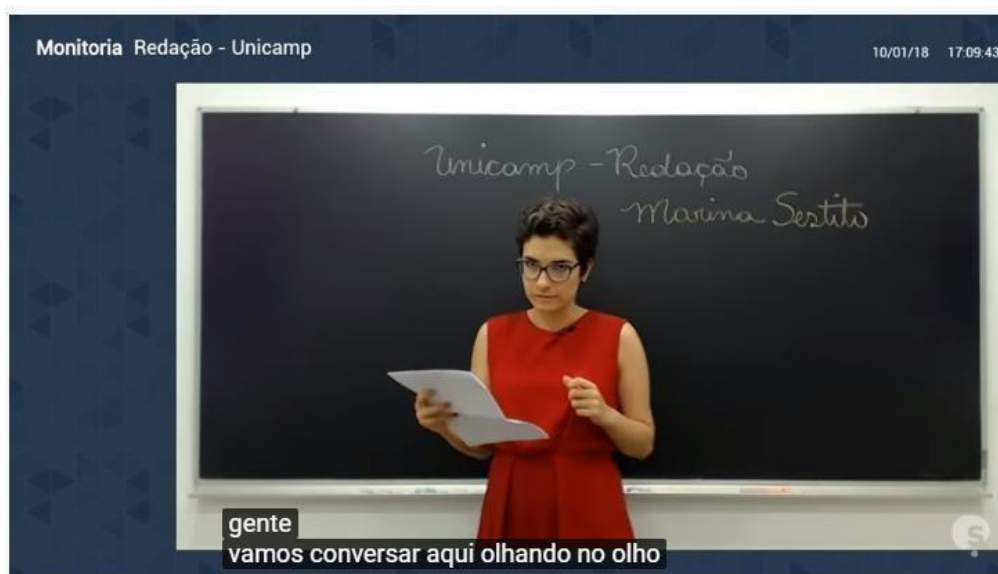
A seguir, a explicação da introdução do gênero resumo:

15:00 É interessante que eu sempre apresente a minha fonte e queridos nunca respondendo diretamente ... *tá certo?* ... um resumo ele pode começar pela fonte ... segundo o Steven Pinker ... no guia da escrita ... ele tá falando sobre a diferença entre fala e escrita ... *né?* ... ele parte do exemplo do Charles Darwin (MONITORIA DE REDAÇÃO UFPR NO CANAL *ME SALVA*, 2018).

Assim, a professora Vica, no *Me Salva*, atualizando o discurso das bancas avaliadoras e dando-lhes um novo *tema*, exemplifica como reelaborar o texto-base e pontua as habilidades de escrita necessárias para o bom desenvolvimento da proposta solicitada. Ou seja, não é necessário somente ler os comandos da prova de redação, mas sim mostrar para o vestibulando como manejar e organizar os textos a partir desses direcionamentos. Outro detalhe na fala de Sestito e da professora Vica que podemos analisar nas transcrições acima, assim como em outros momentos das videoaulas, é a utilização de expressões para confirmar o que foi dito como: “Certo?”, “Tá?”, “Né?”.

Essas expressões suscitam uma reação-resposta do aluno, são uma tentativa das docentes em promover um diálogo. Para elas, em nossa visão, o *outro* é parte essencial do seu discurso e é ele que possibilita o acabamento da sua enunciação e possibilita desenvolver um estilo mais informal do enunciado, tendo em vista o gênero e a situação de circulação mais informal e o esforço de aproximação de Sestito e de Vica. No caso de Sestito, a educadora, sempre lendo o edital, faz a cada leitura a dinâmica de voltar-se para os estudantes usando expressões de aproximação e estímulo quanto à execução da prova. Na figura 48, a seguir, constatamos que a docente pede para que os alunos olhem no seu olho e faz o gesto de mirar para a câmera, mostrando uma postura de seriedade, confiança e proximidade para os vestibulandos.

Figura 48 – Monitoria do Stoodi – UNICAMP



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=OlmIU2p4ceY>. Acesso em: 20 jan. 2020.

No que concerne à postura e ao enunciado verbal proferido por Sestito (abaixo), ela revela uma preocupação em tranquilizar e cuidar do emocional do vestibulando, sobretudo, quando destaca que todas as informações importantes da prova serão dadas pela instituição.

28:00 Vamo conversar aqui olhando no olho ... gente ...é...cês não vão tá abandonados ... cês não vão ter que adivinhar nada ... cês vão chegar na hora da prova ... vai ter uma COLETÂNEA que vai ajudar vocês ... e vai ter TODAS AS INSTRUÇÕES que vocês precisam (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL *STOODI*, 2018).

Outro discurso da professora nesse mesmo sentido de estimular e tranquilizar foi o de associar a UNICAMP, por exemplo, a uma mãe. A prova, apesar de ser diferente das demais – ENEM, USP, UNESP –, na concepção de Sestito, vai tratar o candidato como uma mãe trataria um filho.

35:00 É... cês precisam ficar preocupados? ... NÃO precisam ficar preocupado ... porque a Unicamp ... apesar de ela ter esse jeito diferente ... a Unicamp é uma MÃE ... ela vai pegar você pela mãozinha ... num é aquelas mães bravas...ela é uma mãe que dá amor ... carinho ... atenção ... comida ... faz...alimentos ... então ... é...a Unicamp ... ela é muito mãezona ... ela vai te dar TUDO o que você precisa pra conseguir fazer um bom texto ... ela vai te dar todos os textos de apoio ... ali ...pra você se basear ... e ela vai te explicar tim-tim por tim-tim tudo o que você tem que fazer na redação ... ela vai te falar qual que é o gênero ... ela vai te falar qual que é o propósito ... ela vai te deixar muito claro qual que é a interlocução que você tem que usar ... então ... assim...tá feito ... tá? você só precisa ler com atenção ... entender o que é pra fazer ... e fazer (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL *STOODI*, 2018).

A docente por meio do gênero aula youtubiana, então, apesar de não fazer uso de vários recursos que a linguagem disponibiliza (como já apontado nesse trabalho), procura estabelecer

um diálogo, uma proximidade e uma interação com os estudantes através da linguagem informal, do estímulo à confiança e autoconfiança, instigando-os a compreender e responder ativamente nesse contexto de produção virtual. A professora Vica, do canal *Me Salva*, também busca construir uma relação afetiva e de aproximação com os alunos do cursinho, visto que ela, ao reportar-se a eles, chama-os de “queridos”. Abaixo, vê-se a docente explicando a finalidade da prova da UNICAMP e utilizando o vocativo.

6:51 Qual a finalidade do meu texto? ... qual o objetivo do meu texto ... eu quero convencer alguém ... por meio de uma campanha publicitária ... eu quero mandar uma carta pra refletir sobre determinado ponto ... né? ... e pra quem que eu tô mandando essa carta ... quem eu to tentando convencer ... o que eu tô tentando fazer com isso ... além disso ... queridos ... outros aspectos muito importantes na hora de escrever nosso texto ... e atente muito pra isso ((apontando para a lousa)) ... é a base ... é o principal em relação à produção textual da Unicamp (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL ME SALVA, 2018)

Como postula Bakhtin (2000), o enunciado concreto em sua essência pressupõe o interlocutor em um tempo, espaço e cultura compartilhados; assim, a interação dos membros do diálogo acontece à medida que as intenções, a circulação e a especificidade do discurso condicionam a cadeia comunicativa. O tratamento e a finalidade de ensino/aprendizagem mais afetiva, ao nosso ver, possibilitam uma relação mais íntima e menos “superficial” com o interlocutor, mesmo em um contexto enunciativo em que as relações são virtuais.

Nesse diálogo entre a esfera avaliativa e a didático-pedagógica, as docentes constroem seus enunciados verbais e não-verbais a partir da atualização dos discursos da banca avaliadora. Vica, por sua vez, comenta a proposta de redação das instituições respaldada na ideia de planejamento e organização para a produção do texto. Assim, ela atualiza outros discursos sobre a produção textual e o processo de planejamento da escrita, tais como o de Cabral (2013), que parte da ideia de que para o planejamento textual ser efetivo, é relevante a concepção de um plano gerador de texto – organizador da leitura –, pois, segundo ela:

[...] o ato de escrever, para atingir seus objetivos, para que a transmissão de sentidos se dê de forma mais próxima das intenções do produtor, passa pela exposição de um raciocínio gerador de tais sentidos. Durante a planificação da escrita, a elaboração do plano auxilia o produtor a tomar consciência desse processo de raciocínio e, por consequência, a hierarquizar e organizar os elementos que compõem esse raciocínio para, em seguida, expô-lo na linearidade textual (CABRAL, 2013, p. 5).

O ensino/aprendizagem de produção textual e a compreensão do tema “bom texto” na cadeia discursiva são atualizados, desse modo, a imagem de “bom texto” ganha novos efeitos de sentido a depender da esfera de atividade (avaliativa ou didático-pedagógica), refletindo os

ecos da textualidade. As estratégias empregadas pelas docentes para o ensino/aprendizagem de redação, tendo em vista o suporte (computador, tablete e celular) no qual estão vinculados e a ressignificação do que entendemos por “aula” são um exemplo de que essa ferramenta controla as práticas discursivas acerca do ensino da produção textual.

5.2. Gênero do discurso

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), como já mencionado neste trabalho, são, até 2018, as orientações elaboradas pelo Governo Federal para a organização do ensino/aprendizagem no país. O documento voltado para o Ensino Médio propõe uma formação mais geral e menos específica para o desenvolvimento das habilidades de escrita dos estudantes.

Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização (BRASIL, 2000, p. 5).

Nesse sentido, o ensino de Língua Portuguesa parte da premissa de que o texto é o centro das diretrizes educacionais e deve ser entendido como *objeto de ensino*.

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.

Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas (BRASIL, 2000, p. 23).

Essa proposta de trabalhar o texto em sala de aula como *objeto de ensino* gerou muitas discussões entre os estudiosos da área da Linguística como, por exemplo, Geraldi (2010), Brait (2000), Lajolo (1985) e ainda geram, ver Mendonça (2018). Esta última investigadora, com base nas proposições sobre o tema, reitera que:

quando os gêneros do discurso se transformam em objetos de ensino, as atividades normativas de classificação operam sobre o texto como operavam sobre a língua antes da entrada do texto para a sala de aula, e as relações eu-outro, as esferas de atividade e o contexto histórico que constituem os gêneros, na perspectiva do Círculo de Bakhtin, são colocados à margem para pôr em evidência os modelos de tipologias (MENDONÇA, 2018, p. 765).

Há uma vasta discussão na literatura sobre a mescla nos PCNs da concepção de gênero do discurso de Bakhtin e a noção de tipologia textual. Esse fato ocasiona mal-entendidos no

ensino/aprendizagem de produção de texto e reduz o trabalho dos teóricos russos à ideia de forma. O conceito de gênero do discurso para Bakhtin (2000) leva em consideração os aspectos temáticos, composicionais e estilísticos; ademais, é preciso considerar o contexto de produção e os interlocutores imbricados na trama discursiva. Esses aspectos, na prova de redação da UNICAMP, ganharam forças a partir da sua implantação nos documentos oficiais.

De acordo com Bakhtin (2000), o contexto de produção na composição dos gêneros é necessário para a funcionalidade dos enunciados concretos. Nesse caso, podemos observar que instituições de ensino, como a UEL e a UFPR, não exploram a situação de produção dos textos, em suas propostas de redação, sendo esta uma peça primordial para a noção de gênero. O contexto de produção, as esferas de atividade e as práticas discursiva perdem o tónus nesses vestibulares, mitigando os postulados do Círculo.

Diante dessas linhas iniciais, com base na concepção de gênero proposta pelo Círculo, partimos para a atualização desse conceito desenvolvida pelas docentes da pesquisa, dando-lhes um novo *tema*. A ressignificação de Sestito, quando enuncia a palavra gênero, é pautada na definição de que é um formato de texto. Para a UNICAMP, o gênero na prova de redação engloba mais aspectos do que ser apenas uma forma composicional.

5:54 Gênero seria esse FORMATO a partir do qual a gente constrói um texto ... então uma carta ... ela é um pouquinho diferente de um artigo de opinião ... por exemplo ... e vocês sabem disso não porque vocês leram uma tabelinha com características de cada um dos gêneros ... vocês SABEM disso porque...vocês sabem o que é uma carta ... se eu colocar um texto pra vocês ... vocês vão me saber dizer se aquilo é uma carta ... vocês vão saber dizer se aquilo é um poema ... vocês vão saber dizer se aquilo...é uma bula de remédio ... vocês VÃO SABER dizer isso ... então vocês CONHECEM o gênero ... vocês têm familiaridade com o gênero ... Como que a gente avalia o gênero? ... é ... é se você faz tudo aquilo que configura o gênero ... se eu preciso escrever uma carta ... se eu olhar pra aquele texto ... ele precisa ter uma CARA de carta ... certo? ... é assim que a gente vai avaliar se você...é...se adequou ao gênero (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL *STOODI*, 2018).

A fala da professora, em nossa visão, simplifica a ideia de gênero a um formato. Os seus argumentos partem da prerrogativa de que o aluno sabe as características dos gêneros cobrados e entende o formato de determinados textos a partir de sua experiência de vida. Para ela, o texto precisa ter a “cara” do gênero, de modo que a ressignificação da docente restringe-se a forma e esquece de pontuar que para cada gênero há um propósito discursivo; desse modo, o escrevente pode mudar ou não a “cara” do gênero, como descrito nos materiais disponibilizados pela banca de correção da redação.

A UNICAMP, no material de redação do ano 2017, pontua a proposta da instituição em relação ao trabalho com os gêneros e a importância de pensar além de um formato e modelo de

texto. Isso em consequência, segundo a instituição, de o gênero carta, por exemplo, apresentar propósitos, interlocutores e situação de produção específicos.

Figura 49 – Manual UNICAMP

A avaliação por meio da produção de determinados gêneros discursivos é importante porque possibilita aos candidatos o uso estratégico de seus conhecimentos sobre a linguagem e sobre as restrições que os gêneros impõem. O trabalho com os gêneros permite que os candidatos não fiquem presos a modelos de texto preestabelecidos, mas que mobilizem seus conhecimentos na elaboração de uma tarefa específica e detalhadamente orientada, tal como acontece nas práticas cotidianas de uso da escrita. Um exemplo disso é a questão das cartas de caráter argumentativo. Dependendo do propósito comunicativo, do tipo de interlocutor que é definido e dos textos-fonte, a carta pode atender a diferentes objetivos, possibilitando que a execução da tarefa ocorra de forma flexível e adaptada ao contexto de produção previsto no enunciado. Uma *carta do leitor* e uma *carta-convite* guardam em comum certas características formais, mas se distanciam em termos de propósito mais específico. É possível dizer que ambas demandam algo do interlocutor em questão e procurarão ser o mais persuasivas possível para alcançar os objetivos que se propõem. Nesse sentido, ambas são argumentativas, mas não se estruturarão da mesma forma.

Desse modo, a semelhança de gêneros não significa que os candidatos sejam desafiados da mesma maneira e possam, indistintamente, aplicar conhecimentos sobre um “modelo” do que é denominado *carta argumentativa*. O treinamento exaustivo de modelos de gênero termina por deixar em segundo plano a reflexão fundamental sobre uma série de aspectos na escrita do candidato, tais como:

- a) o modo como o locutor (aquele que escreve, conforme o enunciado) e o interlocutor (aquele a quem se destina o texto escrito) estão representados na linguagem do texto;
- b) a pertinência do registro de linguagem adotado (formal, semiformal, informal) na escolha das palavras e expressões;
- c) o modo como o tema é abordado;
- d) as estratégias de argumentação adotadas;
- e) o uso da norma padrão e das formas de organização textual que atenderão aos tópicos anteriores (estrutura das sentenças, elementos de coesão, etc.).

A avaliação dos aspectos mencionados depende dos parâmetros da situação de escrita, ou seja, dos interlocutores pressupostos, do propósito da produção e dos textos-fonte oferecidos. Nesse sentido é que a redação solicitada no vestibular da Unicamp deve ser vista como a reprodução de uma prática situada de escrita e não como mero exercício de redação.

Fonte: COMVEST/ VESTIBULAR UNICAMP, 2017.

Observamos, com esse excerto, que a proposta de gênero solicitada pela UNICAMP aproxima-se da concepção de Bakhtin e revela que a forma composicional é um dos aspectos cobrados, não o único. O modo como o tema é abordado, a progressão argumentativa do texto, o modo como locutor e interlocutor são representados etc. também compõem a nota do critério gênero. Esses aspectos são vistos nos comentários da banca avaliadora, nosso *corpus*, a fim de reafirmar a complexidade e a amplitude da noção de gênero ressignificada pela docente.

No vestibular de 2017, a UNICAMP solicitou que o candidato elaborasse, em uma das propostas, o gênero carta. Nessa proposta, o escrevente deveria usar a máscara discursiva de um estudante do Ensino Médio e que tivesse interesse em assuntos da atualidade. A situação de produção foi a de que o estudante teria lido o artigo “A volta de um Rio que faz sonhar” e com a leitura sentiu-se desafiado com a discussão desenvolvida no texto e, a partir disso, decidiu escrever para a Seção do leitor da revista Rio Pesquisa.

Ele precisaria escrever uma carta em que discutisse a relação abordada pela autora –

Lená Medeiros de Menezes – sobre o conceito de Brasil cordial e a presença de estrangeiros no Brasil, revelando o seu ponto de vista. O candidato que atingiu a nota “acima da média”, de acordo com o comentário da banca, foi aquele que compreendeu a proposta pedida, o texto base, fez uma boa interlocução e soube estabelecer a relação pontuada pela autora.

Vê-se, abaixo, a redação e o comentário da banca.

Figura 50 – Gênero carta

À Revista Rio Pesquisa,

O artigo “A volta de um Rio que faz sonhar” de Lená Medeiros de Menezes traz, em minha opinião, uma discussão importantíssima para o Brasil atual. Em meio a um contexto global de crises econômicas, conflitos civis e embates socioculturais, analisar o papel e o comportamento do brasileiro frente aos imigrantes que se instalaram e se instalarão no país torna-se uma discussão delicada, porém necessária.

Concordo plenamente com a autora sobre a falsidade do conceito de Brasil cordial. A ideia de um Brasil acolhedor de estrangeiros se desfaz ao observarmos a existência clara de discriminação do imigrante, seja ela direta, como o preconceito quanto ao trabalho dos médicos cubanos, ou indireta, como no ciclo de desigualdade enfrentado por bolivianos e haitianos que acabam por exercer subempregos e são privados de seus direitos básicos em condições de vida precárias.

Então, arrisco a dizer que a ideia de um Brasil cordial é ilusória e se junta a demais mitos – como o de democracia racial – que esculpem um Brasil liberal pacífico e acolhedor, procurando esconder do cenário internacional o quão conservador e preconceituoso nosso país é.

A desmistificação é necessidade urgente para que possamos refletir e responder às perguntas do final do artigo de maneira correta e humana, afastando discriminações negativas e xenofobia. E o primeiro passo, com certeza, foi dado com a publicação de “A volta de um Rio que faz sonhar”, portanto, deixo meus parabéns a todos os envolvidos.

Com admiração,

A.L.

Comentário

A redação deixa claro que o candidato teve uma excelente compreensão da proposta e do texto que serviu de insumo para a produção. Essa compreensão lhe permitiu o cumprimento do propósito e a construção de uma boa interlocução no gênero carta. A menção, logo no primeiro parágrafo, ao motivo pelo qual resolveu escrever à revista *Rio Pesquisa* contextualiza e justifica sua carta, chamando a atenção para a importância do assunto no momento atual.

As exigências em relação ao enunciador e ao interlocutor foram adequadamente cumpridas. Embora o texto seja endereçado à própria revista, também podem ser interlocutores os outros leitores, visto tratar-se de uma carta para a seção do leitor. Além disso, o texto é escrito da perspectiva de um leitor que se sente desafiado pelos questionamentos levantados no artigo lido. Embora a proposta apresente o enunciador como um aluno do Ensino Médio, não era obrigatória a menção a essa característica no texto do candidato, já que havia sido

7

2ª Fase • Redação

inserida no enunciado apenas para dar maior autenticidade à proposta. Importante, sim, era caracterizar o enunciador como um leitor do artigo.

O propósito foi adequadamente cumprido. A concordância com o ponto de vista da autora, assim como a justificativa desse ponto de vista são apresentadas de maneira concisa, clara e coerente no segundo e terceiro parágrafos, que também discutem a relação entre o conceito de Brasil cordial e a presença de estrangeiros em nosso país. O texto apresenta um conjunto lexical amplo e uma boa modalidade escrita.

Fonte: COMVEST/VESTIBULAR UNICAMP, 2017.

O candidato, como mostra o comentário, compreendeu a proposta e o texto base, além disso, revelou ainda um entendimento sobre o valor do interlocutor na produção do texto escrito. A habilidade escrita do vestibulando vai além das marcas formais do gênero, ou seja, a forma composicional do texto, visto que, em sua produção, a progressão textual e a modalidade escrita também desempenham papel importante, bem como as representações do locutor e interlocutor. Portanto, é uma atualização parcial a que a docente de nosso *corpus* realiza em relação aos materiais disponibilizados pela comissão avaliadora. Nesse caso, saber que uma carta apresenta um vocativo e um fechamento, por exemplo, não eram suficientes para cumprir adequadamente a função do gênero, pois o vestibulando estaria apenas pautado na forma composicional (“cara do gênero”).

Já a professora Vica, do canal *Me Salva*, traz o exemplo de texto acima disponibilizado e comentado pela banca avaliadora, como recurso didático-pedagógico para explicar a prova de redação da Unicamp; além disso, pontua que o acesso ao material pode ser encontrado no *site* da instituição – COMVEST. A professora atualiza o texto do candidato a partir de uma leitura e explicação sobre os recursos textuais utilizados na redação tanto no âmbito da sua forma composicional quanto em relação às habilidades de escrita. Ao ler o texto, ela pontua a importância de fazer referência ao artigo lido – texto-fonte – e não fazer menção ao fato de que o candidato é um estudante que ficou motivado a escrever o texto simplesmente.

35:08 O artigo “A volta de um Rio que faz sonhar” (lendo) ... vejam bem o que eu falei de apresentar fazendo referência ao artigo, né? Não dizer eu sou um estudante que ficou motivado ... até pode dizer isso no texto, mas entender que a informação principal parte do texto de apoio. O artigo “A volta de um Rio que faz sonhar” de Lená de Medeiros de Menezes traz, em minha opinião, uma discussão importantíssima para o Brasil atual. Em meio um contexto global de crises econômicas, conflitos civis e embates socioculturais, analisar o papel e o comportamento do brasileiro frente aos imigrantes que se instalaram e se instalarão no país torna-se uma discussão delicada, porém necessária (lendo) (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL *ME SALVA*, 2018).

Ela enfatiza, depois dessa leitura, que a introdução do vestibulando já apresenta uma perspectiva de ponto de vista. Em diálogo com os comentários da banca de correção, ela pontua que o escrevente ressalta de início a necessidade de discussão do tema e evidencia ainda todo um contexto de produção, mostrando um conhecimento dos embates socioculturais, econômicos e políticos vigentes no Brasil. Para ela, esse primeiro parágrafo é interessante, pois o vestibulando não traz nenhum argumento, ele apenas está apresentando sua ideia.

O comentário da banca avaliadora, por sua vez, que foi atualizado pela docente mostra que a menção do candidato, logo de início, sobre o motivo pelo qual resolveu escrever para a

revista é a justificativa de sua carta. Isso revela uma habilidade de escrita que deve ser desenvolvida pelo vestibulando, como atualiza Vica, pois uma carta que tem como base um outro texto apresenta estilo e manejos de vozes diferentes para sua elaboração. Lemos (1997), desde a década de 1990, já pontuava sobre as habilidades de escrita no que tange às vozes empregadas no texto.

A participação do interlocutor representado na produção do discurso escrito é algo que o locutor ou produtor que o representa deve manipular sozinho e, é possivelmente, nessa duplicidade de papéis, nessa dupla tarefa e, mais ainda, na determinação de uma sobre a outra que se define a especificidade e a maior complexidade do discurso escrito. A cadeia temporal e causal do discurso narrativo e, mais ainda, a progressão argumentativa característica do discurso dissertativo são regidas pelas características dessa solitária atividade dialógica (LEMOS, p. 74, 1997).

A docente ainda atualiza a referenciação realizada pelo candidato no último parágrafo de seu texto.

38:58 A desmistificação é necessidade urgente ((lendo)) ... a desmistificação do que ... queridos? desmistificar a ideia de Brasil cordial ... **percebam como ele faz a lógica da referência do texto sem ser uma alusão direta ... sem repetir palavras ... né?** ... a desmistificação é necessidade urgente para que possamos refletir e responder às perguntas do final do artigo de maneira correta e humana ((lendo)) ... **olha só ... tá fazendo uma referência direta ao final do artigo ... né?** afastando discriminações negativas e xenofobia ... e o primeiro passo ... com certeza ... foi dado com a publicação de “A volta de um Rio que faz sonhar” ... portanto ... deixo meus parabéns a todos os envolvidos ... com admiração ... A.L ((lendo)) ... **então aqui no finalzinho uma pequena puxadinha de saco ... né? e volta a questão ... mas uma pequena puxadinha de saco muito bem feita ... né? porque volta a questão aqui da desmistificação ... né? de romper com essa ideia de um Brasil cordial ... tá certo?** (MONITORIA DE REDAÇÃO NO CANAL *ME SALVA*, 2018, grifo nosso).

De acordo com Mendonça (2019, p 120-121), a referenciação não é apenas o uso de termos para reportar-se, por exemplo, aos conceitos e fenômenos de um texto, “mas também diz respeito aos modos como o enunciador introduz, modifica, abandona, retoma ou reintroduz os objetos de discurso ao longo do seu texto, num processo de negociação de sentidos com os interlocutores”. Os candidatos precisam ser letrados e desempenhar um papel discursivo para cada gênero solicitado e trabalhar as habilidades de escrita, tendo em vista o propósito da esfera de circulação.

Ainda na análise do discurso sobre o gênero, partimos para a prova de redação da UEL, do ano de 2017, em que foi solicitada para o candidato a explicação de uma tirinha da personagem mais famosa do cartunista Quino: Mafalda. Identificamos que a proposta de redação da UEL, distinta do exame vestibular da UNICAMP, não apresenta um contexto de

produção e recepção para essa tirinha. Veem-se, abaixo, a proposta de redação, um texto produzido por um candidato e o comentário.

Figura 51 – Tirinha

Leia a tirinha a seguir.



(Disponível em: <clubedamafalda.blogspot.com>. Acesso em: 20 jun. 2016.)

Na tirinha, Mafalda “conversa” com seu ursinho de pelúcia.

Explique, entre 4 e 6 linhas, a mensagem expressa na tirinha.

Fonte: COPS/VESTIBULAR UEL, 2017.

Figura 52 – Exemplo de texto satisfatório e comentário

3.3.1 Exemplo de texto satisfatório

REDAÇÃO 2

1 Na tirinha, as falas de Mafalda para seu ursinho
 2 evidenciam uma crítica aos vários conflitos do mun-
 3 do em contraste com sua beleza natural. O autor
 4 se vale tanto de elementos visuais (o sorriso de Mafal-
 5 da e sua expressão de desespero) como de elementos li-
 6 terários (ironia no último quadro) para realizar sua crítica.

Comentário

O candidato demonstra ter compreendido que a tirinha é uma narrativa humorística permeada de ironia, pois comenta em seu texto que o autor se utilizou tanto de elementos visuais, ao descrever, por exemplo, os aspectos faciais da Mafalda, quanto de ironia para realizar sua crítica. Estabelece, neste sentido, a relação entre os dois códigos, a linguagem verbal e a linguagem não verbal, igualmente importante para os efeitos de sentido da tira.

Fonte: COPS/VESTIBULAR, 2017.

O comentário da comissão avaliadora pontua que o entendimento do candidato acerca da tirinha – dotada de ironia – partiu da sua capacidade de analisar os aspectos verbais e não-verbais do gênero. De acordo com a banca, a relação dos dois códigos foi essencial para os efeitos de sentido da tirinha. Sendo assim, os candidatos que não perceberam que ambos os códigos eram importantes para a compreensão da ironia não conseguiram, portanto, atingir o esperado pela comissão. Esse gênero apresenta para sua completude de sentido no âmbito

composicional, estilístico e discursivo as linguagens verbais e não-verbais; desse modo, o gênero não exclui uma ou outra linguagem para sua significação e sim transmite sentido unindo as duas formas. No entanto, a banca examinadora não foi suficientemente clara no enunciado da proposta de redação, pois somente pede que se *explique* a mensagem expressa – assim, além de não contextualizar a proposta, como dissemos, não explicita o que se deseja na proposta.

A docente Sestito, em seu diálogo com a proposta, além de não chegar ao que a banca desejava (uma relação entre linguagem verbal e não-verbal), também não explica a crítica social explorada na tirinha pela personagem Mafalda e faz a leitura sem nenhum aprofundamento elucidativo sobre os conteúdos dos enunciados.

7:29 Vamo pra ... segunda redação que foi solicitada a vocês ... nessa segunda redação (dirigindo-se a alguém) ... Henrique ... por favor ... é...a gente tem uma TIRINHA da Mafalda ... que vocês já devem conhecer aí...((Pausa)) é...enfim...da vida de vocês ... e aí ... nessa tirinha ... a gente tem três momentos ... né ... três imagens ... é ... e ela dizendo prum ursinho de pelúcia ... "olha ... este é o mundo ... está vendo? ... sabe por que esse mundo é bonito? ... porque é um modelo reduzido ... o original é um desastre" ((lendo)) (MONITORIA DE REDAÇÃO UEL NO CANAL *STOODI*, 2016).

Em sua explicação – atualização do discurso da banca – observamos uma fala que não privilegia o gênero tirinha (inclusive, chama o gênero de “charge”) Percebemos, em nossa visão analítica, que é uma ressignificação do gênero tirinha, em que as linguagens verbais e não-verbais não foram tratadas como elementos imprescindíveis para a completude da tarefa.

08:07 Gente ... que que era pra fazer NESSE texto? ... Que que a gente tinha que fazer aqui? ... é...a gente tem uma charge ... então a gente precisaria trabalhar COM a charge e com a ideia expressa pela charge ... que que a gente tem que fazer com essa ideia? ... esse texto ... que vai ser produzido nessa segunda redação ... não é...é...um resumo...não é uma ... um ... uma carta argumentativa ... não é nada disso... é uma EXPLICACÃO ... é um texto EXPLICATIVO ... Tá? ... a única coisa que vocês precisavam fazer era explicar a mensagem expressa na tirinha ... então vocês iam precisar explicar o que que aconteceu aqui nessa situação ... e vocês precisariam fazer essa explicação entre quatro a seis linhas ... então vocês não poderiam escrever mais do que isso ... nem menos do que isso ... escrever de quatro a seis linhas ... pra explicar essa situação ... Tá bom? ... é um texto explicativo ... é um texto que ... que... que...torna inteligível ... torna...é...claro o que tava sendo dito nessa tirinha ... Tá bom? (MONITORIA DE REDAÇÃO UEL NO CANAL *STOODI*, 2016).

A docente ao atualizar a proposta da comissão reitera para o aluno que ele “precisaria trabalhar com a charge e com a ideia expressa pela charge”. Notamos, no discurso de Sestito, que há uma incoerência na atualização do gênero cobrado na prova, visto que ela destaca que o aluno precisa trabalhar com o gênero charge. Trata-se de uma atualização que pontua outro gênero e não o solicitado no vestibular em questão, pois uma tirinha e uma charge são gêneros com funcionalidades e configurações distintas.

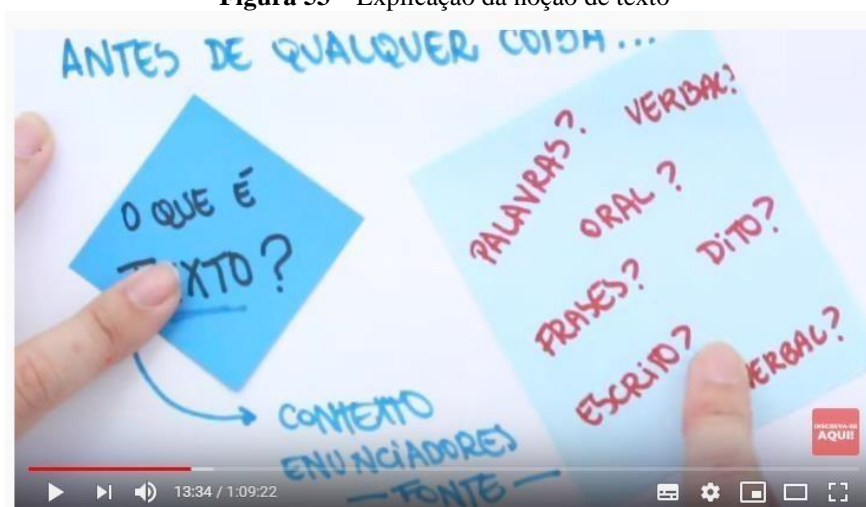
Outro ponto observado, em sua enunciação, é o fato de Sestito apenas atualizar a leitura da proposta, visto que ela não discute como deve ser feita a explicação; isto é, não discorre sobre o que acontece na tirinha. Assim, em nossa visão, não fica claro quais habilidades de leitura e escrita devem ser desenvolvidas para a explicação dessa tirinha. O vestibulando, nesse sentido, poderia somente pautar sua explicação no enunciado verbal e não explicar sobre o âmbito visual da tirinha, sendo um aspecto essencial para a configuração do sentido global do gênero. Sestito, mais uma vez, atualiza um aspecto da tarefa, de modo que não leva em consideração a forma composicional, o estilo e o tema do gênero proposto para leitura que, conseqüentemente, implica na execução satisfatória da tarefa.

A videoaula do canal *Me Salva* explanada pela docente Vica, em contrapartida, atualiza os comentários da comissão avaliadora da UFPR, dando importância aos códigos verbais e não-verbais esperados na prova. Antes de explicar a prova, ela ressalta o significado de texto para os seus alunos e reitera que sua existência só acontece dentro de um contexto, pois ele, segundo ela, não existe isolado do mundo. O seu discurso sobre texto atualiza, ao nosso ver, a concepção bakhtiniana de enunciado, pois sua ressignificação leva em conta o contexto de produção e o diálogo entre os enunciadores.

12:46 Eu já começo dizendo que um texto ... isso aqui é extremamente importante ...ele só vai existir dentro de um contexto ... o texto não existe isolado do mundo ... ele não existe ... bom tá aqui um texto e ele não significa nada ... sempre teremos enunciadores, né? ... uma função enunciativa específica (MONITORIA DE REDAÇÃO UFPR NO CANAL *ME SALVA*, 2017)

A professora atualiza esses aspectos do texto a partir da utilização de post-it e canetas na cor vermelha e azul para reforçar a explicação.

Figura 53 – Explicação da noção de texto



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Ld9-gg4-_1g. Acesso em: 20 jan. 2020.

Ela prossegue sua atualização questionando os estudantes sobre o conceito de texto, como observamos na imagem acima (palavras? Frases? Escrito? Dito?). Segundo ela, de modo generalista, a noção de texto é tudo aquilo que tem sentido e que é permeado pela linguagem.

13:41 Um texto é tudo aquilo que tem um sentido, *né?* ... um sentido que é permeado ... *né?* ... que tá pautado pela utilização da linguagem ... e aí aqui prestem atenção que eu tô usando linguagem e não língua ... então formas de manifestação ou então por exemplo eu posso pensar num texto cinematográfico ... o filme pode ser um texto cinematográfico ... posso pensar numa narrativa gráfica ... um texto em quadrinho ... bom estou usando linguagens diferentes que não são necessariamente a linguagem verbal ... mas eu tô criando um sentido ... além disso ... sobretudo .. um texto ele vai ter a função de comunicar *tá?* ... dentro dessa lógica eu quero chamar a atenção de algo que aparece bastante na prova da UFPR .. além do texto que estamos acostumados que são os verbais também os textos não verbais ... então... imagens ... tirinhas ... charges ... inclusive ... gráficos pra serem interpretados e para que se escreva textos a partir desses gráficos são bastante presentes nesta prova ... então vamos se ligar ... queridos ... o texto não é só a palavrinha que tá ali .. não é só o diálogo que tá ali ... mas também todas as significações, *né?* ... de cores ... de organização espacial daquela tirinha ... daquela imagem ou daquele gráfico ... *né?*
...a imagem ela também carrega sentido ... ela tem função de comunicar ... então ... vamos atentar também para esse tipo de coisa (MONITORIA DE REDAÇÃO UFPR DO CANAL ME SALVA, 2017).

A docente, em sua fala, atualiza o comentário da banca de correção da UFPR de modo mais completo que a professora anterior. Para ela, a interpretação dos gêneros solicitados na prova deve ser pautada pelo aluno a partir da observação de que os sentidos das tirinhas, charges e gráficos também são condicionados pelo aspecto não-verbal da linguagem. Nesse sentido, as cores e a organização espacial dos gêneros apresentam uma significação e função enunciativa relevante para o interlocutor da mensagem. Ao nosso ver, é uma atualização mais acabada e inteira dos elementos do gênero, pois abrange uma análise mais cuidadosa dos enunciados e dos

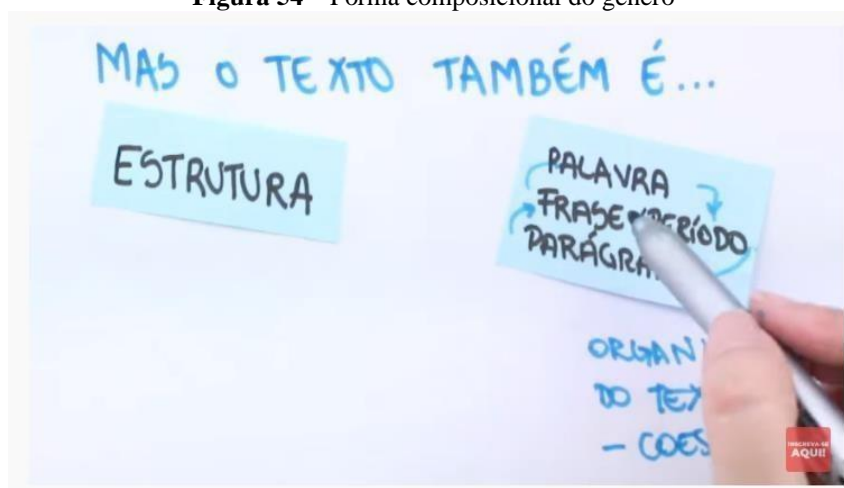
sentidos desses textos. A resignificação de Vica, assim, atinge o projeto de dizer da banca corretora da prova da UFPR.

A atualização da professora ainda aponta para a forma composicional do gênero.

15: 07 Bom ... mas além da questão do sentido ... a gente também tem que entender que o texto ele também é estrutura ... e aí quando eu falo que o texto também é estrutura ... certamente ... aí agora eu tô me referindo a essa estrutura mais básica ... eu tô me referindo a palavra ... a frase ... período ... *né?* ... e como essas partes das unidades ... esses mecanismos organizam ... organização do texto ... é como é que eles vão organizar o texto ... como é que a gente vai ter coesão ... *né?* ... por exemplo no nosso texto a partir dessa lógica ... desse encadeamento ... dessas palavras ... essas relações dessas palavras (MONITORIA DE REDAÇÃO UFPR DO CANAL *ME SALVA*, 2017).

Ao falar da coesão, por exemplo, ela vai encadeando a argumentação com o desenho de setas, como no *print* abaixo.

Figura 54 – Forma composicional do gênero



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Ld9-gg4-_1g. Acesso em: 20 jan. 2020.

Observamos outra atualização de Vica que, além de explicar sobre o sentido e maneira como os estudantes devem analisar os enunciados no vestibular da UFPR, a professora ainda traz dois elementos importantes para discussão: gênero textual e tipos textuais.

15:50 Além disso ... queridos ... em relação à própria estrutura do texto ... a gente tem que levar em consideração duas categoriazinhas aqui bastante interessantes ... uma delas é gênero textual e a outra é tipo textual ... lembram que que é ... vou trazer uma pequena lembrança aqui pra vocês ... isso daqui aparece bastante na prova da Unicamp ... os diferentes gêneros textuais ... diferentes tipos textuais ... bom o gênero ele vai ser como se fosse uma forma do meu texto ... *né?* ... dentro de uma forma ele é construído ... então se eu pensar num poema ... ele tem uma forma específica ... não posso escrever uma carta ... quero escrever uma carta ... mas eu escrevo no formato de um poema ... não vai caber ... ou eu tenho uma bula de remédio e essa bula de remédio tá escrito no formato de poema .. bom ... claro ... pode funcionar assim quando for um jogo de palavras ou uma tentativa de subverter

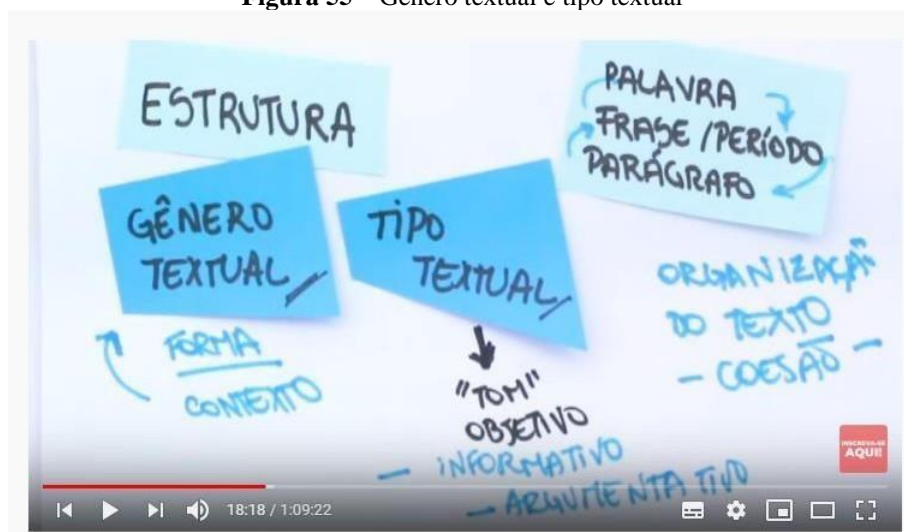
... de fato ... os gêneros ... mas em geral a forma ela vai me ajudar a compor o sentido ... tudo bem? ... mas vai ter relação com essa estrutura em si ... e os gêneros textuais eles são usados cada um deles ... né? ... de acordo com um contexto ... olha só que interessante ... olha só que importante lembrar novamente do contexto em que o gênero textual vai tá aparecendo (MONITORIA DE REDAÇÃO UFPR NO CANAL ME SALVA, 2017).

Nesse discurso da professora, alguns pontos da noção de gênero são desenvolvidos e, ao nosso ver, são próximas da concepção bakhtiniana, visto que ela remete à questão da forma composicional do enunciado e ao fato de os gêneros estarem em um contexto de produção.

17: 00 Além disso ... né? ... pensar agora o tipo textual ... isso do tipo textual é extremamente interessante ... porque é como se fosse uma espécie de “tom” tá certo? ... uma espécie de objetivo do que o meu texto vai tá apresentando ... então eu posso ter um texto que é informativo que ele vai ter o objetivo de informar ... então ele vai apresentar informações ... agora se eu pensar num texto que é informativo ... eu posso tá pensando por exemplo numa reportagem ... uma reportagem é um gênero textual enquanto informativo é o tipo textual ... agora se eu quero um texto que é argumentativo que tem o objetivo de argumentar ... de defender um ponto de vista ... eu posso pensar até mesmo numa redação Enem ... eu posso tá pensando num artigo de opinião tá certo? ... percebam como o gênero e o tipo textual eles se relacionam entre si tá certo? (MONITORIA DE REDAÇÃO UFPR NO CANAL ME SALVA, 2017)

A docente Vica atualiza a noção de tipologia textual chamando-a de “tom” do texto, visto que se o gênero tem o propósito de informar o interlocutor, portanto, é esse o objetivo que deve ser desenvolvido. Sendo assim, compreendemos que cada gênero apresenta uma linguagem e escrita prototípica, além de um contexto de produção específico, de interlocutores e a tipologia textual para construir os efeitos de sentido almejado.

Figura 55 – Gênero textual e tipo textual



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Ld9-gg4-_1g. Acesso em: 20 jan.2020.

Essa visão da professora sobre o texto é muito próxima do que observamos nos manuais

e nos comentários da prova da UNICAMP, inclusive, ela destaca que a relação de gênero e tipo textual aparece nos enunciados da instituição. Esse diálogo da docente desenvolvido no gênero videoaula youtubiana explora enunciados multimodais, com uma explicação mais ilustrativa. Já a professora Sestito, quando comenta a prova da UFPR, faz uma atualização que não contempla, em nossa concepção, todos os pontos da noção de gênero.

Ela também faz uma comparação com a prova de redação da UNICAMP, de modo que os aspectos de gênero, propósito e interlocução são destacados. Nesse sentido, ao analisarmos a noção de gênero enunciada pela docente, notamos que ela pontua a forma composicional e a interlocução, mas ainda assim não enfoca as habilidades de escrita e a tipologia textual para a concretude do gênero.

16:08 Aqui na UFPR ... a gente pode trabalhar também com critérios semelhantes aos da Unicamp ... que são ... gênero ... propósito e interlocução ... que que seria isso? ... o gênero é se você escreveu uma ... uma...sei lá...uma ... um resumo ou se você escreveu uma notícia de jornal...ou se você escreveu um texto argumentativo...ou se você escreveu uma receita de bolo...ou...né...alguma coisa assim ... Isso é o gênero (MONITORIA DE REDAÇÃO UFPR NO CANAL *STOODI*, 2016).

Nessa enunciação, ela gesticula com as mãos e lê ao mesmo tempo os exemplos de gêneros que podem cair na prova de compreensão e produção de texto da UFPR.

Figura 56 – Monitoria – Professora Sestito



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=VgWqu_xweXo. Acesso em: 20 jan.2020.

Na continuação da sua aula, a docente reitera que também faz parte do gênero a interlocução.

16:08 Outra coisa que faz parte do gênero também ... a interlocução ... quem você é na hora que você escreve ... e pra quem você escreve ... quem que é o receptor do seu discurso? ... quem que é o destinatário desse texto? ... vamo pensar nisso ... se você é um ...um líder sindical...você vai escrever da mesma forma como escreveria um aluno do Ensino Médio? ... não ... se você tá escrevendo um texto que vai ser publicado no Facebook ... que é uma carta aberta que vai ser publicada nas redes sociais ... ao prefeito...então você vai escrever pro prefeito ... mas esse texto vai ser lido por pessoas que...que ... né...que ... que...que tão vendo esse texto nas redes sociais ... então esse texto vai ter uma cara diferente de se você ... por exemplo.. escrevesse...um...um...e-mail pro... pro...sei lá...pro...pro ... fale conosco de uma empresa ... *Certo?* ... então se você teve um problema com um produto que você comprou ... você precisa escrever uma reclamação pra uma empresa ... você vai escrever diferente do que você escreveria para o prefeito ... caso você fosse...fosse escrever uma carta aberta ao prefeito ... e essa carta fosse veiculada nas redes sociais (MONITORIA DE REDAÇÃO NO CANAL *STOODI*, 2016).

A resignificação da noção de gênero pontuada pela docente mostra que ela mencionou as formas relativamente estáveis dos enunciados. Ademais, aponta que no gênero é preciso considerar a interlocução e os suportes desses enunciados. No entanto, ainda não desenvolve e explica as características particulares de cada um e como ao longo do texto o vestibulando desempenharia as habilidades de escrita para a construção da interlocução esperada.

A professora resignifica o discurso pontuando, no âmbito da interlocução, que uma carta escrita para uma empresa é diferente de uma carta para o prefeito; contudo, ao nosso ver, nem todos os alunos sabem como proceder e dialogar ao longo de sua argumentação sobre as estratégias de escrita e manejos de vozes. Observamos que é um discurso em que não é possível enxergar em sua concretude a articulação dos mecanismos dialógicos, visto que é uma fala que não acompanha uma didática elucidativa.

A professora Sestito, ao nosso ver, em termos gerais, faz uma leitura dos editais que são disponibilizados pelas comissões avaliadoras sem desenvolver os itens e sem utilizar os textos e comentários da banca. Já em relação à docente Vica, ela faz uma videoaula com base nos textos apresentados pelas comissões avaliadoras e mostra as habilidades de escrita utilizadas pelos candidatos que conseguiram uma nota alta no exame, com o objetivo de os alunos enxergarem, de modo mais claro, o esperado pelas bancas corretoras de redação.

5.3. Modalidade escrita

A análise dessa seção explora a modalidade escrita culta em contexto de vestibular – ortografia, sintaxe, vocabulário, regência, entre outros – sendo avaliada pelas bancas usadas em nossa pesquisa, no âmbito qualitativo do texto. No caso da UNICAMP, por exemplo, é na grade holística que a modalidade escrita, a coesão e a escolha lexical são avaliadas juntamente com o aspecto autoral da produção escrita. A norma culta da língua portuguesa, isto é, as práticas

linguísticas cobradas nos exames, é um critério importante e merece destaque em nossa análise.

As discussões sobre as estratégias de escrita e os desvios linguísticos dentro da escola e fora (em exames vestibulares) são frequentes desde a década de 1970. Lemos (1977), em seu célebre texto *Redações no vestibular: algumas estratégias*, discorre sobre as relações sintático-semânticas tradicionais empregadas nos textos de vestibulandos. De acordo com ela, os alunos chegam ao vestibular sem ter adaptado os recursos sintáticos utilizados na fala para a produção escrita. Essa discussão parte do texto dissertativo-argumentativo solicitado em vestibulares que pedem especificamente este gênero. Ademais, ela destaca que as instruções ou treinamentos recebidos pelos alunos atuam no sentido de inibir a adaptação natural dos recursos sintáticos.

Nesse sentido, não podemos perder de vista que os mecanismos sintático-semânticos discutidos pela autora implicam em um modelo de escrita, como reitera a tradição escolar. Além da pesquisadora, Pécora (1983) também discute alguns problemas de coesão encontrados na redação, em *Problemas de Redação*. Nesse texto, Pécora (1983) apresenta um perfil de aluno de provas de vestibulares da década de 1980 que transpõe o discurso da fala para a escrita, não conhece normas da língua escrita, não dispõe de um vasto vocabulário, apresenta erros ortográficos etc. Esses estudos são largamente conhecidos no Brasil e influenciaram vários outros trabalhos sobre coesão e coerência em textos escolares ao longo das décadas seguintes.

Assim, esses aspectos gramaticais e ortográficos são atualmente analisados pelas comissões, no entanto, a sua gravidade tem sido discutida e colocada como segundo plano, visto que para uma completude da produção escrita nos exames vestibulares outros aspectos como gênero e propósito apresentam uma maior preocupação. Nesse sentido, ao nosso ver, essa tendência em um país como o Brasil, que apresenta uma variedade linguística imensa, possibilita um olhar mais plural, não negando o movimento natural da língua enquanto cultura.

No vestibular da UNICAMP, há uma preocupação em relação à dimensão linguístico-gramatical do texto na avaliação das produções escritas. A instituição lança uma nova grade de correção dos textos e a disponibiliza por meio do livro *A redação no vestibular Unicamp* (2019). No livro, compreendemos os fundamentos da banca avaliadora no que diz respeito à correção da norma linguística em seu exame vestibular, de modo mais explícito, comprovando o respeito à variedade da língua e cobrando uma norma culta em uso. Para a UNICAMP, o trabalho com a modalidade escrita leva em consideração os aspectos de situação de produção, o projeto de texto, a relação entre os interlocutores etc.; sendo assim, não centraliza sua avaliação nos “erros” gramaticais na avaliação dos textos.

linguística que é prestigiada na sociedade não é critério central e suficiente para avaliar a dimensão linguística dos textos, sejam eles orais, escritos ou multimodais, em qualquer situação. De fato, em uma avaliação de escrita para o acesso ao ensino superior, espera-se que os escreventes mobilizem recursos linguísticos que não só promovam a articulação escrita das partes do texto, para construir a coerência global, mas sobretudo que contribuam para o projeto de texto, de modo que os sentidos pretendidos possam ser facilmente reconstruídos pelos leitores (MENDONÇA, 2019, p. 113).

Com isso, podemos observar que para a comissão avaliadora um texto que não comete nenhum “erro” gramatical, por exemplo, não garante uma nota máxima no exame vestibular, visto que para a totalidade da nota há uma visão global dos outros itens da prova.

Além disso, é preciso adotar o registro de linguagem mais adequado ao gênero solicitado (informal, semiformal, formal) e à situação de produção, aspectos que indicarão, na proposta de escrita do vestibular em foco, o quanto o atendimento à *norma culta* será importante para a interação projetada e, portanto, o quanto pesará na avaliação final (MENDONÇA, 2019, p. 113, grifo da autora).

Nesse sentido, a instituição destaca que está mais preocupada com o texto em uso e não com as regras gramaticais impostas pela norma padrão da língua, dado que a prova de redação almeja estudantes que tenham conhecimento da norma culta em uso e da variedade linguística de determinadas comunidades.

[...] o foco do VU não são as filigranas da norma-padrão, gramatizada, mas a norma culta efetivamente em curso, uma vez que seu domínio por falantes letrados é parte dos conhecimentos escolares que deveriam estar consolidados ao final do Ensino Médio. É por isso que ela se insere no conjunto de critérios de avaliação da redação, a prova que examina especificamente a mestria no uso da modalidade escrita (MENDONÇA, 2019, p. 113-114).

A discussão de Mendonça (2019), coordenadora acadêmica da COMVEST, a respeito do critério modalidade escrita revela um posicionamento contrário da instituição frente àqueles que defendem apenas uma forma “correta” de língua e rejeitam a pluralidade dos falantes. A ideia divulgada e perpetuada pela UNICAMP, com base na fala da pesquisadora, portanto, é a de que os estudantes devem refletir acerca da língua, levando em consideração o gênero e as formas de registros empregados.

O vestibular da UFPR do ano de 2015, como discutido na seção de análise dos comentários, solicita ao candidato a redação de uma notícia de jornal sobre a música “Saudosa Maloca”, de Adoniran Barbosa. Para o escrevente atingir a nota “acima da média”, o jargão do gênero jornalístico foi destacado pela banca avaliadora. Assim, a instituição permite o uso de uma escrita que diz respeito a uma comunidade específica de falantes, no caso a esfera jornalística. Em diálogo com a UNICAMP, a norma culta da Língua Portuguesa é exigida pela

instituição considerando o uso da língua em sociedade. Essas universidades, assim, estão preocupadas com a língua em sua dinâmica social, que ocorre em decorrência das adaptações ou recorrências dos discursos dos falantes.

Diante disso, algumas regências consideradas erradas pelos gramáticos, atualmente, não estão sendo avaliadas como sérios problemas de escrita por parte das bancas avaliadoras, tendo em vista o uso recorrente em sociedade. O caso explicitado por Mendonça (2019) refere-se à regência do verbo *assistir* como transitivo direto em vez de transitivo indireto, reiterando, por sua vez, as transformações sofridas pela língua e que devem ser repensadas nas escolas e nos exames vestibulares.

Tomemos como exemplo a regência do verbo *assistir* como transitivo direto, cujo uso não pode ser considerado um grave problema, pois que é um traço da norma culta contemporânea, que aponta para processos de mudança linguística em curso. Por outro lado, ocorrências frequentes de desvios ortográficos em palavras muito comuns, como *oje*, *derrepente*, *tenpo*, ou problemas de concordância básica – “Os problema pode ser resolvido [...]”, indicam uma apropriação muito incipiente da norma culta ou ortográfica e, por essa razão, os textos que os apresentam são alocados em faixas mais baixas de notas (MENDONÇA, 2019, p. 115-116, itálico da autora).

Alguns desvios gramaticais mais evidentes de ortografia, por exemplo, são penalizados pela sua facilidade e conhecimento, já outros não sofrem uma penalização tão severa pela sua possível *normalização* – ou seja, a grande adesão dos escreventes da língua portuguesa em relação ao uso de um verbo como transitivo direto na escrita, por exemplo. Esse posicionamento das instituições, em nossa visão, toma o cuidado de desenvolver um mecanismo de avaliação mais plural e próximo da realidade da língua na esfera social.

Os estudantes, portanto, precisam desenvolver habilidades de escrita e leitura que revelem um uso crítico e relativamente “culto” da língua; sendo assim, pautar a correção prioritariamente em aspectos como a ortografia e a gramática não é a ideia propagada pela UNICAMP e UFPR. Com essa concepção, as universidades dialogam em consonância com a proposta de ensino/aprendizagem pontuada nos PCNs no que diz respeito à língua e ao desenvolvimento das práticas linguísticas em contexto escolar.

Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizados nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho (BRASIL, 2000, p. 55).

O ensino deveria, desse modo, ser pautado em práticas sociais para além do artificialismo das teorias gramaticais e normativas da língua portuguesa, visto que o sujeito está em um constante desenvolvimento do letramento e das habilidades de escrita. Segundo Kleiman

(1995, p. 19) o letramento é determinado “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos para objetivos específicos”. Nessa acepção, é na interação entre os falantes que as práticas de letramento e multiletramentos perpetuam-se nos variados grupos, com uma finalidade e suporte específico.

Outra definição de letramento que destaca a interferência nas práticas sociais e interação dos indivíduos, por exemplo, entendendo como um estado ou condição é a discutida por Soares (1998, p. 17). Segundo ela, o letramento é o “estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”. É um estado que, para a autora, “traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usar a escrita”.

Essas definições, portanto, nos ajudam a compreender que as práticas de letramento partem do desenvolvimento dos indivíduos, enquanto seres socialmente organizados e que fazem uso da leitura e escrita para construírem novos aprendizados.

Dentro dessa perspectiva, reiteramos a postura da UEL sobre a norma-padrão da língua portuguesa em seu edital. A cobrança da norma-padrão do português brasileiro, por sua vez, só não ocorre caso a banca proponha algo em específico. Abaixo, a explanação da comissão avaliadora da UEL no que diz respeito à modalidade escrita na prova de redação.

Figura 57 – Manual UEL

REDAÇÃO

A parte de Redação consistirá de 2 (dois), 3 (três) ou 4 (quatro) textos a serem produzidos conforme as instruções dadas, inclusive quanto à sua extensão. O candidato deverá ler atentamente o enunciado e os textos que servirão de base para a sua resposta.

Os textos/respostas deverão ser escritos em prosa e de acordo com a norma padrão do português brasileiro, salvo se o enunciado da questão propuser algo específico. O candidato poderá ser avaliado quanto às atividades de analisar, resumir, comentar, comparar, criticar, completar etc. um texto verbal ou não. Aspectos discursivos, textuais, estruturais e normativos deverão ser levados em conta.

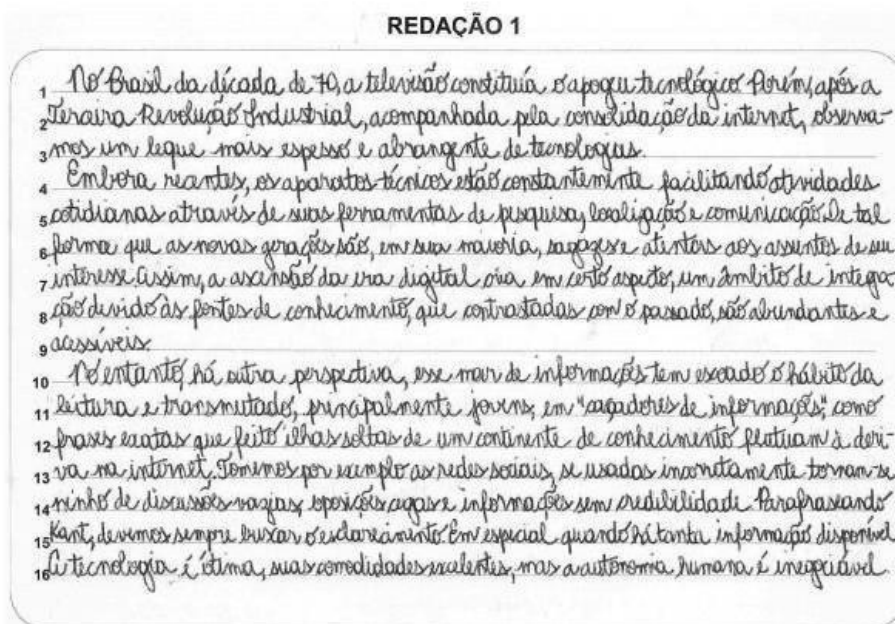
Fonte: Manual do Candidato COPS/UEL, 2017.

Com esse excerto, denotamos que a instituição dá a entender para a comunidade que ela cobra uma postura mais normativa da língua. No entanto, ao analisarmos os comentários da

banca de redação encontramos o termo *norma culta* no vestibular de 2016. O candidato realizou a proposta solicitada pela comissão de escrever um texto opinativo, destacando os benefícios e os riscos da tecnologia digital. Para essa produção, ele tinha como coletânea o texto “Tecnologia em excesso pode travar o aprendizado”, de Santos, J., adaptado da Gazeta do Povo, 2015.

Figura 58 – Texto opinativo

3.2.1 Exemplo de texto satisfatório



Fonte: COPS/ VESTIBULAR UEL, 2016.

O comentário da banca reitera a mestria do candidato quanto à execução da proposta e ressalta o bom domínio da norma culta, em destaque.

Figura 59 – Redação UEL

Comentário

O candidato elabora o texto em três parágrafos, contextualizando o tema ("o apogeu tecnológico"), embasando argumentativamente as várias fases ditas "tecnológicas". No segundo parágrafo, ele antecipa possíveis argumentos contrários, quando afirma: "Embora recentes, os aparatos técnicos estão constantemente facilitando atividades cotidianas....". Apresenta acontecimentos e situações, justificando a afirmação anterior.

No terceiro parágrafo, são abordados os pontos negativos, ratificando o comando da questão: "os benefícios e os riscos oferecidos pela tecnologia digital", confirmados no texto: "No entanto, há outra perspectiva, esse mar de informações tem escoado o hábito da leitura e transmutado principalmente, jovens, em 'caçadores de informações' ..."

Ao finalizar seu texto, o autor, por intermédio de um argumento por autoridade, parafraseia o filósofo Emmanuel Kant, afirmando: "(...) devemos sempre buscar o esclarecimento. Em especial quando há tanta informação disponível." Para

62

DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS
UEL – VESTIBULAR 2016

encerrar o texto, a autor posiciona-se em favor da "autonomia humana" em oposição aos recursos tecnológicos, utilizando o operador argumentativo de contraste mas.

Ressaltamos, ainda, o domínio da norma culta do autor nos seguintes aspectos:

- estrutura sintática bem elaborada, privilegiando a coesão e a coerência textual;
- seleção lexical adequada, principalmente no que concerne ao campo semântico relativo ao tema;
- os elementos de conexão foram usados de forma satisfatória, encerrando os efeitos de sentido desejados para a compreensão do texto;
- uso de uma adjetivação reveladora da maturidade acadêmica e experiência de leitura do candidato.

Fonte: COPS/ VESTIBULAR UEL, 2016.

A banca de correção pontua no comentário o domínio do vestibulando acerca da norma culta da língua portuguesa. Contudo, o edital, como vimos, destaca a cobrança da norma-padrão do português brasileiro. Em nossa visão, duas normas com características distintas e com visões individuais sobre o desenvolvimento da língua em sociedade. Segundo Faraco (2008, p 73), a norma culta, portanto, é “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”, isto é, as variedades da língua de acordo com o contexto de produção. Já a norma padrão, de acordo com Bagno (2012):

não é um modo de falar: como o próprio termo padrão implica, trata-se de um modelo de língua, um ideal a ser alcançado, um construto sociocultural que não corresponde de fato a nenhuma das muitas variedades sociolinguísticas existentes em território brasileiro. Por ser uma forma ideal, no sentido platônico do termo, a norma-padrão não pertence ao mundo dos fenômenos, mas exclusivamente ao mundo das ideias, sendo, portanto, um ser de razão (p. 25).

Diante disso, podemos denotar uma incongruência da comissão responsável pela avaliação da produção de texto, pois, de acordo com as definições dos linguistas, a norma-padrão apresenta aspectos divergentes da norma culta, inclusive, é rebatida pela comissão da UNICAMP.

Se, por um lado, o equívoco de considerar a norma-padrão como se fosse a própria língua faz prosperar o *preconceito linguístico*, por outro, tomar alguma norma gramatizada como referência para um país com grande diversidade dialetal permite que, nos processos de escolarização, parâmetros semelhantes sejam ensinados acerca dos usos linguisticamente prestigiados. Essa relativa homogeneidade deveria contribuir para democratização do acesso a práticas e bens culturais que são permeados por esses usos. A tarefa dos estudiosos da linguagem é atualizar a norma-padrão, aproximando-a da norma culta brasileira contemporânea, com base no que as pesquisas sociolinguísticas informam sobre suas características. (MENDONÇA, 2019, p. 115).

Com isso, é relevante a definição da instituição em relação à norma utilizada na correção dos textos pela banca corretora, visto que os efeitos de sentido de ambos os enunciados (norma-padrão e norma culta) acarretam em um diálogo instável e impreciso para os interlocutores (candidato, professor ou comunidade). O gênero comentário é atualizado no campo didático-pedagógico e a importância de delinear um ensino/aprendizagem menos instável assegura um diálogo e recepção mais concreto por parte dos interlocutores.

Diante dos apontamentos, analisamos como a professora Sestito atualiza o enunciado da esfera avaliativa em suas videoaulas. A primeira instituição atualizada, em nossa análise, é a UEL; como sempre, a docente lê o edital para o desenvolvimento da sua videoaula.

08:08 É...os textos nessas respostas ... elas deverão ser escritas em PROSA... então você não pode escrever um poema...é...com a sua redação ... ou com a sua resposta ... é...e "de acordo com a norma padrão do português BRASILEIRO" ((*lendo*)) ... qual que é a "norma padrão do português brasileiro"? ... é aquilo que você estudou na escola ... durante todos os anos em que você esteve...é...no ensino formal ... você pode usar GÍRIA na sua redação? ... não pode ... você pode usar o português ... sei lá ... o português de Portugal? ... não pode ... porque aqui é o português BRASILEIRO ... tá? ... a gente tem algumas diferenças aí ... de ... de vocabulário de português...é...de Portugal ... de alguns países africanos...é...e a gente precisa usar o português brasileiro (MONITORIA DE REDAÇÃO UEL NO CANAL *STOODI*, 2016).

Sestito ressignifica o discurso da instituição ao explicar para o candidato o que seria a norma-padrão do português brasileiro citado no referido edital. Ou seja, a norma gramatical e dicionarizada empregada na escola, a norma idealizada de língua. Nessa acepção, vale ainda destacar a negação do uso de gírias e do português de Portugal. Isso revela que a professora entende que a prova não aceita as variedades da língua e as características lexicais de outros países falantes de português não brasileiro, devendo ser excluídas pelo candidato.

Ela também traz para ressignificar o enunciado da comissão avaliadora o português

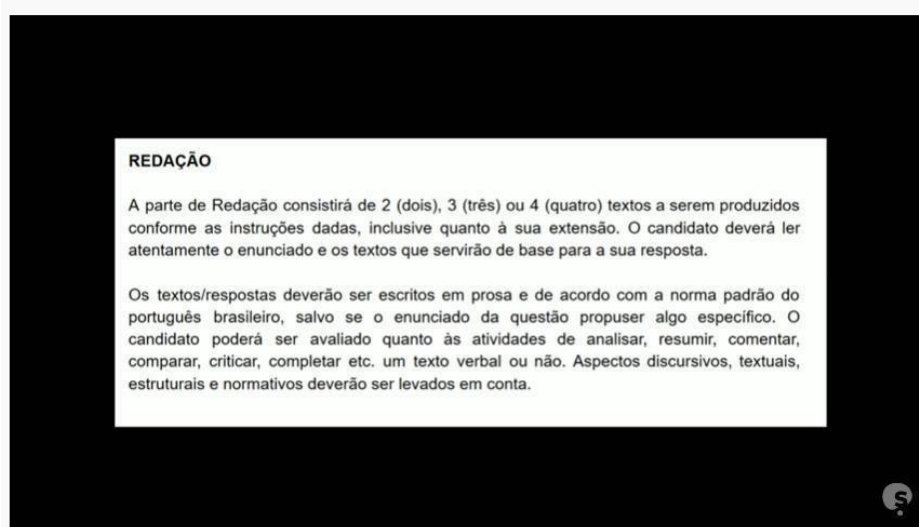
africano, exemplificando a não utilização de outro português que não seja o brasileiro. O termo português brasileiro na prova, por sua vez, permite uma transparência da banca e a valorização da língua brasileira. Isso porque existe uma variação do português, tendo em vista a cultura e a história dos países falantes do idioma.

Em seguida, a docente ressignifica a ressalva feita pela instituição, pois a não utilização da norma-padrão da língua só aconteceria por parte do candidato se a prova solicitasse algo diferente disso.

08: 08 SALVO se o enunciado da questão propuser algo específico ... então aqui a gente tem essa ressalva ... você vai fazer isso A NÃO SER que te seja...que te seja solicitado fazer algo diferente ... se você ... é...se a proposta pedir pra você escrever com português de Moçambique ... você vai ... é...usar o português de onde te pedirem ... se te pedir pra usar uma gíria específica de uma região ... você vai usar a gíria específica daquela região ... vai usar um ... sei lá...uma variação linguística de ... de específica que a prova solicitar pra você ... tá? (MONITORIA DE REDAÇÃO UEL NO CANAL *STOODI*, 2016).

Nesse caso, a banca corretora aceitaria, como atualiza a docente, o uso de gírias de uma determinada região ou o uso do português de Moçambique, pois a proposta da prova colocaria isso para o candidato, sendo um emprego da língua que foge das regras impostas pela norma-padrão. A professora, em nossa visão, amplia o enunciado da banca ao explicar a ideia da cobrança de algo mais específico e revela uma leitura mais detalhada do edital. Além disso, a docente ainda reitera alguns critérios de análise da produção textual, presentes no edital, de modo que um deles é o aspecto normativo. O edital é projetado na videoaula para que o aluno acompanhe, como se vê abaixo.

Figura 60 – Manual de redação



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=7ODT8LoKcqM>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Sestito atualiza o aspecto normativo, assim como os outros aspectos, explicando qual o significado do termo para os alunos.

11: 29 Que que é "normativo"? ... os aspectos normativos são aqueles aspectos ... é ... se você seguiu a norma padrão da língua ... se você acertou na ortografia das palavras ... se você ... é...acentuou adequadamente ... se você usou a CRASE direitinho ... se você teve uma CONCORDÂNCIA adequada...se você ... realmente ... usou os aspectos da língua de maneira adequada ... certo? ... isso tudo vai ser levado em conta pra atribuir nota aos textos de vocês (MONITORIA DE REDAÇÃO UEL NO CANAL *STOODI*, 2016).

Nesse aspecto, a docente destaca como a norma-padrão da língua será avaliada na prova de redação, dialogando com os comentários feitos pela comissão avaliadora na esfera de avaliação. Para a banca corretora de redação, a ortografia, a acentuação, o domínio da crase e a concordância são pontos elencados nos comentários de textos que atingiram nota máxima pelo uso adequado dos registros gramaticais da língua. A atualização na esfera didático – pedagógica desenvolveu-se de forma mais explicativa, no entanto a professora restringe o normativo aos aspectos ortográficos e gramaticais, sendo que a expressão poderia estar relacionada a aspectos textuais e lexicais (como uso de palavras e conjunções). Mas a orientação de que a banca avaliará os aspectos normativos do texto, sem explicar o que seriam esses aspectos, não deixa claro para o interlocutor do que se trata a expressão.

Já em relação ao vestibular da UNICAMP, Sestito destaca o aspecto de articulação escrita.

16:09 "Os textos produzidos pelo candidato devem propiciar uma leitura FLUIDA e envolvente" (*lendo*) ... então não é pra usar ... é...um monte de palavra rebuscada ... exótica ... diferente ... esquisita ... é pra gente trabalhar com uma linguagem "fluida e envolvente" ... "...mostrando uma articulação sintático-semântica ... ancorada no emprego ADEQUADO dos elementos coesivos e de outros recursos necessários à organização dos enunciados" (*lendo*) ... que que ele tá dizendo aqui? ... que você precisa trabalhar com os elementos da linguagem ... né ... com ... com ... com a gramática ... com...com o sen... a composição de SENTIDO das palavras ... pra poder deixar o seu texto bem-articulado ... bem organizado ... tá? (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL *STOODI*, 2016).

Com a atualização, a partir da leitura do gênero comentário, denotamos uma explicação que discute, por sua vez, que não são as escolhas rebuscadas, exóticas e até mesmo esquisitas das palavras que propiciam uma boa articulação do texto; ou seja, não são as palavras “bonitas” e “difíceis” que darão qualidade e sentido à escrita, mas um trabalho por parte do candidato que privilegia uma boa construção sintático-semântica, lexical, coesiva etc. Ademais, como atualiza Sestito, a precisão vestibular no que se refere à escolha lexical também é importante.

17:29 "O candidato também deve demonstrar ter HABILIDADE na seleção de ITENS LEXICAIS" (*lendo*) ... é o que a gente enche tanto a paciência de vocês aqui .. é a

tal da PRECISÃO VESTIBULAR ... é você escolher exatamente a palavra que diz aquilo que você quer dizer ... e não ficar colocando aspas em palavra que não teria aspas ... muitas vezes as pessoas não sabem que palavra colocar ... coloca qualquer uma ... e coloca entre aspas ... isso não...a gente não vai fazer na prova ... *tá?* ... nem na vida ... por favor ... a gente vai escolher a palavra que realmente exprima aquilo que a gente quer colocar (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL *STOODI*, 2016).

Essa atualização coloca em destaque a preocupação de Sestito em relação aos candidatos que não sabem que palavras utilizarem em seu texto e colocam qualquer uma por meio das aspas. Sabemos que a qualidade de um texto é atestada por uma escolha produtiva e que contribui para o projeto de texto do candidato, como observamos nos comentários e exemplos de produções textuais na esfera avaliativa.

Sendo assim, o cuidado do candidato com as escolhas lexicais no texto traz efeitos de sentido adequados e pertinentes para o seu enunciado. Com isso, em nossa visão, as aspas não impedem de revelar para o corretor a improdutividade do léxico, prejudicando o sentido do texto. Isso, de acordo com Sestito, deve ser evitado na vida e não somente no exame vestibular, tendo em vista o tamanho do prejuízo enunciativo.

A escolha lexical incorreta pode comprometer a coerência e qualidade da escrita, como vimos acima, mas uma escolha lexical simples produz efeitos de sentido que também são menos valorizados pelas bancas em detrimento de uma escolha mais produtiva desse recurso na escrita. A ideia propagada pela instituição, portanto, é a de que uma boa escolha lexical e o domínio de construções sintáticas complexas no texto são mais suscetíveis de alcançarem notas mais altas, visto que os efeitos de sentido e a qualidade escrita são mais desenvolvidos. Então, segundo o edital da prova, o vestibulando “deve demonstrar ter habilidade na seleção de itens lexicais apropriados, ao estilo dos gêneros solicitados, e no emprego de regras gramaticas e ortográficas que atendam à modalidade culta da língua” (VESTIBULAR UNICAMP/COMVEST, 2017).

Como atualiza Sestito, o aluno deve levar em consideração os interlocutores envolvidos no diálogo para a escolha lexical na prova de redação da UNICAMP. Para cada interlocutor do discurso, é evidente uma adequação vocabular, pois, como reitera Bakhtin (1997), o grau de proximidade e conhecimento do receptor no discurso interfere no diálogo. O grau de formalidade e informalidade do enunciado por parte do locutor pressupõe, portanto, a relação dialógica desses indivíduos, desenvolvendo assim um vocabulário mais solto ou mais formal em decorrência da proximidade.

Sestito ressignifica para o candidato os diversos interlocutores que pedem modalizações diferentes na escrita ou na fala do enunciador.

18:15 Gente ... se você vai escrever uma carta...é...sei lá ... pro secretário de não sei que lá...é...você precisa ter algum grau de formalidade ... então você vai escolher o vocabulário adequado pra essa interlocução ... tá? ... se você vai escrever...é...prum colega da escola ... você vai usar outro vocabulário ... isso...é...precisa ser respeitado ... tá? ... isso parece uma bobagem ... parece que é óbvio que a gente fala diferente com...com as pessoas dependendo de com quem a gente tá falando ... mas isso precisa ser respeitado na prova ... tá? ... em cada situação discursiva ... a gente vai adotar um ... um vocabulário diferente ... se você vai falar pro seu colega ... cê vai falar de um jeito ... se você vai falar com a sua mãe ... você vai falar de outro ... se você vai...vai falar ... sei lá...com o Presidente ... você vai falar de outro ... tá? ... é muito importante a gente saber adaptar o nosso vocabulário às diferentes situações de...discursivas ... tá? (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL *STOODI*, 2016).

Os candidatos, nessa prova, precisam apresentar um conhecimento e manejo de palavras, tendo em vista o seu interlocutor e a recepção inteligível por parte deste. Sendo assim, um jovem ao utilizar um vocabulário estritamente formal em uma conversa com um amigo no bar, por exemplo, pode ocasionar uma falha na compreensão e esse mesmo jovem pode utilizar um vocabulário mais frouxo com o chefe da empresa em que trabalha, de modo que também pode provocar uma recepção inadequada.

Nessa mesma linha, a ressignificação feita na videoaula de Sestito sobre a modalidade escrita da UFPR mostra a relevância da compreensão e posicionamento da universidade frente ao domínio da língua. Na leitura de Sestito acerca do edital da UFPR, alguns aspectos avaliados pela instituição são enfatizados pela docente, como já analisamos nos comentários da referida pesquisa – compreensão da proposta, organização do texto etc – ; sendo assim, a parte que nos interessa no momento é o que a banca avaliadora chama de domínio da língua culta contemporânea.

Sestito atualiza para o escrevente o que seria esse domínio de língua descrito e, portanto, como deve ser entendido para uma boa execução desse critério na prova da UFPR.

09:39 Se você teve o DOMÍNIO da língua culta CONTEMPORÂNEA ... que que é essa língua culta contemporânea? ... é...é...esse novo acordo ortográfico ... é...a gente já teve ... né ... essa ... essa mudança no acordo ortográfico...a...a...a...a versão anterior já parou de valer ... já tá valendo a...o...o acordo novo ... então você precisa SEGUIR esse acordo novo ... você precisa...é...dominar a língua culta CONTEM PORÂNEA ... você não pode escrever...é...como se escrevia em 1500 ... por exemplo (MONITORIA DE REDAÇÃO UFPR NO CANAL *STOODI*, 2016).

A atualização da docente, nesse primeiro momento, focaliza o aspecto ortográfico da língua, de modo que não reitera, em nossa visão, a ideia expressa pelo termo contemporâneo no excerto. O contemporâneo, por sua vez, tem a ver com o uso da língua em seu contexto mais amplo. Sestito continua a ressignificação dos aspectos da língua, discorrendo em sua fala acerca da concordância, regência, vocabulário, pontuação e as estruturas sintáticas de um texto.

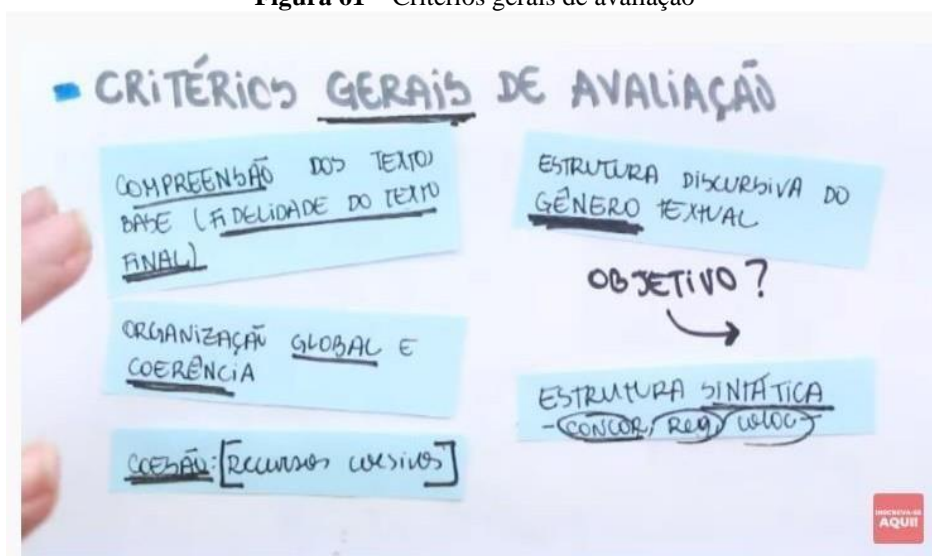
10:43 É...você precisa dominar esse...é...essa língua culta nos dias de hoje ... *tá?* e como ela é...é...é convencionada hoje ... que ... que...que que é o acordo ortográfico de hoje ... normas de concordância ... regência ... colocação ... é...colocação verbal... nominal...além de uso de vocabulário adequado ... certo? ... que que seria um vocabulário adequado? ... é se você usou as palavras mais pertinentes pra aquele contexto ... se você não usou uma palavra que tinha um sentido diferente do que você pretendia ... Tá bom? ... é...também vai ser avaliado o domínio de estruturas sintáticas pra ... pra escrita...bem como os sinais de pontuação ... tendo em vista imagens de clareza e precisão ... então o texto precisa ser claro ... e o texto precisa ser preciso ... a gente não pode ficar enchendo linguiça ... não pode ficar enrolando ... não pode ficar aquele texto obscuro ... confuso ... que não dá pra entender pra onde você tá indo (MONITORIA DE REDAÇÃO UFPR NO CANAL *STOODI*, 2016).

Ainda pontua sobre a clareza do texto e ressalta que os vestibulandos não podem encher linguiça. Essa expressão utilizada pela docente é muito recorrente no cotidiano dos adolescentes que entendem o ato de enrolar e trazer informações irrelevantes para o seu texto. Observamos, mais uma vez, uma linguagem próxima e conhecida dos jovens na fala da professora, ao nosso ver, propiciando uma recepção mais clara para o aluno. Ela ainda atualiza a questão da imagem do texto, isto é, a clareza e a construção assertiva dos mecanismos textuais para uma figuração – impressão visual – da escrita esperada pela banca corretora.

Dentro desse contexto, cotejamos também a videoaula da professora Vica do canal *Me Salva*. Assim como Sestito, a docente atualiza o discurso da esfera avaliativa ao trazer no final de sua videoaula os critérios gerais avaliados pela UFPR, ressaltando que a instituição parte da avaliação geral para a específica. Segundo ela, os critérios específicos dependem de cada texto solicitado e sua divulgação acontece somente depois que eles são produzidos pelos candidatos, de modo que, a partir da grade, conseguimos ver se o candidato atingiu ou não o efeito X ou Y esperado pela banca.

A seguir, o *print screen* do final da videoaula da professora Vica em que ela atualiza de forma sucinta os critérios cobrados pela banca.

Figura 61 – Critérios gerais de avaliação



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Ld9-gg4-_1g. Acesso em: 20 jan. 2020.

A docente em sua videoaula parte da premissa de que o candidato precisa compreender os textos-base da prova para que, dessa forma, a produção seja fidedigna. Ela ainda toca na organização global e na coerência do texto que, segundo Vica, deve ser assegurada pela coesão (recursos coesivos), cotejando com os comentários da banca. Além disso, discorre acerca da estrutura discursiva dos textos – não explorada com muita veemência na videoaula – e por fim atualiza o fato de que o critério estrutura sintática refere-se a concordância, a regência, a colocação pronominal e a pontuação.

A atualização de Vica em relação aos critérios não é muito detalhada e, ao nosso ver, é uma menção do que é analisado sem uma explicação contundente de cada item, sobretudo, o sintático. Com isso, compreendemos que há uma atualização por parte das professoras – seja fazendo a leitura dos editais ou dos comentários das bancas – a partir da utilização dos recursos tradicionais de sala de aula em um ambiente virtual e uma tentativa de aproximação em relação ao público de alunos.

Antes de finalizarmos essa seção, vale destacarmos a noção de autoria na pesquisa, visto que ela entra no critério de qualidade e coerência textual. Essa noção autoral, no *corpus* analisado, mostrou-se presente; diante disso, constatamos que a sua menção é explanada em esferas de atividade que discutem o trabalho com o texto e que, inclusive, avaliam no exame vestibular o critério autoral. Nesse sentido, para entendermos a concepção de autoria ancoramos nossa pesquisa nas discussões de Possenti (2002, 2005, 2013), tendo em vista sua perspectiva sobre as práticas de produção de texto nas escolas e a qualidade textual.

Para o linguista, “um bom texto deve incluir marcas de autoria” (POSSENTI, 2005,

p. 57). O texto desenvolvido por um estudante, por assim dizer, deve incorporar “traços que lhe deem mais densidade” (POSSENTI, 2005, p. 57).

(por exemplo: certas palavras com conotações claras de um certo tipo; certos adjetivos ou advérbios que pareçam expressar pontos de vista subjetivos; alusões a outros textos ou a personagens etc.). Trata-se de fazer com que entidades e ações que aparecem num texto tenham historicidade [...]. Trata-se de eventos e de coisas que têm sentido em uma sociedade como a nossa (POSSENTI, 2005, p. 57-58).

Para Possenti (2002), o texto considerado bom e de qualidade é aquele que leva em consideração os aspectos discursivos e não somente as categorias textuais e gramaticais do texto, de modo que a subjetividade e a historicidade estão fundamentadas nesse quesito.

Penso que um texto bom só pode ser avaliado em termos discursivos. Isto quer dizer que a questão da qualidade do texto passa necessariamente pela questão da subjetividade e de sua inserção num quadro histórico - ou seja, num discurso - que lhe dê sentido. O que se poderia interpretar assim: trata-se tanto de singularidade quanto de tomada de posição (POSSENTI, 2002, p.108-109).

Essa proposição de Possenti (2002) mostra a relevância de os textos fazerem sentido na trama enunciativa, de modo que o autor revele sua subjetividade dentro de um quadro histórico e social. Os sentidos dos textos, nessa perspectiva, deveriam ser desenvolvidos a partir de subsídios dados pelos professores ou exames vestibulares, tendo em vista, segundo Possenti (2005), que o aluno não deveria escrever um texto a partir do zero e utilizando a criatividade para conseguir fazer a sua produção textual. O aluno deveria ser motivado para desenvolver sua escrita e ponto de vista, de modo que trouxesse significação para o seu discurso; desse modo, a singularidade ganharia espaço e daria sentido e qualidade ao texto. Assim, para que essa produção fosse efetiva em contexto escolar e em exame vestibular, o sujeito precisaria dispor, de acordo com Possenti (2005), de “algum “material” (informações, fatos, opiniões) a partir do qual o texto possa ser escrito”.

Isso nos leva a pensar na significação dos textos-fonte na prova de produção de texto para o desenvolvimento autoral, contribuindo para a qualidade da escrita que está ancorada na prática social e na forma como o locutor se posiciona frente aos fatos, informações e comandos dados em um determinado exame vestibular. Para ele, a produção de texto precisa fazer sentido, de modo que os traços de singularidade sejam revelados pelo locutor por meio das seleções e manejos no texto.

Os efeitos de sentido do texto e os traços de densidade são observados, segundo Possenti (2002), por meio dos *indícios de autoria*. O sujeito em sua produção escrita deve marcar a sua posição, o seu estilo e a sua particularidade a partir de marcas. Para o linguista, a distinção de um texto com ou sem autoria parte da objetividade do conceito.

A questão é como identificar a presença do autor - como encontrar autoria num texto, como distinguir textos com de textos sem autoria. De alguma forma, é necessário ter em mente o chamado paradigma indiciário (ver Guinzburg 1986), para evitar a consideração automática de certas marcas como definidoras da presença ou da ausência de autoria. Em outras palavras, as marcas não são mais do que indícios de autoria. Como sempre, trata-se de avaliar os indícios (POSSENTI, 2002, p.110).

Os *indícios de autoria* são pontuados pelo estudioso e revelam a maneira como os textos poderiam ser avaliados em sua “qualidade”. Os sujeitos em seus textos escolares e em exames vestibulares deveriam executar dois procedimentos: *dar voz a outros enunciadores e manter distância do próprio texto*. Assim, a singularidade e o estilo de um autor são evidenciados na tomada de posição e na forma como, em seu texto, o autor apresenta-se como sujeito pertencente a uma dada história e utiliza estratégias, como as apontadas, que possibilitam destacar os traços de sua subjetividade.

Diante da explanação e com base na perspectiva de Possenti (2005) sobre a importância dos *indícios de autoria* para uma boa produção textual, observamos que a noção, em nossa pesquisa, pode ser vista nos comentários das bancas avaliadoras, sobretudo, quando reiteram os manejos de vozes feitos pelos candidatos em seus textos. A seguir, a proposta, a produção textual e o comentário da UEL.

Figura 62 – Proposta, redação satisfatória e comentário**3.2 Análise de provas de redação – Proposta 1**

Leia o texto a seguir.

Seu filho está apenas distraído com tantas ofertas eletrônicas, anda nervoso por causa de uma prova ou ansioso com algum problema que não sabe como enfrentar? Muitas vezes é apenas isso mesmo, e as preocupações paternas se dissipam com o tempo. Em alguns casos, contudo, há um problema médico real. Cresce em todo o mundo o número de diagnósticos de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Ele atinge uma em cada vinte crianças. O portador da doença sofre com picos de desatenção, impulsividade, inquietação e dificuldade de aprendizado, sintomas claramente descritos em mais de 30000 artigos científicos publicados ao longo dos últimos quarenta anos. A novidade: a doença, tão colada à infância e à adolescência, pode surgir na idade adulta. Segundo o consenso científico em vigor, o TDAH é uma afecção do desenvolvimento cerebral originada na infância e, na maior parte dos casos, plenamente superada com a maturidade. Dois novos estudos recém-publicados na revista científica *Jama Psychiatry*, um dos periódicos mais prestigiosos do mundo, sugerem, no entanto, que a doença é também de gente grande. Diz Guilherme Polanczyk, professor de psiquiatria da infância da Universidade de São Paulo (USP) e autor de um dos estudos: "O achado pode representar uma mudança radical na maneira como a ciência lida com o TDAH". Na régua dos atuais protocolos, a prevalência de TDAH na fase adulta é de 1,5%. Com as novas conclusões, poderá chegar a 12%.

(Adaptado de: CUMINALE, N. Um problema de gente grande. *Veja*. 15 jun. 2016. p.96.)

Resuma o texto, entre 8 e 10 linhas.

Em apenas um parágrafo, você deverá apresentar as ideias ou os fatos essenciais contidos na matéria, mantendo sua estrutura e seus pontos principais. Seu texto deverá ser construído sem copiar enunciados do texto original e sem emitir comentários ou juízos de valor.

3.2.1 Exemplo de texto satisfatório**REDAÇÃO 1**

1 Em "Um problema de gente grande" (Veja - 15/06/2016 - p. 96), Cuminale trata do transtorno de déficit de
 2 atenção e hiperatividade, bem como do aumento de sua incidência na população mundial e, sobretudo, da re-
 3 cente descoberta de que o TDAH pode surgir na idade adulta. Segundo o autor, a condição - que envolve sin-
 4 tomas facilmente confundidos com situações cotidianas, como desatenção, ansiedade e dificuldade de apren-
 5 dizado - atinge uma em cada vinte crianças. No entanto, ressalta, estudos recentes publicados na revista
 6 científica *Jama Psychiatry* atestam que o TDAH apresenta expressão quando se trata de adultos, ao contrá-
 7 rio do que afirmavam os antigos parâmetros - de que o problema surge na infância e na tipicamente
 8 associado a esta fase e à adolescência. Por fim, o articulista cita Guilherme Polanczyk, professor de psi-
 9 quiatria da USP, que ratifica a veracidade das novas conclusões ao afirmar um possível aumento no diag-
 10 nóstico da doença em adultos, de 1,5% para até 12%.

Comentário

Este ano, para a produção da redação, o vestibular da UEL selecionou como gênero o Resumo. Neste caso, esperava-se que o candidato elaborasse o seu texto com base no trecho adaptado da matéria “Um problema de gente grande”, de M. Cuminale, publicado na revista *Veja*, em 15 de junho de 2016.

A produção escrita teria de ser realizada em apenas um parágrafo, apresentando as ideias ou fatos essenciais do texto, mantendo sua estrutura e pontos principais, sem que se copiasse os enunciados do original e, principalmente, sem emitir comentários ou juízo de valor.

Dentre as redações produzidas neste concurso, a que segue destacou-se por atender a todas essas solicitações e também por apresentar um conteúdo em que se manifestaram as marcas da distinção entre a voz que resume o texto e o texto resumido, como, por exemplo, a expressão “segundo o autor” (linha 3), e as referências explícitas da autoria, ora introduzidas pelo nome do autor (Cuminale, linha 1), ora retomadas por sinonímia, por meio de sintagmas nominais, como “o autor” (linha 3) e “o articulista” (linha 8) e até mesmo por meio de elipse, como o caso do emprego da forma verbal “ressalta” (linha 5), cujo sujeito elíptico é N. Cuminale.

O candidato também apresentou, em seu resumo, a compreensão do texto-base por meio da apresentação de suas ideias principais, com objetividade, na ordem do texto, sem enumeração, demonstrando, assim, a sua competência na produção de um texto deste natureza.

Fonte: COPS/VESTIBULAR UEL, 2016.

Isso nos chamou atenção, tendo em vista a relevância desse aspecto para a execução de textos considerados “acima da média”. Assim, em nossas análises, foi evidenciada a questão da autoria nos comentários das bancas corretoras de redação, como mostra o exemplo acima.

Vica, como já reiterado, parte dos textos comentados pelas instituições para exemplificar os critérios abordados nos vestibulares; desse modo, levando em consideração os discursos produzidos nesse espaço e dando-lhe novos *temas*. Em vista disso, também observamos que a professora atualiza a noção de autoria em suas videoaulas. No vestibular de 2017, o candidato deveria escrever uma carta para a Seção do Leitor da revista *Rio Pesquisa* e discutir a relação entre o conceito de Brasil cordial e a presença de estrangeiros no Brasil a partir do artigo “A volta de um Rio que faz sonhar”, de Lená Medeiros de Moreira.

A Figura 63, abaixo, é o texto disponibilizado pela comissão avaliadora e utilizado pela docente.

Figura 63 – Texto “acima da média”

À Revista Rio Pesquisa,

O artigo “A volta de um Rio que faz sonhar” de Lená Medeiros de Menezes traz, em minha opinião, uma discussão importantíssima para o Brasil atual. Em meio a um contexto global de crises econômicas, conflitos civis e embates socioculturais, analisar o papel e o comportamento do brasileiro frente aos imigrantes que se instalaram e se instalarão no país torna-se uma discussão delicada, porém necessária.

Concordo plenamente com a autora sobre a falsidade do conceito de Brasil cordial. A ideia de um Brasil acolhedor de estrangeiros se desfaz ao observarmos a existência clara de discriminação do imigrante, seja ela direta, como o preconceito quanto ao trabalho dos médicos cubanos, ou indireta, como no ciclo de desigualdade enfrentado por bolivianos e haitianos que acabam por exercer subempregos e são privados de seus direitos básicos em condições de vida precárias.

Então, arrisco a dizer que a ideia de um Brasil cordial é ilusória e se junta a demais mitos – como o de democracia racial – que esculpem um Brasil liberal pacífico e acolhedor, procurando esconder do cenário internacional o quão conservador e preconceituoso nosso país é.

A desmistificação é necessidade urgente para que possamos refletir e responder às perguntas do final do artigo de maneira correta e humana, afastando discriminações negativas e xenofobia. E o primeiro passo, com certeza, foi dado com a publicação de “A volta de um Rio que faz sonhar”, portanto, deixo meus parabéns a todos os envolvidos.

Com admiração,

A.L.

Fonte: COMVEST/VESTIBULAR UNICAMP, 2017.

A discente pontua como o vestibulando, por sua vez, dá voz a outros enunciadores, no caso Lená Medeiros de Moreira, em sua produção escrita.

35:08 O artigo “A volta de um Rio que faz sonhar” ((lendo)) ... vejam bem o que eu falei de apresentar fazendo referência ao artigo ... né? ... não dizer eu sou um estudante que ficou motivado ... até pode dizer isso no texto ... mas entender que a informação principal parte do texto de apoio ... o artigo “A volta de um Rio que faz sonhar” ... de Lená de Medeiros de Menezes traz ... em minha opinião ... uma discussão importantíssima para o Brasil atual ... em meio um contexto global de crises econômicas ... conflitos civis e embates socioculturais ... analisar o papel e o comportamento do brasileiro frente aos imigrantes que se instalaram e se instalarão no país torna-se uma discussão delicada ... porém necessária ((lendo)) (MONITORIA DE REDAÇÃO UNICAMP NO CANAL *ME SALVA*, 2017).

Como vimos, no desenrolar da pesquisa, os aspectos de proposta temática, leitura dos textos-fonte, gênero e autoria, por exemplo, configuram os discursos das bancas corretoras e das docentes, de modo que a noção de autoria aparece nas esferas de atividade. Com isso, a conclusão a que chegamos é a de que a noção de autoria é um item de suma importância e que deve, em nossa percepção, ser trabalhado quando se discute produção textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso analítico deste trabalho, portanto, nos possibilitou observar como os aspectos textuais e linguísticos são desenvolvidos e ressignificados no campo da linguística em exames vestibulares e no contexto didático-pedagógico. Os gêneros discursivos analisados na pesquisa reiteram como os discursos apresentam novos *temas* para um mesmo objeto de ensino, dependendo da esfera de atividade em que estão inseridos e dos interlocutores envolvidos na trama enunciativa. O cotejo, procedimento metodológico de comparação entre enunciados, coloca em evidência os discursos sobre a textualidade e as memórias do passado e do futuro que permitem uma análise das significações dadas pelos estudiosos do texto; assim, desenvolvemos neste trabalho uma interpretação e deixamos um caminho para novas significações sobre o ensino/aprendizagem de produção textual.

Em nossa pesquisa, pudemos observar que, atualmente, o trabalho com os gêneros tem ganhado destaque no ensino/aprendizagem da textualidade no Brasil e acreditamos que muitas discussões e pesquisas devem ser realizadas para um desenvolvimento mais satisfatório da noção de gênero. Assim, com base na perspectiva bakhtiniana, constatamos que a UNICAMP é a instituição que mais se aproxima dos postulados do Círculo sobre o trabalho com os gêneros e das diretrizes impostas pelos PCNs, discorrendo sobre as práticas discursivas que são inerentes à sociedade e que possibilitam uma prática de escrita dos escreventes situada sócio-historicamente em seu exame vestibular. Além disso, corrobora para uma escrita que deve levar em consideração a situação de produção, os interlocutores, as habilidades de escrita para uma satisfatória execução dos gêneros, primando por um ensino/aprendizagem, portanto, menos mecanizado e engessado por parte dos estudantes.

Em relação à UEL e à UFPR, ainda observamos em suas propostas uma ausência de um trabalho mais primoroso da interlocução e da situação de produção em seus exames vestibulares, no entanto, mesmo com essa defasagem, ambas buscam divergir de instituições como UNESP, USP e ENEM que fixam sua prova de produção de texto em um modelo único e invariável de escrita como a dissertação-argumentativa. Em nossa visão, é uma tentativa de as instituições darem um novo *tema* para a temática da textualidade e dos aspectos avaliados no texto.

Além disso, percebemos um diálogo das bancas avaliadoras em relação a vários aspectos, tais como: proposta temática; leitura dos textos-fonte; gênero; adequação à norma culta da língua e autoria. Esses critérios são atualizados conforme seus posicionamentos

teóricos a respeito do texto. Assim, para essas comissões avaliadoras, a leitura e a escrita caminham juntas nesse processo de ensino/aprendizagem de textos. Observamos, desse modo, um diálogo e uma ressignificação por parte dessas universidades, propiciando um novo olhar para os processos avaliativos.

Em paralelo, cotejando com os discursos das professoras na esfera didático- pedagógica e levando em consideração o gênero videoaula youtubiana, que apresenta distinções e funções enunciativas outras em comparação com o gênero comentário, observamos um diálogo com as bancas de redação; sendo assim, pontuamos a relevância dos materiais disponibilizados para a comunidade como um todo e a possível transparência em seus processos avaliativos. Inclusive, a importância dessa pesquisa em analisar os efeitos de sentido que são desencadeados na leitura do material pelas professoras. Com isso, evidenciamos que Sestito, professora do canal *Stoodi*, pauta suas videoaulas na leitura minuciosa desses manuais, atualizando e trazendo, diante disso, significações outras para o ensino/aprendizagem de texto. Em suas videoaulas, em comparação com a docente Vica, do canal *Me Salva*, denotamos uma ressignificação parcial e até equivocada da professora das propostas de redação, como no caso de assimilar o gênero tirinha como sendo o gênero charge. Além disso, Sestito, não pontua, em suas aulas, as habilidades de escrita que devem ser desenvolvidas pelos escreventes na produção textual para uma qualidade e conseqüentemente boa nota nos exames vestibulares, a fim de tornar mais explícito para os escreventes os mecanismos linguísticos e textuais esperados pelas bancas de correção.

Em contrapartida, a professora Vica, do canal *Me Salva*, apresenta em suas videoaulas um conteúdo temático mais completo acerca dos aspectos cobrados nos exames vestibulares, baseado nos exemplos de textos “acima da média”, disponibilizados pelas bancas corretoras de redação, levando em consideração, portanto, esses materiais a fim de enriquecer e potencializar, ao nosso ver, o trabalho dessas instituições. Assim, a leitura de uma redação considerada “acima da média”, pela docente, vem acompanhada de uma atualização e significação sobre os aspectos da textualidade que reiteram a relevância de compreender as habilidades de escrita desempenhadas pelos candidatos e a configuração do gênero, enquanto materialização dos enunciados.

Essa professora, em suas videoaulas, discorre sobre a noção de gênero, aproximando- a, ao nosso ver, da concepção bakhtiniana ao passo que enfatiza o contexto de produção e as habilidades de escrita que são prototípicas de cada gênero discursivo. A leitura do texto do candidato que atingiu a nota “acima da média”, por sua vez, é atualizada em diálogo com a banca avaliadora, reiterando a forma e o modo como os aspectos esperados foram efetivamente

realizados pelo escrevente. Ela, por sua vez, não faz uma leitura superficial, mas ancorada nos comentários e em uma didática que articula a teoria com a prática, possibilitando por meio das análises das produções textuais um meio para tornar o conteúdo temático mais empírico e acessível para a completude do ensino/aprendizagem da textualidade.

Além disso, notamos também que essas plataformas digitais, mesmo em um ambiente virtual, tendo como suporte o computador, o celular ou até mesmo o tablete, tão utilizados pelos jovens no seu dia a dia, não deixaram de apresentar recursos típicos de “sala de aula” como o giz, a caneta, o quadro-negro e apresentar um cenário conservador sem nenhum efeito ou qualquer aparato que dinamize virtualmente a aula. As docentes, como observamos, tentam aproximar-se dos alunos da plataforma chamando-os de “queridos” e dialogando com os estudantes com uma linguagem mais coloquial, tendo em vista a esfera de circulação, produção e recepção das aulas.

No entanto, a postura e a seriedade das professoras ao ministrarem as aulas possibilitam revivermos uma memória do passado a respeito do comportamento “sério” e autoritário do sujeito-professor, enquanto o único portado de voz e saberes em sala de aula. Com isso, a centralidade da professora Sestito nas videoaulas corrobora uma visão exclusiva da figura da professora como provedora de conhecimento. As videoaulas da professora Vica, por sua vez, inovam no letramento ao trazer apenas as mãos da docente e a folha de sulfite, que simula uma lousa, para a explanação do conteúdo. A centralidade, nesse caso, é ressignificada dando-lhe uma nova configuração para a imagem do docente, ou seja, o foco recai nas mãos da professora que faz uso de canetas e *post-it* como forma de deslocar a visão do estudante para a lousa. Assim, a figura central da docente é atualizada por parte do seu corpo, revelando que o conteúdo temático da videoaula é mais importante e pode ser trabalhado, como vimos, sem enfatizar o sujeito-professor.

Também observamos que os cursinhos físicos, como o *Oficina Resolve*, fazem uso de plataformas digitais para divulgar o ensino/aprendizagem desenvolvido no colégio e instigar o interesse do estudante para o ingresso no cursinho. Sabemos que o *YouTube*, atualmente, pode ser visto como uma vitrine de exposição de conteúdos das plataformas e *sites* desses cursinhos que divulgam os produtos e os professores, a fim de conquistarem mais alunos e lucrar por meio das propagandas. Outro dado observado, nesses canais, são os nomes dados para as plataformas como, por exemplo, *o Me Salva* e *o Oficina Resolve*, que atribuem a ideia de resgate para as dificuldades enfrentadas pelos estudantes no exame vestibular, aguçando o telespectador para um caminho de solução, pois pressupõe-se que o aluno tem algo a ser resolvido e precisa ser salvo e que são esses canais que têm a “chave” para essa transição do não-salvamento ao

salvamento, da dúvida à solução.

Com isso, nossa pesquisa evidenciou os valores e efeitos de sentido em relação à imagem – representação – do “bom texto” a partir da alternância dos enunciados, posicionamentos e acabamentos, propiciando um diálogo entre as esferas de atividade e conjecturando um novo *tema* para as pesquisas sobre a textualidade no Brasil. O movimento de recuperar a memória discursiva sobre a produção de texto e atualizar, com base nos exames vestibulares, os enunciados instaurados na esfera avaliativa e didático-pedagógica da temática “bom texto” revelam as intenções e objeções de cada campo, em consonância com o conteúdo temático, o estilo e a forma composicional dos gêneros discursivos da pesquisa (comentário, grade de correção e videoaula youtubiana). Nesse cenário, pudemos denotar uma organização, historicidade e dinamismo singulares entre as esferas de atividade, de modo que significam e ressignificam mediante o interlocutor e os propósitos enunciativos do gênero. Para isso, como postula Bakhtin, o diálogo é a peça-chave para a troca de enunciados e atualizações, recuperando os dizeres desdobrados em cada campo. O tempo-espaço também contribui para uma nova significação acerca do objeto estudado – o “bom texto” –, decodificando os efeitos de sentido e ressoando em enunciados que ainda virão.

Os sentidos aqui pontuados foram analisados na relação dialógica entre o ato de enunciar das provas comentadas e da grade de correção e o de responder das videoaulas, em uma dinâmica de reciprocidade, reflexos e elos da trama discursiva. Sendo assim, essa pesquisa, na perspectiva bakhtiniana, surtiu efeitos porque foi colocada em diálogo, não só com as videoaulas, mas com a história e desenvolvimento da produção de texto no Brasil. O nosso trabalho também responde, na cadeia enunciativa, aos reflexos da produção de texto a partir da reação e atualização observadas nos comentários das comissões avaliadoras, na grade de correção e nas videoaulas feitas pelos cursinhos.

O intento da pesquisa foi o de compreender como as características textuais, o propósito da interlocução, a adequação à norma culta, a autoria, os textos-fonte e o gênero são ecoados nos comentários da banca avaliadora, na grade de correção e nas videoaulas youtubianas, de modo que conseguíssemos evidenciar uma compreensão responsiva ativa desses enunciados. Por fim, acentuamos que os discursos nessas esferas de atividade ecoam os dizeres dos documentos oficiais, à sua medida e ao seu entendimento, na tentativa de ressignificar os estudos da textualidade e da produção de texto no Brasil. O trabalho, em suma, é uma ponte para novas pesquisas e desdobramentos da imagem – o texto em si – esperada pelas comissões avaliadoras em seus respectivos exames vestibulares e uma busca pelo desenvolvimento de práticas de escrita e de leitura mais efetivas no ensino/aprendizagem da textualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. Norma linguística, hibridismo & tradução. **Traduzires**, v. 1, n. 1, 2012.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira: São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BRAIT, B. Contribuições Bakhtinianas para a análise do verbo-visual. In: **Língua Portuguesa: lusofonia-memória e diversidade cultural**. BASTOS, N. B. (org.). São Paulo: EDUC, 2008.

BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana**. São Paulo, v.1,n.1, p.142/160, 1ºsem 2009.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (2): 43-66, jul./dez. 2013.

BRAIT, B. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.5, p. 183-196, 1º semestre 2011.

BRAIT, B. Reflexões dialógicas: de olho no verbal, piscando para a imagem. In: MACHADO, I.I. & MENDES, E. (org.). **Imagem e Discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

BRAIT, B. Resenha. BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p. **Bakhtiniana**, Rev. Estud. Discurso vol.12 no.2 São Paulo May./Aug. 2017.

BRAIT, B. Tramas verbo-visuais da linguagem. In: **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010, p.193-228.

BRAIT, B; MELO, R de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In. BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio+**. Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

BURGESS, J & GREEN, J. **Youtube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

COMVEST/UNICAMP. **Provas comentadas: redação**. Disponível em: <

<http://www.comvest.unicamp.br/vestibulares-antiores/1a-fase-2a-fase-comentadas/>. Acesso em: 01 ago. 2017.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. 2ª ed. Curitiba: Criar, 2006.

FIORIN, J.L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo, Editora Ática, 2006.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**: leitura & produção. Cascavel: Assoeste, 1984.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 252 p.

GERALDI, J.W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996. 148 p.

GERALDI, J. W. **Ancoragens**: estudos bakhtinianos. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010a.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010b.

GERALDI, J. W.; CITELLI, B. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, 1997. 184 p. (Aprender e ensinar com textos, v. 1 - Coordenadora geral: Lígia Chiappini). (Pré-edição: FFLCH/USP, 1994; Ed. Marca D'Água, 1995).

GIRÃO, L. C. **Processo de produção de vídeos educativos**. Integração das tecnologias na escola – Salto para o futuro. Organizadores: Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida e José Manoel Moran. Brasília: SEED/MEC, 2005.

GRILLO, S. Dimensão verbo-visual de enunciados de Scientific American Brasil. São Paulo: **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, V. 1, N. 2, 2009, p.8-22.

GRILLO, S. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filol. linguíst. port.**, n. 14(2), p.235-246, 2012.

KENSKI, V. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e escrever? Cefiel/Unicamp & MEC, 2005.

KLEIMAN, A. (Org.) Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Revista Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez. 2007. Disponível em: <<http://on-line.unisc.br/seer/index.php/signo/index>>. Acesso em: 9 nov. 2018

LEMOS, C.T.G. “Redações de vestibular: algumas estratégias”. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.23, 1977.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, L. A. (2002). Gêneros Textuais e atividades Linguísticas no contexto da Tecnologia Digital. In: GEL – **Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo**. USP – Universidade de São Paulo, 23-25 de maio, 2002.

MARCUSCHI, L.A. (2004). Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____ **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido** (Luiz Antônio Marcuschi e Antônio Carlos Xavier – orgs.). Rio de Janeiro: Lucerna, p. 13-67

MARCUSCHI, L.A (2010). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: _____ **Gêneros textuais: reflexão e ensino** (Angela Paiva Dionisio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra (org.)). São Paulo: Parábola Editorial.

MENDONÇA, M. C. O discurso sobre a produção textual de gêneros literários. **Letras & Letras (On-line)**, v.29, 2013.

MENDONÇA, M. Como dizer o que se tem a dizer: convenções da escrita e coesão. **A redação no vestibular Unicamp: o que e como se avalia** (Márcia Mendonça e Cynthia Agra de Brito Neves (org)). Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2019.

MORAN, J.M. A educação a distância e os modelos educacionais na formação dos professores. In: BONIN, I. *et al.* **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: políticas e tecnologias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. Cap. 4, p. 245- 259. (XIV Endipe).

MOTA, R. Olhando para o futuro: visões da educação brasileira para os próximos dez anos. **Revista Tecnologia Educacional**, 39 (191), p. 26-38, 2010.

MUSSIO, S. C. **Videoaulas de escrita/redação científica na internet: um estudo bakhtiniano**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual Paulista. Araraquara. p. 342. 2016.

NÚCLEO DE CONCURSOS/ UFPR. **Processo seletivo: redação**. Disponível em: <<http://portal.nc.ufpr.br/PortalNC/VestibularesAnteriores>>. Acesso em 01 ago. 2017.

PAULA, L. Círculo de Bakhtin: algumas questões teórico-analíticas. **Caderno de Resumos do GEL**, 2009.

PAULA, L. O Círculo de Bakhtin: abordagem dialógica da linguagem. **Caderno de Resumos do GEL**, 2008.

PÉCORRA, A. **Problemas de redação**. São Paulo, Martins Fontes, 1983. PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2009.

PONZIO, A. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PONZIO, A. **Dialogando sobre diálogo na perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

POSSENTI, S. Índícios de autoria. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. 01, 2002.

POSSENTI, S. **Aprender a escrever (re) escrevendo**. CEFIEL-IEL: Campinas, 2005.

POSSENTI, S. Notas sobre a questão da autoria. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 32, jan./jun. 2013.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: XXIX Congresso brasileiro de ciências da comunicação, **Anais...** Brasília, 2006.

RIBEIRO, A. E. Ler na tela: letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (Org). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale Autêntica, 2007.

REVISTA DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS/ COPS/UEL. **Provas comentadas: redação**. Disponível em: <<http://www.cops.uel.br/v2/documento.php?id=10>>. Acesso em 01 ago. 2017.

ROJO, R. **A Prática de Linguagem em Sala de Aula - Praticando os PCNs**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: _____ (Org). **Escol@ Conectada: Os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola, 2013. p.13-36.

ROJO, R., MOURA, E. (org). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SILVA, D. P. F. **O conceito de autoria em manuais de vestibulares e em discursos pedagógicos sobre produção de texto** [recurso eletrônico] /Daiane Pereira Fernandes da Silva. Araraquara, 2017. 1 CD-ROM: il.; 4 3/4 pol.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

RIBEIRO, A. E. Ler na tela: letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (Org). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale Autêntica, 2007.

REVISTA DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS/ COPS/UEL. **Provas comentadas: redação.** Disponível em: <<http://www.cops.uel.br/v2/documento.php?id=10>>. Acesso em 01 ago. 2017.

ROJO, R. **A Prática de Linguagem em Sala de Aula** - Praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola, 2005.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: _____(Org). **Escol@ Conectada: Os multiletramentos e as TICS.** São Paulo: Parábola, 2013. p.13-36.

ROJO, R., MOURA, E. (org). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SILVA, D. P. F. **O conceito de autoria em manuais de vestibulares e em discursos pedagógicos sobre produção de texto** [recurso eletrônico] /Daiane Pereira Fernandes da Silva. Araraquara, 2017. 1 CD-ROM: il.; 4 3/4 pol.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ANEXO A

- Em negrito, encontram-se as ênfases orais feitas pelo narrador de cada vídeo;
- Em itálico e parênteses, encontram-se apontamentos temporais ou visuais que competem ao áudio e que podem ser relevantes para a análise (exemplo: "Pausa", "Dirigindo-se a alguém" etc.);
- Em azul, a minutagem

CANAL "STOODI" - Monitoria de Redação "Redação Unicamp - 2a fase"
<https://www.youtube.com/watch?v=OlmIU2p4ceY>

[INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO]

01:13 Sim? Oi, gente, tudo bem com vocês? Eu sou Marina Sestito, coordenadora de Redação do Stoodi. Hoje a gente vai fazer a **última** das nossas monitorias de segunda fase. A gente vai falar sobre a redação da Unicamp. É...quem acompanhou a gente aí o ano inteiro ouviu a gente falando de ENEM o ano inteiro. Quem acompanhou as outras monitorias de segunda fase viu que a gente...é...majoritariamente falou de redação dissertativa. É...então essa monitoria, ela vai sair um pouquinho disso que a gente vem conversando com vocês desde sempre. Tá? A Unicamp, ela trabalha com um modelo **completamente** diferente...é...então se você vai fazer essa prova de redação da Unicamp, eu sugiro que você veja essa monitoria com **muita atenção**. Tá bom?

02:03 Se conhece alguém que vai fazer também, chama a pessoa pra assistir, porque é **bastante** diferente do que vocês veem nos outros vestibulares. Tá? Eu **adoro** a prova da Unicamp. Eu acho que é uma prova **sensacional**, mas é uma prova bastante diferente das outras coisas que a gente vê. Tá? É...Como que a gente vai dividir essa monitoria, então? A gente vai tentar entender qual que é o **modelo** da Unicamp, que é **bastante** diferente do que a gente já viu. A gente vai responder algumas dúvidas de vocês, e a gente vai ver **na prática** como realizar...é...essa prova de redação da Unicamp. Tá? É...eu vou pedir muita paciência pra vocês na hora que a gente tiver lendo. Eu **sei** que é chato acompanhar leitura. Eu sei que...a gente prefere ficar aqui conversando, ouvindo a outra pessoa falar, em vez de ler uma coisa e ir acompanhando a leitura. Então, pra ficar menos chato, tenta baixar...é...esse material que tá disponível pra vocês aqui embaixo (*fazendo sinal com o dedo*). É...tem um linkzinho pra vocês...pra baixar esse material de apoio, onde tem esse conteúdo que a gente vai analisar aqui. É...E aí vocês vão acompanhando a leitura, que aí vocês lendo também fica um pouco menos chato do que só ficar me vendo ler. Tá?

03:16 Eu não vou só...é...fazer a leitura aqui. A gente vai fazer uma leitura **e análise**, mas é menos chato se a gente acompanha...é...com o texto de apoio. Tá bom? Vamo começar então. Hum...a Bruna vai colocar pra gente, né, Bru (*dirigindo-se a alguém*)...é...o texto do **Edital** da Unicamp. Onde a gente vai descobrir o que é que a Unicamp espera da gente. Tá? Coloca pra gente, Bruna, por favor (*dirigindo-se a alguém*). (*Pausa*) Hum...bom...então no Edital da Unicamp a gente tem os direcionamentos do que vai ser **cobrado** de vocês na prova. Então aqui a gente vai descobrir o que que vai acontecer na prova, e vai descobrir também a partir de **quais aspectos** o nosso texto vai ser avaliado. Essa eu considero que seja a parte **mais importante** dessa monitoria. É...bom...então vamo lá.

04:07 "A prova de redação composta de duas tarefas obrigatórias busca avaliar a habilidade do candidato no emprego de recursos que são necessários à produção de textos pertencentes a diferentes **gêneros discursivos**" (*lendo*). Bruna, abre pra gente, por favor (*dirigindo-se a alguém*). É...Cês tão acostumados, na maior parte dos vestibulares, a ver um só texto. Então vai ter lá o **tema** da redação do ENEM, o **tema** da FUVEST...o **tema** da Unifesp. É isso que a gente costuma encontrar: a gente chega na prova, tem **um tema** de redação. E aí a gente faz uma dissertação sobre ele. Na Unicamp não é assim que vai funcionar, tá? A gente vai ter dois...dois temas. Então você vai ter que fazer...é...**duas** redações, ou então escolher entre essas redações, dependendo de...do direcionamento que for apresentado pra vocês. **Aqui** é apresentado o direcionamento de escrever **duas** redações. Então você não pode **escolher** entre elas. Você precisa fazer **as duas** redações. É...E aí você não vai escrever um texto dissertativo sobre esse tema. Você vai descobrir **na hora** o que é pra fazer.

05:14 É **muito** importante, pra prova da Unicamp, a gente fazer um exercício de **leitura**. É...A gente vai, daqui a pouquinho, tentar entender com vocês **como** extrair da coletânea o que é pra fazer. Porque esse é um dos pontos principais. É...Se eu não sei nem o que é pra fazer, eu não consigo entender nem o que que eu tenho que fazer, eu não vou conseguir fazer um bom texto. Cê pode ter uma linguagem **linda**, [mas] se você não entender o que que é pra fazer, você vai ter uma nota **muito ruim**. Tá? É...Então, primeiro ponto importante: você vai chegar ali na prova, e vai ter **duas** tarefas obrigatórias, vai ter **dois** textos pra você escrever, e não vai ser dissertação. Você vai descobrir **na hora** o que que é pra fazer. Tá?

06:01 É...E aí o que que a gente vai avaliar nisso? Por que que a Unicamp faz isso? Porque ela não quer avaliar quem decorou ali o modelinho. Quem decorou a receitinha de bolo e vai chegar lá, e colocar um, um modelo pronto no texto. Ela quer avaliar quem consegue **entender** um direcionamento, e **executar** um direcionamento. É quem, realmente, consegue **entender** o que é solicitado, e consegue **fazer** aquilo que é solicitado. Tá? Num é pra chegar com modelo pronto. É...Aqui a gente avalia a capacidade do candidato de **compreensão**...de um, de um, de um contexto discursivo aqui. Tá? Então...é...Vocês vão ter que entender o que é pra fazer, e vão ter que fazer essas duas **tarefas** baseadas em diferentes **gêneros discursivos**. Não vai ser dissertação, provavelmente. Pode ser que seja, mas provavelmente não vai ser. Tá? É...vamo lá. "Cada tarefa" (*lendo*)...Bruna, volta pra gente, por favor (*dirigindo-se a alguém*).

07:00 "Cada tarefa é acompanhada de um ou mais textos que irão subsidiar o seu desenvolvimento" (*lendo*)...então vai ter coletânea, podem ficar tranquilos. "...além de **instruções** que indicarão os interlocutores envolvidos, bem como o **gênero** e o **propósito** do texto a ser elaborado pelo candidato" (*lendo*). Bru, fecha pra gente (*dirigindo-se a alguém*). Vamo conversar aqui olhando no olho. Gente...é...cês não vão tá abandonados. Cês não vão ter que adivinhar nada. Cês vão chegar na hora da prova, vai ter uma **coletânea** que vai ajudar vocês, e vai ter **todas as instruções** que vocês precisam. Que instruções vão ser essas? É...As instruções do texto, elas vão falar pra vocês...deixa eu pegar uma cor que apareça (*escolhendo giz, próxima à lousa*). Amarelo fica bom (*dirigindo-se a alguém*)? É...Essas instruções vão falar pra vocês o que que vocês têm que fazer nesses **três aspectos** aqui. A gente vai precisar, então, pensar no **gênero** (*escrevendo na lousa*). Então qual que é o gênero em que você tem que escrever. Se é uma dissertação, se é uma narração, se é uma carta, um editorial, um resumo. Que gênero que você tem que escrever. Você vai ter direcionamentos sobre a **interlocução** (*escrevendo na lousa*).

08:16 Como que a gente entende interlocução? É quem é você, e com quem você fala. Então

você fala de que lugar? Quem é você na fila do pão? E também **com quem** você vai falar...a quem você vai se dirigir quando você for escrever esse texto. Então essas coisinhas aqui vão ser apresentadas pra vocês nas instruções. Tá? Você não tem que adivinhar. Isso **vai tá explicado** pra vocês nas instruções: qual que é o gênero, qual que é a interlocução, e também qual que é o **propósito** (*escrevendo na lousa*). A gente ouve muito falar de propósito em livro de auto-ajuda, né? Em coisa de empreendedorismo...essas coisas aí que falam pra gente que a gente tem que buscar. Que a gente tem que ter motivos na vida. É...Na redação também, minha gente. A gente só vai escrever um texto se a gente tiver um **motivo** pra escrever um texto. Qual que é o propósito da gente escrever esse texto? Que que eu quero alcançar com ele? Qual que é a minha **motivação** pra parar o que eu tô fazendo, sentar aqui pra escrever um texto? Então **isso** precisa tá claro no seu texto. E **isso** vai ser apresentado pra você **na hora** da prova. Você vai chegar ali, você vai descobrir qual que é o **gênero** em que você tem que construir seu texto. Você vai descobrir **quem é você** no texto, e **com quem** você vai falar no texto.

09:33 Que que eu quero dizer com quem é você, com quem você vai falar? É, tipo: "Ah, eu sou um estudante escrevendo prum professor? Eu sou o dono de uma empresa escrevendo pro Presidente? Quem eu sou?" Isso a gente vai avaliar na interlocução. E a gente vai também dar direcionamentos pra vocês sobre o **propósito**. Por que que eu estou escrevendo esse texto? Qual é a minha **intenção** ao escrever esse texto? Tudo bem? Então isso tudo vai ser apresentado pra vocês no...nas **instruções** da prova. Nos **direcionamentos** que vão ser apresentados pra vocês. Tá bom? Então isso, é...cês vão descobrir na hora. E é a...com base nisso, e em mais algumas coisinhas que a gente já vai abordar, que o seu texto vai ser avaliado. Se você entendeu o gênero, e executou o ze...o gênero, se você respeitou a interlocução, e se você cumpriu o propósito do texto. Tá? Se o seu texto, realmente, ele parece ter cumprido aquela...aquela tarefa que foi solicitada pra você. Aquele propósito que...o motivo, do texto existir ali. Tá bom? Bruna, coloca aí pra gente, por favor, novamente na tela (*dirigindo-se a alguém*).

10:39 "A prova procura, desta forma, reproduzir o **funcionamento** do discurso no mundo real" (*lendo*). Então a gente **não vai** ficar naquela dissertação que ninguém escreve. Cê num escreve uma dissertação normalmente, né, gente? Você escreve **outras** coisas: cê escreve bilhete, cê escreve...sei lá...carta de amor. Você escreve outras coisas. Então a gente procura...é...trabalhar com um, com um...é...textos que reproduzam, de fato, é...o funcionamento do discurso no mundo real. Então como que você realmente escreveria um artigo de jornal, como é que você escreveria um e-mail?

11:10 "Para que um texto seja **bem-sucedido** em seus **propósitos**" (*lendo*), que a gente já mencionou aqui..."...o autor deve ter experiência de **leitura** e delinear um projeto em função de **um ou mais** objetivos **específicos**" (*lendo*). Então cê tem que escrever com **objetivo**, minha gente. Cês não podem sair escrevendo...porque, assim...você tem que escrever deixando claro pra quê que você tá escrevendo. Hum..."...que deverão ser atingidos por meio de uma formulação escrita" (*lendo*). OK. Então essas coisas que a gente mencionou - gênero, interlocução e propósito - precisam estar muito claras no seu texto. "A **avaliação** dos textos produzidos levará em conta as condições propostas na atividade. As **propriedades** do **gênero**, os **participantes** da **interlocução**, o **propósito** (tendo em vista o tema, a situação de inter...interação proposta e as instruções), a leitura e a articulação entre as partes do texto" (*lendo*). Bru, abre pra gente, por favor (*dirigindo-se a alguém*). [Por] que eu acho legal a gente colocar isso na lousa também, pra gente acompanhar na hora que a gente for analisar os textos.

12:11 Então aqui no propósito...bom...então, de grandes coisas aqui, a gente tem: o gênero, a interlocução e o propósito. Dentro do propósito, a gente tem o quê? A gente tem o **tema** (*escrevendo na lousa*). A gente tem a **situação de interação** (*escrevendo na lousa*). Desculpa, isso é na interlocução. Enfim...de qualquer forma. Situação de interação (*falando pausadamente enquanto escreve*). Cês podem ver, gente, que eu comecei caprichando na letra, não é mesmo? Eu comecei...eu me **esforcei** pra que a letra ficasse decente. Aí o que que aconteceu? Aconteceu isso (*mostrando letra na lousa*). Cês me perdoem, por favor. Aqui tá escrito "situação de interação", tá? Por favor, anota aí. Porque eu tenho problema com a minha letra. E também as instruções que vão ser apresentadas pra vocês...vou...vou tentar...ins, instruções (*escrevendo na lousa*). Tá ruim, mas dá pra entender, né?

13:11 Bom. Desculpa, gente, eu realmente me esforço, mas às vezes a letra fica muito pior do que ela deveria. É...Outras coisas que são muito **importantes**: a **leitura** e a articulação entre as partes do texto (*escrevendo na lousa*). Cês percebem que se vocês sabem disso, vocês sabem **exatamente** como tirar nota máxima? (*Pausa*) Se você vai cego pra prova, se você vai pra prova sem ter a **menor ideia** do que vai ser cobrado de você, quais são suas chances de...de ir **bem** nessa prova? Claro que você tem chance de ir bem nessa prova. Mas será que elas não são mais baixas...é...do que elas seriam se você já fosse preparado, sabendo vai ser avaliado? [Por]que aí você presta atenção..."ai meu Deus, a minha...o, o...a interlocução vai ser avaliada...deixa eu olhar com mais atenção aqui". Tá? Então, assim...é muito importante a gente discutir essas coisas quando a gente fala de Unicamp...(*limpando garganta*)...porque isso foge completamente dos outros modelos de vestibular que a gente costuma abordar. Salvo exceções. Têm alguns vestibulares que trabalham com um modelo parecido da Unicamp, e são vestibulares muito maravilhosos, também. **Mas** a maioria trabalha com texto dissertativo mesmo, né?

14:39 Vamo lá! Então esses são os aspectos principais que a gente vai precisar olhar no texto. Tá? Desconsiderem minha letra medonha. Hum...Bruna, volta pra gente, por favor (*dirigindo-se a alguém*). (*Limpando garganta*) Assim o candida...nossa...minha voz já foi. "Assim, o candidato deve, no desenvolvimento das duas tarefas, atender os requerimentos relacionados" (*lendo*). Certo. Então agora a gente vai ver **quais são** as coisas que vão ser avaliadas no texto. "Gênero. O texto elaborado pelo candidato, em **cada uma** das tarefas, deve ser representativo do **gênero** solicitado e considerados os interlocutores...os interlocutores nele implicados" (*lendo*). Bru, abre pra gente (*dirigindo-se a alguém*).

15:18 Então no gênero, na composição do **próprio gênero**, a gente já vai ter a situação da interlocução. É...Na hora de escrever uma carta, eu já preciso ter clareza de **quem** eu sou escrevendo, e **pra quem** eu tô escrevendo. Então...na própria **composição** do gênero já entra essa questão da interlocução. Tá? Então...primeira parte aqui, isso vai ser avaliado, é...na sua redação, como um, um, um dos...uma das grandes áreas que vão ser...é...avaliadas do seu texto. Fecha pra gente, Bru (*dirigindo-se a alguém*). (*Pausa*) "O propósito. O candidato deve cumprir o propósito da tarefa que está sendo solicitada, observando o **tema**, a **situação** de interação proposta, e as instruções de elaboração do texto" (*lendo*).

16:09 Gente, propósito é a parte mais...hum...mais **detalhada** das instruções. Então vocês vão ter ali muitos detalhes. Vocês só precisam seguir o que é solicitado a vocês. Tá bom? "Leitura. É esperado que o candidato estabeleça **pontos de contato** com os textos fornecidos em cada tarefa" (*lendo*). Então você **precisa** trabalhar com a coletânea, você não pode escrever só da sua cabeça. "Ele deve mostrar a **relevância** desses pontos para o seu projeto de escrita, e não

simplesmente reproduzir os textos ou parte dos mesmos em forma de colagem" (*lendo*). Não é pra copiar o que tá na coletânea, gente! É pra dialogar com ela. É...e o último aspecto é **articulação escrita**. "Os textos produzidos pelo candidato devem propiciar uma leitura **fluida** e envolvente" (*lendo*). Então não é pra usar, é...um monte de palavra rebuscada, exótica, diferente, esquisita. É pra gente trabalhar com uma linguagem "fluida e envolvente". "...mostrando uma articulação sintático-semântica, ancorada no emprego **adequado** dos elementos coesivos e de outros recursos necessários à organização dos enunciados" (*lendo*). Que que ele tá dizendo aqui? Que você precisa trabalhar com os elementos da linguagem, né, com, com, com a gramática, com...com o sen...a composição de **sentido** das palavras, pra poder deixar o seu texto bem-articulado. Bem organizado. Tá?

17:29 "O candidato também deve demonstrar ter **habilidade** na seleção de **itens lexicais**" (*lendo*). É o que a gente enche tanto a paciência de vocês aqui! É a tal da **precisão vestibular**. [É] você escolher exatamente a palavra que diz aquilo que você quer dizer. E não ficar colocando aspas em palavra que não teria aspas. Muitas vezes as pessoas não sabem que palavra colocar, coloca qualquer uma, e coloca entre aspas. Isso não...a gente não vai fazer na prova. Tá? Nem na vida, por favor! A gente vai escolher a palavra que realmente exprima aquilo que a gente quer colocar. Então "o candidato também deve demonstrar ter habilidade na seleção de itens lexicais apropriados, ao **estilo** dos gêneros solicitados, e no emprego de regras gramaticas e ortográficas que atendam à modalidade culta da língua" (*lendo*). Bru, abre pra gente, por favor, que essa questão é **muitíssimo** importante (*dirigindo-se a alguém*).

18:15 É muito bom a gente estar aqui...de frente um para o outro, para falar sobre isso. Gente, se você vai escrever uma carta...é...sei lá, pro secretário de não-sei-o-que-lá...é...você precisa ter algum grau de formalidade. Então você vai **escolher** o vocabulário adequado pra essa interlocução. Tá? Se você vai escrever...é...prum colega da escola, você vai usar **outro** vocabulário. Isso...é...**precisa** ser respeitado. Tá? Isso parece uma bobagem, parece que é óbvio que a gente fala diferente com...com as pessoas dependendo de com quem a gente tá falando, mas isso precisa ser respeitado na prova. Tá? Em cada **situação** discursiva, a gente vai adotar um, um vocabulário diferente. Se você vai falar pro seu colega, cê vai falar de um jeito, se você vai falar com a sua mãe, você vai falar de outro, se você vai...vai falar, sei lá...com o Presidente, você vai falar de outro. Tá? É muito importante a gente saber **adaptar** o nosso vocabulário às diferentes situações de...discursivas, tá? Às diferentes situações em que a gente vai ter que falar com alguém. Seja falando mesmo, verbalmente, ou seja escrevendo. Se você vai mandar um e-mail pro diretor da sua escola, você **não vai** escrever do mesmo jeito que se você tiver escrevendo uma mensagem no Whatsapp com o seu amigo. Tudo bem? Combinado? Então tá bom.

19:42 É...gente, o que que a gente entendeu até aqui? Que não vai ter nada **pronto**. Não tem como eu chegar e falar assim: "Minha gente, sabe o que vai cair? Vai cair isso. Ó, se prepara pra isso...prepara uma introdução aqui...já vai com tudo pronto...já pensa na citação do filósofo!" Porque isso não vai te salvar na Unicamp. Se você está achando que é assim que a gente faz prova da Unicamp, não é! Na prova da Unicamp, a gente precisa chegar na hora da prova, **entender** o que é pra fazer **na hora** da prova, e fazer **na hora** da prova. Isso é bom ou isso é ruim? Eu **pessoalmente** acho isso maravilhoso. Porque aí a gente não privilegia quem já ficou ali decorando, é...receitinha de bolo. Certo? A gente coloca todo mundo, mais ou menos, né, dentro do possível, a gente coloca as pessoas em pé de igualdade ali. Porque a gente não

vai...é...não sei, **facilitar**, privilegiar quem, quem ficou ali decorando receita de bolo. Quem teve, sei lá, alguém que explicasse como fazer uma receita de bolo, de texto, né? Então...é...eu acho essa prova da Unicamp **maravilhosa**. Eu acho que ela...ela cumpre a função de realmente avaliar quem consegue entender direcionamentos e fazer aquilo que é solicitado. Tá? Tudo bem?

21:05 É...cês precisam ficar preocupados? **Não** precisam ficar preocupados. Porque a Unicamp, apesar de ela ter esse jeito diferente, a Unicamp é uma **mãe**. Ela vai pegar você pela mãozinha. Num é aquelas mães bravas...ela é uma mãe que dá amor, carinho, atenção, comida, faz...alimentos. Então, é...a Unicamp, ela é muito mãezona. Ela vai ter dar **tudo** o que você precisa pra conseguir fazer um bom texto. Ela vai te dar todos os textos de apoio, ali, pra você se basear. E ela vai te explicar tim-tim por tim-tim tudo o que você tem que fazer na redação. Ela vai te falar qual que é o gênero, ela vai te falar qual que é o propósito, ela vai te deixar muito claro qual que é a interlocução que você tem que usar. Então, assim...tá feito! Tá? Você só precisa ler com atenção, entender o que é pra fazer, e fazer. Tudo bem? A gente vai ver isso daqui a pouquinho.

22:00 É...aqui a gente encerrou a parte do **Edital** da Unicamp. Até aqui a gente viu o que que a gente vai fazer a hora que a gente chegar na prova. Que que a gente vai fazer a partir de agora? A gente vai responder algumas perguntinhas de vocês, depois a gente vai, é...analisar a proposta do **ano passado**, e vai ler algumas redações que vocês enviaram pra gente muito gentilmente. Agradeço muitíssimo quem enviou redação pra gente, porque aí a gente consegue ilustrar...é...como executar...é...esses textos, né? Como **fazer** acontecer essa redação de verdade. Tá bom? Vamo passar então, agora, para as **perguntas**! Lembrando que a gente vai responder primeiro as perguntas, depois a gente vai ler as redações, né? Depois de ler as propostas. Tá?

22:45 Hum...(dirigindo-se a alguém) Bru, vamo começar com as perguntas? A gente vai começar com a pergunta do Thiago. (*Pausa*) Thiago fez uma pergunta **maravilhosa**, incrível, fantástica! "Professora, o título é obrigatório nas redações da Unicamp?" (*lendo*) Thiago, eu te digo que **depende**. Se a prova pedir, você vai colocar. Se a prova não pedir, você não vai colocar. Se não for **próprio** daquele...tipo textual, daquele **gênero** textual, **gênero** discursivo, que você coloque um título, você não vai colocar. Quando você vai escrever uma carta...vamo lá. Cê...quando você está apaixonado, você vai escrever uma carta de amor. Você coloca título? Eu não me lembro de ter colocado título, mesmo porque eu não me lembro de já ter escrito uma carta de amor, não é mesmo? (*Risos*) [Por]que a gente, né, não tem muito coração, não, né? Nem vida emocional. Deixa pra lá. É...então, assim...Quando a gente vai escrever uma carta de amor, a gente não costuma colocar título. Então se alguém te pedir pra escrever uma carta de amor na prova da Unicamp, cê vai colocar título? Acho que não é uma boa ideia. Acho que é melhor não.

23:58 E se alguém te pedir pra escrever uma dissertação, por exemplo, cê vai colocar título? Aí acho bacana, né, acho que é legal pôr um título ali num texto dissertativo. Aí eu realmente recomendo que você coloque título. Mas isso vai depender do que aparecer pra você na prova. **Não** existe um direcionamento...é...prévio. Não existe, assim, uma regra: "Ah, tem que pôr título, não tem que pôr título". Não. Isso quem vai te falar é a **prova**, na hora que você chegar lá pra fazer a prova. Cê chegou lá, viu, descobriu se tem que pôr título ou não. Tá? **Não** existe um direcionamento prévio pra isso. Certo? **Se** o título fizer parte do gênero, sim, é

obrigatório pôr título. Se ele **não** fizer parte do gênero, não é pra pôr título. Mas o gênero, o, o...a composição daquele texto, você vai descobrir só na hora da prova.

24:51 Aline. (*Pausa*) "Olá, Mari, tudo bem?" (*lendo*) Tudo bem, e você? (*Mandando beijo*) "Gostaria de saber se devemos levar...(limpando garganta) algum repertório de fora, como geralmente fazemos no ENEM, ou se é melhor apenas nos fecharmos para o universo da coletânea e se tem algum problema usar ideias ou até trechos da mesma. Beijão" (*lendo*). Aline, a sua pergunta é **excelente** também. Por quê? Porque...tem problema a gente usar ideias **da coletânea**? Se for solicitado pra você usar ideia da coletânea, você deve usar ideias da coletânea. Se alguém pedir pra você produzir um texto **do zero**, você vai produzir um texto **do zero**! O que que **costuma** acontecer? Tá, eu não tô dando uma regra pra você? Eu tô dizendo que **costuma** acontecer...uma **tendência**, tá? É uma **tendência** da Unicamp que a gente trabalhe...é...com o diálogo um pouco mais efetivo com a coletânea. Então a gente tentar trazer um pouquinho da coletânea. Isso não quer dizer copiar, não quer dizer parafrasear. Quer dizer **trazer** alguns elementos da coletânea. Tá? Isso é uma tendência. (*Derrubando papel*) Opa. Pode acontecer...desculpa, com licença...opa, pronto (*pegando papel*). Pode acontecer da gente...é...do texto da...da prova pedir pra você não trazer **nada** da coletânea, e tirar tudo da sua cabeça? Pode acontecer.

26:08 Então a gente precisa tá preparado pra essas duas situações. É...se a prova pedir, você vai trazer da coletânea, se a prova não pedir, você não vai trazer da coletânea. Tá? Mas isso não existe um direcionamento fechado, só existe essa tendência. Costuma-se pedir que você dialogue com a coletânea. Mas nada impede de pedir pra não dialogar. Tá bom? Um beijo.

26:32 O Rafael mandou pra gente uma redação, que a gente vai ler, então, no final dessa monitoria. Agora a gente vai responder a dúvida da Fernanda. (*Pausa*) Sim? (*Dirigindo-se a alguém*) Certo, Bru? "Olá, professora" (*lendo*). Olá! "Em primeiro lugar, parabéns, sou mais uma fã das suas monitorias" (*lendo*). Ah meu Deus (*rindo*). (*Mandando beijo*) Linda, maravilhosa, coração pra você, você é maravilhosa! Linda! "Após receber a correção feita pelo Stoodi da minha primeira redação, foi-me sugerido mais detalhes, explicações e comprovações por meio de fatos" (*lendo*). Sim, sempre que a gente vai produzir um texto, a gente precisa...é...fazer um esforço de **validação** do nosso discurso. Que que significa isso? Se eu falei um negócio, eu preciso tentar provar o que eu falei. Então, é por isso que a gente pede pra vocês apresentarem fatos, apresentarem dados...que é pra gente mostrar pro nosso leitor que ele, realmente, pode confiar na gente. Que a gente não tirou aquilo da nossa cabeça. A gente tem elementos concretos, a gente tem exemplos **no mundo**, que aquilo que a gente tá falando é verdade. Tá bom? Por isso que é **muito** importante a gente tentar trazer esses elementos de **validação**, de comprovação. Tá bom?

27:42 Hum..."Sou bem perfeccionista quando analiso as argumentações, mas durante a produção do texto, tive dificuldades em fundamentar com detalhes, explicações ou fatos" (*lendo*). Sim, você deve ser o tipo de pessoa, como eu, que gosta mais de ficar...é...aprofundando as ideias, tentan...(corrigindo-se) pensando mais na teoria do que buscando comprovações do mundo. Eu sou assim também. A gente precisa fazer um esforço de não ficar **tanto** na teoria, e tentar ir pra comprovação. Tá? É..."...como uma relação vazia, e a proposta da solução não foi realista" (*lendo*). Hum...isso é muito importante, a gente tem tentar...(corrigindo-se) tem que tentar ser muito prático na redação, tá? Em qualquer redação, tá? Aqui cê tá mencionando especificamente o ENEM, que foi o que você teve a correção, mas em qualquer redação, tá,

gente? Aqui na Unicamp também. A gente vai tentar...é...ser o mais prático, mais objetivo possível, até pra gente conseguir deixar claro qual que é o **propósito**, e conseguir cumprir o propósito do texto. Tudo bem?

28:39 "Gostaria da sua sugestão de sites, jornais, revistas, ou algo para eu ampliar meu horizonte e melhorar a argumentação. Grande abraço" (*lendo*). (*Mandando beijo*) Linda, maravilhosa! É...então. Como essa é uma monitoria **aberta**, como um monte de gente tá assistindo, a gente não pode...é...falar de indicações de, sei lá...de um jornal específico, de uma revista específica. Eu infelizmente não poderia te fazer...é...essa indicação **específica**. Tipo: "Leia tal jornal." Hum...mas o que que a gente pode fazer? O que eu costumo recomendar? Que a gente experimente tudo o que existe aí, tudo o que cair em nossas mãos, é...você tente ter uma **diversificação** das fontes...é...que você utiliza pra se informar. Então tenta ler um pouquinho de cada coisa, né? Cê sabe que ali...é...tem um discurso mais...sei lá...uma característica x, tenta ler um pouquinho ali. "Ah, esse discurso é um pouco diferente desse outro. Ah, então vou tentar ler um pouquinho aqui também." Tenta **diversificar** as suas fontes de informação e aí você vai começar a sentir aquela que você se identifica **mais**. "Ah, eu fico mais feliz quando eu leio essa aqui. Ah, essa aqui eu acho um, um saco. Acho muito chata, não quero mais ler. Ah, essa aqui trouxe uma reflexão que eu achei interessante. Então vou ler mais essa aqui". Tá?

29:58 É...eu acho muito interessante a gente tentar **diversificar** as nossas fontes, pra gente, né, conhecer todos os lados aí, ou o máximo de lados possível. É...mas...é...eu acho que é importante também você ir sentindo o que você gosta mais, aquilo com o que você se identifica mais. É...então eu, infelizmente, não posso te indicar veículos de comunicações específicos. Mas eu posso te dar essa sugestão de tentar diversificar, e quando você começar a diversificar, você começar a sentir o que você gosta mais. E aí você vai pro que você gosta mais. Tá? Não abandona completamente os outros, mas...é...bom, prioriza aquilo que te deixa mais feliz, que você sente que, que...enfim, tá te trazendo coisas mais legais. Tá bom? E aí trabalha com esse repertório, tá? É muito importante a gente tentar trabalhar com o repertório que a gente **tem**. E pra ampliar o nosso repertório, a gente precisa experimentar as coisas que existem aí...é...enfim, na mídia, enfim...lê um pouquinho de cada coisa, vê o que a gente gosta mais, mas a gente precisa conhecer várias coisas. Tá bom? Sinto muito não poder te indicar uma coisa específica, tá? (*Mandando beijo*) Um beijo! Depois cê me conta qual que você gostou mais? [Por]que você me contar pode, eu que não posso contar, entendeu? Que aí se não, ó...(fazendo gesto com as mãos).

31:16 Hum...Fernanda Martins. (*Pausa*) "Oi, professora, normalmente na Unicamp são cobrados dois textos" (*lendo*). Sim! "Um com interlocução marcada, e outro não. Você poderia citar **quais** gêneros textuais é preciso marcar e **quais não**?" (*Lendo*) Fernanda, acho que a gente...não sei se a gente já fez...eu num...enfim...nunca pensei nesse levantamento, pelo menos. A gente não tem esse levantamento. Não existe um levantamento...é...de quais gêneros precisa, e de quais gêneros não precisa. Que que acontece, geralmente? Primeiro: o número de gêneros textuais, ele não é um número **limitado**. A gente pode ter, sim, **qualquer** gênero discursivo! E a gente tem muitos gêneros discursivos. É...A gente pode ter um manifesto, a gente pode ter um editorial, a gente pode ter um verbete, a gente pode ter um monte de gêneros discursivos. Então não sei se dá pra gente compilar e fazer uma lista que esgote todos eles. Além disso, a gente tem, às vezes, intersecções...entre esses gêneros. A gente tem características de **um** com características de **outro**. É...então, não sei se dá pra gente fazer uma listagem completa, depois

marcar o que cada um tem ou não tem de interlocução mais marcada. Mesmo porque isso varia de composição de gênero pra composição de gênero. Tá bom?

32:36 É...então, assim...é...não tem como a gente prever em quais casos você vai precisar marcar, em quais casos você não vai precisar marcar. Porque essas situações discursivas que vão ser colocadas pra vocês na Unicamp, elas são um pouco mais...mais amplas. Um pouco mais **fluidas**. Elas vão ser definidas **no momento** da prova, tá? Dependendo do que for pedido pra você, você vai ter que marcar ou não. Tudo bem? Então, por isso que eu não sei se daria pra gente fazer esse levantamento. Tá? Infelizmente não conseguiria trazer isso pra você. Tá bom?

33:11 Mas pensa nisso: na hora da prova, **vai** ficar claro pra você se você tem que marcar ou não. Pode ficar tranquila. Às vezes a gente fica assim: "Ai meu Deus, mas e se eu não perceber, e se eu não souber? E se eu me preparar antes, será que eu não vou ter mais chances?" O que você pode fazer de preparação **antes da prova**...é ir tomando consciência dessas coisas aqui (*mostrando lousa*). Que alguém vai te pedir um gênero específico. Alguém vai marcar interlocução pra você. Alguém vai te dar **todos** os itens do propósito, **todas** as orientações do que você tem que fazer...é...vai avaliar sua capacidade de leitura. Vai avaliar sua capacidade de articular as partes do texto. Vai ver se você consegue entender o tema. Vai ver se você consegue entender a situação de interlocução e se você consegue seguir as instruções. **Essa** é a melhor forma de se preparar pra prova da Unicamp: **tomando consciência** de que é assim que a gente vai ter que enfrentar a prova. Tá? Cê vai chegar lá, vai ter uma surpresa, e se você tiver calminha ali, com seu coração em paz, pronta pra olhar pra essas...esses aspectos, você não vai ter nenhuma dificuldade. Tá? Hum...eu acho isso mais vantajoso do que a gente já ir com ideias prontas, porque aí a gente fica tão preso na nossa ideia, que a gente desconsidera o que a prova tá pedindo. Tá? Então fica tranquila, que na hora você vai descobrir onde que é pra marcar e onde não é pra marcar. Tá bom?

34:28 A gente tem aqui mais uma redaçõzinha do Rafael, que pelo que eu entendi, ele fez...é...uma redação sobre um dos temas do ano passado, e outra redação sobre o outro tema do ano passado, né? Que eram...é...dois textos, né, por prova. Então assim que a gente acabar as perguntas, a gente já vai ver as...as, a proposta do ano passado. E vai ver...(*corrigindo-se*) analisar esses textos. Tá bom? Agora a gente vai responder a **pergunta** do Rafael Ramos. Sim? (*Pausa*) (*Mandando beijo*) "E aí, sora, você pode me dar algumas dicas de como realizar uma boa síntese de um texto?" Hum...maravilhosa pergunta!

35:11 "Posso considerar síntese e resumo como sinônimos? Obrigada" (*lendo*). Rafael, a sua pergunta é muito boa. E eu acredito, eu **aposto**, na verdade, o que vocês quiserem, como tem muita gente aí se perguntando: "Nossa, mas é verdade, será que síntese e resumo não é a mesma coisa?" Gente, **é e num é**. Tá? Na verdade, **não é**. Mas por que que a gente fala aqui...dá pra entender que seja a mesma coisa? Porque tem mais ou menos a mesma **estrutura**. Tem mais ou menos a mesma **função**. Só que tem uma diferença. O que que é a síntese, [e] o que que é o resumo? A síntese, ela vai tentar extrair o **essencial** daquele texto. Ela vai tentar pegar a ideia central e...como se você assim, tipo...(*assobiando*) espremeu. O que sair dali de ideia central, de cerne do texto, é a síntese. Então quando você vai **sintetizar** um texto, você vai tirar a ideia principal dele, e colocar ali, na sua síntese. Tá bom?

36:09 É..."Ah, mas e o resumo, não é a mesma coisa?" Não, não é a mesma coisa. O resumo, ele não vai só tirar o essencial. O resumo...ele vai tentar diminuir. Resumir. Ele vai tentar pegar um texto que é desse tamanho, e deixar desse (*fazendo gestos com as mãos*). Como que a gente

faz isso? A gente, é...**seleciona** trechos desse texto, ou então seleciona as **ideias** desse texto, e monta só colocando de, né...de um jeito...é...mais curto, digamos assim. Num é que a gente vai ali pro principal, extrai a ideia central, e coloca no texto. A gente só vai..."Qual que é a ideia desse parágrafo? Tá, então é isso. Qual que é o principal que tem aqui? Coloca aqui. E o principal que tem aqui? Coloca aqui." Você só vai **diminuir** o texto, tá? É claro que num é exatamente isso, é claro que quem for aí, linguista aí...enfim...um professor de português...tiver assistindo essa monitoria, vai querer pegar uma arma, assim, e olhar na minha carinha agora, e dar um tiro na minha cara. É...é claro que eu estou, é...**simplificando**. Pra tornar mais didática a compreensão, né...mais fácil, a compreensão desses tipos...desses, né...gêneros discursivos. É...então, assim: é claro que não é só isso! É claro que, que, a discussão é um pouco mais complicada. Mas, na prática, é nisso que a gente vai pensar na hora de olhar prum texto, quando a gente for fazer a prova da Unicamp. Tá? Não precisa se preocupar em saber muito mais do que isso. Tudo bem? Se você entender que síntese é você tirar a ideia central daquele texto, e resumo é você tentar **diminuir** aquele texto pegando os pontos principais dele, e colocando num texto menor...OK. Vai, vai dar certo. Tá bom?

37:57 É...Num sei se você precisa ficar tão **apegado** a essas diferenças, já que a estrutura é muito parecida, já que a ideia é mais ou menos parecida. Tá bom? É...tenta focar nisso. Síntese eu vou tirar a essência do texto, resumo eu vou tentar reduzir o texto deixando só aquilo que é mais importante no texto original. Tudo bem? Combinado? É...é quase a mesma coisa, mas tem essas diferenças. Tá bom? Hum...muito bem, acabamos então as perguntas que vocês enviaram pra gente. E agora a gente vai dar uma olhadinha...é...na proposta do ano passado. Nas propostas, né, do ano passado. E aí você vai falar, assim: "Ah, chega agora, cansei, graças a Deus, cabou essa monitoria. Posso ir embora". É...eu recomendo que você assista o con...(corrigindo-se) a continuação dessa monitoria, porque a gente falou aqui no começo que na hora da prova é que você vai descobrir o que é pra fazer. Eu recomendo que você acompanhe daqui pra frente, porque agora a gente vai ver isso na **prática**. O que que eu vou olhar pra esse texto, o que que eu vou olhar pra essa proposta, pra eu entender o que que é pra fazer. Tá? Então se você tiver um pouquinho de paciência, conseguir continuar assistindo o resto dessa monitoria, que eu sei que vai ser um pouco chato agora, que a gente vai ficar lendo um monte de coisa e comentando...é...se for possível você assistir, acho que vai ser muito bom.

39:16 Bru, coloca pra gente, por favor a proposta do ano passado (*dirigindo-se a alguém*). Texto um. Brigada, Bru (*dirigindo-se a alguém*). Bom, que que a gente tem aqui? "Como um aluno do Ensino Médio interessado em questões da atualidade..." (*lendo*). Gente, então a gente já entendeu um negócio muito importante: quem é você no rolê. Quem é você na fila do pão. Você é um aluno de Ensino Médio. Mas que que cê tá fazendo ali no Ensino Médio? Cê tá interessado em questões de atualidade. Então você precisa **imaginar** que você, que está sentado aí na sua cadeira nesse momento, ou deitado nessa cama...é...assistindo essa monitoria...você está pensando o quê? "Nossa...eu sou um aluno do Ensino Médio. Eu queria **muito** conhecer as questões da atualidade." É esse personagem, aqui, que você vai ter que **incorporar** nesse momento. Certo? Então você é um aluno **do Ensino Médio** e você está interessado em questões da atualidade. Aí, quando você tá interessado, você lê um artigo que chama: "A volta de um Rio que faz sonhar".

40:19 Aí você se imagina lendo um texto com esse título. Tá bom? "Sentindo-se **desafiado** pelos questionamentos levantados no texto, você **decidiu** escrever uma carta para a

seção do leitor da revista Rio Pesquisa" (*lendo*). Então imagina que você tá aí deitado agora. Você, aluno do Ensino Médio, ou então você que não é mais aluno do Ensino Médio, mas você vai ter que se **imaginar** nesse papel de aluno do Ensino Médio. Você vai ter que **imaginar** que você leu esse artigo, e você vai ter que **se sentir**, nem que seja de brincadeira, **desafiado** pelas questões levantadas por esse artigo. Aí você vai se sentir desafiado pelos questionamentos, e digo mais: vai decidir escrever uma carta. Para a seção do leitor da revista Rio Pesquisa. Cês já fizeram isso na vida? Leu um negócio, ficou assim: "Ai meu Deus, preciso falar sobre isso!" E aí vai lá, escreve uma carta para a seção...é...do leitor da revista? Muitos de vocês nunca fizeram isso, mas tentem se imaginar nessa situação. É isso que vocês têm que **fingir** que aconteceu.

41:20 "Em sua carta..." (*lendo*). Então aqui a gente já sabe a interlocução, e a gente já sabe o **gênero**! Lembra que a gente falou de gênero, interlocução e propósito? Aqui eu já sei o...quem eu sou, né, que eu sou aluna do Ensino Médio. Eu sei **pra quem** eu vou escrever, que é a seção do leitor da revista Rio Pesquisa. E eu já sei qual que é também o gênero. É a carta. Certo? Combinado? "Em sua carta, discuta a relação estabelecida pela autora, entre o conceito de Brasil cordial e a presença de estrangeiros no Brasil, apresentando argumentos em defesa de um ponto de vista sobre a questão" (*lendo*). Maravilhoso! Bruna, abre pra gente, por favor (*dirigindo-se a alguém*)! Que essa questão é muito maravilhosa! Gente, essas propostas da Unicamp...eu fico até arrepiada.

42:04 É...então, o que que cê tem que fazer? Tem que escrever uma carta. Cês perceberam que não é só uma carta? É uma carta **argumentativa**? "Por que, Jesus amado, é uma carta argumentativa?" Porque você, além de ter que escrever, você precisa apresentar **argumentos** em defesa de um ponto de vista sobre essa questão. Então é uma carta, e é uma carta **argumentativa**, que já tá configurado o gênero. Qual que é a **interlocução**? Quem é você na fila do pão e com quem você fala? Você é estudante do Ensino Médio, interessado em questões de atualidade, e você vai escrever para...é...a seção do leitor dessa revista aí, que chama Rio Pesquisa. Então cê já sabe quem é você e com quem você vai falar. Que mais você faz nesse momento? Você precisa entender pra quê que você vai escrever. Qual que foi a sua motivação? Cê ficou ali, desafiado. Cê ficou incomodado, cê ficou com aquele negócio. Aí você se **incomodou** com os questionamentos, e aí você resolveu fazer alguma coisa a respeito, resolveu escrever.

43:07 Pra quê que você vai escrever? Então quais são os **propósitos** dessa carta argumentativa? É..."discutir a relação estabelecida pela autora do texto" (*lendo*). Então cê vai ter que mencionar o texto. Discutir o que que ela falou ali, tentar...é...pensar a relação estabelecida entre o conceito do Brasil cordial e a presença de estrangeiros no Brasil, que provavelmente foi o que ela discutiu nesse texto. Cê vai ter que discutir isso aí. É..."apresentando argumentos em defesa de um ponto de vista sobre a questão" (*lendo*). Então, primeira coisa: cê vai ler o texto "A volta de um Rio que faz sonhar". Cê vai ler esse texto, cê vai falar assim: "Aham, nossa...bacana aqui! Ela falou, ó...falou de Brasil cordial, falou de presença de estrangeiros, fez uma relação aqui. O que eu acho sobre **isso**? Qual a minha posição sobre **isso**?" É...você vai ter que se **posicionar** em relação àquilo que ela fez. Ela apresentou um texto, apresentou uma ideia. Você vai ter que ler esse texto, **entender** essa ideia, e se posicionar em relação a essa ideia. E depois que você se posicionar, você vai ter que escrever uma **carta** para a seção da revista Rio Pesquisa, se posicionando e defendendo sua posição por meio de argumentos. Pareceu difícil? Pois eu

garanto que não é! A Unicamp, ela te deu **tudo o que você precisa**. Você só precisa fazer agora. Deu uma dorzinha no coração? Fique calmo! A gente vai fazer isso juntos. Tá bom?

44:39 É...o **mais importante** aqui é esse **direcionamento** que a gente leu agora. Tá? Essas são as **instruções**. Aqui você entendeu qual que é o gênero, qual que é a interlocução, qual que é o propósito. Tá? Que são esses aspectos aqui (*mostrando lousa*) que vão ser analisados no seu texto. Tudo bem, minha gente? Não é difícil, né, gente? Vocês só precisam de muita atenção, de muita organização, e tentar lembrar: "Como é que se escreve uma carta? Todas as vezes que eu tentei escrever uma carta, como que eu fiz?" Aí cê pode pensar: "Tá, eu já escrevi carta de amor. Como é que eu escrevi uma carta de amor? Qual que foi a estrutura que eu usei? Não, eu já escrevi uma carta uma vez, pra minha mãe, quando a gente brigou e eu resolvi escrever uma carta pedindo desculpas pra ela, porque eu me senti muito mal de ter brigado com a minha mãe". É...então assim, pensa: "Qual que foi a estrutura que eu usei?" Você usou, sei lá, um vocativo? Cê colocou ali o nome da pessoa pra quem...a quem você tá se dirigindo? Depois você **apresentou** as ideias colocadas ali? Como que você fez? **Como** que você fez essa carta? Pensa na estrutura da carta.

45:46 Aí pensa: "Se é uma carta argumentativa, é uma carta que eu vou ter que defender alguma coisa. Então eu preciso primeiro dizer qual que é o meu, o meu ponto de vista. Depois buscar elementos pra defender esse ponto de vista". Certo? **É na hora da prova** que a gente descobre qual que é o gênero, e a gente descobre como compor esse gênero. **Não tem nada, nada** que vocês possam fazer antes da prova pra descobrir que gênero que vai cair. A não ser, claro, subornar as pessoas da banca, mas aí eu acho que vai ser um pouco difícil. É...mas assim, não tem como a gente prever o que vai cair. O que tem como a gente fazer é entender **como** lidar com o que vai cair. Tá bom? Hum...o principal é isso. Aí você vai ler o texto, vai tentar entender qual que é a relação. Eu vou ler, assim, muito rapidinho, gente. Dois minutos a gente vai ler esse texto, só pra vocês não ficarem perdidos na hora que a gente for analisar a redação. E aí a gente já vai partir pra análise da redação do Rafael, que escreveu sobre esse tema. Tá bom? Tudo bem? Cês entenderam até aqui? Bru, coloca pra gente, por favor, a plaquinha pra gente ler **rapidinho** o texto (*dirigindo-se a alguém*). Só pra gente tá preparado pra hora que a gente for ler a redação do Rafael.

47:01 Já já a gente lê a próxima proposta, tá bom? Hum...bom. Então "A volta de um Rio que faz sonhar". Vamo entender o que que esse texto trouxe pra gente, pra gente poder levar pra redação depois. "Reverenciada mundialmente por suas belezas naturais, a cidade do Rio de Janeiro tem se transformado em espaço sonhado para aqueles que buscam construir seu futuro em terra estrangeira. Imigrantes de origens variadas vêm chegando à cidade, buscando garantir a sua sobrevivência, fugir da pobreza ou transformar seus sonhos em realidade. Esse processo insere-se em um quadro mais geral de transformações" (*lendo*). Então aqui ele tá falando que tem um...uma galera vindo pra cá. "Graças à situação assumida pelo Brasil como uma das maiores economias do mundo, polo de atração na América do Sul, o país vem se tornando uma vez...(*corrigindo-se*) mais uma vez na história, importante lugar de chegada em um momento em que políticas de vigilância e controle sobre os estrangeiros aprofundam-se em países ricos em crise" (*lendo*).

47:52 Então, assim: no resto do mundo, a galera não quer ninguém chegando. No Brasil, a gente falou "pode chegar"! Tá bom? Então...esse é o contexto. "Essa nova situação exige **estudos** que ultrapassam as questões pontuais para incluir análises sobre as relações presente e passado,

entre o local, o nacional e internacional, e entre as práticas e as representações sobre o outro" (*lendo*). Então aqui ela tá falando que a gente vai ter que pensar esse negócio. "O recente episódio da entrada abrupta de haitianos no Brasil sem dúvida contorna a necessidade de análises ampliadas" (*lendo*). É...bom, então aqui ela tá justificando, falando assim: "Gente, a gente tem que pensar nisso aí direito"! "Para além da conjugação entre a necessidade de partir e o conhecimento adquirido sobre um país que se tornou **próximo** pela presença das tropas brasileiras em solo haitiano, o processo revestiu-se de **preocupantes** aspectos de mudança" (*lendo*).

48:47 OK. Aqui ela tá, então, falando o que ela acha desse negócio. Tá falando que a gente tem que pensar essa relação aí. "Dentre eles, as ações dos coiotes na efetivação dos deslocamentos, marca indicativa do ingresso do país em um contexto no qual grupos organizados vivem da imigração ilegal e máfias internacionais enriquecem com o tráfico humano" (*lendo*). Então tá, então a gente tá pensando aqui em relações de "Nossa, como as pessoas vêm pra cá? Isso tem implicações. Tem gente que enriquece traficando as pessoas...é...tem gente que, que, sei lá...que forma máfias de...enfim...que facilitam essa entrada de pessoas nos países". Então ela tá trazendo essas questões pra gente. Ai, vou espirrar. Ai meu Deus. Ai Jesus, não passou.

49:33 "O episódio pode ser visto, assim, como a ponta de um iceberg que tende a envolver a América Latina e o Caribe, considerando-se uma das tendências dos processos migratórios da atualidade: as migrações regionalizadas, realizadas no interior dos subsistemas internacionais" (*lendo*). OK. Tá bom, então aqui o que que ela falou até agora? "Olha gente, tem um monte de país que não quer receber as pessoas, o Brasil falou "pode vir que eu vou receber"". E aí ela vai pensar as **implicações** disso. Vai pensar por que que a gente recebe as pessoas. O que que existe por trás disso. Certo? Vamo lá!

50:06 "Brasil: país cordial?" (*lendo*) É uma pergunta, né? Brasil é um país cordial? Talvez ela, né, queira dar uma resposta pra isso agora. "A predisposição do Brasil em receber o estrangeiro de braços abertos é ideia **consagrada** que necessita sofrer o peso da crítica" (*lendo*). Então existe uma ideia con...consagrada, né, de que o brasileiro é amistoso, é hospitaleiro. E aí ela falou que a gente precisa, talvez, **analisar** essa ideia consagrada aí de que o brasileiro é desse jeito. "Pesquisas variadas têm demonstrado que o país **nunca** foi imune aos processos de **discriminação** do outro. Um exemplo, entre vários, pode ser dado pela prática de expulsão de estrangeiros na Primeira República, que se caracterizou por extrema violência, mesmo contra aqueles que já eram considerados residentes, portanto [com] os mesmos direitos constitucionais dados aos brasileiros" (*lendo*). Gente, vamo pensar o seguinte. Ela tá falando o seguinte: "Olha, a gente tem uma ideia aí de que o brasileiro é super receptivo. Mas veja...não é assim, não. Num teve um momento que o brasileiro recebeu, não. Que que tá acontecendo, então? Por que que a gente tem essa ideia?"

51:11 "A representação de um Brasil cordial, desta forma, deve ser entendida como uma **construção forjada** em determinado momento da nossa história" (*lendo*). Então em algum momento da história do Brasil **começou-se** a pensar o Brasil como um país hospitaleiro, mas ele nem sempre foi assim. Vamo tentar entender isso! "Lógico que as reações diferiam e diferem de acordo com os diferentes tipos de estrangeiros com os quais travamos contato, ocorrendo diferenças de tratamento em relação àqueles que, pelo **local de nascimento** ou pela **cor**, classificamos como superiores ou inferiores" (*lendo*). Então vamo lá. Quando vem o...o francês bonito, alto, loiro, a gente fica: "Nossa, pode vir aqui, eu te ajudo, vem! Não, pode vir para o

meu país". Aí chega o haitiano, muitas vezes negro...enfim. A gente fala: "Ah não, cre...credo. Não quero essa pessoa no meu país. Vai que é bandido!" Essa cultura, que o Brasil...que o brasileiro, de maneira geral, né, que as pessoas têm, é...indica, também, que a nossa cordialidade, ela é um pouco seletiva, né? A gente escolhe com quem a gente quer ser amistoso e escolhe com quem a gente **não quer** ser amistoso. Por questões aí que a gente conhece muito bem. Tá? Acho que a gente não precisa entrar nessa discussão agora. Vamos continuar.

52:30 Hum...bom...eu vou só retomar o que a gente leu agora, pra vocês entenderem por que a gente fez essa observação. "Lógico que as reações diferem...(corrigindo-se) diferiam e diferem de acordo com os diferentes tipos de estrangeiros com os quais travamos contato, ocorrendo diferenças de tratamento em relação àqueles que, pelo **local** de nascimento ou pela **cor**, classificamos como superiores ou inferiores. Vários indícios vêm demonstrando...(limpando garganta)...que as atitudes discriminatórias não fique...(corrigindo-se) não ficaram perdidas no passado, mas podem ser encontradas com relativa facilidade, quando treinamos nosso olhar para melhor observar aquilo que nos cerca" (*lendo*). Então, tá. Se você olhar atentamente, você vai ver que a gente ainda discrimina as pessoas dependendo de onde elas vêm. "Isso sem falar no triste espetáculo do subemprego e da exploração a que estão sujeitos latino-americanos fixados ilegalmente no país" (*lendo*). (*Pausa*)

53:18 É...é o clássico...ai...é...sei lá...todo mundo paga pau pra gringo, desde que o gringo seja loiro, alto, de olho azul! Mas o boliviano que tá ali, trancado numa fábrica de tecido, sendo explorado...aí, aí não entra como gringo. Aí não entra como alguém que as pessoas desejariam ter por perto. Vamos pensar nisso aí, minha gente! Isso é muito importante. "É urgente, portanto, que nos perguntemos como tendemos a ver e sentir a presença de cada vez...(corrigindo-se) a presença cada vez mais visível de estrangeiros em solo brasileiro, principalmente daqueles que são oriundos de países **pobres**, muitos deles **necessitando** do foco dos direitos humanos" (*lendo*). Então tá. A gente acha que a gente acha que a gente é muito hospitaleiro, mas a gente é muito hospitaleiro **com quem**? Com que tipo de estrangeiro a gente é hospitaleiro?

54:11 "Seremos sensíveis aos...é...aos discursos e às práticas xenofóbicas...(corrigindo-se) xenofobas? Desculpa. É...Defenderemos políticas restritivas e repressoras? Caminharemos para a sofisticação dos instrumentos de vigilância sobre um "outro" que possa ser visto como ameaça? Responder a essas questões, aqui e agora, seria um exercício de profecia que não nos cabe fazer. Isso não exclui, entretanto, que a reflexão sobre essas possibilidades esteja proposta, por mais penosa que ela possa parecer, principalmente se considerarmos a rapidez dos processos em curso e a tensão mundial presente no embate entre interesses nacionais e direitos humanos" (*lendo*). Bru, abre pra gente, por favor (*dirigindo-se a alguém*)! Minha gente, qual que é a ideia colocada por esse texto? Ó, tem um **monte** de país que num aceita que ninguém entre. O Brasil é visto como um país que aceita todo mundo. Mas será que a gente aceita todo mundo? Ou a gente aceita alguns todo-mundos? A gente aceita **alguns** gringos, alguns estrangeiros, e outros a gente não quer nem ver pintado de ouro?

55:21 É essa a ideia que ela coloca pra gente. Agora chegou a parte mais interessante dessa monitoria, que é quando eu vou perguntar para você, que está me assistindo nesse momento: o que você pensa sobre isso? Tente responder aí na sua cabecinha. Não precisa falar aqui pra gente agora, porque não...nem tem como. Mas pensa aí o que que você acha. A Bruna está aqui...(risos)...chateada, porque não dá pra vocês responderem diretamente pra gente. Mas tentem pensar aí! Cês acham que essa pessoa que escreveu esse texto, ela tem **razão**? Cê acha

que a gente **realmente** tem esse comportamento, ou a gente fala assim: "Não, imagina! Pisou gringo aqui, nós abraçamo! Chegou estrangeiro aqui no Brasil, a gente chama pra ir dançar um samba, tomar uma caipirinha, comer uma feijoada!" Será, será? O que você acha?

56:10 Vamos agora tentar...(risos)...gente, a Bruna é ótima, ela tem que vir aqui um dia conversar com vocês, porque ela é maravilhosa. É...o que vocês acham que é o nosso comportamento nessa questão? Cês **concordam** com o que essa autora desse texto aí trouxe, ou vocês acham que não é bem assim, não? Que não tem esse negócio aí da gente discriminar, não? A gente trata tudo igual mesmo? Sendo estrangeiro, a gente acolhe de braços abertos, porque a gente é o país do homem cordial. Hein? O que que cês acham? Pensem aí na cabecinha de vocês, e tentem se **posicionar**. Aí vocês falar assim: "Ai, Marina, eu acho que...eu **acho** que a gente não acolhe muito bem, não. Acho que eu concordo com essa moça aqui. Eu **acho** que a gente acolhe bem umas pessoas, e a gente acolhe...(corrigindo-se) não acolhe muito bem outras pessoas que são igualmente estrangeiras no nosso país. Eu acho isso". Aí eu vou te perguntar: por que você acha isso? Que elementos, que argumentos você tem pra sustentar essa posição que você apresentou agora?

57:17 É...aí você vai ter que fazer o quê com isso? Você vai ter que escrever uma **carta** para a seção do leitor dessa revista Rio Pesquisa, tentando explicar por que que você acha isso que você acha. Certo? Você acha que você concorda com o que ela tá trazendo? Cê concorda com essa relação, aí, entre a gente ser receptivo, mas não muito? Ou você acha que não, não tem nada disso, não? Que que você acha? Escreve uma carta para a seção do leitor, sendo um estudante interessado em atualidades e...é...escrevendo, se direcionando à seção do leitor dessa revista, tentando expor os seus argumentos. Tudo bem? É...não é tão difícil. Só precisa de muita, muita, muita atenção. Tá bom? Eu pessoalmente não acho esse tipo de texto mais difícil que um texto dissertativo-argumentativo. Mas ele certamente precisa de **mais** atenção. Tá? Eu acho que a gente precisa ler com mais atenção a proposta, precisa entender melhor a proposta. Tá bom? Tudo bem? Pra gente conseguir cumprir tudo bonitinho, propósito, interlocução e gênero solicitado. Tá?

58:35 Tá, e aí a gente faz o quê? É...como é que eu falo que eu sou um estudante do Ensino Médio interessado? Cê pode escrever assim: "Olá! Eu gostaria de dizer que sou um estudante, estou interessado"? Cê não precisa fazer isso. Cê pode tentar deixar isso **mais ou menos** subentendido ali. Mas se você preferir marcar, também, você pode falar, sei lá: "Olá! Sou...sei lá..." E aí você pode inventar um nome fictício, falar "sou tarará", é..."Estudo...curso Ensino Médio na escola tal". Aí cê inventa uma escola, sei lá. Tá fingindo. É o momento de você **fingir**. É...é tipo você imaginar, vestir assim, incorporar uma personagem, e fingir que aquilo tudo é verdade. Cê acreditar no que você tá falando! Tá? Precisa se **convencer** do que cê tá fazendo. E aí você fala que você é um estudante de tal escola, que cê cursa Ensino Médio, que você tava lendo esse artigo, e que você concorda com o que...com as ideias que são trazidas. E aí você fala quais são essas ideias. E aí você fala: "Eu acho que isso é assim mesmo, por causa disso, disso e disso". E aí você vai **argumentar** pra defender seu ponto de vista. Tá bom? Tudo bem?

59:47 É...então, se você não concorda também, você vai falar assim: "Olha, eu li esse artigo aqui, me trouxe algum questi...(corrigindo-se) alguns questionamentos, e eu não concordo com isso. Eu acho que essa autora, ela...enfim...ela se equivocou na análise dela, eu acho que na verdade é assim, assim, assim, assim." Tá bom? É...é assim que a gente vai lidar com essa proposta. Tudo bem? A gente vai ver agora uma redação, e vai ver se essa redação cabe ou não

cabe nessa proposta! Tudo bem? Bru, por favor, coloca pra gente a redação do Rafael (*dirigindo-se a alguém*). Vamo vê se o Rafael conseguiu cumprir tudo o que ele tinha que cumprir! (*Pausa*)

1:00:51 Tivemos um breve sumiço, mas já voltamos. Espero que não tenham morrido de saudade! Ou de felicidade (*risos*), [por]que eu vou ficar um pouco triste! Vocês ficaram muito felizes de eu sumir? Vou chorar! Bom...vamo começar então com a redação do Rafael. (*Pausa*)

Podemos? "Campinas, São Paulo, 3 de janeiro de 2018. Cara equipe da Rio Pesquisa. As questões da atualidade sempre me despertaram o interesse, além de me auxiliarem a obter um melhor desempenho nos simulados de minha escola aplicados a todos os alunos do Ensino Médio" (*lendo*). Que maravilhoso! Nossa senhora! Adorei! "Quando li o artigo de Lená Medeiros de Menezes, "A volta de um Rio que faz sonhar", senti-me motivado a **reavaliar** o meu comportamento como brasileiro em relação a cidadãos de outros países" (*lendo*). Adorei!

1:01:49 "De fato" (*lendo*)...Quando cê começa com "de fato", cê já meio que tá concordando com o negócio! Perfeito! "De fato, nós brasileiros tendemos a nos definir como um povo **cordial**, que é simpático a todos os que necessitam de nossa ajuda, inclusive aos imigrantes. Contudo, em consonância à opinião da autora, penso que essa mesma aura cordial a que nos atribuímos, devido ao seu **exagero**, possui mais uma essência folclórica do que realista" (*lendo*). Gente, Rafael! Você é maravilhoso! Está **incrível** o seu texto! "Como aponta a autora, em vários momentos de nossa história **não** agimos de modo **nem um pouco** amigável com os estrangeiros" (*lendo*). Que que cê tá fazendo aqui, Rafael? Você está **argumentando**, cê falou assim, ó: "Olha, gente, isso aqui é mais folclórico do que realidade!" Aí você faz o quê? Você prova! Você dá argumentos, olha que maravilhoso!

1:02:42 "Como aponta a autora, em vários momentos da nossa história não agimos de modo nem um pouco amigável com os estrangeiros. Na República Velha, por exemplo, a fim de "embranquecer" a população brasileira, imigrantes de origem europeia eram aceitos em detrimento de pessoas que não eram caucasianas" (*lendo*). Então aqui a gente fez uma referência com o passado, uma, uma relação com o passado. Agora a gente precisa trazer pro presente. "Assim, no momento atual em que o Brasil é destino de muitos imigrantes, sejam eles haitianos, bolivianos, dentre outros, faz-se ainda mais necessário que nós, brasileiros, não nos esqueçamos de nossa própria origem imigrante e miscigenada, tratando-os como amigos. Grato pela atenção, M.R.C." (*lendo*).

1:03:23 Maravilhoso! Incrível! Lindo! Bruna, abre pra gente aqui, por favor (*dirigindo-se a alguém*). Rafael, dá um abraço! Vou te mandar chocolate na sua casa, porque você é maravilhoso! Adorei. Adorei! Gente, ó: vamo fazer o seguinte. Como que a gente vai avaliar o texto do Rafael? Eu vou...ó...vamo lá! Eu não posso falar tudo pra vocês como é que funciona a correção da Unicamp. Tá? Então eu vou falar assim, **por cima**. Não posso dar detalhes do que avalia o que, mas eu vou falar assim **por cima**. Tá bom? Só pra vocês entenderem qual que é a **lógica** de avaliação. É...a gente tem alguns aspectos que são avaliados, e aí a gente avalia esses aspectos a partir de uma escala. Então, no gênero...cê cumpriu o gênero? Cumpriu. Mas cumpriu super bem, ou cumpriu um pouco bem? "Ah, cumpri um pouco bem. Não, mas eu cumpri super bem". Então dentro dos aspectos, a gente tem uma variação também. O que que a gente costuma dizer? Eu não posso dar detalhes disso pra vocês, porque seria, né, uma professora muito anti-ética da minha parte. **Mas** o que eu posso falar pra vocês, é que a gente trabalha com duas **tabelas** na Unicamp.

1:04:34 Aqui a gente tem os **aspectos**, sei lá, gênero, interlocução e propósito. E aqui a gente tem a gradação de notas (*mostrando na lousa*). Então o gênero: cumpriu quanto? Cumpri...ah, sei lá...vou inventar, tá? Num é assim que funciona. De um a cinco. Cumpri quatro. Ah, aqui eu cumpri tanto. E aí a gente vai **preenchendo** essas tabelas aqui, é...de acordo com o desempenho de vocês em cada um desses aspectos. É...eu vou tentar trabalhar mais ou menos assim pra avaliar essa correção **lindíssima** do Rafael. Tá? Pra isso a gente vai fazer uma retomada muito rapidinha dos **direcionamentos**, e aí a gente vai pensar o texto dele a partir desses critérios aqui que a gente colocou na lousa. Tá? Vamo trabalhar com os critérios do Edital, porque, né...a gente não pode trazer a grade oficial pra vocês. A gente pode trazer **o Edital**. Tudo bem? Que o Edital é aberto pra todo mundo, a grade é só pros corretores da, da Unicamp.

1:05:35 Então..."Como um aluno do Ensino Médio" (*lendo*). Então, cumpriu a interlocução? Cumpriu **lindamente**. Rafael, seu texto ficou **incrível**! É...bom...hum..."Como um aluno do Ensino Médio interessado em questões de atualidade" (*lendo*). Então, cumpriu. Nota máxima aqui. "Você leu o artigo "A volta de um Rio que faz sonhar"...sentindo-se **desafiado** pelos questionamentos levantados no texto" (*lendo*). Então você se sentiu desafiado, se incomodou, isso também foi marcado. Então você cumpriu esse propósito no seu texto, de mostrar que você se sentiu desafiado, incomodado. "Você decidiu escrever uma carta para a seção do leitor da revista Rio Pesquisa" (*lendo*).

1:06:17 Como que a gente escreve pra seção do leitor? A gente fala assim: "Cara seção do leitor"? Não, a gente não faz isso. A gente fala "Rio Pesquisa". Tá? Seção do leitor é o lugar pra onde vai o texto, mas a gente não precisa chamar assim: "Oi, seção do leitor". Tá bom? Então...perfeito aqui também, **maravilhoso**! Hum..."Em sua carta, discuta a relação estabelecida pela autora" (*lendo*). Então você vai ter que falar do que ela falou. Cê falou do que ela falou? Falou do que ela falou! "Entre o conceito de Brasil cordial e a presença de estrangeiros no Brasil" (*lendo*). Cê fez isso? Fez. Cumpriu esse propósito também. "Apresentando **argumentos** em defesa de um ponto de vista sobre a questão" (*lendo*).

1:07:00 Cê apresentou seu ponto de vista? Apresentou! Apresentou argumentos que defendem seu ponto de vista? **Apresentou**! Que que cê fez então? Por mim, esse texto era nota máxima na Unicamp, gente. Se eu estivesse corrigindo esse texto na Unicamp, pra mim ele tiraria nota máxima. Seu texto está muito, muito, muito maravilhoso. Muito bom, mesmo. Meus parabéns, Rafael. É isso mesmo que a gente espera que vocês façam na Unicamp. Que vocês delimitem muito bem o gênero. Pra mim ficou muito claro que é uma carta argumentativa. Pra mim ficou **muito claro** que você era estudante de Ensino Médio, que você tava falando com a seção do leitor dessa revista. Pra mim ficou **muito claro** que você executou todas as tarefas que foram solicitadas pra você. Tá bom? **Meus parabéns** por esse **maravilhoso** texto. Meus parabéns mesmo. **Excelente**! Muito bom.

1:07:54 Hum...a gente recebeu também uma outra redação também do Rafael, é...com outro texto desse tema. É...a gente poderia, né, parar por aqui. Mas como o Rafael foi lindíssimo, muito gentil, muito maravilhoso de enviar pra gente textos sobre esses temas, eu acho que seria bacana a gente analisar juntos, pra ver mais um exemplo, né, de como construir esses textos. E também, né, dar um feedback pro Rafael, que já escreveu um texto tão maravilhoso. Acho que vale a pena a gente ver mais um texto dele...é...até pra caso da gente precisar de alguma dica, de algo que não funcionou muito bem, a gente já avisa ele antes da prova. Tá bom? Tudo bem?

1:08:37 Vamo lá! Bru, coloca pra gente, por favor, é...o texto dois da proposta do ano passado

(*dirigindo-se a alguém*). (Pausa) Vou ler a proposta. Brigada (*dirigindo-se a alguém*). Gente, o...a segunda **tarefa**, né, o segundo texto que a gente deveria escrever, é...pra prova da Unicamp do ano passado, é...ele teve alguns direcionamentos. A gente vai entender quais eram esses direcionamentos. Tudo bem? Texto tá aí, Bru (*dirigindo-se a alguém*). Sim?

1:09:16 "Como voluntário da biblioteca Barca dos Livros" (*lendo*). Tá. O que que a gente entendeu aqui? **Quem é você**: voluntário da biblioteca Barca dos Livros. Cês viram que no outro texto a gente era estudante do Ensino Médio interessado em atualidades? Aqui você **não é estudante** do Ensino Médio. Aqui você é **voluntário da biblioteca** Barca dos Livros. Tudo bem? Então..."Como voluntário da biblioteca Barca dos Livros"...Então, né, tendo que escrever, né, como um voluntário da Barca dos Livros..."Você ficou responsável por escrever o texto de apresentação de uma campanha de arrecadação de fundos para a instituição" (*lendo*). Então, tá! Quem é você? Você é voluntário. Pra quê que você vai fazer esse texto que você vai fazer? Pra poder tentar...é...arrecadar fundos pra instituição. Que instituição? A biblioteca Barca dos Livros. Tudo bem? Você é ali o representante, né? O voluntário da, da biblioteca, que vai tentar escrever um texto de apresentação de uma campanha **tentando** arrecadar fundos.

1:10:20 "Em seu texto, que estará disponível no site da Barca dos Livros, apresente, com base na notícia abaixo, o histórico e as ações da biblioteca, mostrando a importância das doações para a continuidade do projeto" (*lendo*). Bru, abre pra gente, por favor (*dirigindo-se a alguém*). Minha gente, essa proposta, ela é um pouquinho mais complicada, mas ela é **muito legal** também. Quem é você, qual que é a interlocução que a gente vai marcar? Você é **voluntário** da biblioteca Barca dos Livros. E você vai escrever pra quem? Aqui nós temos um grande desafio. Pra quem que você vai escrever? Se esse texto, ele é apresentação pra uma campanha que vai estar **no site**, você precisa escrever para **as pessoas que acessam o site**. Faz sentido? Então se a campanha que eu vou escrever vai tá no site, eu tô escrevendo para **quem**? Para as pessoas que acessam o site! Tudo bem? Tá bom? Quem vai ler seu texto? As pessoas que acessam o site! Tá bom?

1:11:27 É...mas quais que vão ser as **características** desse meu texto? Vai ser um texto de apresentação, então eu vou ter que **apresentar**, eu vou ter...digamos...que fazer o outro conhecer aquilo que eu tô fazendo. Que eu tô...do que eu tô falando. E eu vou falar do quê? De uma **campanha**. Uma campanha de arrecadação de fundos pra instituição. Certo? Então tem ali a biblioteca Barca dos Livros, que tá precisando, né, de um dinheiro...tá meio, né...meio sem dinheiro, meio precisando, ali, de uns fundos. Aí você decidiu, né, ser voluntário. Um belo você falou assim: "Ah, vou ser voluntário aqui na biblioteca Barca dos Livros". Aí você decidiu ser voluntário, e aí você falou assim: "Acho que é melhor aqui, né, as pessoas decidiram, né, todas juntas...acho que é melhor a gente ter um pouco mais de dinheiro...vamo fazer uma campanha de arrecadação de fundos?" Aí vocês decidiram fazer essa campanha de arrecadação de fundos. E você teve a **sorte** de ficar responsável de escrever a apresentação que vai falar dessa campanha, né?

1:12:27 Que que tem que ter na campanha? Primeiro: sua campanha vai tá disponível...né, seu texto pra campanha...vai tá disponível no **site**. E precisa, "com base na notícia abaixo" (*lendo*), então não é pra inventar. **Não precisa de invenções**. Precisa **ler** o texto, e tirar do texto. Tá bom? Então..."Com base na notícia abaixo, e também com o histórico e as ações da biblioteca, você vai mostrar a importância das doações para a continuidade do projeto" (*lendo*). Então, assim...Se o projeto não receber doações, provavelmente ele não vai conseguir se manter. Cê

precisa ter isso em mente. Cê fala assim: "Nossa, uma biblioteca aqui que vive de doação, tá sem doação. Meu Deus do céu, vai acabar! Vamo, então, gente, se mobilizar, pra conseguir arrecadação pra biblioteca! Vamo aqui fazer uma campanha, a gente põe no site, e aí a gente apresenta! A gente fala de como que foi". Cê precisa falar, ó, das ações da biblioteca, do histórico da biblioteca. E precisa mostrar pras pessoas que é muito importante que ela **continue existindo**. É muito importante que essa instituição, aonde você é voluntário, que ela continue existindo.

1:13:32 Qual que é o ponto que eu acho que é **mais importante** quando a gente vai falar de Unicamp? Gente, é a gente se **convencer** daquilo que a gente tá fazendo. Se eu vou ler um texto da Unicamp, que nem a pessoa acreditou no que ela tá fazendo, como é que eu vou acreditar? Não é verdade? Eu comecei ali um texto ali, que a pessoa tá falando que é voluntária, mas...(*murmúrios*) esse texto não é de um voluntário da biblioteca. Não parece nada! Não está um texto convincente. Então, primeiro passo: você **incorporar**, ali, entrar na personagem "voluntário da biblioteca". E você vai ter que convencer o outro de que é muito importante todo mundo participar dessa causa. Tá? Cê vai ter que falar do histórico, vai ter que falar das **ações** que a biblioteca fez, cê vai ter que convencer todo mundo de que todo mundo precisa doar. Mas a **primeira coisa** que você tem que fazer é se convencer de que você tá nesse papel, né, de, de, de voluntário. Cê precisa ter consciência da interlocução. Quem é você nesse momento de escrita, e **com quem** você tá falando. Isso é fundamental, tá, gente? Isso a gente avalia aqui, como a gente vai ver se você configurou o gênero. Tá?

1:14:41 Hum...vamo lá! Bru, coloca pra gente, por favor, o textinho que a gente vai analisar (*dirigindo-se a alguém*). (*Pausa*) Não, não, o Barca dos Livros, tãrãrã-tãrãrã (*dirigindo-se a alguém*). [Esse] é o mesmo texto que a gente tava lendo agora. Eu li os direcionamentos, agora a gente vai ler o texto. Muito obrigada. Pronto, já tá aí?

1:15:09 "Barca dos Livros corre o risco de fechar por falta de apoio financeiro" (*lendo*). Então aqui a gente já tem uma notícia, que a gente já vai ficar naquela angústia: "Ai meu Deus, aqui o lugar onde eu sou voluntário não tem dinheiro, vai ter que fechar!" Então a gente vai ler essa notícia e vai tentar formular uma apresentação pra **campanha** de arrecadação de fundos. "Em 2014, a Barca dos Livros foi eleita a **melhor** biblioteca comunitária **do país** pelo Ministério da Cultura e da Educação" (*lendo*). Gente, olha que maravilhoso! Como que a gente vai deixar fechar a **melhor biblioteca do país**? **Não pode!** "Graças ao trabalho de voluntários apaixonados por literatura e que a consideram uma arte fundamental para a infância, a instituição vem há quase uma década toman... (*corrigindo-se*) formando leitores e promovendo a cultura em Florianópolis. Precisa, no entanto, de um impulso material para que continue existindo" (*lendo*).

1:15:58 Então a biblioteca que foi eleita a **melhor biblioteca comunitária do país**, ela corre o risco de fechar, gente! Isso não pode acontecer! Já tem que começar daí a sua argumentação. Qual que é a importância dessa biblioteca? Ela foi **eleita a melhor biblioteca comunitária do país** em 2014. Tá bom? Então, começa daí! "Para chegar ao posto de referência no país, a Barca dos Livros navegou por mares calmos e revoltos. Hoje, nove anos e dois meses depois da inauguração, conta com um precioso acervo de **quinze mil livros**" (*lendo*). Olha só que maravilha, quantos livros já tem. (*Tossindo*) "...dois terços dos quais de literatura infantil e infanto-juvenil, aproximadamente cinco mil carteirinhas de sócios e a incerteza do futuro" (*lendo*). Olha que tristeza, gente.

1:16:47 É um monte de livro, é um monte de gente que usa essa biblioteca. Cinco mil

carteirinhas da biblioteca, e ela ainda corre o risco de fechar por falta de investimento, falta de fundos. Por isso ela precisa de doação. Tá bom? Hum..."Desde maio do ano passado, está com o aluguel atrasado na atual sede, um espaço de 125 metros na...no Lagoa Iate Clube" (*lendo*). OK. ""Estamos sem nenhum patrocínio, convênio, subvenção. Além do aluguel, estamos devendo também...estamos devendo também o salário de três funcionários. A barca é tocada por voluntários, acontece que nunca foi fácil, mas nunca esteve a ponto de quase fechar", lamenta a coordenadora do projeto, Tânia Piacentini" (*lendo*).

1:17:27 Gente, então aqui a gente já tem **vários** elementos que a gente pode levar pra redação, né? Cês tão acompanhando isso, né? "De 2010 até maio do ano passado, um convênio com a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Caisais garantiu par...(corrigindo-se) o pagamento do aluguel, no valor de seis mil e quinhentos reais por mês. Mas a parceria não foi renovada" (*lendo*). Então aqui, essa Fundação Cultural que ajudava a pagar o aluguel, ela parou de ajudar. "Todas as atividades são gratuitas. Apenas para os passeios de barco com contação de histórias realizadas no segundo sábado de cada mês, é cobrado o valor de **cinco reais** para adultos acompanhando...(corrigindo-se) que acompanham as crianças. Nosso material, espaço, livros, tudo é renovado graças ao trabalho de voluntários. Precisamos de parceiros fixos que queiram ajudar" (*lendo*).

1:18:14 Gente, então essa biblioteca, ela **não tem como** conseguir dinheiro sozinha. Ela não...é...ela não **cobra** pelos seus serviços. Ela é tudo gratuito, e só pra passear de barco, que os adultos que querem acompanhar as crianças, pagam cinco reais. Então assim, **não tem como** ela tirar dinheiro pra pagar esse aluguel de seis mil e quinhentos reais por mês, e pagar salário de funcionário. Não tem como! Pra ela conseguir se manter, ela precisa da doação das pessoas. Certo? Que que a gente vai fazer então? Uma campanha para conseguir arrecadar fundos pra não deixar essa biblioteca fechar, já que ela é a melhor biblioteca comunitária, eleita em 2014 pelo Ministério da Cultura e da Educação. Certo? Gente, muitos elementos aqui que já dá pra ir pra redação, hein? Hum...bom.

1:19:02 Aí a gente tem aqui a segunda parte do texto. "Acolhimento literário. De 2007 até hoje, os voluntários da Barca viram crianças que engatinhavam lerem as primeiras palavras e depois amarem a leitura" (*lendo*). Bom, então aqui a gente já começa a apelar pro emocional, né, gente? Isso é muito legal também quando a gente vai fazer uma campanha de arrecadação de fundos. Então, tentem trazer esse recurso de apelo emocional ao texto de vocês. "Despertaram a paixão pela ficção, contaram histórias, viram mães com bebês de colo pegando no sono nos confortáveis sofás de sala de leitura, aconchegadas pelo ambiente de acolhimento literário" (*lendo*). Olha só que lindo, gente. Olha que lugar gostoso! A gente não pode deixar isso fechar!

1:19:44 "Nascida em Nova Veneza, sul do Estado...é... há 68 anos, Tânia Piacentini começou a dar aulas aos quatorzes...(corrigindo-se) aos quatorze. cursou Letras e fez mestrado e doutorado na área de educação e literatura. Foi a primeira representante de Santa Catarina, nos anos setenta, a selecionar livros para a Fundação Nacional do Livro Infantil, que a cada ano premia as melhores publicações para crianças e jovens. Duas décadas depois, com o aumento de livros editados para esse público – quando começou, eram no máximo dez por ano, hoje são cerca de **mil e duzentas** novas edições" (*lendo*). Olha que beleza! "...passou a convidar pessoas para ajudar a selecioná-los. Daí surgiu um núcleo de vinte e cinco leitores e especialistas que formou a Sociedade Amantes da Leitura, ONG que cri...(corrigindo-se) ONG que criou e sustenta legalmente a Barca" (*lendo*).

1:20:26 Então aqui...é...nesse texto tá explicando pra gente quem foi essa pessoa que ajudou a fundar a Barca. Certo? "Nem sabíamos que ficaria grande. Queremos continuar aumen...(corrigindo-se) e aumentar o atendimento. Abrir ao público todos os dias é um sonho. Temos que estar disponíveis e manter a qualidade. Mas sem dúvidas...(corrigindo-se) mas sem dívidas pessoais e crises financeiras", suspira Tânia. Hoje a Barca abre ao público de terça a sábado, das quatorze às vinte horas – chegou a ser de terça a domingo, em três turnos. Mesmo com as dificuldades, promove atividades semanais, como A Escola Vai à Barca (que recebe alunos de escolas da rede pública e particular), palestras, saraus para adultos, lançamentos de livros, leituras coletivas" (*lendo*). Tãrãrã, tãrãrã, tãrãrã!

1:21:11 "O cadastro custa um real e dá ao pequeno sócio uma carteirinha que permite pegar três obras emprestadas por quinze dias. Mais informações sobre a programação no *site* da Barca" (*lendo*). Hum...bom. Bru, fecha aí pra gente...abre aí pra gente, por favor, na verdade (*dirigindo-se a alguém*). Gente, essa notícia que foi publicada, ó...num site que tem o link aqui embaixo...essa notícia publicada aí, ela deve servir de base pra vocês pra pensar em como convencer as pessoas a **doar** pra manutenção dessa biblioteca. Tá? Então você, que é o voluntário dessa biblioteca aí que tá nessa situação horrorosa, você é o encarregado de fazer a **apresentação** da campanha. Você precisa tentar convencer as pessoas a **ajudar**. A doar fundos pra que essa biblioteca não feche. Tá bom? Tudo bem?

1:22:08 Vamo vê o que que o Rafael apresentou pra gente. Bru, cê consegue colocar pra gente a redação do Rafael, por favor (*dirigindo-se a alguém*)? Sim, senhora. (*Pausa*) Brigada, Bru (*dirigindo-se a alguém*). Gente, a gente vai ler agora o texto do Rafael, que escreveu sobre esse tema. Vamo vê...é...o que que ele apresenta aqui, o que que daria pra melhorar, e o que que já tá adequado ao que a proposta pediria. "Campanha de arrecadação de fundos para a Barca dos Livros" (*lendo*). Se eu estou **apresentando** uma campanha, será que não é bacana eu colocar um título de apresentação? Hum...achei bem bacana!

1:23:03 "A Barca dos Livros é uma biblioteca comunitária de Florianópolis que existe há praticamente uma década e necessita, nesse momento, de apoio financeiro, para que suas atividades com a educação continuem a beneficiar a comunidade" (*lendo*). Perfeito. "A Barca é um projeto originado em 2007, de um grupo de vinte e cinco especialistas e leitores que formaram a ONG Sociedade Amantes da Leitura, a partir da qual a Barca foi criada" (*lendo*). Então o Rafael optou por trazer...é...uma referência...hum...da **fundação**. Como que foi criada...é...essa, essa biblioteca. Então ele optou por trazer essa referência pro texto. Acho bem legal! "A biblioteca possui funcionários próprios, mas conta, principalmente, com um grande número de voluntários que se preocupam em difundir a cultura da leitura em nosso país" (*lendo*). Hum...Rafael, aqui, eu fiquei com um pequeno **incômodo**. Se tem poucos funcionários e tem um monte de voluntário, por que que será que ela precisa de dinheiro?

1:24:02 É...aqui você ainda não me convenceu que eu deveria ajudar a biblioteca doando algum valor. Tá? É...até esse momento, tá? Espero que a partir de agora você comece a provar que, realmente, a minha colaboração é **muito importante**. "A Barca dos Livros oferece um acervo de quinze mil obras com 67% delas de classificação infanto...(corrigindo-se) infantil e infanto-juvenil. Há em torno de cinco mil sócios registrados, os quais podem aproveitar a biblioteca dos qua...(corrigindo-se) das quatorze às vinte horas. Além disso, semanalmente temos atividades, como a visitação de alunos de escolas públicas e particulares (A Escola vai à Barca), lançamento de livros, palestras e passeios de barco pela Lagoa da Conceição. A fim de que a instituição..."

(*lendo*).

1:24:46 Bom, então até aqui eu tenho informações. Mas eu ainda não estou comovida. Talvez fosse o caso de você tentar me comover. Tá? Porque eu não vou tirar o meu dinheirinho aqui, do meu **bolsinho**, pra financiar alguma coisa se eu não estou...(corrigindo-se) estiver convencida da importância de eu **financiar** essa coisa. Tá? Então você pode fazer um apelo emocional. Você pode...é, não sei...hum...não sei. Você não mencionou até agora que ela foi eleita a **melhor** biblioteca comunitária. Isso, eu acho, que é um elemento **muito importante** do texto. Porque nossa, tudo bem...as coisas dão errado. OK. Mas...se a **melhor** biblioteca comunitária corre o risco de fechar, a gente não deveria se esforçar muito pra tentar salvar essa biblioteca, já que ela tem uma história tão importante? Já que ela atingiu **tanta gente**, ela já teve uma relevância **tão grande**? É...então, assim...acho que, até aqui, foi que senti que faltou um pouco de apelo emocional. Faltou um pouco de...você tentar mexer comigo, assim. Tentar me convencer de que eu deveria doar **mesmo**, principalmente porque isso é uma apresentação de uma campanha de doação. Tá? Então se você quer arrecadar fundos, você precisa **convencer** as pessoas a fazer uma doação. Tá? Aqui eu senti falta ainda de ser um pouco tocada pela sua argumentação.

1:26:14 "A fim de que a instituição preserve em sua missão de formar leitores assíduos e de proporcionar um serviço de qualidade a todos, estamos solicitando contribuição financeira daqueles que se identificam com os valores do projeto, principalmente sob a forma de patrocínio, convênio, subvenção ou parceria fixa. A todos que se sentirem motivados, nosso muito obrigado" (*lendo*). OK. Bru, abre pra gente, por favor (*dirigindo-se a alguém*). Sabe qual que foi a sensação que eu tive, Rafael? Que você falou assim: "Olha, gente...a gente...olha, olha...a biblioteca é essa. A gente precisa de doação. Se você puder doar eu agradeço". É...eu acho que **principalmente** por se tratar de uma **campanha** em que a gente vai ter que **mobilizar** as pessoas, vai ter que deixar as pessoas com...é...assim...com **muita** vontade de doar, com, com...com **muita** intenção de doar...acho que talvez a gente precise ser um pouco mais **convicente**. A gente precise talvez adotar um discurso mais **apaixonado**, digamos assim. Um discurso mais...é...que tente mexer com o sentimento das pessoas. Tá? Eu tentaria trazer...aqui tem um monte de elementos. Tem vários elementos nessa, nessa notícia que fazem a gente ficar **indignado** de ver que essa biblioteca pode fechar.

1:27:25 Então eu tentaria adotar mais ou menos esse tom, assim. Tentar deixar o seu leitor **indignado**. Pensando, assim, ele faz...(corrigindo-se) ele **sofrer** de pensar que essa biblioteca pode fechar. Tá bom? É...num é pra ser um texto, assim, muito **inflamado**. Num é pra ser um texto que você torce, ele escorre lágrimas de sangue. Mas eu senti que faltou você mexer um pouco mais com sentimentos, tá? Esse elemento aqui que eu achei muito bacana...eu achei legal você ter trazido essas informações sobre a fundação, sobre os números...mas eu acho que, é...por exemplo...é..."De 2017 até...(corrigindo-se) de 2007 até hoje, os voluntários da Barca viram crianças que engatinhavam lerem as primeiras palavras e depois amarem a leitura" (*lendo*). Nossa, isso tem um, uma **carga afetiva muito grande**. Eu fiquei assim: "Nossa, não pode fechar de jeito nenhum esse negócio! Credo, Deus me livre!" Por quê? Porque você vê uma criança engatinhando, depois ela se apaixonando pela leitura **dentro** daquele espaço, você se **move** a não deixar aquilo fechar. Tá?

1:28:30 "Despertaram a paixão pela ficção, contaram histórias, viram mães com bebês de colo pegando no sono sob os confortáveis sofás da sala de leitura" (*lendo*). Então você tá ali, naquele

momento íntimo, naquele momento **mágico** da mãe em conexão com o bebê...lendo um livro, e de repente, ela sente tão acolhida com aquilo, que ela adormece por tá muito **acolhida** por aquilo. "Aconchegadas pelo ambiente de acolhimento literário" (*lendo*). Então, é...a ideia é a gente trazer essa imagem, essa sensação de que a biblioteca é um lugar **muito maravilhoso**. É um lugar que precisa ser preservado. Não é só uma biblioteca cheia de livros. Não é só uma...uma...um, sei lá...uma sala cheia de livro, em que as pessoas vão lá e pegam os livros. É um lugar de acolhimento, é um lugar de encontro, é um lugar...é...afetivo. A gente precisa trazer um pouco mais disso pro texto. Pra você me convencer de que eu preciso doar. Isso é uma campanha de doação. Você quer arrecadar fundos pra essa instituição...é...da qual você é voluntário.

1:29:36 Então você precisa tentar me convencer a me falar assim: "Não, verdade. Verdade! Em vez de comprar um pastel aqui, eu vou dar aqui meu dinheirinho do pastel pra manutenção da biblioteca! E vou falar aqui: ô mãe, me ajuda aqui também. A biblioteca vai fechar, ajuda aqui, por favor! Vamo ajudar a doar! Gente...olha aqui, Bruna! Em vez de você ficar aí, gastando sei lá com o quê. Com o que que você gasta, Bru? Com nada! Com esmalte. Em vez de você comprar esmalte, doe o dinheirinho para a biblioteca! Para as pessoas terem acesso a esse lugar que é muito importante. Com viagem! Em vez de ficar indo aí pra Parati toda semana (*risos*)! É...ajuda aqui, vamo por favor, ajudar, Bruna! Ajuda doando um pouco." Então é importante que as pessoas se sintam **mobilizadas**, principalmente por ser uma **campanha** de arrecadação de fundos, seu texto, ele precisa tocar um pouco mais nos sentimentos das pessoas. Tá? Cê precisa se entender nesse lugar de convencer o outro a doar dinheiro. Tá? É...e cê precisa falar com outro que precisa ser convencido. Tá? Ninguém vai tirar dinheiro do próprio bolso se não tiver, assim, muito comovido com a situação. Tá? É...eu acho que esse seria o único detalhe, tá bom?

1:30:50 Acho que você cumpriu gênero, apresentação de uma campanha. Você cumpriu interlocução. E você cumpriu, de certa forma, o propósito. É...se eu tivesse corrigindo o seu texto na Unicamp, é...eu descontaria um pouquinho no propósito. Porque você não me convenceu muito bem. É...o propósito é, assim, é o objetivo do texto. Pra que que você escreveu esse texto? Pra apresentar a campanha. Se você tá apresentando uma campanha, a ideia é que eu leia aquela apresentação e fale: "Nossa, essa campanha aqui é alguma coisa que eu quero ajudar." É...então o seu objetivo precisa ser me puxar pra doar pra essa campanha também. Aqui você teria um pequeno desconto em propósito, tá? Gênero acho que você atendeu. É...interlocução você atendeu, e propósito você atendeu, mas daria pra ter atendido um **pouco melhor**, tá? Numa gradação, como a gente explicou pra vocês aqui, você tem...é...atender esses aspectos, e precisa atenderesses aspectos também em maior ou menor intensidade. Então você atendeu os aspectos, mas poderia **umentar** a intensidade em que você atendeu o aspecto do propósito. Tudo bem? Essa seria a minha única observação sobre o seu texto. Mas acho que tá muito legal. Acho que, se você ficar bastante atento a isso, você tem chances de tirar nota máxima nos dois textos da Unicamp.

1:32:09 Gente, um segredo: a Unicamp, às vezes a gente sofre quando a gente vê pelaprimeira vez. A gente tem vontade de chorar? Tem vontade de chorar! Tem vontade de morrer? Tem vontade de morrer! Mas a hora que a gente consegue entender o que que a gente tem que fazer na Unicamp, a gente tira nota máxima **facilmente**. Tá bom? **Não é difícil** tirar nota máxima na Unicamp se você se **preparar** pra essa prova, como vocês tão fazendo aqui. Tá? É...me parece

que o Rafael...é...ele tem a grande chance de tirar a nota máxima na Unicamp, nos dois textos. Desde que você fique bastante atento a internalizar **exatamente** os objetivos do que você tem que fazer. Tudo bem? Meus parabéns pelos excelentes textos. É...espero que você tome esse feedback não como uma crítica, mas como uma dica de como você conseguiria, **sim**, tirar nota máxima na Unicamp. Porque eu acho, sim, que pelo texto que você apresenta, você tem grandes chances de tirar nota máxima na Unicamp. Só fica atento a isso. Tá bom? Tudo bem?

1:33:13 Gente, muito obrigada pra quem acompanhou essa monitoria, e espero que vocês façam uma **excelente prova** de redação na Unicamp, e uma excelente prova na Unicamp, de maneira geral. E depois, por favor, contem para a gente como vocês foram. Gostaria muito de saber! Tá bom? (*Mandando beijo*) Um beijo pra vocês e a gente se vê!

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]

CANAL "STOODI" - Monitoria de Redação "Como funciona a redação da Unicamp"
<https://www.youtube.com/watch?v=gl-peUr-j0E>

[INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO]

01:11 Sim? Oi gente, eu sou Marina Sestito, coordenadora de redação do Stoodi. Hoje a gente tá aqui pra fazer uma monitoria sobre um formato de vestibular que é um **pouquinhodiferente** daquele que a gente viu no decorrer do ano. Hoje a gente vai falar da redação da Unicamp. É...a Unicamp, ela não trabalha, geralmente, com dissertação. Ela tem uma **proposta** de redação, uma **proposta** de texto, de **avaliação** de texto, que é um pouquinho diferente daquilo que a gente tá habituado, daquilo que a gente estudou o ano todo. É...já vou conversar sobre isso, mas só pra vocês entenderem. Aqui, é...a gente deixou anotado os critérios da Unicamp (*mostrando lousa*). E aí, no decorrer dessa monitoria, a gente vai explorar o que é cada um deles, vai tentar, é...mostrar pra vocês **como** se adequar a...àquilo que a Unicamp espera. Certo?

01:59 Bom, então o vestibular da Unicamp, ele vai acontecer nesse domingo. No dia 15. E...o objetivo dessa prova, vai ser né, uma prova junto com a, a...vai ser a prova de redação, língua portuguesa e literatura de língua portuguesa. Aqui a gente vai focar...focar só em redação, mas...é...qual que é o objetivo dessa redação da Unicamp? É avaliar a capacidade do candidato...é...de **transitar** pelos **diferentes**...é...da...pelas diferentes situações discursivas. Pelas diferentes situações em que ele vai precisar **escrever** um texto. Mas que texto é esse? É um texto acadêmico? É um texto...de que tipo? É um texto em **diversas** situações. É...na nossa vida cotidiana, a gente se depara com várias situações em que a gente precisa escrever alguma coisa, a gente precisa expor...é...um pensamento...a gente precisa **solicitar** alguma coisa, a gente precisa **reclamar** de alguma coisa, a gente precisa **informar** alguma coisa. Então, é...dependendo da situação em que a gente tiver, a gente vai ter um modelo diferente de escrita.

03:03 Qual que é o objetivo da Unicamp? Avaliar se o candidato consegue **transitar** por esses, essas diferentes situações. Como que ela faz isso? É...a prova da Unicamp...ela solicita ao candidato que faça **dois** textos. E dois textos não naquele formatozinho padrão que a gente vê, que é a dissertação argumentativa. Ela pede pra você fazer dois textos em outros **gêneros** discursivos. Certo? É...a gente vai ter algumas perguntinhas. A gente recebeu, né, algumas perguntinhas dos nossos alunos do Stoodi. A gente vai responder essas perguntinhas

no final. Uma dessas perguntas fala de...se, se...pode ser que apareça uma dissertação. É...quando a gente for responder as perguntas, a gente entra um pouquinho mais nessa questão da dissertação. Se pode aparecer uma dissertação ou não.

03:47 Por enquanto, eu gostaria de levantar com vocês...é.. quais são as **peculiaridades** da prova da Unicamp. É...bom...então...é...são apresentadas pra vocês duas **tarefas**, né, de escrita. Dois **textos** que vocês precisam elaborar de acordo...é...com alguns critérios. É...esses textos, eles pertencem a diferentes gêneros discursivos. Então pode ser que não seja uma dissertação como a gente tá acostumado. E também vai ser apre...(corrigindo-se) apresentado pra vocês...é...um, uma **lista** de coisas que vocês têm que fazer. Então não precisa ficar preocupado de..."Ah, vão pedir um artigo de opinião. Tá, e como é que eu escrevo um artigo de opinião?" Você vai ter alguns direcionamentos ali que vão te **ajudar** a entender como construir esse gênero. Certo?

04:31 É...é muito importante pra gente se preparar pra Unicamp, a gente **transitar** por essas várias situações. Então **leiam** o **máximo** que vocês puderem de **textos** de diferentes gêneros, pra conseguir entender mais ou menos o que que configura cada um deles. Essa é a melhor dica que a gente pode dar pra vocês se prepararem pros gêneros que são solicitados pela Unicamp. Tá bom? Ficar decorando qual que é a característica de cada gênero, colocando numa tabelinha, **não** vai funcionar tão bem quanto...é...o fato de você fazer esse exercício de **ler** textos de diferentes gêneros e...e entender que aquele gênero se caracteriza por essa, essa e essa característica, é, que pode variar...é...em textos de, do mesmo gênero. Então a gente já vai tratar um pouquinho melhor sobre isso.

05:15 É...na prova da Unicamp, então, não vai ser jogado pra vocês um gênero pra vocês escreverem. Vai ter, vai ser apresentado um **conjunto** de instruções a partir das quais vocês vão escrever. É...além disso...é...vão ser cobradas, é...cinco...vo...o seu texto vai ser analisado sob cinco...é...cinco perspectivas. Eu tô meio confusa hoje...é...mas, enfim. É...essas são as, a, a, os critérios a partir dos quais os textos de vocês vão ser analisados (*mostrando lousa*). Vamo dá uma olhadinha em cada um deles isoladamente, pra gente entender melhor...é...o que que seria isso.

05:54 **Gênero** seria esse **formato** a partir do qual a gente constroi um texto. Então uma carta, ela é um pouquinho diferente de um artigo de opinião, por exemplo. E vocês sabem disso não porque vocês leram uma tabelinha com características de cada um dos gêneros. Vocês sabem disso porque...vocês **sabem** o que é uma carta. Se eu colocar um texto pra vocês, vocês vão me saber dizer se aquilo é uma carta, vocês vão saber dizer se aquilo é um poema, vocês vão saber dizer se aquilo...é uma bula de remédio. Vocês **vão saber** dizer isso. Então vocês **conhecem** o gênero. Vocês têm familiaridade com o gênero. Como que a gente avalia o gênero? É...é se você faz tudo aquilo que configura o gênero. Se eu preciso escrever uma carta, se eu olhar pra aquele texto, ele precisa ter uma **cara** de carta. Certo? É assim que a gente vai avaliar se você...é...se adequou ao gênero.

06:42 Qual que é o outro critério que é avaliado pela prova da Unicamp? É a **interlocução** (*mostrando lousa*). Se você foi quem você deveria ser. E se você falou com quem você deveria falar. Então...se a prova te pedir pra ser um estudante do Ensino Médio, e você escrever como...um...publicitário de sucesso, eu não sei se vai ser exatamente o, a interlocução que foi solicitada pela prova. Então, é, tentem focar em se colocar naquele papel de, de interlocução que foi solicitado a vocês, e falar com quem vocês têm que falar. Se você precisa

se dirigir ao Presidente da República, você não pode se dirigir, por exemplo, ao prefeito. Cê precisa...é...**entender** pra quem você tá falando. Certo? Então esse também é um ponto muito importante, da interlocução. Isso não se configura **só** pelo **nome** através do qual você chama a pessoa com quem você tá falando. Isso se configura também pela maneira como você escreve. Se você tá falando com, exatamente, o Presidente da República, que é o exemplo que eu dei agora, você vai escrever um pouquinho diferente do que você escreveria se você falasse, sei lá...com a sua mãe. Ou com...é...o, uma banca de, de um, de um concurso que tá avaliando...o Edital que você escreveu pra um concurso de resenhas...sei lá...que foi um dos casos da Unicamp aí.

08:04 Então **muita** atenção à configuração do gênero. **Muita** atenção à **construção** da interlocução. Quem é você, com quem você fala. Além disso, a gente tem aquilo que a gente chama de **propósito**. Propósito é a **lista** de tarefas que a gente precisa realizar nessa redação. Então, se eu tenho ali uma listinha de coisas que eu preciso fazer, eu vou, é...cumprir todas essas tarefas. Eu vou realizar tudo aquilo que a prova me pediu. Se a prova pediu pra eu assinar com pseudônimo, eu não posso assinar com meu próprio nome, eu preciso assinar com pseudônimo. Se a prova me pediu pra assinar...é...pra, enfim...pra, pra que esse texto seja assinado por um grupo, eu não posso assinar individualmente. Se a prova me pediu pra mencionar o autor de um texto, do texto com o qual eu tô trabalhando, e eu não menciono, eu saí também do propósito. Então a gente precisa ficar **muito** atento à **lista** de tarefas que são apresentadas pra gente, pra gente conseguir cumprir o propósito da Unicamp. Certo? **Aqui** é geralmente onde a gente tem mais problemas, onde as pessoas têm mais dúvidas, onde geralmente, é...é mais fácil perder ponto. Então **muita** atenção a...à **lista** de tarefas que é apresentada pra vocês na hora de fazer a prova. Tá? As outras coisas geralmente a gente consegue se virar um pouquinho. Em propósito a maior parte dos alunos se embanana um pouco. Então muita atenção aí.

09:28 É...é também importante a gente analisar o critério de **leitura** (*mostrando na lousa*). **Leitura** seria, é...se você consegue entender, é...o que que é pra fazer ali. Se você consegue **dialogar** com os textos que são colocados pra você na coletânea. Se você consegue estabelecer as relações que você tinha que estabelecer com aquele texto. Se você **compreendeu** a leitura daquele texto. A Unicamp, ela...essa, esse critério, ele é um **pouquinho** diferente dos outros. A Unicamp coloca dessa forma: "É esperado que o candidato estabeleça **pontos de contato** com os textos fornecidos em cada tarefa" (*lendo*). Então você precisa, de certa forma, mostrar que existe uma relação entre o que você tá produzindo e aquela coletânea que foi apresentada a vocês. Também, ele deve "mostrar a relevância desses pontos pro seu projeto de escrita, e não simplesmente reproduzir os textos, ou parte dos mesmos" (*lendo*), é...na, como se fosse uma colagem. Então você também não pode, você precisa dialogar com esses textos, você precisa...é...mostrar uma relação entre o que você tá escrevendo e o texto que você leu, mas você **não** pode só reproduzir aquilo que você leu. Tá? Você precisa...é...dialogar. Você precisa **mostrar** uma relação sem copiar. Certo?

10:39 Que que é isso? Que que significa isso? Como que eu faço isso? É...é você **ler** o texto com atenção. É...na hora de escrever, você estabelecer conexões com aquele texto, mas você não ficar **preso** naquele texto. Você produzir o seu próprio texto. Tá bom? É...esse **último** critério, que é o de **articulação** escrita, ele envolve algumas coisas. Essa articulação escrita é o que a gente mais ou menos conseguiria chamar de linguagem...é...nos outros vestibulares. Isso seria...o fato da sua leitura ser fluida e envolvente. Então eu preciso estar

convencido com o seu texto, eu preciso acreditar que esse texto realmente, é...foi escrito **naquela** situação discursiva em que a prova pediu pra que a gente se colocasse. Então se você precisa escrever...é, um relatório de, de um evento, eu preciso **ler** aquilo e acreditar que aquilo é um relatório de um evento. Eu não posso falar assim: "Nossa, acho que isso aqui é uma redação de vestibular. Acho que isso aqui é, é, um exercício que a professora pediu e o aluno fez com má vontade." Eu **não** posso ter essa sensação. Eu preciso ler esse texto e sentir que existe uma leitura **fluida** e envolvente. Eu preciso ser **convencida** de que aquele texto, ele realmente foi escrito naquela situação...é...de produção textual.

11:52 Além disso, é muito importante a gente pensar nas relações sintático-semânticas. Então...é...aquilo que **dá sentido** pro que eu tô dizendo. E também, é...é importante vocês também ficarem atentos aos "**itens** lexicais apropriados ao estilo dos gêneros solicitados" (*lendo*). Isso quer dizer o quê? Que você **não** pode...se você precisa escrever como um estudante de Ensino Médio, você **não** pode usar uma linguagem super rebuscada que **sairia** daquele contexto. Então a escolha das palavras, ela **também** ajuda a construir o gênero. Se eu tô escrevendo uma carta...é...pro, pro, prum determinado grupo, eu preciso escrever como se escreve naquele contexto. Certo? É...se eu tô escrevendo uma resenha, eu preciso escrever como se escreve quando se escreve uma resenha. Tá bom? É muito importante vocês atentarem a isso.

12:39 Outro coi...(corrigindo-se) outra, outra coisa que é avaliada nesse critério, que é realmente...é...uma questão mais de linguagem...são as "regras gramaticais e ortográficas que atendam à modalidade culta da língua" (*lendo*). É...isso realmente...é...é o que a gente vê por aí quando a gente vê em correções de linguagem. É...isso, né...a gente sabe, né, que não pode ter errinho de português, digamos assim. A linguagem precisa tá adequada à norma culta. E esse item também entra aqui em articulação escrita (*mostrando a lousa*). **Mas**...articulação escrita não é **só isso**, tá? É...aqui também entra **clareza**, aqui também entra a **escolha lexical**. A **precisão** vocabular na hora de construir o texto. Tá bom? Muita atenção a isso. Então todos esses elementos são importantes pra gente construir uma boa redação e ter boas notas nesses critérios que a gente mencionou. Tá bom?

13:27 É...que que eu sugiro que vocês façam, né...a gente já vai passar pras perguntas...mas que que eu sugiro que vocês façam pra se preparar pra Unicamp? A coisa **mais** importante que vocês podem fazer pra se preparar pra Unicamp é estar prontos, é...pra encarar essa situação de prova. Como é que a gente faz isso? Vendo **muitos** textos de diferentes gêneros, como eu já mencionei. **Mas** também vendo as provas anteriores. **Olha** a proposta do ano anterior. Olha a proposta dos anos anteriores. Ali a gente tem uma **série** de direcionamentos. A gente tem uma **lista** de tudo o que vocês precisam fazer. Então, se você consegue seguir exatamente aquela lista, você não sai disso aqui (*mostrando lousa*). Se alguém te pede pra escrever uma carta, e você escreve, hum...uma dissertação...você saiu do gênero. Seu texto vai ser **zerado**. Se você precisa escrever uma resenha e você escreve uma carta, seu texto vai ser zerado. Cê vai fugir do ze...do gênero e seu texto vai ser zerado. Então **muita** atenção a isso aqui. Se você **segue** o gênero que foi solicitado, se você **escreve** sendo a pessoa que foi solicitado que você fosse, com quem você precisaria falar também...se você segue **todos** os direcionamentos que são apresentados pra você na prova, se você **mostra** que você realmente consegue dialogar com esses textos do, da coletânea, consegue estabelecer relações, **mas** também não fica muito presos a...muito presos a eles...e **consegue** escolher a linguagem de maneira adequada...gente, não é difícil tirar nota alta na prova da Unicamp se você tiver se preparado pra isso. Tá?

15:01 A Unicamp é uma prova...que ela sai um pouquinho do que a gente tá acostumado. É...o aluno que só treinou, é...redação dissertativo-argumentativa, ele **vai** ter algumas dificuldades se ele deixar pra, pra, pra fazer o primeiro texto da vida dele em formato Unicamp **no dia** da prova. Então eu sugiro que vocês treinem antes. **Mas** se vocês treinarem bastante não tem o que dar errado, gente. É...isso aqui é só você **aprender** a caber no formatozinho. A hora que você aprende a ser obediente, digamos assim, que você aprende a, a cumprir as tarefas que foram solicitadas, e que você passou pela leitura de vários outros textos que te dão, é, essa segurança pra você conseguir construir bem o gênero que foi solicitado...a hora que você chegar aí, você tira uma boa nota na Unicamp. Tá? **Foquem** na redação. Redação Unicamp **dá** pra tirar nota boa, mas precisa **treinar muito**. Tá bom?

15:54 Se você ainda não fez redação Unicamp, ainda dá tempo. Até domingo você consegue fazer alguns textos aí. Tá? Mas **façam**. Não deixem pra fazer a primeira vez na vida de vocês um texto da Unicamp na própria prova da Unicamp, porque existem chances **imensas** de dar errado. Conheço muita gente que **zerou** o texto porque achou que ia ser muito simples, achou que ia ser dissertação, necessariamente, e aí achou que, que daria pra se virar ali...com...na hora. Sem ter praticado. Tá? Então, é...pratique antes. É muito sério isso. Tá bom?

16:31 A gente vai passar agora pras...perguntas que foram enviadas pelos alunos do Stoodi. É...vou pedir pro Henrique, por favor, colocar pra gente...(dirigindo-se a alguém)...cê vai colocar o nome do aluno? A gente vai responder, então, primeiro, a dúvida da Luana Milanez. (Pausa) Sim? A Luana perguntou: "Olá, professora, tudo bom? Você teria alguma dica para resolução da prova do primeiro dia? Fazer os rascunhos e as questões, depois passar a limpo, por exemplo? Muito obrigada" (lendo). Luana, é...eu vou ser **muito** sincera com você. Eu posso te dar aqui todas as dicas do que que seria o formato ideal...é...do que realmente eu considero, que todos os professores consideram, o formato ideal, mas a gente sabe que na hora da prova...é...bate um desesperozinho, bate uma pressa...às vezes a gente acaba ficando um pouquinho nervoso.

17:20 Então a primeira coisa que eu vou te falar é: faça da forma como você conseguir, tentando se manter calma. Tá? Isso é o mais importante. Se chegar na hora da prova, não der pra fazer aquilo que você se programou pra fazer, **faça** o que você conseguir sempre mantendo a calma. Tá? Respira fundo...é...se precisar, se começar a ficar muito nervosa, sai um pouquinho, vai ao banheiro e volta. Mas o mais importante é manter a calma. É...dito isso, qual que é o modelo **ideal** de, de fazer uma prova? É você chegar lá, você ler com calma a prova, você **pensar** naquilo que você poderia dizer, você fazer anotações, depois você fazer um rascunho da prova, depois você passar a limpo esse rascunho...é...isso é o **ideal**. A gente sabe que na hora acaba dando um pouco de pressa, e às vezes a gente acaba ficando um pouco nervoso.

18:17 Então o que eu digo é o seguinte: é **excelente** fazer rascunho. É a forma **mais recomendada** pra gente conseguir fazer um bom texto. Mas é mais importante eu fazer o rascunho e não ter tempo de passar ele a limpo, ou eu fazer um rascun...(corrigindo-se) ou, ou eu fazer só alguns apontamentos e acabar fazendo...é...as coisas mais direto? É...se você tiver que escolher entre conseguir terminar a prova, **ou** fazer a prova nesse formato, faça a, aquilo que for realmente...é...não, não fique muito apegada a todos esses processos. Tá? O **ideal** é, sim, fazer **primeiro** apontamentos, depois rascunho, depois passar a limpo. Mas se não der...é...faça aquilo que você conseguir fazer, mas tenta não perder tempo na prova. A prova da Unicamp é uma prova **longa**. Os textos, eles exigem **várias** leituras...esses textos do, dessas

produções textuais. Então esteja preparada pra conseguir fazer a prova de um jeito rápido, sem comprometer a qualidade das suas redações. Tá bom?

19:22 O que eu sugiro? Começar pela redação. Isso sem dúvida nenhuma. Você **primeiro** lê ali os apontamentos que, que são feitos pra você, e **faça anotações**. Isso é o ponto principal. Faz anotação de tudo o que você **precisa** fazer. Tá? Aí vai fazer questões...tenta não se perder muito...(corrigindo-se) não perder muito tempo nessas questões. É...se você tiver tranquila com o tempo, tenta fazer um rascunhozinho **bem** completinho do que seria o seu texto. Aí você vai, faz mais questões. É...aí você vai passar a limpo...aí você vai fazer mais questões...aí você vai fazer uma última leitura do seu texto. Esse seria o cenário ideal. Se você conseguir fazer isso, meus parabéns, eu tenho certeza que você vai tirar uma nota **excelente**. Mas se não der, **pelo menos** os apontamentos ali de todos os critérios que você precisa atender no texto é importante você fazer. E, se possível, fazer também o rascunho, é...que é muito importante. Mas a gente sabe, né...que a gente precisa lidar com situações reais de prova, às vezes não dá. Certo? Às vezes não dá tempo de fazer rascunho. Tudo bem?

20:30 É...é mais importante que você consiga entregar a prova toda, do que você ficar muito apegada a esses **processos** que tomam bastante tempo. Tá bom? É...mas anote **tudo** o que você precisa fazer. A gente leu os seus textos aqui nas monitorias anteriores a essa, você tá com um texto muito bom...é...então **pode** ficar tranquila em relação aos textos da Unicamp. Mas...é...muita atenção a **todas** as solicitações que são feitas a você. Tá? Não deixa passar absolutamente nada, que a gente viu que teve um detalhezinho né, do seu texto, que passou...é...no último texto que a gente leu...é...isso na prova de verdade prejudicaria a sua nota. Então...foca nisso, foca em atender a **todos** os requisitos que foram solicitados pela prova pra...é...ter certeza de que você vai conseguir ter uma boa nota. É...isso é mais importante do que fazer várias vezes o mesmo rascunho. Tá bom? Atenda a todas as solicitações da prova. Isso é muito importante.

21:28 Breno. (*Pausa*) "Professora, tem algum tipo de gênero discursivo que tem mais chances, possibilidades de cair na prova de redação da Unicamp?" (*Lendo*) Breno...é...cê me falou aqui que você viu que nos últimos anos o gênero mais frequente foi a **carta** e perguntou da possibilidade de cair dissertação. É...apesar de...da gente perceber uma **tendência** da Unicamp de colocar bastante carta...é...isso não é uma obrigatoriedade. Certo? Eu sugiro que você não conte com isso. Que você se **prepare** pra carta, mas que você **também** se prepare pros outros gêneros discursivos. É...e **mais** importante de tudo...às vezes...hum...é solicitado uma carta, mas é solicitada uma carta dissertativa. Ou uma carta argumentativa, ou uma carta...não sei...de outro tipo...uma carta convite. É...esses outro gêneros, eles saem um pouquinho daquele **padrão** que a gente tem, é...(Pausa) eu não sei se dá pra gente **prever** todos esses padrões. Então eu **não** me prepararia pra um gênero específico. Eu acho que talvez seja mais eficiente eu me **preparar** pra eu conseguir entender, e realizar tarefas. Certo?

22:41 Pratique com as provas anteriores da Unicamp. É **fundamental** que você faça isso. Porque mais importante do que saber qual gênero vai cair, é você conseguir seguir todos os direcionamentos de propósito, de interlocução, é...que vão ser apresentados pra você. Tá bom? Sobre a possibilidade de cair dissertação: existe uma possibilidade de cair dissertação. Eu não acho que a Unicamp faria isso. É...apesar de existir essa possibilidade sim. É...a Unicamp, ela, ela, ela é um pouco mais...hum...apegada a **outras** coisas. Ela é...ela, ela, ela valoriza muito o candidato que consegue se colocar em **outras** situações discursivas. Eu acho **difícil** ela se

colocar nessa...nessa posição de pedir aquilo que todos os vestibulares pedem. Ela costuma selecionar pessoas que transitam bem em outros gêneros. Certo? Eu acho difícil cair dissertação na Unicamp. Pode ser que caia. Eu não apostaria nisso. Tá bom? (*Pausa*) E **não** se preocupe com o gênero, tá? Se preocupe mais em conseguir realizar as tarefas que forem colocadas pra você na hora. Tá bom? E cê vai conseguir fazer isso treinando com as propostas anteriores.

23:51 É...Isadora Pacheco. (*Pausa*) Sim? "Boa tarde, poderia fazer uma monitoria sobre como funciona a redação da UERJ? Obrigada." Isadora, a gente **fez** uma monitoria, é...no começo de dezembro, sobre o **formato** da UERJ, e depois a gente fez uma **análise** do tema da UERJ, também em dezembro, logo depois da prova. Eu sugiro que você tente procurar esse material que tá disponível pra vocês tanto no site do Stoodi, quanto no canal do YouTube do Stoodi.

É...então tenta dar uma olhadinha nesse material. Se você tiver alguma dúvida sobre esse formato, você pode mandar pra gente nas monitorias **semanais** que acontecem todas as terças-feiras...(*corrigindo-se*) terças-feiras...aqui...é...no Stoodi. Tá bom? No site do Stoodi. (*Pausa*)

24:38 Hum...Tairine Eduarda. "Posso colocar em todos os parágrafos, sem ser o dainrodução, fatos e estatísticas reais sinalizando a fonte? Ou isso prejudica a minha nota na redação?" (*Lendo*) Tairine, essa orientação, ela é **muito** importante, mas pros textos dissertativos-argumentativos. Tá? Na Unicamp, como a gente trabalha com outros gêneros discursivos, eu não sei se seria o caso de você trazer esses dados. A não ser que a prova te peça. Mas a Unicamp **geralmente** não pede isso. Tá bom? Existe uma tendência da Unicamp de pedir para que o aluno trabalhe com o **próprio** texto que, que foi apresentado ali pra ele.

Então **difficilmente** a Unicamp vai pedir pra você **sair** daquele modelo e **buscar** esses outros...é...fatos e dados estatísticos de fora. É...não é isso que a Unicamp vai te pedir. Tá bom? Se você tiver me perguntando isso em relação a outros gêneros, ao ENEM, a, a...à dissertação convencional...é...é sim uma boa saída. Mas pra Unicamp, especificamente, como a Unicamp trabalha com outro tipo de gênero discursivo, isso não se aplicaria pra Unicamp. Tá bom?

25:49 Última dúvida, da Luana. "Olá, professora, sei que a monitoria é sobre a redação, mas coloco a minha dúvida aqui por encarar a forma de escrever as respostas como uma elaboração de texto." (*Lendo*) Sim, exatamente. É...é muito importante que a gente **entenda** que **redação**, pra Unicamp, não é só a, a dissertação argumentativa. **Redação**, pra Unicamp, é **toda** situação discursiva em que você precisa escrever alguma coisa. Certo? Então uma questão, ela também é uma di... (*corrigindo-se*) é uma, uma redação pra Unicamp. **Excelente** pergunta. Cabe nessa monitoria sim. É..."caso não seja pertinente, tudo bem" (*lendo*). É, sim, muito pertinente. É...porque **inclusive** a Unicamp pode, sim, perguntar a vocês: "Redija uma resposta pra tal questão". Aí ela coloca a resposta ali e pede pra você escrever em formato de questão dissertativa. Ela poderia, sim, fazer isso. Certo? Porque isso é, também, uma situação discursiva diversa, que...em que o candidato vai...vai se colocar em algum momento da vida. Então **muito** boa pergunta. Cabe aqui sim. "Enfim, para as respostas dissertativas, seria errado eu transcrever parte da questão?" (*Lendo*) A princípio não, vamo ver. "Por exemplo...se no comando da questão está escrito: apresente dois fatores para a difusão das zonas francas no mundo contemporâneo...e eu introduzir a resposta com...são dois fatores para a difusão das zonas francas no mundo contemporâneo...estaria incorreto?" (*Lendo*) Não estaria incorreto, mas como que a gente conseguiria **melhorar** essa resposta?

27:15 É...sei lá...você pode dizer que os dois fatores responsáveis...é...para a difusão das zonas francas...ou então...**dentre** os fatores responsáveis pela difusão das zonas francas, é possível

citar tal e tal...aí cê cita os dois. Eu só reformularia a **forma** de apresentar esse enunciado. Mas você pode, sim, de certa forma repetir o enunciado porque é muito difícil, é muito complicado...é...a gente entender do que tá falando na questão se a gente só coloca ali a resposta direto. É importante a gente **formular** uma resposta. Se você não tiver tempo, novamente eu vou voltar pra aquilo que eu te falei no começo...é...se você não tiver tempo, se você tiver, se você tiver um pouco atrasada na prova, se você tiver...não sei...é...se você não tiver tempo de formular todas as respostas bonitinhas assim, não tem problema. Tá bom? Vá pro principal, é...que o seu corretor, ele vai entender da mesma forma. Mas o texto fica **muito** melhor se você consegue **formular** as respostas...é...explicando que que é aquilo, né? Explicando por que que você tá escrevendo aquilo. Se eu tirar a, a, a perguntinha, eu ainda consigo entender, ver algum sentido naquilo que você escreveu. Ela não vai ser só uma linha ali jogada num papel. Tá bom? **28:36** É...mas novamente, Luana...o ponto que eu acho mais importante a gente pensar **em situações** de vestibular é: fazer o possível e lidar com o fato de que a gente tá fazendo o possível. Tá bom? Eu tenho muitos alunos que às vezes ficam chateados de se preparem o ano todo, aí chega na hora, fica esperando que, que vai ter aquela situação ideal, em que eles conseguiam ficar três horas fazendo a redação, pra conseguir chegar num, num texto excelente. E aí na hora da prova acabam se perdendo um pouquinho com o tempo. É...então...primeira coisa: faz aquilo que der. O **ideal** é esse, se na hora da prova não der pra fazer o ideal, o que você conseguir fazer...é...só tente fazer com calma pra que saia bem feito. Tá bom?

29:18 É...tenta começar pela redação, porque aí você vai tá com a cabeça mais descansada. Tenta fazer a listinha de tudo o que precisa fazer naquele texto. Se você conseguir fazer um rascunho...é...mais detalhadinho...se não, faz só um esboço mesmo. Eu acho arriscado passar a caneta de uma vez. É...sugiro que faça pelo menos um esboço...é...é...não tão certinho, né? Não tão...hum...não sei...um, um, um esboço um pouco mais grosseiro, e aí você, você aperfeiçoe ele na hora de, de passar a limpo mesmo. É...mas faz aquilo que for possível você fazer. Tá bom? É...tenta não se apavorar na hora da prova, tenta não se perder com o **tempo**.

30:03 E desejo pra vocês uma excelente prova. Pra todo mundo que vai fazer Unicamp nesse final de semana. É...procurem começar pela redação, procurem ler os direcionamentos com muita **calma**, e seguir tudo o que for solicitado pra vocês. Tá? É...a gente se vê, então, depois da Unicamp, pra analisar o tema que for solicitado. Até.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]

CANAL "STOODI" – AO VIVO (YOUTUBE) "UEL – ANÁLISE DO TEMA"

https://www.youtube.com/watch?v=-1P_AesNV20&t=86s

[INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO]

00:43 Sim? (*Dirigindo-se a alguém*) Oi, gente, eu sou a Marina Sestito, coordenadora de redação do Stoodi. Hoje a gente vai comentar a prova de redação da **UEL** que aconteceu neste final de semana. É...e aí a gente vai fazer a análise do, dos, do...das produções de texto que foram solicitadas a vocês nessa prova. Tá bom? Hum...como a gente viu já, antes da prova, é...seria muito importante que vocês **seguissem** os direcionamentos apresentados pela própria proposta em relação a **tudo** o que deveria ser feito na...na...nesses, nessas produções de texto, **inclusive** em relação ao tamanho, né? A...a prova geralmente **diz** pra vocês qual que é o

tamanho do texto que vocês precisam escrever, e seria fundamental que vocês respeitassem esses direcionamentos.

01:28 Então, pra gente entender o que que precisaria ter sido feito **nessa** prova, a gente vai...é...apontar alguns direcionamentos...é...do...desses exercícios, né, de escrita...desses, dessas, desses exercícios de produção de texto, pra vocês verem se vocês atenderam tudo o que precisaria ter atendido. Tá? **Nessa** monitoria a gente não vai **ler** os textos com vocês. A gente só vai **interpretar** as proposições. Tá bom? Até pra ficar um pouco mais...é...menos chato, menos cansativo...é...essa, essa, essa, essa análise dos temas. Certo?

02:04 Então foram apresentados **três** textos, três **produções** de texto. Não era uma única redação. Eram três exercícios de produção de texto. (*Limpando a garganta*) E...é...a gente vai ver agora o que cada uma delas pedia. A gente teve no primeiro exercício, é...a solicitação de que fosse feito um **resumo**. Que que é um resumo, gente? Resumo é um levantamento das ideias **principais** de um texto, e a **condensação** desse, dessas ideias...em um outro texto, menor. O importante é que o resumo, ele nunca seja **maior** do que o texto original. Ele precisa ser uma versão **reduzida** do texto original. Aí a gente selecionou, aí...(dirigindo-se a alguém) Henrique, cê já pôs o...treco? Já. Bom, então cês tão vendo aí na tela o texto que precisaria ser...(limpando a garganta)...resumido nessa primeira questão.

02:54 É...vou levantar com vocês algumas das informações **principais** desse texto, e aí a gente vai ver o que que precisaria ter sido feito com elas. Bom, então...é...não vou reler o texto com vocês. Vocês já leram o texto durante a prova. Vou só levantar as ideias principais. Seria importante que a gente mencionasse, nesse resumo, que existe um problema **médico** pra essa, pra essas situações descritas no texto, e que esse...esse problema médico, ele...é...ele, ele pode ser diagnosticado como um transtorno de déficit de atenção de hiperatividade, TDAH, e atinge uma em cada vinte crianças (*lendo*). Essa informação é muito importante, muito relevante pra construção do resumo. Hum...os sintomas são: picos de desatenção, impulsividade, inquietação, dificuldade de aprendizado (*lendo*). Hum...trinta mil artigos científicos publicados ao longo dos últimos quarenta anos **falam** desses sintomas (*lendo*). É...a novidade em relação a essa...essa questão...é que a doença é tão colada à infância e adolescência, pode surgir também na idade adulta. Então todas essas informações, elas precisaram ser colocadas no resumo, porque elas são informações...são as informações mais relevantes do texto.

04:04 "Segundo o conselho...(corrigindo-se) consenso científico em vigor, o TDAH é uma afecção do desenvolvimento cerebral originada na infância e, na maior parte dos casos, plenamente superada com a maturidade" (*lendo*). Mas, de acordo com essa revista, aqui...é...Jama Psychiatry (*falando pausadamente*), é isso? É...que, né...essa é um...um dos periódicos mais prestigiados do mundo...não sei se a gente precisaria escrever isso. Mas, né, falar que, segundo essa publicação aqui, essa doença, ela também aparece **em adultos**. Que esse Guilherme Polanczyk (*falando pausadamente*)...blábláblá, não sei falar esse nome. É, que é professor de psiquiatria da infância da Universidade de São Paulo. Ele...é...é o autor de um desses estudos, e ele disse que a prevalência de TDAH na fase adulta é de 1,5%, mas com as novas conclusões, ela pode chegar até 12% (*lendo*).

04:54 Então...(dirigindo-se a alguém) pode tirar, por favor, o texto daí, Henriques. Então com isso a gente vê, gente, que...o TDAH, ele não é...ele, né, comumente foi associado a uma doença de criança, mas que ele passou a aparecer também em indivíduos em idade adulta. Ele se manteve em indivíduos de idade adulta, e que essa é uma grande novidade. Essas informações

que a gente levantou até agora são as informações **mais** relevantes desse texto. Você **não** precisaria, e **não** poderia copiar trechos do texto. Mas você precisaria, **necessariamente**, levantar essas informações que a gente colocou aqui...é...dessa leitura superficial do texto aqui, agora. Tá bom? Que, né, eu não fiz uma leitura, eu só fiz um levantamento das informações principais. Por isso que eu chamei essa leitura de "superficial".

(Pausa)

05:40 Vamo vê, então...(dirigindo-se a alguém) cê pode voltar, por favor, o enunciado? Agora a gente vai ver o que que precisaria ter sido **feito** em relação a esse texto. É...**não** poderia ser uma dissertação argumentativa, **não** poderia ser uma carta, **não** poderia ser uma receita de bolo. Precisaria, necessariamente, ser um **resumo**. Então você precisava escrever um **resumo**. Esse resumo precisava, **necessariamente**, ter de oito a dez linhas. Ser escrito em um **único** parágrafo. Então, não era pra escrever dois parágrafos. Era pra fazer **um** parágrafo só. Apresentar as ideias e os fatos **essenciais** da matéria. Então, essas ideias e fatos essenciais que a gente levantou aqui, nessa leitura do texto. Manter a **estrutura** do texto, né? A estrutura do resumo. E a estrutura desse texto aqui que a gente viu. E também manter os **pontos principais**. Quais que são os elementos **principais** desse texto? A gente precisaria manter esses elementos principais...é...no resumo também.

06:41 É...orientações importantes: **não** podia copiar enunciado do texto, **não** podia copiar trechos do texto, em hipótese alguma, e também não poderia **emitir** juízos de valor, ou **comentários**. Isso já tava no próprio enunciado, gente. Então não é um texto **opinativo**. Não é pra você se colocar no texto, pra você dizer sua **opinião** sobre essa questão. Você **só** precisaria ter anali...(corrigindo-se) ter, ter...ter mencionado quais são as ideias levantadas nesse texto. Você precisaria ter **resumido** esse texto, levantando as ideias principais, sem fazer uma reflexão sobre elas. Tá bom? **Nesse** texto, não era pra analisar, não era pra se posicionar, não era pra argumentar. Era só pra resumir. Pegar o que tava lá, trazer prum texto menor, dentro desses direcionamentos aqui. Tudo bem?

07:29 Vamo pra... segunda redação que foi solicitada a vocês. Nessa segunda redação...(dirigindo-se a alguém) Henrique, por favor. É...a gente tem uma **tirinha** da Mafalda, que vocês já devem conhecer aí...(Pausa) é...enfim...da vida de vocês. E aí, nessa tirinha, a gente tem três momentos, né, três imagens, é...e ela dizendo prum ursinho de pelúcia: "Olha, este é o mundo, está vendo? Sabe por que esse mundo é bonito? Porque é um modelo reduzido. O original é um desastre" (*lendo*). Tira o treco, por favor (*dirigindo-se a alguém*). Xau...(Pausa)...fim.

08:07 Gente, que que era pra fazer **nesse** texto? Que que a gente tinha que fazer aqui? É...a gente tem uma charge, então a gente precisaria trabalhar **com** a charge e com a ideia expressa pela charge. Que que a gente tem que fazer com essa ideia? Esse texto, que vai ser produzido nessa segunda redação, não é...é...um resumo...não é uma, um, uma carta argumentativa. Não é nada disso. É uma **explicação**. É um texto **explicativo**. Tá? A única coisa que vocês precisavam fazer era **explicar** a mensagem expressa na tirinha. Então vocês iam precisar explicar o que que aconteceu aqui nessa situação, e vocês precisariam fazer essa explicação entre quatro a seis linhas. Então vocês não poderiam escrever mais do que isso, nem menos do que isso. Escrever de quatro a seis linhas, pra **explicar** essa situação. Tá bom? É um texto explicativo, é um texto que, que, que...torna inteligível, torna...é...claro o que tava sendo dito nessa tirinha. Tá bom?

(Pausa)

09:12 Esse texto, ele não pressupõe posicionamento. Não é um texto que pede pra você emitir um juízo, emitir uma opinião, emitir uma posição. Certo? É só um texto que diz pra você, é...**explicar**. Você só precisa dizer o que tá escrito ali, explicar o que tá escrito ali, tornar inteligível, tornar claro, o que aconteceu nessa situação descrita aqui pela tirinha. Você não precisava se posicionar em relação a isso. É...é só isso. Só explicar. Tá bom? (*Pausa*)

09:44 É...e na redação três...(dirigindo-se a alguém) Henrique, por favor. (*Pausa*) Podemos? Na redação três, tinha ali uma notícia, é...cujo título era "Pokémon Go vira febre global e faz disparar valor da Nintendo" (*lendo*). E aí a gente tinha uma notícia que falava sobre esse acontecimento aí, sobre esse fato. E a gente tinha do lado uma imagem, né? "Delirium Tremens Tecnológico" (*lendo*). E aí...é...seria muito importante que a gente interpretasse as informações trazidas por esse texto e **também** por essa imagem. Pra gente fazer uma interpretação de imagem a gente precisa levantar **todos** os elementos que têm na imagem. E interpretar esses elementos, fazer **relações** com esses elementos, né, entre esses elementos, e também com...com o que a gente sabe sobre esses elementos. E depois...é...a gente pensaria na relação entre essas duas coisas.

10:39 Mas que que a gente tinha que fazer com isso? Aqui, **sim**, gente...é...(dirigindo-se a alguém) Pode tirar o treco, por favor? É...aqui sim a gente precisaria, com base na notícia e na charge...então a gente precisaria, **necessariamente**, usar esses dois elementos discursivos, tanto o...o...o texto, quanto a imagem, e redigir um texto dissertativo-argumentativo. Certo? Aqui sim. Aqui a gente pressupõe uma dissertação **argumentativa**. Aqui a gente pressupõe **argumentação**. A gente pressupõe **tese**, pressupõe...**posicionamento**, pressupõe **posição**. Aqui vocês precisariam se **posicionar** em relação a essa questão. Tá? É o **único** texto dessa prova, desses, né, dessas três redações, em que vocês precisariam **emitir** uma hipótese...emitir uma opinião, emitir uma posição, uma tese.

11:35 Tudo bem? Então, vocês precisariam, é...usar esses dois elementos, a notícia e a charge, pra construir um texto dissertativo-argumentativo, e esse texto precisaria necessariamente ser de dez a doze linhas. Tudo bem? É um texto curto, mas é um texto dissertativo-argumentativo. E o tema que vocês precisariam discutir era "avanços científicos e tecnológicos e seus...é...impactos na vida e no cotidiano da população" (*lendo*). Esse é o **tema** da dissertação. É o **tema** da redação. E aí o que que vocês precisariam fazer? Cês precisariam se posicionar em relação a isso. Que que vocês pensam sobre os avanços científicos e tecnológicos e seus impactos na vida e no cotidiano da população? Qual...qual que é a **posição** de vocês sobre isso? Seria importante que vocês...é...mencionassem essa posição, e defendessem essa posição. Tudo bem?

12:25 Apresenta a tese, apresenta elementos, é...pra **argumentar** a favor desse ponto de vista, é...pra configurar um texto dissertativo-argumentativo. Tá bom? Dissertação argumentativa pressupõe posicionamento, pressupõe defesa desse posicionamento. Tudo bem? Gente, essa aqui foi a, a prova...da UEL, que aconteceu nesse final de semana. É...a gente ainda vai ter **mais** algumas monitorias sobre outros vestibulares. Lembrando que a gente sempre tem uma monitoria sobre a **estrutura** dessa prova, sobre o que é favorável nesse vestibular. E depois a gente tem **análise** dos temas que apareceram nesse vestibular. Então ficam com a gente aí, até o final dos vestibulares, e (*mandando beijo*) um beijo, boa sorte aí pra vocês. E a gente se vê na próxima monitoria.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]

CANAL “STOODI” – MONITORIA DE REDAÇÃO

"UEL - Estrutura" <https://www.youtube.com/watch?v=7ODT8LoKcqM>

[INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO]

00:20 Oi, gente, eu sou a Marina Sestito, coordenadora de redação do Stoodi. Agora a gente vai falar um pouquinho sobre a prova da UEL. É...no dia 4 de dezembro, então, muito em breve...é...vocês vão fazer a prova de redação, né, vocês que vão prestar UEL, vão fazer a prova de redação que vai acontecer das duas da tarde às dezoito horas. Né, das, das quatorze às dezoito. Então das duas às seis da tarde. É...tendo em vista isso, vamos preparar pra essa prova, né, tentar não comer muito na hora do almoço. E também tentar levar alguma coisinha pra comer durante a tarde, pra não morrer durante a prova. Então é uma prova que vai acontecer...é...nesse período de quatro horas. E nessas quatro horas, a gente vai ter **algumas** coisinhas pra fazer.

01:05 Em quatro horas vocês têm: vinte questões objetivas de língua portuguesa e literatura, é, em língua portuguesa. É...dez questões objetivas em língua estrangeira, né? Então...são **vinte** questões de português e literatura, dez questões de língua estrangeira e duas a quatro redações. Como assim? São **duas a quatro produções textuais**. Isso quer dizer que a gente vai, necessariamente, precisar fazer textos dissertativo-argumentativos, como os que a gente vê no ENEM, por exemplo? Não. Quer dizer que vocês vão precisar construir textos, né, de dois a quatro textos, que tenham algum gênero aí que vai ser apresentado pra vocês no Edital e também...é...na proposta de redação. Tá bom?

01:54 A gente separou aqui...o Henriques vai pôr aí na tela, fazendo o favor, Henriques...muito obrigada. O, a divisão das pro...(corrigindo-se) da...do que...de como que é calculada a nota das provas. É isso? (*Pausa*) Então a gente tem aí...é...a língua...as provas de, de língua portuguesa, de literatura, é...de língua estrangeira, de redação...é...esses, essas provas vão acontecer às quatorze horas. E tem vinte questões de língua portuguesa, dez questões de língua estrangeira, de dois a quatro produções de texto. Cada um valendo **doze** pontos. Isso é muito importante, porque aí a gente tem...é...uma nota que vai ser somada por algum **peso**. Então vocês têm aí esses exercícios que vão valer de zero a doze pontos, e vai ter aí o **fator multiplicador**, que vocês devem tá vendo na tela aí. Então as questões de português e literatura...é...são multiplicadas por 2,2. As questões de língua estrangeira são multiplicadas por 0,8. E a nota das redações, das produções de texto, são multiplicadas por 4. O que mostra que a prova de redação, a prova de **produção textual**, ela tem um peso relativamente grande aí. Né? O, o peso dela parece ser...é...**maior** do que, do que das outras...das outras provas. Então a gente precisa dar uma atenção maior pra produção desses textos.

03:21 E aí a gente tem na, no total dessa prova, a possibilidade de chegar até 100 pontos. Tá bom? (*Dirigindo-se a alguém*) Muito obrigada, Henriques, pode tirar da tela. Sim? (*Pausa*) Certo. Agora que a gente viu que a prova de redação da UEL, esses, essas produções textua...é...(corrigindo-se) textuais, né, essas produções de texto, elas têm um, um, um peso muito grande na nota dessa, dessa avaliação. A gente vai tentar entender, então, como ter uma boa nota na, nas provas de redação da UEL. É...antes da gente passar pra como é que essa prova

funciona, vamos tentar entender como é que funciona a correção. As redações, elas **também** são corrigidas por dois corretores independentes, assim como acontece no ENEM, assim como acontece em outros vestibulares que acontecem no Brasil. É...se tiver discrepância entre as notas desses dois corretores...lembrando que eles não se conhecem, eles não sabem qual foi a, a nota que o outro corretor deu, eles só recebem o texto, e avaliam esse texto **sem** saber qual foi a nota recebida, sem saber quem que é a pessoa que escreveu o texto.

04:23 Então, se tiver **discrepância** entre a nota desses dois corretores, essa redação passa por um terceiro corretor. E, se precisar, por outros, por outra banca se...essa discrepância ainda se mantiver. Tá bom? É...então, podem ficar tranquilos que a correção das redações é feita de maneira **bastante** séria, bastante confiável. É...os rascunhos **não** são considerados na correção. Então por mais que você tenha feito excelentes textos no rascunho, se você não passar a limpo pra folha de redação, eles não vão ser corrigidos, não vão ser considerados na nota. Tá bom? Agora que a gente já entendeu como é que funciona a correção, vamos tentar entender o que que vai ser **avaliado** de vocês na **produção** desses dois a quatro textos. Que que...que que vocês precisam fazer?

05:10 Essas informações que o Henrique também vai colocar aí agora na tela, muito favor, muito obrigada...(Pausa)...(Limpendo a garganta) Essas informações que a gente vai fornecer agora, elas, é...foram retiradas do **Edital** da UEL. Que é um material que é disponibilizado pra vocês com **informações** sobre a prova. Que é um material que, que diz pra vocês qual que é o **programa** de disciplinas que vai ser apresentado na...pra, pra vocês. Que vai ser cobrado de vocês na prova. Então a gente tem aí...é...na parte do Edital que trata de Redação, a gente tem o direcio...os direcionamentos de que a parte de Redação consistirá de dois, três ou quatro textos a serem produzidos conforme as instruções dadas (*lendo*). Então, a gente vai ter **instruções** sobre o que fazer nessa prova. A gente **não** vai ter que adivinhar, a gente não vai ter que saber **antes**. A gente vai, vai receber instruções na prova. E sempre que a gente fala em receber instruções, a gente precisa pensar também que se tem uma instrução, ela precisa ser necessariamente **seguida**. Ela não tá ali só pra, pra dar uma sugestão. Ela tá ali pra realmente **dizer** o que você precisa fazer. Então **obedeçam** as instruções apresentadas pela prova. **Todas** as instruções. **Não** passem por cima das instruções. **Inclusive** quanto à extensão.

06:33 É...essa, esse direcionamento que tá aqui apresentado pra vocês, ele já indica que a prova vai te dizer quantas linhas você vai ter que escrever. A prova, você vai receber, ela vai dizer: "Ah, escreva uma redação de quinze a vinte linhas. Escreva uma carta de doze a quatorze linhas, é...tendo tal e tal tal direcionamento." Você pode desobedecer o **tamanho** que é solicitado pela prova? Não. Em hipótese alguma. Tá bom? É...obedeça o limite, é, de linhas. Obedeçam a extensão, é...que foi instruída pra vocês aí...é...na hora de realizar a prova.

07:10 "O candidato deverá **ler atentamente** o enunciado e os textos que servirão de base para a sua resposta" (*lendo*). Então, faz **parte** também da **tarefa** de produção de texto a **compreensão** das instruções. Você não pode, por exemplo, chamar o, o, o rapaz lá...a moça que tiver...como que chama a pessoa que aplica a prova? (*Pausa*) O fiscal (*voz externa*). O fiscal! Você não pode chamar lá o fiscal de prova, falar assim "Moço, vem aqui, faz favor, me ajuda aqui num negócio. Não entendi o que que é pra fazer na redação. Cê lê pra mim, e me explica?" Cê não pode fazer isso. Faz **parte** da tarefa, faz **parte** da sua nota, você ler e **compreender** o que é pra fazer. Tá? Cê não pode falar assim "Ah, não entendi que era pra fazer isso aqui, não. Não fiz porque não sabia que era pra fazer, não. Eu li isso aqui, mas nem dei

bola, não prestei atenção. Não li tudo". Cê **não pode** fazer isso. Faz parte da sua tarefa **ler** atentamente o enunciado, **entender** o que é pra fazer, e **realizar** aquilo que foi solicitado que você fizesse. Tá bom?

08:08 É...os textos nessas respostas, elas deverão ser escritas em **prosa**. Então você não pode escrever um poema...é...com a sua redação, ou com a sua resposta. É...e "de acordo com a norma padrão do português **brasileiro**" (*lendo*). Qual que é a "norma padrão do português brasileiro"? É aquilo que você estudou na escola, durante todos os anos em que você esteve...é...no ensino formal. Você pode usar **gíria** na sua redação? Não pode. Você pode usar o português, sei lá, o português de Portugal? Não pode. Porque aqui é o português **brasileiro**. Tá? A gente tem algumas diferenças aí, de, de vocabulário de português...é...de Portugal, de alguns países africanos...é...e a gente precisa usar o português brasileiro. Tá bom? **Salvo** se o enunciado da questão propuser algo específico. Então aqui a gente tem essa ressalva. Você vai fazer isso **a não ser** que te seja...que te seja solicitado fazer algo diferente. Se você, é...se a proposta pedir pra você escrever com português de Moçambique, você vai, é...usar o português de onde te pedirem. Se te pedir pra usar uma gíria específica de uma região, você vai usar a gíria específica daquela região. Vai usar um, sei lá...uma variação linguística de, de, específica que a prova solicitar pra você. Tá?

09:30 "O candidato poderá ser avaliado quanto às atividades de analisar, resumir, comentar, comparar, criticar, completar etc." (*lendo*). Isso aqui são os **gêneros** que podem ser cobrados de vocês, gente. Então aqui a gente já tá **dizendo** que **não vai** ser necessariamente um texto dissertativo-argumentativo. Pode ser um texto que analise alguma coisa. Pode ser um resumo, pode ser um comentário, pode ser uma comparação, pode ser uma crítica, pode ser uma complementação - você continuar um texto, por exemplo. Pode ser isso que a prova peça pra você. Tá bom? E aí você precisa, é...se atentar ao, ao que a prova tá pedindo. Você precisa **ler** o enunciado, **entender** o que precisa fazer. Sugiro que vocês façam uma listinha do lado, de tudo o que vocês precisam fazer nessa prova, e depois vocês vão executando essas tarefas...é...conforme vocês forem redigindo o texto de vocês, **dentro** do limite estabelecido também. Porque a extensão, cês viram que também faz parte do...das tarefas. Você seguiu a extensão especificada pela prova.

10:41 Hum...completar etc...e aí a gente tem **mais uma ressalva**. Mais um ponto importante. Vocês podem fazer tudo isso, vocês podem, é, analisar, comentar, comparar **não só** um texto **verbal**...**não só** um texto escritinho aqui, como tá, tá aparecendo...o...coiso...aqui. Não só um texto escritinho assim (*mostrando folha do Edital*). Mas pode ser também uma **imagem**. Pode ser também um texto **não-verbal**. Certo? Pode ser uma charge, pode ser uma, uma figura. Pode ser um...não sei...um...é...uma imagem, uma charge, ou, é...um texto escrito como os que vocês tão, tão vendo aí. (*Pausa*)

11:29 É...que que vai ser analisado, é...como **critério** pra, pra atribuir uma nota pro texto de vocês? Não ser analisados os aspectos **discursivos**. Então, se você **realmente** construiu esse discurso de **acordo** com o que ele, é, precisaria ser construído. Se você usou as palavras adequadas àquele contexto. Se você, é, é...usou um registro de, de linguagem, né, linguagem formal, no caso, pra construir aquele texto. É...os aspectos também **textuais**. Se você teve, é, é...(Pausa)...uma **adequação** ao gênero solicitado, se você, é, organizou bem o, o seu texto. Também vão ser avaliados aspectos **estruturais**. Se o seu texto, ele tem começo, meio e fim. Se as partes do texto, elas se relacionam, elas têm implicação **lógica** uma com a outra. E também

normativos. Que que é "normativo"? Os aspectos normativos são aqueles aspectos, é, se você seguiu a norma padrão da língua. Se você acertou na ortografia das palavras, se você, é...acentuou adequadamente, se você usou a **crase** direitinho, se você teve uma **concordância** adequada...se você, realmente, usou os aspectos da língua de maneira adequada. Certo? Isso tudo vai ser levado em conta pra atribuir nota aos textos de vocês. Tá bom?

12:56 É...essas foram as informações que a gente teria, é...(dirigindo-se a alguém) já saiu o negócio? Já? Bom. Então essas foram as informações que a gente teria pra passar pra vocês sobre a prova da **UEL**, que vai acontecer no dia 4. Então nesse próximo final de semana. É...eu espero que vocês façam **excelentes** provas, que vocês façam **lindas** redações. Vão ser, né, de dois a quatro textos. E aí, depois que essa prova passar, a gente conversa sobre os temas que apareceram. Tá bom? Boa prova pra vocês, e a gente se vê.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]

CANAL "STOODI" - AO VIVO (YOUTUBE)

"UFPR - Compreensão e Produção de Textos"
https://www.youtube.com/watch?v=VgWqu_xweXo

[INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO]

00:40 ...mesmo? Sim? Oi, gente, eu sou a Marina Cistito, sou a coordenadora de redação do **Stoodi**. Hoje a gente vai fazer uma monitoria um **pouquinho** diferente. Hoje a gente vai trabalhar com o formato da **UFPR**. É...vocês enviaram algumas dúvidas pra gente, é...algumas...as monitorias...é...de, de outros formatos de vestibular tão já na grade aqui...na...no...na grade das monitorias. A gente vai ter mais alguns formatos de...de...outros vestibulares sendo analisados aqui pelo Stoodi. É...acho que a gente tá tendo uma...transmissão simultânea no YouTube também. Sim? **Sim**? Então...não sei se você está vendo aqui pelo site do Stoodi, ou pelo YouTube. É...mas, enfim...

01:22 Hoje a gente vai falar sobre a **UFPR**. (*Pausa*) É...é muito importante que vocês enviem dúvidas pra gente com **antecedência**, né...só pode enviar dúvida pra gente, se eu não me engano, quem é assinante do Stoodi. **Não** pode enviar dúvida pelo YouTube. Mas...se você tá assistindo pelo YouTube, você pode acompanhar as dúvidas que foram enviadas pelos alunos do Stoodi. Tá bom?

01:43 Vamo começar então. É...o que que eu proponho nessa...nessas monitorias? Que a gente faça um **levantamento** do que que seria esse **formato** de prova, do que que a gente precisaria fazer na redação da UFPR. E esse modelo vai se manter também nas análises dos **outros** formatos de vestibular...e aí depois, no final, a gente responde as dúvidas que vocês me enviaram. Tá? Pode ser? Tudo bem?

02:08 É...bom...então...é...hoje a gente vai tratar...da prova de **compreensão** e produção de textos da UFPR. Como vocês devem ter percebido, a gente não tem a palavra **redação** na prova da UFPR. Porque a gente não tem só aquela redação no, naquele formato padrão que a gente tem em alguns vestibulares. A UFPR, assim como a...a...Unicamp, também...é...trabalha com...e né, e outros vestibulares também, que a gente vai ver aqui nessas monitorias...trabalham com esse **formato** de...**gêneros discursivos**. É...são apresentados pros alunos algumas **solicitações** sobre como construir um texto. E aí a gente tem **alguns** textos a serem construídos

de acordo com os direcionamentos fornecidos pela própria prova. A gente tem algumas informações no Edital, a gente vai trabalhar aqui com...com o que foi apresentado pelo Edital da UFPR. Também vai trabalhar com os direcionamentos apresentados pela **própria** prova.

03:06 Sugiro fortemente...essa é uma dica muito importante...que vocês **vejam** as provas dos anos anteriores pra já praticar esses modelos. Não é como no ENEM...não é...não basta fazer uma redação no...do...(corrigindo-se) como a gente fez pro ENEM pra esses outros vestibulares. A gente tem um formato específico, então deem uma olhada nas provas anteriores e agora vamo entender o que que é cobrado nessa prova de **compreensão** e **produção** de texto. Então são vários textinhos, como a gente vai ver. E vocês vão...vão...vão...é...o que vai ser avaliado de vocês é a capacidade de **construir** um texto no formato que é solicitado. Certo? Já vou dizer por que que isso acontece. *(Pausa)*

03:45 Então, só pra a gente entender. A prova de **compreensão** e **produção** de textos da **UFPR** vai acontecer no dia 27 de novembro. É...vai começar às quatorze horas e tem duração de quatro horas e meia. Gente...começa quatro horas...(corrigindo-se) duas horas da tarde, quatorze horas. Então, ó...logo depois do almoço. Cês vão comer muito? Cês vão **encher** a barriga de vocês e chegar lá passando mal, com **sono**? Não vão. Então vai comer **direitinho**, mas também não vai comer pouco pra não passar fome, porque são quatro horas e meia. Quatro horas e meia, você vai comer, sei lá...uma barrinha de cereal, você vai comer um...um...chocolate...vegano de preferência...você **não vai** encher a sua barriga no almoço pra ficar passando mal na prova e **também** não vai...é...ficar sem comer pra ficar morrendo de fome nas **quatro** horas e meia de prova. Tá? Então, primeira coisa: se preparem pra isso. Tudo bem?

04:35 É...essa prova de compreensão e produção de textos, ela é composta por **cinco** questões **discursivas**. Então vocês não vão ter que assinar bolinha, né, no...não vai ser múltipla escolha. Vão ser questões **discursivas**. Vocês vão precisar **escrever** essas questões. E são questões de valor **variado**. Cada questão, ela pode ter um valor diferente. Pode ser que uma questão valha um pouquinho **mais**...e outra questão valha um pouquinho **menos**, dependendo do que a banca avalia como mais importante, mais relevante. Tá bom? É...e essas cinco questões, elas vão totalizar **sessenta** pontos. Então, essa prova de compreensão e produção de textos tem valor total de sessenta pontos, e esses pontos são divididos aqui nas **cinco** questões que são apresentadas pra vocês. Que são essas...esses...esses cinco...(corrigindo-se) essas cinco pequenas redações-zinhas...cada uma num formato...são, são produções de texto. Certo?

05:28 Por que que isso é importante? *(Pausa)* É...*(Pausa)* Porque a UFPR, assim como a Unicamp, assim como outros vestibulares...avaliam a capacidade do candidato de se **adequar** às **diferentes** situações de produção de texto...é...com as quais ele...ele...ele é posto, né...é...é...né...em contato no seu dia-a-dia. Então, em algum momento na sua vida, alguém vai falar assim: "Ô, querido, escreve aí um e-mail reclamando aqui de um negócio que aconteceu". Você teve um problema ali, você vai precisar escrever um e-mail reclamando. Então você precisa **saber** escrever um e-mail de reclamação. Em outros momentos, você vai precisar fazer um, um texto informativo pra, sei lá...você trabalha numa empresa e você precisa **informar** sobre alguma mudança que aconteceu na empresa. Então pra avisar as pessoas que trabalham na empresa com você, você vai precisar escrever um texto informativo sobre essas...as determinações que foram tomadas ali. Certo?

06:25 Então...é...**qualquer** tema, qualquer, qualquer...é...produção de texto que vá ser solicitada

pra vocês nessa prova tem como essa característica: trabalhar com os **formatos** de texto com os quais você provavelmente se depararia na sua vida. Certo? Então...é...entendam essa prova com esse objetivo. Eu preciso ter essa **maleabilidade**. Eu preciso ter essa **flexibilidade**...ter esse **preparo**...pra eu conseguir me adaptar às **diversas** situações **discursivas** que podem ser apresentadas pra mim no meu dia-a-dia. Tá bom? Que **tipo** de texto eu vou precisar produzir na minha vida? Não só uma dissertação...é...argumentativa, como a gente vê em alguns vestibulares. Muitas vezes a gente vai precisar escrever um e-mail, vai precisar escrever um resumo, vai precisar escrever um...um texto informativo, uma carta. Certo? Então a gente precisa saber fazer esses textos nesses formatos, e é isso que essa prova vai avaliar aqui. Se você consegue escrever textos num formato que você precisa, né? No formato que vai ser solicitado pela prova. (*Pausa*)

07:27 É...só um lembretezinho, gente: o portão abre às doze e quarenta e cinco. Fecha às treze e trinta. Fecha uma e meia da tarde. A prova começa às duas, mas o portão fecha uma e meia. Por favor não se atrasem, não comam muito, não morram, sejam felizes e façam excelentes provas. Certo? Vamo entender o que que o Edital pede que o candidato faça na redação.

Edital é aquela **lista** de coisas que...que a gente...vai ter que saber sobre a prova. Quando você faz inscrição no vestibular, você tem ali um **manual**. Um...um...algo que te dê alguns direcionamentos do que fazer. No Edital da UFPR, a gente tem algumas observações sobre essa prova de "redação". De compreensão e produção de textos. Vamo vê aqui o que que diz o Edital.

08:12 É...bom...então essa prova, né...de...de...compreensão e produção de textos tem por objetivo avaliar a capacidade do candidato de produzir textos de diferentes gêneros textuais (*lendo*). Então essa prova vai ver se você consegue se adaptar às **diferentes** situações do seu dia-a-dia, em que você é colocado...é...nessa situação de escrever um texto que...que...não seja esse texto **acadêmico**...esse texto...com carinho de, de redação de vestibular. Sejam textos de **outros** formatos. Atendendo aos seguintes aspectos (*lendo*)...então...aqui a gente vai ver o que que vai ser avaliado no texto de vocês. O que que vai ser avaliado? A fidelidade ao que propõe a questão (*lendo*). Então se você leu a questão, e falou "ah, isso aqui é muito chato, não vou fazer isso aqui não, vou fazer outra coisa". Não pode. Você precisa fazer exatamente aquilo que a questão te pediu. Se ela te pediu pra fazer uma carta, você não pode falar assim: "não, carta é muito fácil, vou fazer um negócio **mais difícil** pro corretor ficar **surpreso**, achar **maravilhoso** meu texto e me dar uma nota alta". Não pode. Precisa ser **fiel** àquilo que a questão pediu. Então um dos critérios é **fidelidade** ao que propõe a questão, o que requer também o domínio de leitura de textos que servem de base (*lendo*). Isso quer dizer o quê? Que a gente vai avaliar se você consegue construir um texto no formato que foi pedido e se você conseguiu entender o que que era pra fazer. Se você conseguiu **entender** o que que tava sendo pedido naquela questão. Certo? Faz parte da tarefa você conseguir entender isso. Às vezes você pode falar: "não, minha carta tá ótima, só não entendi muito bem o que que era pra fazer". Então...mas fazia **parte** da tarefa de, de...dessa questão...você entender o que que era pra fazer. Tá bom?

09:39 Isso também é avaliado: se você conseguiu seguir o que foi pedido, se você conseguiu **entender** o que foi pedido. (*Pausa*) Se você conseguiu...é...organização global e coerência do texto, se você conseguiu organizar **bem** o seu texto, se ele, se ele...é...tá todo conectado. Se você fez o uso adequado dos recursos coesivos...se você não usou errado a palavra "mas"...se você realmente **retomou** uma ideia que você tinha apresentado anteriormente, ou se você **abandonou** aquela ideia no início do texto e não...não...não trouxe essa palavra de novo, essa

ideia de novo. Se você teve o **domínio** da língua culta **contemporânea**. (*Pausa*) Que que é essa língua culta contemporânea? É...é...esse novo acordo ortográfico. (*Pausa*) É...a gente já teve, né, essa, essa mudança no acordo ortográfico...a...a...a...a versão anterior já parou de valer. Já tá valendo a...o...o acordo novo. Então você precisa **seguir** esse acordo novo. Você precisa...é...dominar a língua culta **contemporânea**. Você não pode escrever...é...como se escrevia em 1500, por exemplo. Tá bom?

10:43 É...você precisa dominar esse...é...essa língua culta nos dias de hoje. Tá? E como ela é...é...é convencionalizada hoje. Que que...que que é o acordo ortográfico de hoje. (*Pausa*) Normas de concordância, regência, colocação, é...colocação verbal, nominal...além de uso de vocabulário adequado. Certo? Que que seria um vocabulário adequado? É se você usou as palavras **mais** pertinentes pra aquele contexto. Se você não usou uma palavra que tinha um sentido diferente do que você pretendia. Tá bom? É...também vai ser avaliado o domínio de estruturas sintáticas pra, pra (*incompreensível*) escrita...bem como os sinais de pontuação, tendo em vista imagens de clareza e **precisão**. Então o texto precisa ser **claro**. E o texto precisa ser **preciso**. A gente não pode ficar enchendo linguiça, não pode ficar enrolando, não pode ficar aquele texto obscuro, confuso, que não dá pra entender pra onde você tá indo. (*Pausa*)

11:33 E também vai ser avaliado no seu texto a **legibilidade** do texto (*lendo*). Que que é isso, gente? Um texto **legível**? "Em respeito às normas ortográficas em vigor" (*lendo*). Se o corretor não entendeu o seu...o que você escreveu...ele não vai corrigir. Tá bom? É..."ai, precisa ter letra bonita?", "ah, precisa ter...é...letra cursiva? Ou letra de forma?" Você pode escrever com a letra que você preferir. **Desde** que a gente consiga **entender** o que você escreveu, desde que agente consiga diferenciar maiúsculas e minúsculas, consiga entender todas as letras que você, é...**pretendeu** escrever ali. Se...se...se...se alguma, algum desenhinho ali, algum registro ficar confuso, é...e o corretor não conseguir descobrir se é um "e", ou um "i", ou um "l"...ele não vai corrigir. Tá? Ele vai corrigir aquilo que ele **entender**. Então...escrevam com muito amor, e carinho, e capricho, e, né...e...né...paciência. (*Pausa*) Pra dar pra entender tudo que vocês quiseram dizer.

12:30 Tá? Isso é o que tá no Edital. **Isso** é o que é apresentado pra vocês num momento **anterior** à prova. Certo? Então quando você fez inscrição ali, tinha lá uma...um...um **manual** do que fazer na prova, e você pôde ler esse manual, e você descobriu essas coisas que a gente leu agora. Na **hora da prova**, vai ser apresentado pra vocês uma folhinha com **outros** direcionamentos. Que a gente vai ler agora. Certo? (*Pausa*) É...bom, então nas instruções a gente tem aqui: confira o número de inscrição, parará-parará. É...são cinco questões discursivas...as questões, elas precisam ser resolvidas **no caderno** de prova. Certo? Então, gente, **não adianta** escrever no rascunho e entregar o rascunho, porque o corretor não vai corrigir. Tá bom? Só vai corrigir o que tiver no caderno da folha **definitiva**. (*Pausa*) Hum...a interpretação, como eu disse, a interpretação das questões faz **parte** dessa tarefa. Então é muito importante que a gente aprenda também a **ler** os direcionamentos. A gente vai fazer algo mais ou menos parecido com isso aqui. Eu sugiro que a gente dê uma olhadinha numa prova anterior...da...da UFPR. Até pra vocês entenderem para o que que vocês vão olhar na prova. Tá? (*Pausa*)

13:43 É...mas é muito importante que a gente interprete bem aquilo que é solicitado pra gente conseguir realizar aquilo que é solicitado. (*Pausa*) Hum...tãrãrã-tãrãrã...(*Pausa*)...não pode usar relógio, não pode usar livro, não pode essas coisas todas. Certo? (*Pausa*) E o tempo é de quatro horas e meia. Quatro horas e meia. Pra fazer **cinco** textos. (*Pausa*) Dá pra fazer? Dá pra fazer.

Mas...é, é importante que vocês façam com carinho, com capricho, com cuidado, e com **muita** atenção, principalmente. *(Pausa)* É...a gente fez um levantamento de quais que foram os tipos de textos solicitados nos últimos quatro anos das provas da UFPR. A gente levantou 2013, 2014, 2015 e 2016. Em cada um desses anos a gente teve...**cinco** tipos de textos. Cinco...cinco textinhos pra vocês escreverem. O que que a gente conseguiu entender com isso? Não sei se a gente pode pôr...pode pôr...na, na tela? *(Dirigindo-se a alguém)* Não? Precisa não? O que cê acha? Não? Não. OK. Não precisamos disso, OK. É...bom...eu posso falar aqui também.

14:51 É...então, [em] 2013 a gente teve resumo, texto que aponte melhores medidas, texto opinativo-argumentativo, continuidade de texto, texto explicitando opinião do...a opinião do autor de charge. Então, assim...são, são...gêneros **variados**. São **vários** tipos de texto. E a gente pode ver, se vocês derem uma olhada nessa...nessa...nessas provas...a gente tem um texto com, no máximo, dez linhas, outro com oito a dez, outro com dez a doze. Então, os textos, eles variam **mais ou menos** nesse modelo. A gente tem, na prova de 2015, um dos textos que vai de cinco a sete linhas. *(Pausa)* Gente...se o texto pede pra você escrever de cinco a sete linhas, você pode escrever dez? **Não pode**. Se o texto pede pra você escrever de dez a doze, você pode escrever oito? **Não pode**. Tá? Isso já tá **claro** na solicitação do...do...do formatozinho lá que você tem que escrever. *(Pausa)* Se o...a prova tá te pedindo um texto **informativo-opinativo**, ou tá pedindo um resumo, você vai fazer uma dissertação? *(Pausa)* Vai fazer um poema? *(Pausa)* **Não vai**. Tá? É **muito** importante a gente se ater: ao gênero, ao tamanho do texto e ao **propósito** dele. Certo?

16:08 A gente vai conversar um **pouquinho** mais sobre isso quando a gente for falar de Unicamp. [Por] que a Unicamp, ela tem uma grade, é...**bem** organizadinha...com o...com os critérios. Aqui na UFPR a gente pode trabalhar também com critérios **semelhantes** aos da Unicamp, que são: gênero, propósito e interlocução. Que que seria isso? O gênero é se você escreveu uma, uma...sei lá...uma, um resumo ou se você escreveu uma notícia de jornal...ou se você escreveu um texto argumentativo...ou se você escreveu uma receita de bolo...ou...né...alguma coisa assim. *(Pausa)* Isso é o gênero. Outra coisa que faz parte do gênero também: **a interlocução**. Quem você é na hora que você escreve, e pra quem você escreve. Quem que é o **receptor** do seu discurso? Quem que é o **destinatário** desse texto? Vamo pensar nisso. Se você é um...*(Pausa)*...um líder sindical...você vai escrever da mesma forma como escreveria um aluno do Ensino Médio? *(Pausa)* **Não**. Se você tá escrevendo um texto que vai ser publicado no Facebook, que é uma carta aberta que vai ser publicada nas redes sociais, ao prefeito...então você vai escrever **pro prefeito**, mas esse texto vai ser lido **por pessoas** que...que, né...que, que...que tão vendo esse texto nas redes sociais. Então esse texto vai ter uma cara diferente de se você, por exemplo, escrevesse...um...um...e-mail pro...*(Pausa)* pro...sei lá...pro...pro Fale Conosco de uma empresa. Certo? Então se você teve um problema com um produto que você comprou, você precisa escrever uma reclamação pra uma empresa, você vai escrever diferente do que você escreveria para o prefeito, caso você fosse...fosse escrever uma **carta aberta** ao prefeito, e essa carta fosse veiculada nas redes sociais.

17:57 Tudo bem? Cês entendem o que que é isso? O que que é interlocução? É **quem é você**, nesse discurso. [É] **como**, então, você deve se portar na hora de escrever. E **pra quem** você escreve. **Quem que é o destinatário** desse texto? Quem que vai receber esse...pra quem que é direcionado esse texto? Isso é muito importante que a gente deixe claro na hora de construir a nossa redação. Tá bom? Isso faz parte da **interlocução**. Certo? Das três coisinhas que a gente

tem como critério pra avaliar esses outros gêneros. A gente tem a interlocução, que é quem escreve, pra quem escreve. A gente tem o gênero: se eu vou escrever um resumo, se eu vou escrever uma carta, se eu vou escrever um texto argumentativo, se eu vou escrever um poema, uma receita de bolo, uma carta de amor. Certo? Essas coisas, é...a gente avalia em gênero.

18:44 E tem **mais** um negócio aqui no meio. *(Pausa)* Que é o **propósito**. Que que é propósito, gente? É pra que que serve aquele texto. Quais são as **tarefas** que eu preciso realizar nesse texto. *(Pausa)* Quais são...é...o...o...*(Pausa)* qual que é o meu objetivo ao escrever esse texto? Se eu vou fazer um resumo, que que precisa ter no resumo? Precisa ter o ponto de vista do autor? Precisa ter...sei lá...o, o **meu** ponto de vista sobre aquele tema? O que que é pra fazer num resumo? Isso a gente vai avaliar no critério de propósito. Tá? Que aparece, geralmente, na...nos critérios de correção desses vestibulares...que trabalham com outros gêneros que não sejam o dissertativo-argumentativo. *(Pausa)*

19:26 OK. *(Pausa)* Vamo vê então...ó...eu tenho uma sugestão aqui pra vocês. Não sei...se vocês não gostarem, cês me avisam. Não sei como. Sinal de fumaça. *(Pausa)* É...mas então, sugiro que a gente dê uma olhadinha **na prova** da UFPR, de 2016, e tente entender quais que foram os gêneros solicitados por essa prova. *(Pausa)* Certo? *(Pausa)* Bom. *(Pausa)* Hum...*(Pausa)* Eu não sei se vocês têm essa...isso não tá, né, no...na caixinha de ninguém, né? *(Dirigindo-se a alguém)*

20:12 *(Pausa)* Bom...se vocês acessarem aí nas provas anteriores no site da UFPR, vocês vão ter aí...posso passar o link, será? *(Dirigindo-se a alguém)* Ou não? Fica ruim? *(Pausa)* Não, fica ruim, né? Bom, gente, só digita aí no Google: UFPR. Pega o vestibular de 2016...é, né...pra, pra entrar na faculdade em 2016, e aí foi a última prova que foi disponibilizada pra vocês aí. *(Pausa)* E aí a gente tem cinco questões discursivas, que são os cinco textinhos sobre os quais a gente vai ter que escrever. No **primeiro** deles, a gente tem uma solicitação, é...a gente tem uma **charge** que tem uma pessoa olhando pro celular...com...né...cês sabem, cês conhecem o, a história do Narciso? O mito de Narciso? *(Pausa)* É...que, que...ficou olhando, se apaixonou pela própria imagem...caiu no rio...essa história toda? Tem alguns direcionamentos aqui. Então a gente tem...vou virar o computador, fica ruim, né? *(Dirigindo-se a alguém)* Fica bem ruim...Vinícius vai me jogar uma bomba na minha cabeça. *(Pausa)* Provavelmente, gente. Vinícius, aqui do estúdio, vai jogar uma bomba na minha cabeça, por isso não vou virar o computador. Mas...é...a gente tem uma imagem de um celular, e um mocinho assim, virado em cima do celular, nessa mesma postura de Narciso. Aí a gente tem aqui: "Segundo a mitologia grega, Narciso era um belo rapaz, filho do deus-rio Césifo, e da ninfa Liríope. Quando nasceu, o adivinho Tirésias profetizou que ele teria uma vida longa, se não visse a própria...a própria face. Depois de adulto...após uma caçada...ele se debruçou numa fonte pra beber água" *(Lendo)*. Todo mundo já deve ter visto essa imagem aí, o, o...do Narciso...do narcisismo...vocês já devem ter ouvido falar disso na vida de vocês. "Nessa posição, viu o seu rosto refletido na água, e se apaixonou pela própria imagem. Ali ficou imóvel, na contemplação de seu rosto refletido, e assim morreu" *(Lendo)*.

21:59 Então, a gente tem o mito de Narciso, que foi, né...essa...essa pessoa aí...que se debruçou sobre a água, viu o seu reflexo, e se apaixonou pelo seu reflexo, e ficou ali...*(Pausa)* pra sempre...*(Pausa)* E aí a gente tem o Narciso **contemporâneo**. A gente tem a pessoa que olha pro celular e fica, né, se vendo nas redes sociais, e vendo as curtidas que recebe...e vendo o quão **incrível** as pessoas acham que ela é. E aí a pessoa se **enamora**, se

apaixona pela **imagem** de si mesma. E pela **adoração** que as pessoas têm da imagem dela. *(Pausa)* Será que a gente consegue estabelecer uma relação entre o mito do Narciso e o que a gente vive hoje, em relação às, às redes sociais, ao celular...a...a...a esse apaixonar-se pela própria imagem? A gente fica vendo quantas pessoas curtiram as fotos que a gente postou no Facebook? *(Pausa)* Será...que a gente faz isso? *(Pausa)* É...aí essa frase...essa charge, né...que tá apresentada aqui...que tá na prova de 2016, tá, gente? É só vocês entrarem no site da UFPR que vocês conseguem ver isso com muita facilidade.

23:08 É..."A charge de Benê apropria-se do mito de Narciso para questionar um comportamento atual" *(Lendo)*. Então a gente se **apropria**, a gente tá fazendo uma relação...uma...a gente tá fazendo **referência** ao mito de Narciso, que se debruçou sobre o rio pra ver a própria imagem, e a gente colocou aqui um celular, e uma pessoa se **debruçando** sobre o celular, e se apaixonando pela própria imagem. O mito de Narciso pode ser compreendido como...tendo, né...com, com o que acontece nos dias atuais? O mito de Narciso pode ser visto, em alguma medida, no comportamento que a gente adota hoje? Vamo tentar pensar nessa relação. *(Pausa)*

23:45 É...então ela apropria...ela apropria-se, né...de...de...né, a charge do Benê, que é essa charge que a gente tem aqui, ela apropria-se do mito de Narciso pra questionar um compro...*(corrigindo-se)* um comportamento atual. Então isso já tá dado pela proposta. "Em um texto de oito a dez linhas" *(lendo)*, então...de oito a dez linhas, a gente vai precisar fazer o quê? "Explicitar qual é o comportamento criticado na charge" *(lendo)*...então a gente vai precisar dizer...**isso** faz parte de **propósito**, que é aquele criteriozinho que a gente levantou. *(Pausa)* Lembra que a gente tinha gênero, a gente tinha interlocução e a gente tinha propósito? Uma das partes do **propósito** é: explicitar qual é o comportamento criticado na charge, então vocês vão precisar **dizer** qual que é o comportamento. A gente ficar o tempo todo **olhando** para nossa própria imagem, **vendo** se ela tá sendo aprovada, vendo quantos, quantos likes as nossas fotos recebem, e também a relação que o autor estabelece...entre essa...é entre essa tendência atual e o mito grego. Qual que é a relação que o autor **dessa charge** estabeleceu?

24:42 Cês percebem que não é tão simples? Cês percebem que vocês não precisam dizer, necessariamente, o que vocês acham, nesse momento, nesse que foi solicitado, aqui até agora? Até agora a gente só tá pedindo pra você dizer qual que é o comportamento, e dizer qual que é a posição do autor sobre esse comportamento. Certo? Qual que é o **outro** tópico que a gente tem aqui?

25:05 "Posicionar-se em relação à crítica de Benê e justificar o ponto de vista depen. defendido por você" *(Lendo)*. Agora sim. Primeiro você vai dizer qual é o comportamento, dizer o que que o autor da charge *(pausa)*...é...né...como que ele relaciona o mito de Narciso com isso. **depois** você vai dizer o que que você pensa sobre isso e **por que** que você pensa isso que você pensa. Então você vai precisar posicionar-se. Então, dizer o que você pensa e **justificar** o seu ponto de vista. Argumentando a favor do seu ponto de vista. OK? Que que isso quer dizer, gente? Que tem todas essas tarefinhas que vocês vão precisar cumprir no texto. Em oito a dez linhas. Tá? Isso é **muito** importante: a gente entender **exatamente** o que a gente precisa fazer, pra depois poder fazer. É...é difícil fazer isso? Não é difícil fazer isso. O que precisa fazer pra gente conseguir realizar essa prova com tranquilidade?

25:59 Circular as tarefas. Fazer uma listinha de tarefas. O que que eu tenho que fazer nesse texto? Preciso usar de oito a dez linhas, preciso dizer qual que é o, o...né...o. o comportamento que o autor dessa charge tá querendo ilustrar. Preciso dizer...é...qual que é a relação que ele

estabelece com o mito, preciso dizer qual que é a minha posição, e preciso defender a minha posição. Faz quatro topicozinhos, ali...o que que você vai precisar colocar no seu texto, que vai ficar **muito** mais fácil você não se perder. Tá bom? É **assim** que a gente vai realizar a provada UFPR. Eu usei esse exemplo aqui de um dos textos...é...de 2016...a gente tem mais quatro textos, né, na prova desse ano. É...mas...é **exatamente** dessa forma que a gente quer fazer **todas** as outra questões.

26:43 Quando for um resumo, você vai pensar: tá, um resumo, o que que é um resumo? Primeira coisa: o que que é um resumo? Resumo é uma versão **reduzida** de um texto. Que que eu levo pro resumo? Eu levo as ideias principais. (*Pausa*) Essa é a ideia de um resumo. Qualquer gênero que for solicitado pra vocês vai ser um gênero com o qual vocês já tenham tido contato. Todo mundo já fez resumo de Biologia aqui...já fez, né, algumas anotações sobre a matéria de Biologia pra, né...pra ficar uma versão reduzida do, do material. Vocês já fizeram resumo de História, que **eu sei** que vocês já fizeram, tá? Tenho certeza que na escola o professor já falou: "Faz resumo desse texto aqui". E aí vocês pegaram as ideias principais, e colocaram no papel as ideias principais. Aquilo foi um **resumo**. Tá bom? É uma versão **reduzida** do texto que vocês leram. Qualquer gênero que for solicitado pra vocês **vai** ser um gênero que tenha, é...que tenha já aparecido em algum momento da vida de vocês. Tá bom? Vai fazer parte da vida de vocês. (*Pausa*)

27:43 Agora...é...que a gente já entendeu **o que** que é solicitado pela prova, e que a gente já entendeu **como** ler as questões...uma, né...as questões da UFPR, a partir da leitura de uma questão que a gente fez aqui, a gente vai responder as **perguntas** que vocês...Stoodianos lindos do meu coração...mandaram pra gente aqui na monitoria, é...que...né, que...que, que, que...enfim...mandaram pelo site do Stoodi aqui pra monitoria de UFPR. Lembrando que a gente vai ter **mais** monitorias sobre **muitos** outros formatos. Eu sugiro que vocês acompanhem as mídias sociais aí do Stoodi pra saber **quais** vão ser os vestibulares analisados. E agora a gente vai responder as dúvidas.

28:25 É...se você tá vendo esse vídeo no YouTube, é...se cadastra...você pode se cadastrar gratuitamente no site do Stoodi pra ver as dúvidas que foram postadas, tá? Pra postar dúvida, acho que são só os assinantes. É...coloca pra mim, por favor, a Juliana (*dirigindo-se a alguém*). Não vai colocar nada. Vai colocar? Já colocou? Juliana? Sim? Pronto? Juliana Almeida. Oi, Juliana. "Professora, poderia dar umas dicas gerais sobre os modelos de redação da UFPR?" Sim, senhora, é o que fizemos agora. É...eu sugiro que você dê uma olhadinha com **muita atenção** nisso que a gente colocou aqui. Se você tiver alguma dúvida também...é...(Pausa) enfim, pratica bastante que eu tenho certeza absoluta de que...se a gente pratica, a gente consegue entender melhor como fazer aquilo lá. Certo? Não sei se a gente ainda consegue se falar antes da monitoria da UFPR, vai acontecer **nesse** domingo, se eu não me engano, né...domingo...nesse domingo. Então a gente ainda não consegue se falar antes da prova. Mas...é...tenta se basear nesses direcionamentos que a gente deu, e eu tenho certeza absoluta de que você vai conseguir fazer uma ótima prova.

29:26 Hum..."principalmente notícia de jornal" (*lendo*). Certo. Que que é uma **notícia** de jornal? Gente, que que precisa aparecer numa notícia de jornal? (*Pausa*) Pra que que serve uma notícia de jornal? A quem é **endereçada** uma notícia de jornal? **Quem** escreve uma notícia de jornal? (*Pausa*) Vamo pensar nessas questões pra gente conseguir entender **como** construir. Que que tem que ter numa notícia? Tem que ter: o que que aconteceu, **quando** aconteceu, **aonde**

aconteceu, **quem** são as pessoas envolvidas. Precisa muito mais do que isso? Eu preciso...*(Pausa)*...não sei...é...contar como a pessoa tá se sentindo? *(Pausa)* Não sei se precisa. A não ser que realmente isso seja muito relevante pra aquela notícia...*(Pausa)*...cê não vai precisar fazer isso. Cê vai precisar passar informações. Notícia de jornal...é uma...é uma notificação de alguma coisa que aconteceu. **Que** que aconteceu, **quando** aconteceu, **aonde** aconteceu e **quem** foi envolvido nessa situação. Tá? Tenta...é...ser o mais objetivo possível...tenta...não precisa de, de uma...de uma contextualização...você precisa ser o mais direto possível. Dizer aquilo que, que aconteceu. Tá? Essa que seria, mais ou menos, a estrutura da notícia de jornal.

30:39 Continuação de texto. O que que é uma **continuação** de texto? Quais que são as características principais de uma continuação de texto? É...a gente viu ali, não sei se você...bom...num...acho que cês não viram isso...mas, é...em alguns dos formatos, em alguns dos textos solicitados pelas provas anteriores, a gente tinha a solicitação de uma **continuação** de notícia de jornal, sem necessidade de conclusão. Então cê não precisava terminar o texto todo, cê só precisava continuar. A partir dos elementos que já foram apresentados, tenta fazer uma **progressão** daquilo. Como que aquilo se desdobra? Eu posso, simplesmente, escrever um outro texto...é...desvinculado da parte anterior daquele texto? **Não posso**. Se eu comecei a escrever um texto, se, se tinha...se foi apresentado pra mim um texto com alguns elementos, eu vou **manter** esses elementos na continuação do texto. Eu vou continuar. Eu vou **pegar** esses elementos, expandir esses elementos. Preciso necessariamente concluir? *(Pausa)* Não. Se o texto não pedir pra concluir, você não precisa concluir. Tá? É só continuar, só trazer esses elementos, dando um passo a mais, na argumentação...ou, enfim...na construção do que tiver sendo construído. *(Pausa)*

31:47 E análise de charge. Análise de charge, gente, Juliana...**excelente** você ter feito essa pergunta, porque...*(Pausa)* geralmente as pessoas veem uma figura ali, no...no...no texto e redação, e fala assim: "Nossa, que bonita". Tá, e cadê o texto? O que que eu faço agora? *(Pausa)* Imagem é texto. É um texto não-verbal. É um texto não articulado verbalmente. É uma imagem, mas essa imagem...ela **também** tem linguagem, ela também tem elementos que precisam ser **lidos, interpretados**. Como é que a gente interpreta charge? Da mesma forma que a gente interpreta imagem. A gente olha pra imagem, a gente extrai dela **todos** os elementos que tão presentes ali. Então a gente vai listar, ali, tudo o que tem ali. Depois a gente vai interpretar, depois a gente vai tentar entender como é que aquilo se relaciona com...com algum outro direcionamento que a prova apresente. Se a prova não apresentar direcionamento nenhum, a gente vai se basear só nesse levantamento. Tá? Charge é texto do mesmo jeito. Só é um texto não-verbal. *(Pausa)* Imagens, se tiver só uma imagem...a prova da FAAP aí do...dos anos anteriores, mesmo...a FAAP, né...uma...universidade aqui de São Paulo. Faculdade aqui de São Paulo. É...tinha só uma imagem de um casal, cada um no seu celular. *(Pausa)* Era um jantar romântico, cada um no seu celular. *(Pausa)* E é isso. Se vira. Que que a gente faz com isso? Só de olhar pra essa imagem, a gente consegue extrair **muitos** elementos. Certo? **Muitos** elementos pra construir uma argumentação. É só a gente olhar com atenção e fazer esse levantamento de todos os elementos que têm nesse, nessa imagem.

33:22 Como é que a gente analisa uma charge? Primeiro você analisa **todos** os elementos que foram apresentados ali. Ah, tem um homem, tem uma mulher, tem...sei lá...uma, um...uma paisagem...tem as pessoas fazendo isso. Tá. E o que que isso significa? Em que contexto isso

poderia tá inserido? Aí a gente vai interpretando a partir **dos elementos** presentes na charge. Tá bom? Acho que era essa sua pergunta. É...acho que era essa a sua pergunta. Espero que você tenha muito sucesso na prova. Fica tranquila, **nada** do que vai ser apresentado a você vai ser algo fora da sua realidade...**fora** daquilo que você já fez em algum momento da sua vida, ou que você **ainda** vai fazer. Então são situações, é...cotidianas, corriqueiras, coisas que você faria na sua vida de pessoa. Certo? Então, fica tranquila e...leia com muita atenção os direcionamentos que são apresentados. A gente não pode ir com uma ideia **fixa** de que o gênero é aquilo lá, então tem que fazer só aquilo lá. Eu preciso ver **o que** que a prova me pede naquele momento específico e fazer exatamente o que a prova pediu. Tá bom, Juliana? (*Pausa*)

34:25 É...aí a gente tem a dúvida também da Rafaela. (*Pausa*) Rafaela Teixeira perguntou: "Vai ter monitoria de redação da UEMG também?" Vai! Se eu não morrer, não tiver um piripaque, não, né, acontecer nada...(Pausa)...vai. Espero que sim. Programamos monitoria da Universidade Estadual de Minas Gerais. É...e...(Pausa)...esperamos ter sim. Vai ter sim. Você vai ver, vai ser...vai ser...anunciado. Geralmente, gente, o que que nós tamo fazendo? A gente faz...na véspera do vestibular, a gente faz uma análise da estrutura da prova. E logo em seguida, a gente pretende fazer uma análise do **tema** que caiu. Então...assistam **também** as análises de tema. Tá bom? Não me abandonem depois. Por favor, se não eu vou ficar muito magoada. (*Pausa*) É...mas a gente tem plano, sim, de fazer monitoria sobre a Estadual de Minas. Tá? Acompanhe aí nas redes sociais, que a gente vai avisando vocês. Tá bom? (*Pausa*)

35:23 Erick...(Pausa)...o Erick perguntou: "Como fazer um resumo bem-estruturado?" Erick, **antes** de a gente pensar em um resumo bem-estruturado, vamo pensar o que que é um resumo. Qual que é a **ideia** de resumo? O resumo, ele serve pra **quê**? Pra gente pegar um texto, e a gente extrair aquilo que é **mais** relevante daquele texto, e **reduzir** isso num texto menor. Certo? Isso seria um resumo. Como é que eu estruuro **bem** um resumo? (*Pausa*) Preferivelmente mantendo a estrutura do texto...(Pausa)...que foi resumido. (*Pausa*) Então, se eu tenho um texto que começa apresentando uma tese, depois apresenta uns exemplos, depois apresenta uma conclusão, eu vou ver o que que é mais relevante daquilo. Se eu realmente vou precisar de exemplos, se eu vou focar só nas ideias principais...só naquilo que, que é dito de mais relevante, qual que é a ideia central daquele texto, quais que são os elementos principais daquele texto, e vou trazer pro meu texto resumido. Certo? (*Pausa*) 36:16 O mais importante no resumo não é nem a estrutura. Porque isso a gente já vai conseguir, meio que reproduzir, a estrutura do outro texto. Esse texto começa com uma ideia, ele...é...é...leva pra outra, e conclui com outra. Só vou ter que **manter** a mesma estrutura do texto no resumo que eu vou fazer desse texto. Que que é mais **difícil** eu fazer no resumo? Eu saber o que selecionar. Às vezes a gente vê um exemplo ali lindo, a gente fala: "Nossa, que exemplo legal, acho que eu quero pôr." (*Pausa*) Mas ele é o...o ponto central ali, daquele texto? Será que você não vai ter que tirar espaço de uma ideia principal pra poder pôr o exemplo que você achou bonito? Então a gente vai...hum...o, o exercício principal no resumo é a gente conseguir **identificar** quais que são as partes **principais** do texto, quais que são as ideias **mais** relevantes, quais que são os elementos que realmente a gente precisaria...é...levar pro outro texto. Que que é um, um bom exercício pra gente fazer, pra gente pensar...é...em como resumir bem? A gente lê um texto, aí a gente tenta falar pra gente mesmo: "Que que esse texto trouxe pra mim?" Ah, ele falou de tal coisa, falou de tal coisa, falou de tal coisa. Ah, então talvez esses sejam os elementos principais. Tenta **não** se perder em **detalhes**. Não se perder, por exemplo, num exemplo que vai explicar

uma outra coisa...que tava ali só pra ajudar, mas que não é a ideia principal. Tá? No resumo, foca em identificar o que é o principal que precisa ser retirado daquele texto, e tenta trazer pro resumo. Tudo bem? (*Pausa*) E a estrutura, você tenta manter a estrutura do texto original. Tá bom? Tentando manter o encadeamento das ideias do texto original. Certo? (*Pausa*)

37:48 Leandro. (*Pausa*) "Professora, tudo bem?" (*Lendo*) Tudo bem, e você? É..." Antes de mais nada, gostaria de agradecer a você e toda a equipe por disponibilizar aula sobre pontos tão específicos, os quais não se encontram facilmente em livros" (*Lendo*). Leandro, a gente pensou em fazer esse...essas análises dos outros temas **justamente** porque as outras pessoas...a gente, né...todo mundo, né...a gente foca muito em ENEM, foca muito em dissertação argumentativa. E aí a gente acaba deixando de lado os outros gêneros. Então a gente pensou que, né...é muito **relevante** a gente entender também como construir...é...o, os modelos dos **outros** vestibulares. E por isso a gente decidiu trazer esse conteúdo pra vocês. Se vocês tiverem sugestões de outras coisas que a gente pode trazer também, pra ajudar no vestibular de vocês, é só mandar pelo Fale Conosco. Só...só pedir pra gente pelas monitorias que a gente vai fazer o máximo pra atender vocês também. Tá bom? Porque, realmente, esse conteúdo...é...ele varia muito de vestibular pra vestibular, cada vestibular tem uma redação diferente, então é muito importante pra gente entender o que que é solicitado pra gente, em cada um desses vestibulares. Hum...

38:51 "Sou novo no Stoodi, estou me preparando desde já, visando UEL, Unicamp, Fuvest, pro próximo ano" (*Lendo*). Ótimo...a gente vai falar um pouquinho sobre esses vestibulares também. (*Pausa*) "Acredito que essa monitoria serve pra quem vai pres...prestar outros vestibulares, como UEL e Unicamp" (*Lendo*). Sim, senhor. "Visto que o modelo adotado por essas universidades tem algumas semelhanças com o utilizado pela UFPR" (*Lendo*). **Exatamente**, exatamente, a gente vai fazer também...UEL a gente vai fazer só nas monitorias convencionais. (*Pausa*) É...a gente teve um pedido, né...na monitoria passada...de falar um pouquinho sobre a UEL. A gente vai falar na monitoria de terça mesmo...é...que acontece nas terças de manhã. É...sugiro que você dê uma olhadinha também nessa monitoria. Mas sobre a Unicamp, a gente vai ter uma monitoria **só** pra Unicamp, aqui no...nessas monitorias extras de redação. Tá bom? Sugiro que você acompanhe também.

39:41 O vestibular da Unicamp é muito legal, gente. É **muito** legal. E aí a gente vai falar um pouquinho mais de grade. Né? De...de...dos critérios de correção que a gente já passou por cima aqui. Mas a gente vai falar um pouco mais detidamente na Unicamp, porque a Unicamp tem, tem esses critérios bastante claros. "Visto que o modelo adotado..." (*Lendo*) Certo. Dúvidas. "Querida indagar com você sobre os critérios usados pela banca pra avaliar os diferen...os diversos...gêneros textuais, como adequação, pontos..." (*Pausa*)...onde o candidato pode cometer mais erros etc. O manual do candidato não coloca detalhes sobre esses critérios" (*Lendo*). **Excelente**. É o que a gente...chama de "grade". A **grade** de critérios. A gente vai falar sobre isso, pode deixar. "Como poderia ser cobrado uma poesia nesse tipo de prova?" (*Lendo*) Geralmente, poesia **não** é cobrado nesse tipo de prova. Não sei dizer porquê. É...me parece que os gêneros textuais apresentados são gêneros em **prosa**. Os gêneros em poesia...né...a poesia...ela...não, não vi entrar. Não me lembro de algum dos vestibulares...da Unicamp e da UFPR, que foram os vestibulares...é...com os quais eu trabalhei com...com mais profundidade, né...trabalhei, enfim...trabalho com vestibular faz um tempo aí. E trabalhei **mais** com esses modelos de vestibular, e não vi aparecer poesia e prosa nos últimos anos...(corrigindo-se) poesia

nos últimos anos. É...não sei porquê. Talvez...não sei...a banca...considera que, que...a prioridade, nesse momento, seja a **prosa**. Não acho que possa ser cobrado poesia **especificamente** na UFPR e na Unicamp. Londrina a gente precisa ver com mais cuidado.

41:17 "Poderia me indicar algum bom livro que fale detalhadamente sobre os gêneros textuais?" (Lendo) O **melhor** material do **universo**, das **galáxias**, pra falar de gêneros textuais, na minha humilde opinião, **óbvio**...é o material **da Unicamp**. A Unicamp...é...disponibiliza...ela vende uns...uns...(Pausa) Eu não sei explicar, é...é um material sobre gêneros textuais. Que ela disponibiliza uma vez por ano, mas é muito difícil comprar, então...(Pausa)...é um excelente material, **não** acho que seja fácil conseguir adquirir esse material. Mas é um material produzido pela **própria** Unicamp, sobre gêneros discursivos. Com...é...(Pausa)...com...com...redações modelo, com direcionamentos sobre o, os gêneros discursivos. Esse material **é muito bom**. Se eu fosse indicar um material sobre os gêneros discursivos, **seguramente** seria esse que eu indicaria.

42:13 Mas que que a gente pode fazer se a gente não consegue comprar esse livro aí, porque ele esgota antes da gente conseguir comprar? É...(Pausa)...na parte de Redação aqui do Stoodi, você diz que você é novo no Stoodi, não sei se você já passou por isso. Então, você...é...sugiro que você dê uma olhadinha na parte de Redação aqui do Stoodi. A gente tem um módulo **só** de outros gêneros discursivos. Nesse módulo, a professora Karina, que é nossa professora de Redação também, ela...fez...ela fez o levantamento de **várias** estruturas de gêneros discursivos. É um material muito bom, muito completo, com exemplos, com explicações, com **análises** desses formatos. Eu sugiro que você dê uma olhada nesse material, que foi preparado com **muito** carinho, né...a gente preparou esse material juntas, e foi preparado com **muito** carinho pra vocês, muita atenção. Então, eu sugiro que você dê uma olhada nesse material, pra ver...é...como construir **outros** gêneros textuais. Que a gente também chama de gêneros discursivos. Certo?

43:13 Mas, lembrando, que...qualquer um desses gêneros...tanto na Unicamp, quanto aqui na UFPR...eles trabalham com gêneros que sejam **próximos** da realidade de vocês. Então...alguma situação de escrita com a qual vocês vão se deparar em algum momento da vida. É...(Pausa)...e aí não vai sair muito disso. Não vai sair...(Pausa)...de alguma coisa que, que...que seja possível você fazer em algum momento da sua vida. Não vai ser nada muito mirabolante, que você vai ter que decorar uma estrutura. É...você vai ter muitos direcionamentos sobre o que fazer. É só você parar e pensar: "Tá, nessa situação, o que que eu faria? Como que eu deveria agir, como que eu deveria escrever nessa situação?" Se eu tiver escrevendo um e-mail, como é que eu escrevo um e-mail? (Pausa) Como eu deveria escrever um e-mail? E aí você vai...é...construir o seu gênero a partir dos direcionamentos apresentados pela própria prova. Tá?

44:01 Mas...você me perguntou sobre...os **critérios**. (Pausa) Os **critérios**, eles não são divulgados **mesmo**. É...a gente sabe porque, a gente, né...a gente é...do meio das redações da vida...e...a gente teve acesso a algumas grades de, de correção, então a gente sabe mais ou menos quais são os critérios. Mas, realmente...algumas bancas **não** divulgam o critério. Só que como é que a gente avalia...o...um gênero discursivo...é...que seja diferente da dissertação? Por esses **três** pontos que a gente tava discutindo aqui, né...durante a monitoria. Gênero, interlocução, e propósito. Gênero é se você escreveu no formato que você deveria escrever. Se você escreveu uma carta, quando você deveria escrever uma carta. Se você escreveu um resumo, quando você, na verdade, deveria escrever uma carta. (Pausa) Se você foi quem você deveria ser e falou com

quem você deveria falar, então...a **forma** como você se **portou** na hora de escrever, e pra **quem** você direcionou o seu discurso, a sua fala, o seu texto...e o propósito. Se você cumpriu **todas** as **tarefinhas** que foram solicitadas pra você. Tá?

45:07 Na redação da Unicamp, a gente tem...duas grades de critério. A gente pode falar um pouquinho melhor sobre...sobre essas grades no...não...na **monitoria** sobre a Unicamp. Mas pra esses outros gêneros, eu acho importante a gente ter em mente que são esses os três critérios avaliados: a **estrutura** do texto, se corresponde ao gênero solicitado; a **interlocução**, se você realmente tratou...é...(Pausa)...se você construiu esse texto, sendo quem você deveria ser, escrevendo pra quem você deveria escrever; e se você cumpriu **todas** as tarefas. Se você atendeu a todos os objetivos desse texto. Se você tinha que...assinar com pseudônimo e você não assinou nada, perdeu em propo...(corrigindo-se) em propósito. (Pausa) Se você tinha que...é...**reclamar**, e você só **pediu**, errou o propósito. (Pausa) Certo? Então...é...faça **tudo** o que a prova pedir pra você fazer. Que aí você vai atender também aos propósitos, que é geralmente onde as pessoas esquecem algum detalhezinho. Gênero, geralmente, é mais fácil acertar. É...interlocução, geralmente as pessoas costumam acertar. Propósito...a gente vê um **festival de esquecimentos** de alguns detalhezinhas de propósito. A pessoa faz várias coisas, e esquece de um detalhe. Então...**muita** atenção pra fazer tudo o que a prova pediu. Tá bom? (Pausa)

46:21 É...esses são os pontos principais pra gente pensar a avaliação de outros gêneros...(Ruído)...derrubei o microfone...(Risos)...desculpa... (Risos) desculpa. Esses são os critérios pra gente pensar em...(dirigindo-se a alguém) quebrei tudo? Não, tá tudo certo? Tá tudo certo? Desculpa, gente...é...pra gente pensar em avaliação de outros gêneros discursivos. É...espero que vocês façam uma **excelente** prova...no domingo. Quem tá prestando UFPR, faça uma...re...(corrigindo-se) **cinco** redações maravilhosas...produza cinco textos **incríveis**, e aí a gente se vê, acho que na segunda-feira. Pra discutir o tema que foi apresentado pra vocês, né? Os cinco temas que foram apresentados pra vocês na prova da UFPR. E aí a gente continua com vocês até o final de janeiro, aí, com **muitas** monitorias sobre diferentes gêneros discursivos. Tá bom?

47:09 Espero que vocês...proveitem esses direcionamentos. Que vocês façam provas...muito bem-feitas, muito bonitas. E que não me abandonem, que continuem com a gente até o final de janeiro. Tá bom? Um beijo pra vocês e até.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]

"**Como escrever Notícia**" https://www.youtube.com/watch?v=_t29-2tV5Lw Transcrição - vídeo YouTube - Canal Oficina Resolve

[INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO]

00:08 Olá, pessoal, eu sou a Luciana, professora de Redação aqui da Oficina do Estudante. Hoje eu preparei uma dica pra você que tá atrás de mais informação para complementar o seu repertório informacional. Vamo lá?

00:21 Então o tipo de texto que eu preparei pra vocês é a notícia. Muita gente me pergunta: "Professora, qual que é a diferença entre notícia e reportagem?" Então eu vou partir dessa

diferenciação para, aí sim, explicar qual é a estrutura básica da notícia. Esse tipo de dica também é importante pra você lá na frente, quando tiver prestando um possível vestibular, naqueles tipos de vestibular onde aparecem os gêneros discursivos, os diferentes gêneros discursivos.

00:49 Bom, então qual é a principal diferença entre uma notícia e uma reportagem? O foco na notícia é contar um acontecimento relevante para um contexto social. Então o foco tá nessa palavrinha aqui [apontando para a lousa, palavra "acontecimento"]. Já na reportagem traz um foco temático. Então eu posso ter uma reportagem, por exemplo, sobre aquele brinquedo muito popular hoje com as crianças, o Spinner. Sobre os benefícios dele, os mitos envergados sobre o uso desse, desse objeto. Mas eu posso, em contrapartida, fazer também uma notícia sobre a investigação relacionada às vendas desse produto. Então o foco está na investigação: notícia. Um acontecimento específico: notícia. O foco tá em falar sobre um assunto de uma maneira geral: reportagem.

01:37 Bom, a estrutura básica da notícia parte sempre de uma narrativa que é mais técnica, informativa, logo, uma linguagem bastante objetiva. Então eu preciso trazer dados concretos para complementar o repertório informacional desse meu leitor. Ela parte sempre, primeiro, de uma manchete também chamada de título, que deve trazer palavras-chaves que despertem o interesse do meu leitor para aquele tipo de texto. Em seguida, há sempre um subtítulo, também chamado de título auxiliar. Esse título auxiliar amplia um pouquinho mais o sentido colocado no meu título. Me traz mais informações e me conquista para que, aí sim, eu leia esse meu texto. Em seguida, vem uma parte muito importante do gênero notícia, que é a lead, que constitui o primeiro parágrafo do meu texto. É ali que eu de fato passo os detalhes, informações mais importantes para o entendimento daquele acontecimento específico.

02:41 Eu coloco o que aconteceu, quando aconteceu, quem foi o autor daquele acontecimento (se eventualmente houver um autor), como tudo aquilo aconteceu, onde, por que. Então eu amplio os detalhes para que meu leitor entenda com propriedade, de maneira objetiva, aquele acontecimento, foco da minha notícia.

03:06 Em seguida, para complementar ainda mais a elaboração do meu texto, eu trago detalhes e declarações. Imagine que alguém peça para você, então, a confecção de uma notícia. Você deve entender que as informações importantes devem estar no início do seu texto. Por isso eu trago o "Princípio da Pirâmide Invertida" [mostrando na lousa]. Esse Princípio da Pirâmide Invertida diz que as informações mais importantes, numa escala de nível de importância, estão no início do meu texto. Certo?

03:35 Então título e subtítulo e lead são as coisas mais importantes do meu texto. Se eu tenho detalhes e declarações, eu deixo lá pro final, lembrando eu não pulo uma linha entre um parágrafo e outro. Tudo bem? É um texto completo, aqui eu posso ter mais dois, três, quatro parágrafos. Eu estou dizendo que não é importante os detalhes e declarações? Não. Mas imagina uma pessoa que, na pressa de seus afazeres diários, leu o jornal de maneira bem sucinta, né. Quais as partes do texto que ele vai ler? Título, subtítulo e lead, né? Os detalhes e declarações só complementam aquele meu acontecimento, aquele fato narrado na minha notícia. Não é dispensável. Não são informações dispensáveis. São informações que são menos importantes. Se você para pra pensar a forma como você lê uma notícia você percebe como tudo aquilo que tem mais relevância e objetividade aparece no começo do texto.

04:39 Então, só pra gente complementar, como que eu produzo, então, uma notícia? Eu devo, a partir de textos motivadores [?], que muito provavelmente a situação de produção vai me

colocar, entender quais são as informações chaves, informações chaves que eu preciso colocar no meu texto para que ele fique claro? Grifa lá no seu texto de apoio. Grifa lá na sua coletânea: "ah, são essas as informações". Não deixa nada subentendido, não deixa nada nas entrelinhas. E na leitura de uma notícia, você também vai fazer esse exercício de grifar todas as informações importantes. Quais são as informações relevantes para o entendimento daquele fato. Eu não tô deixando nada de lado. Meu leitor vai me compreender. Eu, enquanto leitora, estou compreendendo essa notícia. O tempo todo é importante que você se desperte para, tanto na produção quanto na compreensão, para entender quais são realmente as informações relevantes daquele texto.

05:38 E por último, retomando, qual é a principal diferença entre notícia e reportagem? Sendo assim, a notícia tem um foco no acontecimento, e a reportagem pode falar de um assunto em geral. Pessoal, por hoje é isso! Espero que vocês tenham curtido o assunto tratado nessa videoaula. Qualquer dúvida deixa nos comentários, curta o nosso canal e até a próxima!

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]